

# Brasileira

de Ouro

# Vaqueiros e Cantadores

*Folclore Poético do Sertão de Pernambuco,  
Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*

## 0 Desafio

# A Donzela Teodora

## Boi Surubim

# O Padre Cícero

# Pedro Malasarte

## A Lenda de Pedro Cem

# A Criação do Mundo

# A Princesa Magalona

# Sertão d'Inverno

# Câmara Cascudo





**Vaqueiros  
e  
Cantadores**



---

**Luís da Câmara Cascudo**

---

**Vaqueiros  
e  
Cantadores**



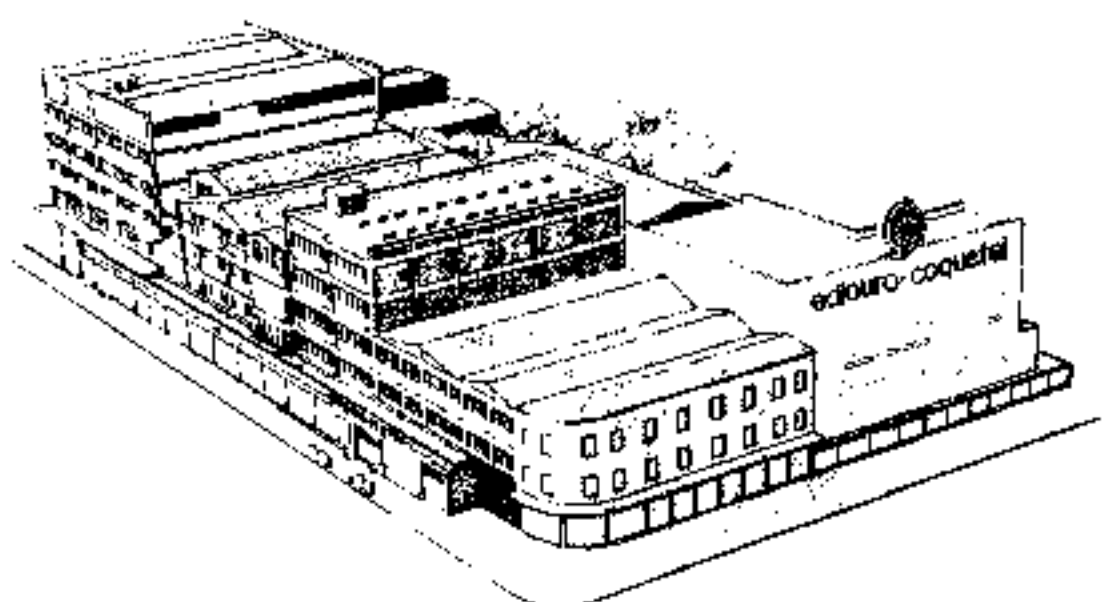
Direitos cedidos por  
Luis da Câmara Cascudo

NOTA DA EDITORA

Este livro é reprodução exata da primeira edição, publicada pela Livraria do Globo — Porto Alegre.

As nossas edições reproduzem  
***integralmente*** os textos originais

ISBN 85-3-060946-8



EDITORA TECNOPRINT S.A.



Luís da Câmara Cascudo



## ÍNDICE

<i>Prefácio</i> .....	9
<i>Os motivos da poesia tradicional sertaneja</i> .....	15
<i>Modelos do verso sertanejo</i> .....	17
<i>Poesia mnemônica e tradicional. a) Romances</i> ..	22
“A Donzela Teodora” no Brasil .....	23
Uma versão brasileira da “Princesa Magalona” . . . . .	35
“A Nova História da Princesa Magalona”, versão de Portugal .....	44
<i>Poesia mnemônica e tradicional. b) Pé Quebrado</i> ..	53
Trechos de um “Testamento de Judas” ...	56
<i>Poesia mnemônica e tradicional. c) Os A. B. C.</i> ..	59
A. B. C. de Hugolino de Teixeira .....	63
A. B. C. dos Negros .....	64
A. B. C. da Batalha de Passo do Rosário ..	66
A. B. C. de Nossa Senhora Aparecida ...	68
<i>Poesia mnemônica e tradicional. d) Pelo Sinais         e Orações</i> .....	69
Pelo-sinal de Junot .....	72
Pelo-sinal dos “Farrapos” .....	73
Salve Rainha dos “Luzias” .....	75
<i>Ciclo do Gado:</i>	
a) Vaqueijadas e Apartações .....	77
b) Gesta de animais .....	84
Solfa do “Boi Surubim” .....	88
Romance do “Boi da Mão de Pau” .....	89
<i>O cantador</i> .....	93
Modelos de “Louvação” .....	101
<i>Ciclo social:</i>	
a) O Padre Cícero .....	103
b) Louvor e deslouvre das Damas .....	113
c) O Negro nos desafios do Nordeste ....	115
d) O Cangaceiro .....	122



<i>A cantoria</i> . . . . .	126
<i>O desafio</i> . . . . .	131
a) antecedentes . . . . .	136
b) os instrumentos . . . . .	141
c) canto e acompanhamento . . . . .	148
d) os temas . . . . .	154
e) convite e apresentação . . . . .	157
f) perguntas e respostas . . . . .	161
g) a batalha . . . . .	167
Desafio de Bernardo Nogueira com Prêto Limão . . . . .	179
 <i>DOCUMENTÁRIO</i> . . . . .	187
Pedro Malazarte no Folclore poético brasi- leiro . . . . .	189
Um tema universal — O Pai que queria casar com a filha. A rara versão poética . . .	193
Um conto do “ <i>Decameron</i> ” no Sertão: — História de Genevra, 189 e . . . . .	196
Xácara da “Bela Infanta”. Versão musical do Rio Grande do Norte . . . . .	208
A lenda de Pedro Cem no Folclore brasileiro	211
Sátira sertaneja em sextilhas (1876). Solfa do “redondo-sinhá” . . . . .	217
Fragmentos da xácara do “Chapim del-Rei”	219
Uma tradição paraibana do Rio São Fran- cisco . . . . .	221
Frei Antônio das Chagas no sertão cearense	225
Três décimas de Nôga . . . . .	226
Exemplo de Desafio. (1) . . . . .	227
Exemplo de Desafio. (II) . . . . .	232
O Romance de José Garcia . . . . .	238
A criação do Mundo . . . . .	252
Sertão d’Inverno . . . . .	253
<i>Resumo Biográfico dos cantadores</i> . . . . .	254
<i>Notas</i> . . . . .	273

## PREFÁCIO

*Tanto pégo boi no "fechado"  
como canto desafio...*

Reúno neste livro quinze anos de minha vida. Notas, leituras, observações, tudo compendiêi pensando um dia neste "VAQUEIROS E CANTADORES". Em parte alguma dos meus depoimentos de testemunha a imaginação supriu a existência do detalhe pitoresco. O material foi colhido diretamente na memória duma infância sertaneja, despreocupada e livre. Os livros, opúsculos, manuscritos, confidências, o que mais se passou posteriormente, vieram reforçar, retocando o "instantâneo" que meus olhos meninos haviam fixado outróra. E' o que fielmente se continha em minh'alma. Dou fé.

Viví no sertão típico, agora desaparecido. A luz elétrica não apparecera. O gramofone era um deslumbramento. O velho João de Holanda, de Caiana, perto de Augusto Severo, ajoelhou-se no meio da estrada e confessou, aos berros, todos os pecados quando avistou, ao Sol-se-pôr, o primeiro automóvel...

O algodão não matara os roçados e a gadaria se espalhava nos descampados, reunida para as apartações nas vaqueijadas alacres. A culinária se mantinha fiel ao século XVIII. A indumentária lembrava um museu retrospectivo. As orações fortes, os hábitos sociais, as festas da tradição, as conversas, as superstições, tudo era o Passado inarredável, completo, no presente. Viví essa vida durante anos e anos e evocá-la é apenas lembrar minha meninice. Dezenas de vezes voltei ao sertão de quatro Estados e nunca deixei de registrar fatos, versos, "causos". O documentário foi crescendo. Este livro é a primeira parte. A parte poética. O outro dirá a religiosa, sobrenatural. O último evocará os autos populares, Bumba-meu-Boi ou Reis, Congos, Fandangos, Pastoris e Lapinhas, com suas letras, dansas e solfas.

A transformação é sensível e diária. As estradas de rodagem aproximaram o sertão do agreste. Anulando a distância, misturaram os ambientes. Hoje a luz elétrica, o auto, o rádio, as bebidas geladas, o cinema, os jornais, estão em tôda a parte. Os plantadores de algodão vêm vender os fardos nas capitais. Os filhos se educam nos colégios distantes. Tudo perto, pelo auto. O Rio de Janeiro, a Côrte, como chamavam ainda em 1910, está ao alcance da mão. Com a "alta" do algodão e do açúcar os ex-fazendeiros mandaram fazer residências nas cidades do litoral. Vão para o interior no período das "safras". O caminhão matou o "combóio", lento, tranquilo, trazendo fardos, dirigido pela "madrinha", tangido pelas cantigas dos comboeiros. O encanto dos "arranchos" nas oitricas, as "dormidas" nos alpen-

dres, a carne assada na fogueira, a água da "borracha", as histórias de assombração, de dinheiro-enterrado, de cantadores famosos, perderam sua melhor moldura. Também o "comboeiro" ganhava e distribuía dinheiro pelas estradas nas quais avançava devagar. O caminhão, mastigando dezenas de léguas por hora, criou outro tipo, o "chauffeur de caminhão", batedor do sertão, enamorado, infixo, irregular. Não há muito tempo para ouvir cantador nem o baião de viola. Só as populações das aldeias, os "arruados" sertanejos, conservam a fidelidade aos seus poetas.

Raro também será um lugar sertanejo que não tenha sido sobrevoado por um avião. O cangaceiro conhece armas automáticas moderníssimas. Gosta de meias de sêda, perfumes. Alguns têm as unhas polidas. . . . Quase todos usam meneios de "cow boy", chapelão desabado, revólveres laterais, lenço no pescoço. O lenço no pescoço, como os artistas cariocas "representando" matutos do nordeste, é uma influência puramente teatral. Ninguém usa aqui no nordeste. Se enrolar lenço no pescoço é porque está doente.

De Natal a Caicó ia-se em seis dias. Roda-se hoje em cinco horas. Meu avô foi à Côte em vinte e oito dias de mar. Meu pai em sete. Eu em doze horas, no "Anhanga", da Condor Sindicato.

O sertão se modifica rapidamente. Uniformiza-se, banaliza-se. Naturalmente a crítica é inoperante para eles. Melhor é a vida modernizada que a maneira velha do cavalo-de-sela e a viagem com "descanso". Parentes meus que recusavam saladas de alface ("sô lá lagarta prá comer fôlha?") tratam negócios em S. Paulo, indo e vindo de avião. O cantador recuou ante a radiola, a vitrola, o cinema, a revista ilustrada. Mas conserva seu público. Restrito, limitado, pobre mas irredutível na admiração. Ainda vivem os cantadores sertanejos. Vivem nas vilas, nas feiras, nas festas das fazendas. Algumas cidades são visitadas por eles. Natal, Fortaleza, Recife, João Pessoa têm seus cantadores nos arrabaldes distantes. Vinte anos antes eles cantavam nos salões do "Palácio do Governo".

Toda essa revolução veio depois de 1911. . . .

Conheci e vivi no sertão que era das "eras de setecentos". . . . Chuva vinha do céu e trovão era castigo. O Sol se escondia no mar até o outro dia. Imperavam tabús de alimentação e os cardápios cheiravam ao Brasil colonial. Mandava-se fazer uma roupa de casimira que durava toda a existência. Era para o casamento, para as grandes festas, para o dia da eleição, do casamento da filha e era-se enterrado com ela. As mães "deixavam" roupa para as filhas. E elas usavam. Os hábitos ficavam os mesmos, de pai para filho. Calçava-se meia branca quando se tomava purgante de Jalapa. Mordido de cobra não podia ouvir fala de mulher. Nome de menino era do "santo do dia". Os velhos tinham costumes inexplicáveis e venerandos. Tomavam banho ao sábado, davam a bênção com os dedos unidos e quase todos sabiam dez palavras em latim.

A herança feudal pesava como uma luva de ferro. Mas defendia a mão. Os fazendeiros perdiam o nome da família. Todos eram conhecidos pelo nome próprio acrescido do topônimo. Coronel Zé Braz dos Inhamuns, Chico Pedro da Serra Branca, Manoel Bazio do Arvoredo. Nomes dos homens e da terra, como na Idade-Média. Tempo bonito.

Vivi nesse meio. E deliciosamente. Cortei macambira e xique-xique para o gado nas secas. Banhei-me nos córregos no inverno. Esperei a

*cabeça do rio* nas enchentes. Desengalhei tarrafas nas pescarias dos poços. Dei "lanços" nos açudes. Cacei mocós e preás nos serrotes. Subi nas "esperas" de ema sob joazeiros. Persegui tatús de noite, com fachos e cachorros amestrados. Matei ribaçã a pau e colhia-a nas aratácas. Ouvi o canto ululado da "mãe da lua", imóvel nas oiticicas. Ouvi histórias de Trancoso, de cangaceiros, de gente rica, guerras de família, heroísmos ignorados, ferocidades imprevistas e completas. Também recordaram vida de missionários, de santos canonizados pelo Povo, superstições, adivinhações de chuva e bom-tempo, rezas fortes para ser feliz em tudo, para não cair de cavalo, para ficar-se invisível.

Tios e primos eram vaqueiros e maníacos pelos cantadores. Sempre que era possível tínhamos um deles, arranchado, cantando. Pagavam 40\$ e com as louvações o cantador ia até 100\$. Fortuna. Mais raros eram os desafios sérios, as lutas tremendas entre poetas famosos. Vêzes cotizavam-se todos os moradores e provocava-se o encontro. A tabela ia até 200\$ e mais ainda.

Também é tempo de informar que a poesia de improvisação tem suas fontes literárias. Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista, falando apenas da "dupla" mais ilustre, publicaram milhares de sextilhas, descrevendo batalhas entre cantadores tradicionais ou imaginários. Essa produção articulou-se na corrente geral e dela faz parte, indissoluvelmente. Confundiu-se. Os cantadores dizem versos de Leandro ou Chagas de mistura com versos antigos. A convergência explica igualmente os ciclos. O verso dedicado a um herói vai servindo para outro desde que diminua a impressão inicial. A influência do poeta letrado é, desta forma, vasta mas de fronteiras indemarcáveis. É de notar a deformação inconciente, característica da inteligência sertaneja, adaptando o verso às exigências de sua mentalidade.

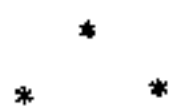
A Música também continuava dificilmente traduzida. O maestro Waldemar de Almeida, com uma paciência de professor de ginástica, aos aleijados, dedicou horas e horas, obstinadamente, para fixar o material que trago neste livro. É uma pequena documentação real e positivamente honesta mas sua fidelidade às nuances da entonação e nazalação sertaneja está nos limites do possível. Creio que apenas a gravação fonográfica diminuirá a dificuldade sem contudo vencê-la. Em um cantador que ouvi no mercado público de Fortaleza havia uma linha melódica, pura, impressionante de simplicidade e de nitidez, lamento tão melancólico, duma melancolia tôrva e concentrada que lembrava a "saeta" andaluza. Quando convidei o "artista" a repetir não foi mais possível a reprodução, a-pesar-dos esforços pessoais, aliados aos meus e dos circunjacentes, interessados desinteressadíssimos. O trabalho de Waldemar de Almeida é digno de registo e louvor. É o primeiro a fixar música de cantoria sertaneja em sua mais absoluta naturalidade. Sua inesgotável teimosia conseguiu o que seria impossível a muitos.

Reúno o que me foi possível salvar da memória e das leituras para o estudo sereno do Folclore brasileiro.

Nada mais digo nem me foi perguntado.

*Luis da Camara Cascudo*





**Vaqueiros  
e  
Cantadores**

## OS MOTIVOS DA POESIA TRADICIONAL SERTANEJA

A poesia tradicional sertaneja tem seus melhores e maiores motivos no ciclo do gado e no ciclo heróico dos cangaceiros. O primeiro compreende as "gestas" dos bois que se perderam anos e anos nas serras e capoeirões e lograram escapar aos golpes dos vaqueiros. A notícia de um animal arisco, veloz, fugindo aos melhores vaqueiros, corre de fazenda em fazenda e é comentado nas "apartações". A lenda vai aparecendo. Um dia o dono do animal resolve mandar "dar campo", custe o que custar, ao boi rebelde. Juntam-se vaqueiros, prepara-se comida para todos, saem para o mato. Desta ou doutra vez, o boi é derrubado, trazido, com máscara ou peado, para a humildade no curral. Incapaz de subter-se à vida comum dos outros, abatem-no. Um cantador forja os versos. E' o boi Surubim, o boi Barroso, o boi da Mão de Pau, o boi Espácio, a vaca do Burel, a "besta" da serra de Joana Gomes. As onças preadoras de bodes, cabras e ovelhas merecem também as honras de uma história detalhada. A onça do Cruxatú, do Sitia são famosas. Outros animais têm sua crônica. O bode dos Grossos, um veado velocíssimo, um cavalo corredor excepcional ficam registados no armorial da memória sertaneja.

Esses versos são espelhos da mentalidade do sertão. O cantador é a defesa única mas completa e contínua do animal perseguido. Os lances de coragem, as arrancadas doidas, os saltos magníficos, a valentia de vaqueiros ou caçadores, a covardia de uns, a imperícia de outros, arrogância, mentira, timidez, todos os aspectos morais são examinados duramente e expostos com nomes próprios e minúcias identificadoras. Os animais perseguidores também estão vivendo na "gesta". Cavalos, cães, éguas são mencionados com orgulho, indicando-lhes a moradia, os donos, as proezas, as vitórias e os insucessos.

Surgem esses versos nos moldes mnemônicos dos A.B.C., nos versos, quadras, sextilhas e décimas, narrando a odisséia completa.

Curiosamente nenhum vaqueiro mereceu ainda, como nenhum caçador feliz, as honras consagradoras de um A.B.C. ou dum romance. São citados com louvor e suas façanhas descritas fielmente. Mas a honra da personagem principal compete à vítima. Esta, boi, onça, vaca ou touro, vem numa auréola de gabos, evocada a infância, as primeiras aventuras, os sucessos iniciais, os primeiros inimigos, as guerrilhas, a perseguição tenaz e a morte cruel. O cantador, mais das vezes anônimo, encarna o animal e por ele

fala criticando os vencedores, apontando-lhes as falhas, as indecisões, as derrotas incontessadas. Nenhum animal vitorioso possui no sertão sua "gesta". Os vencidos é que têm o supremo direito ao louvor.

\*  
\*       \*

O ciclo heróico dos cangaceiros, posterior ao ciclo do gado, não tem menor abundância nem influência na "cantoria" sertaneja. Os grandes criminosos estão com suas biografias romaneadas. Eram tôdas cantadas como foram os antigos Vilela, João (ou José) do Vale, Cabeleira, Guabirabas, Bomfim, Adolfo Veijo Rosa Maia-Noite, Moita Braba, Rio Preto, Cacundós, Patacas, Moquecas, Candurú, Viriatos, Jesuino Brilhante, Antônio Silvino, Virgolino Ferreira, o sinistro Lampeão, as guerras das velhas famílias inimizadas e ferozes, os Mourões e Feitosas do Ceará de ontem ou os Carvalhos e Pereiras de Vila Bela de hoje. Todos êsses nomes, Dantas do Teixeiras, Melos, passam em seu halo sangrento, na poesia bárbara e evocativa dos saques terríveis e dos corpo a corpo heróicos.

\*  
\*       \*

Menor percentagem é o tema satírico, vezes aproveitado na vida dos animais. O sertanejo ama a história dos bichos, macacos, cameleões, tamanduás, raposas, preás, vinte outros, falando, governando, discutindo, casando, brigando como homens. Êsses romances de bichos têm efeito seguro no humorismo sertanejo. Riem descompassadamente, como grandes crianças, ouvindo o casamento da catita com o calangro ou a discussão do urubú com o bode. O intuito moralista da fábula é evidente e filiar-se-á nas fábulas de Esopo e Fedro, ensinadas outrora nas escolas paroquiais dos missionários.

\*  
\*       \*

A paisagem é parcamente fixada. No ciclo do gado ou do cangaceiro só aparece numa imagem ou para ambientar o episódio. Como uma legítima canção de "gesta", o romance tradicional sertanejo só tem ação, movimento, finalidades exclusivamente humanas. A natureza é um acessório. Verdade é que os cantadores mais letrados, Hugolino do Teixeira, Leandro Gomes de Barros, João Ataíde, descrevem as "belezas" do céu, dos campos, da chuva, dos rios cheios. Os cantadores aproveitam êsses versos quando não tendo contendores cantam sozinhos. Num embate cordial que assisti em Natal entre José Pequeno e Domingos Cardoso, terminaram ambos cantando alternativamente versos em louvor da natureza, com demoradas descrições em manhãs, madrugadas, crepúsculos, noites, luas, estrêlas, nuvens e sol.

Diz-se-á que a menção da paisagem denuncia a modernidade do cantador.

\*  
\*       \*



O Amor devia ser um tema indispensável. Mas não é. Todo romance amoroso cantado no sertão é mais ou menos recente e trabalho individual. São histórias românticas como Alonso e Marina, o capitão de Navio, Zezinho e Mariquinha, que terminam em casamento ou começando daí, findam bem. São todos em sextilhas de sete sílabas. Não conheço romance com personagens amorosos escrito em quadras. Só, no litoral, os de origem portuguesa, xácaras e rimances, a Bela Infanta, o Conde Olário, Santa Iria, a Bela Pastora, já estudados nos cancioneiros europeus.

O amor, motivo de canções e modinhas no litoral, é naturalmente um tema poderoso mas quando aparece é nas modinhas feitas por homens semi-letrados, intencionalmente intelectuais. Nenhum cantador e violeiro canta modinha. E a modinha é o amor.

\* \* \*

A ausência do verso obscuro é no sertão um índice de pureza. A sátira é visível em todos os versos, de todos os ciclos mas a intenção pornográfica não existe. O poeminha sujo coincide com a civilização. Luz elétrica, cinema, rádio, automóvel, revistas ilustradas são os elementos que anunciam a produção sotádica. Dantes havia a fábula, o "pelo sinal" em pé-quebrado, a décima irônica. Naturalmente haverá um verzejador de pornografias humorísticas cujas produções correm na memória dos rapazes alegres. O poeta Cezion, de Assú, nada devia a Manuel Maria Barbosa du Bocage. Era um poeta tremendo. Continua inédito. Esses poetas constituem exceção. Um ou dois em cada cidade. Noutros lugares, não há notícia. Depois que a civilização chega para melhorar as inteligências e humanizar os costumes, o caso é outro...

Mesmo assim o Gregório de Matos sertanejo é "viajado". Saiu, olhou outras terras, leu, aprendeu o que não lhe podia ensinar o ambiente moral em que se criara.

\* \* \*

Os motivos da poesia tradicional sertaneja só podiam ser, evidentemente, os emanados do ciclo social, do ciclo do gado, da memória velha que guardara os romances primitivamente cantados nos primeiros cupiares erguidos na solidão do Brasil nordestino...

---

### Modelos do verso sertanejo

Os mais antigos versos sertanejos eram as "quadras". Diziam-nos "verso de quatro". Subentendia-se "pés" que para o sertanejo não é a acentuação métrica mas a linha. Essa acepção ainda é portuguesa. "*Um pé de verso e outro de cantiga*", escrevia frei Lucas de Santa Catarina (1660) no "*Anatômico Jocosos*" (p. 54, da edição resumida, da Cia. Nacional Editora, Lisboa, 1889). Em quadras (ABCB) foram todos os velhos desafios. A métrica se manteve coerentemente dentro das sete sílabas. Setissilábicas eram as xácaras mais populares, os romances, as gestas guerreiras. É fácil verificar em qualquer cancioneiro.

Não há exemplo do "dueto", os versos emparelhados e soltos, como na poética medieval francesa.

L'an mil deux cent septante et huit  
S'accordèrent li Barons tuit,  
A Pierre de la Brousse pendre  
pendu fut sans reaçon prendre... (\*)

A constante-rítmica é o verso de sete sílabas. Com sete-sílabas vem a "colcheia" ou verso-de-seis pés, os versos-de-sete-pés, as quadras, que o sertanejo chama "verso".

Eu não vejo quem me afronte  
nestes versos-de-seis-pé...  
Pegue o pinho, companheiro,  
e cante lá se quizé,  
qu'eu mordo e belisto a isca  
sem cair no gereré... (\*\*)

Passarinho, te prepara  
para levar uma pisa;  
se ajoelhe em meus pés,  
tirando fora a camisa,  
na poesia-de-sete  
ver se você improvisa

A poesia-de-sete é a seguinte:

Meiquiades, neste sistema  
é como pássaro gorjeia;  
começa na lua nova,  
termina na lua cheia.  
Afine a sua viola  
para se meter em sola  
e depois ir p'rá cadeia...

---

(\*) "Les Fabliaux de Barbazon", t. II, p. 228. Pierre de la Brousse, senhor de Langeais, barbeiro e favorito do rei Felipe o Ousado, foi enforcado a 30 de junho de 1278.

(\*\*) — A classificação métrica é de acôrdo com a usual. Ver, entretanto a opinião documentada de Antônio Feliciano de Castilho in "Garcia de Rezende" (excertos. Garnier. Rio. 1865) p. 325.

A sextilha setissilábica na fórmula ABCBDB, conhecida e vitoriosa no sertão, é tão antiga quanto a quadra que Carolina Michaelis de Vasconcelos dizia popularíssima em todo século XVI no qual predominara. No romance do Rei Artur, da Távola Redonda, que Jorge Ferreira de Vasconcelos publicou em 1567 ("Memorial das proezas da Segunda Távola Redonda") ao lado das quadras há sextilha igual às dos nossos cantadores:

*Como amigo que as más manhas  
de Bretanha conheceste,  
Mas d'algum tempo ainda Artur,  
Bom Rei que desmereceste,  
Bretanha virá a vingar-se  
da traição que lhe fizeste.*

Vêm as "décimas". Na Espanha, usadas entre outros por Cervantes, a fórmula das décimas era ABABACCCDDC. Em Portugal era ABBAECCDDE. No Brasil sertanejo é ABBAACCCDDC. Nota-se ainda viva a influência das oitavas, divulgadas pelo infante dom Pedro de Aragão, com a fórmula em ABBACDDC.

Tudo que digo sustento,  
não tem quem faça eu negar,  
nem você pode privar  
do contrário eu arreberto  
êsse seu pobre instrumento  
não vale pena de arara  
o meu sim, é, pedra d'ara,  
é de aço até a prima,  
"não há quem cuspa p'ra cima  
que não lhe caia na cara"...

Decassílabos são os "martelos". Por que o sertanejo chama "martelo" a um verso de dez sílabas, com seis, sete, oito, nove ou dez linhas? Pedro Jaime Martelo (1665-1727), professor de literatura na Universidade de Bolonha, diplomata e político, inventou os "versos martelianos" ou simplesmente "martelos". Eram de doze sílabas, com rimas emparelhadas. Esse tipo de "alexandrino" nunca foi conhecido na poesia tradicional do Brasil. Ficou a denominação cuja origem erudita é visível em sua ligação clássica com os poetas portugueses do século XVII.

"Martelo de seis pés":

Cavalheiro, você está maluco,  
pois não sabe que eu nunca me venci?  
P'ra cantar no martelo eu não me venço,  
P'ra apanhar de cantor, eu não nasci...  
Cantador para dar-me não nasceu,  
se nasceu, meu caboclo, inda não vi...

De "sete":

O cantor que eu pegá-lo de revez  
com o talento que tenho no meu braço,  
só de surra eu dou-lhe mais de dez  
e deixá-lo feito num bagaço...  
Em público é que não mais nem meno(s)  
é porque o Diabo terá pena  
só de vê os trabalho qu'eu lhe faço.

Não vi ainda "martelo" de oito e de nove. Ouí o primeiro cantado pelo cantador José Rogério mas não registei a versalhada.

"Martelo" de dez pés. É o tipo-maior, a grande arma do desafio. Cantador que resiste ao embate está consagrado. Pela sua imponência é a

sedução de todos os cantadores. Não há peleja em que o martelo-de-dez-pés não apareça, melhor ou pior manejado.

Sou Antônio Tomé, do Trairí,  
quando pega um cantor metido a duro,  
deixo o corpo do pobre num monturo  
e êle grita que só mesmo um bem-ti-vi,  
a macaca vai batendo de per-si  
e o pobre berrando no salão,  
e eu com êle no gume do facão,  
e o sangue lhe correndo pelos pés,  
cada dia de surra leva dez,  
nunca mais êle tem malcriação!...

Dizem "martelo agalopado" ao martelo-de-seis-pés. A denominação é arbitrária porque cada cantador apelida seus versos como entende. Já os ouvi chamar "galopado" às sextilhas setissílabas e mesmo no martelo-de-sete.

Carretilha, também dita "parcela", é o verso de cinco sílabas, empregadíssimo no desafio, especialmente na parte dos insultos. Luiz de Camões escreveu várias "endechas", com "voltas" de oito pés. Uma das mais conhecidas é a

*Aquela cativa  
que me tem cativo,  
por que nela vivo,  
Já nem quer, que vivo, etc.*

Cantam a "parcela" com oito ou dez linhas. Assim basofiava Serra Azul lutando com o negro Azulão:

*Canto com dez linha,  
e canto com oito...*

A fórmula é quase sempre ABBAACCCDDC. Na "parcela" de oito o primeiro verso é de rima livre. Fórmula: — ABBCCDDC. Exemplo de 10 e 8.

Eu sou judeu  
para o duelo  
cantar martelo  
queria eu...  
O pau bateu  
levantou poeira  
no meio da feira,  
não fica gente,  
queima a semente  
da bananeira...

Se tu tem conceito,  
me dá uma prova...  
tu tem, uma ova!



preto sem entranha!  
Mas hoje tu apanha  
e leva rabo de arraia  
é o que tu ganha...

A sextilha, o martelo e a parcela são as formas usuais no desafio. De dezenas e dezenas de encontros que tenho assistido ou lido apenas conheço o do cego Aderaldo com Jaca Mole em que recorreram as "décimas". Constitue exceção...

Noutras partes dêste livro indico algumas variantes do desafio. São mais habilidades que formas comuns da peleja. A "ligeira", o "mourão", o "quadrão", a "nove por seis" nunca significaram senão divertimento, afoiteza, alegria dos cantadores. Os modelos regulares, clássicos e seguidos no verso sertanejo dos desafios sempre foram os acima citados. (\*)

Mesmo o emprêgo das "décimas" é uso relativamente novo. Para o sul do Brasil ainda, no populário, são mais raras. "*As décimas são raras no Rio Grande do Sul, e não tivemos ocasião de colhêr uma só*", informa Walter Spalding ("*Poesia do Povo*", p. 12. *Porto Alegre*, 1934).

Na poesia de improvisação ainda vivem outros modelos que nos vieram da península ibérica. Um deles, corrente e citadíssimo no cançãoeiro gaúcho, é facilmente encontrado nas velhas coleções poéticas do sertão de outrora.

João José de Miranda que mereceu risos quando apareceu para tomar parte num Juri, escreveu os versos:

Quem causa murmuração?  
João!  
Quem de feio faz má fé?  
José!  
Quem na crítica anda?  
Miranda!

Cumpra-se esta demanda  
que já está verificado:  
nunca mais será jurado —  
João José de Miranda...

---

(\*) É fácil a verificação. Não citando os desafios assistidos pessoalmente e registados neste livro e apenas opúsculos impressos, veremos: — os desafios de Josué Romano com Manuel Serrador, Manuel Riachão com o Diabo, Francisco Romano com Inácio da Catingueira, João Siqueira com Manuel Bandeira, Francisco Romano com Carneiro foram em sextilhas de sete sílabas; Jacob Passarinho com João Melquíades, Azulão com Romano Elias, Joaquim Francisco com José Claudino, foram em versos de sete; Aderaldo com José Pretinho, versos de seis e parcelas; Aderaldo com Jaca Mole, versos de seis, parcelas e décimas; João Siqueira Amorim e Aderaldo, Joaquim Jaqueira e Melquíades, Antônio da Cruz e Antônio Tomé, versos de seis e martelos; Serra Azul e Azulão, Pedra Azul e Ventania, João Piauí e José da Catingueira, versos de seis e parcelas; Preto Limão e Bernardo Nogueira, versos de seis, parcelas e martelos; João de Ataíde com Raimundo Pelado do Sul, versos de sete e martelos; Serrador com Carneiro, versos de seis e martelos. Sabem os nordestinos que estes encontros foram os mais famosos na história da cantoria...

Cervantes ("D. Quijote de La Mancha", vol. I, p. 279) escreve várias poesias com as voltas:

Quien mejorará mi suerte?  
La Muerte!  
Y el bien de Amor? Quién le alcanza?  
Mudanza!  
Y sus males, quien los cura?  
Locura!  
De ese modo no es cordura  
querer curar la Pason,  
quando los remedos son ---  
Muerte, Mudanza y Locura! . . .

Mas nunca foram empregados em desafios. São reminiscências literárias de gêneros correntes e agora esquecidos.

---

## Poesia Mnemônica e tradicional

### a) romances

A poesia tradicional sertaneja tem nos romances um dos mais altos elementos. Recebidos em Portugal em prosa ou verso todos foram vertidos para as sextilhas habituais e cantados nas feiras, nos pátios, nas latadas das fazendas, "esperando da Missa do Galo", na hora das fogueiras de São João, nas festas dos oragos paroquiais, nas bodas de outrora. Esses romances trouxeram as figuras clássicas do tradicionalismo medieval. Cavaleiros andantes, paladinos cristãos, virgens fiéis, espôsas heróicas, ensinaram as perpétuas lições da palavra cumprida, a unção do testemunho, a valia da coragem, o desprezo pela morte, a santidade dos lares. O folclore, santificando sempre os humildes, premiando os justos, os bons, os insultados, castigando inexoravelmente o orgulho, a soberbia, a riqueza inútil, desvendando a calúnia, a mentira, empresta às suas personagens a finalidade ética de apólogos que passam para o fabulário como termos de comparação e de referência.

Não entra aqui discutir origem do "romance", do "rimance", a controvérsia erudita sobre sua tradução literal, ampla e histórica. O que é real é sua ancianidade veneranda. Todos os acontecimentos históricos estão ou foram registados em versos. Guerras de Saladino, proezas de Carlos Martel, aventuras de cavaleiros, fidelidade de espôsas, incorruptibilidade moral de donzelas, são materiais para a memória coletiva. Só esse verso anônimo carregou para nosso conhecimento fatos que passariam despercebidos para sempre. A lenda de Roland, Roldão, a gesta de Robin Hood, heróis da Geórgia e do Turquestão, da Pérsia e da China, só vivem porque foram haloados pela moldura sonora de rimas saídas da homenagem popular. Dentro desse cenário entusiasta passa, hirta e grave, a figura de Carlos Magno, como vôm as flâmulas verdes da Ala dos Namorados na manhã radiosa de Aljubarrota.

O sertão recebeu e adaptou ao seu espírito as velhas histórias que encantaram os rudes colonos nos serões das aldeias minhotas e alemtejanas. Floresceram, noutra indumentária, as tradições seculares que tantas inteligências rudes haviam comovido. Os versos do cego Baltazar Dias, madei-

rense contemporâneo a el-rei dom Sebastião, o Desejado, prosa hispida e monótona descrevendo as aventuras de Roberto do Diabo, duque da Normândia, do marquês Simão de Mântua, de João de Calais, da Imperatriz Porcina, da Donzela Teodora, da Princesa Magalona, episódios vindos de vinte fabulários, de árabes, francos, sarracenos, germanos, ibéricos, confusos e maravilhosos de ingenuidade, de grandeza anímica, de arrojo guerreiro ou de disposição intelectual, ficaram n'alma do povo como uma base cultural inamovível e profunda. Sobre ela é que o sertanejo confronta, compara, coteja e sente. Estudá-lo sem reter os velhos romances é fixá-lo lateralmente. Ele só está completo e perfeito dentro de suas leituras, dos ritmos da cantoria, de suas tradições guerreiras ou religiosas. O romance é, para todos os sertanejos, a expressão mais legítima e natural do que chamaríamos "literatura". É o livro "sério", seguro, conceituoso e verídico. As figuras evocadas vivem eternamente em sua inteligência e ele recebe, com leve sorriso de incredulidade, a explicação de inutilidade daquela confiança em quem-nunca-existiu.

Naturalmente uma leitura nos "romances" tradicionais da França, Espanha e Portugal mostrará o fio temático inicial. A divisão dessas xácaras e "rimances" em ciclos ou quadros de finalidade moral dirá que o sertão conservou-se fielmente dentro da classificação intencional e erudita.

A donzela Teodora é a moça inteligente, assexual, vitoriosa pelos valores intelectuais. A imperatriz Porcina é a inocência caluniada e posteriormente esclarecida e premiada. Roberto do Diabo é o arrependimento, a contrição, a penitência salvadora. A princesa Magalona é a fidelidade da espôsa, a imaculabilidade doméstica, a casta-espôsa bíblica. Pedro Cem é a riqueza humilhada pelo castigo merecido ao orgulho de seu possuidor.

Ao lado desses romances de proveniência européia existem os de produção nacional, com os feitiços da psicologia brasileira, o fastígio idiomático, saboroso de regionalismos expressivos, de construções gramaticais curiosas, de sinonímia exdrúxula e nova ou simplesmente arcaica. São os romances do "valente Vilela", as histórias amorosas e doces de "Zezinho e Mariquinha", de "Alonso e Marina", do "Príncipe e a Fada", do "Capitão de Navio", de "Rosa e Lino de Alencar", de "Branca Rosa"... São sextilhas onde as reminiscências dos velhos romances portugueses reaparecem e se acusam como recordações inesquecíveis e fundas de leituras antigas e diárias.

Eram e são todos cantados. Verso e música, como outrora, são funções inseparáveis e conexas. A música dolente, quase sempre em tom-menor, propicia uma atenção melancólica, um ambiente meio litúrgico, de concentração, de respeito e de uma vaga, ondulante e indizível saudade.

### **"A donzela Teodora" no Brasil**

Nas tradições populares, em prosa ou verso, encontramos em todos os países um ciclo dedicado à mulher inteligente, astuciosa e arguta, vencendo pela agilidade mental. É a Maria Sabida, a Maria Sutil, a Carpinteirazinha, a Filha do Lavrador, a Moça da Varanda, dos contos portugueses da ilha de S. Miguel, de Famalicão, do Minho e Algarve. Não é a moça guerreira, a Donzela-que-vai-à-guerra, registada em tantas xácaras. Trata-se de "donzela", estado denunciador de pureza física e de recato pessoal, enfrentando e transpondo todos os obstáculos graças às forças de um espírito superior.

Quando, nos mais velhos romances que Portugal mandou para o Brasil, dentro da memória dos colonos, soubemos da existência tenaz da "Donzela Teodora" no mundo sertanejo, procuramos identificar sua história, possivelmente disfarçada sob nome e aventuras diversas. Está, entretanto, quase fiel ao original secular. A série quase infinita de suas reedições testemunha a vitalidade de sua simpatia ambiente.

No gênero é um dos romances mais curiosos e vivos. Deformado pelas sucessivas edições, cheio de anacronismos e conhecimentos alheios à primitiva "donzela", nem por isto desaparece a necessidade de um registo de sua forma brasileira.

Corre a "Donzela Teodora" ao lado da "Imperatriz Porcina" e da "Princesa Magalona". São os três romances que todo o sertão conhece. A "Imperatriz Porcina" é a esposa inocente e caluniada que consegue após sofrimentos e vicissitudes inauditas, evidenciar a claridade de sua conduta e rehabilitar-se integralmente aos olhos do marido. A "Princesa Magalona" é a noiva fiel, a desposada virgem que aguarda, anos e anos, obstinadamente, a volta do companheiro arrebatado. Na "Donzela Teodora" não há amor. Cercada a história de motivos orientais, é tema universal. É a ação da moça culta, viva, desassombrada, a mulher-forte, dominadora sem constituir a "celibe" moderna nem a virago de outrora.

Romance popularíssimo em Espanha, julga Inocêncio que sua primeira tradução portuguesa é de 1735, Lisboa, in-4.º, feita por Carlos Ferreira, que os velhos catálogos juntavam um "Lisbonnense" embora não registado no "Diccionario Bibliographico Portuguez", vol. 2.º, pp. 30/31, Lisboa, MDCCCLIX.

O título dessa edição "princeps" de 1735 é: "*Historia da Donzela Theodora, em que se tracta da sua grande formosura e sabedoria*". E a nota: — "traduzido do castelhano em portuguez". A Tipografia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro, a partir de 1840, editou profusamente todos os romances tradicionais de Portugal. E as reimpressões em São Paulo e Rio não cessaram.

O sr. Gustavo Barroso ("Tição do Inferno", p. 44, Rio de Janeiro, 1926) cita uma sextilha denunciando versão que me escapou:

Eram doze os cavaleiros  
da Donzela Teodora.  
Cada cavalo uma sela,  
Cada sela uma senhora,  
Cada senhora dez dedos,  
Cada dedo uma memora. . .

A citação de "memória" em vez de "anel" indica inícios, no mínimo, do século XIX para a divulgação dessa variante desaparecida para mim. Nos folhetos portugueses, mesmo modernos, não há a citação dos metalóides, a indumentária de fraque, colêta e camisa usada pelo sábio vencido. Mas tudo o mais demonstra ser a versão brasileira apenas a poetização da tradução lusitana. Poetização em detalhes muito mais interessantes que o modelo. Inteligentemente o poeta sertanejo dispensou-se de incluir nas sextilhas a parte enfadonha da "língua das flores", talqualmente existe no opúsculo português.



João Ribeiro, ("Frases Feitas", p. 53, Rio de Janeiro, 1908) estudando os provérbios árabes escreveu:

"A *História da Donzela Teodora* (êste nome pode dar a ilusão de origem clássica; mas Teodora é aqui uma deturpação voluntária de *Teweddul*) com os seus personagens árabes é uma coleção de aforismos e sentenças morais.

(Nota) Parece ser a primeira versão a que está no manuscrito *El libro de los buenos proverbios*, publicado por H. Knust *Mittheil aus dem Eskurial*. Em português, na literatura era já muito conhecida, mas a primeira versão em linguagem é recente; a que possuo, de 1735, por Carlos Lisbonense, presumo ser a primeira que apareceu e já adulterada; o cenário que era *Babilônia* muda-se para *Tunes*. O conteúdo, porém, é em substância o mesmo".

A tradução de Carlos Ferreira Lisbonense está mais próxima ao original castelhano que as impressões atuais, cheias de informações do "Lunário Perpétuo" e do "Manual Enciclopédico". Mesmo assim, a versão castelhana traz a natural adaptação aos dogmas católicos e uma série de perguntas muitas das quais correntes nas "estórias" populares europeias.

A "Donzela Teodora" é bem a continuadora das mulheres-sábias e lindas de que foi tipo, no Oriente, Scheherazade, a narradora das "Mil e uma Noites", mulher de Schahriar, sultão das Índias...

A originalidade da versão sertaneja do Brasil é ser em versos quando todas as outras conhecidas se mantêm em prosa. (\*)

### **História da donzela Teodora**

(*Tirada do livro grande da donzela*)

Houve no reino de Tunes  
Um grande negociante,  
Era natural de Hungria  
Negociava ambulante,  
A quem se podia chamar  
Um'alma pura e constante.

Andando um dia na praça,  
Numa porta pôde ver  
Uma donzela cristã  
Ali para se vender,  
O mercador viu aquilo  
Não pôde mais se conter.

Tinha feições de fidalga,  
Era uma espanhola bela,  
Ele perguntou ao mouro  
Quanto queria por ela;  
Entraram então em negócio  
Negociaram a donzela.

O húngaro conheceu nela  
As formas de fidalguia,  
Mandou educá-la bem  
Na melhor casa que havia,  
Em pouco tempo ela soube  
O que ninguém mais sabia.

Mandou ensinar primeiro  
Música e filosofia,  
Ela sem mestre estudou  
Metafísica e astrologia,  
Descrever com distinção  
História e anatomia.

Ela que já era um ente  
Nascido por excelência  
Como que tivesse vindo  
Das entranhas da ciência  
Tinha por pai o saber  
Por mãe a inteligência.

(\*) Ver "Notas", no fim do volume.

Tinha ela em pouco tempo  
Tão grande adiantamento,  
Que só Salomão teria  
Um tamanho conhecimento,  
Cantava música e tocava  
Qualquer que fôsse o instrumento.

Estudou e conhecia  
As sete artes liberais  
Conhecia a natureza  
De todos os vegetais  
Descrevia muito bem  
A casta dos animais.

Descrevia os doze signos  
De que é composto o ano  
Da cabeça até os pés,  
Conhecia o corpo humano  
E dava definição  
De tudo do oceano.

Admirou todo o mundo  
O saber desta donzela,  
Tudo que era ciência  
Podia se encontrar nela,  
O professor que a ensinou  
Depois aprendeu com ela.

Mas como tudo no mundo  
E' mutável e inconstante  
Esse rico mercador  
Negociava ambulante  
E toda sua fortuna  
Perdeu no mar num instante.

Atrás do bem vem o mal,  
Atrás da honra a torpeza,  
Quando êle saiu de casa  
Levava grande riqueza,  
Voltou trazendo somente  
Uma extremosa pobreza.

Em tórno de si via só  
O vil manto da mazela,  
Em casa só lhe restava  
A mulher e a donzela  
Então chamou Teodora  
E pediu o parecer dela.

Disse a ela: minha filha  
Bem vez minha natureza  
E sabes que o oceano  
Sepultou minha riqueza,  
Espero que teus conselhos  
Me tirem dessa pobreza.

Ela quando ouviu aquilo  
Sentiu no peito uma dôr  
E lhe disse tenha fé,  
Em Deus nosso salvador.  
Estudou logo o remédio  
Que salvaria o senhor.

Dizendo: meu senhor saia.  
Procure um amigo seu,  
E' bom ir logo na casa,  
Do mouro que me vendeu,  
Chegue, converse com êle  
Conte o que lhe succedeu.

O que êle oferecer-lhe  
De muito bom grado aceite  
E veja se êle lhe vende  
Vestidos com que me endireite  
Compre a êle tôdas as jóias  
Que a uma donzela enfeite.

Se o mouro vender-lhe tudo  
Com que possa eu me compor  
Vossa mercê vai daqui  
Vender-me ao rei Almançor,  
E' êsse o único meio  
Que salvará o senhor.

El'Rei lhe perguntará  
Por quanto vai me vender,  
Por dez mil dobras do ouro  
Meu senhor há de dizer  
Quando êle admirar-se  
Veja o que vai responder.

Dizendo: alto senhor!  
Não fiques admirado  
Eu a vendo com precisão  
Não peço preço alterado  
O dôbro desta quantia  
Tenho com ela gastado.  
E' êsse o unico meio

Para sua salvação;  
Se o mouro vender-lhe tudo,  
Descanse seu coração,  
Daqui para o fim da vida  
Não terá mais precisão.

O mercador seguiu tudo  
Quanto a donzela ditava  
Chegou ao mouro contou-lhe  
O desespero em que estava,  
Então o mouro vendeu-lhe  
Tudo quanto precisava.

Roupa, objetos e jóias  
Para enfeitar a donzela.  
As roupas vinham que só  
Sendo cortadas por ela,  
Ela quando botou tudo  
Pareceu ficar mais bela.

O mercador aprontou-se  
E seguiu com brevidade  
Falou ao guarda da corte  
Com muita amabilidade  
Para deixá-lo falar  
Com a real Majestade.

Então subiu um vassalo  
Deu parte ao rei Almançor,  
O rei chegou à escada  
Perguntou ao mercador.  
Amigo, qual o negócio  
Que tem comigo o Senhor?

Então disse o mercador  
Com muito grande humildade:  
Senhor, venho a vossa alteza  
Com grande necessidade:  
Ver se vendo esta donzela  
A sua real Majestade.

O Rei olhou a donzela  
E disse dentro de si,  
Foi a mulher mais formosa  
Que neste mundo já vi.  
Trinta ou quarenta minutos  
O Rei mirou ela ali.

Perguntou ao mercador:  
Por quanto vende a donzela?  
Por dez mil dobras de ouro

E' o que peço por ela  
E não estou pedindo caro  
Visto a habilidade dela.

Disse El'Rei ao mercador:  
Senhor estou surpreendido.  
Dez mil dobras de bom ouro  
E' preço desconhecido,  
Ou tu não queres vendê-la  
Ou estais fora do sentido.

Disse o mercador: El'Rei  
Não é cara esta donzela,  
O dôbro desta quantia  
Gastei para ensinar a ela,  
Excede a todos os sábios  
A sabedoria dela.

O Rei mandou chamar logo  
Um grande sábio que havia  
O instrutor da cidade  
Em física e astronomia,  
Em matemática e retórica,  
História, e filosofia.

Esse veio e perguntou-lhe:  
Donzela estais preparada  
Para responder-me tudo  
Não titubiar em nada?  
Se não estiver, seja franca,  
Se não, sai envergonhada.

Então ela respondeu:  
Mestre pode perguntar  
Eu lhe responderei tudo  
Sem cousa alguma faltar  
Farei debaixo da lei  
Tudo que o senhor mandar.

O sábio ali preparou-se  
Para entrar em discussão.  
Ela com muita vergonha  
Mas não teve alteração  
Pedi licença a El'Rei  
E ficou de prontidão.

Diz-me donzela o que Deus  
Sobre o céu primeiro fez?  
Respondeu: o sol e a lua  
E esta por sua vez  
E' por uma obrigação  
Cheia e nova todo mês.

Além do sol e a lua  
Doze signos foram feitos  
Formando a constelação,  
Sendo ao sol todos sujeitos  
Desiguais nas naturezas  
Com diversos preconceitos.

Como se chamam êsses signos?  
Perguntou o emissário?  
A donzela respondeu-lhe  
E' Capricórnio, e Aquário  
Tauro, Câncer, Libra, Virgo,  
Pices, Scorpio e Sagitário.

Existem outros 3 signos  
Aíres, Léo e Geminis, <sup>(1)</sup>  
No signo Léo quem nascer  
Será um homem feliz,  
Inclinado a viajar  
Por fora de seu país.

Disse-lhe o sábio: donzela  
E' necessário dizer  
Que condições tem o homem  
Que em cada signo nascer?  
Por influência do signo  
De que forma pode ser?

Disse ela o signo Aquário  
Reina no mês de janeiro,  
O homem que nascer nêle  
Tem crescimento vasqueiro,  
Será amante às mulheres  
Venturoso e lisongeiro.

Pices reina em fevereiro,  
Quem nesse signo nascer  
E' muito gentil do corpo,  
Muito guloso em comer,  
Bisonho gosta de viagem  
Não faz o que prometer.

Em março governa Aíres  
Nesse signo nascerão  
Homens nem pobres nem ricos  
Por nada se zangarão,  
Nêles se nota um defeito  
Falando sós andarão.

Em abril governa Tauro  
Um signo bem conhecido,  
O homem que nascer nêle  
Será muito presumido  
Altivo de coração  
Será rico e atrevido.

Geminis governa em maio  
Sua qualidade é quente,  
O homem que nascer nêle  
Será fraco e diligente  
Para os palácios e côrtes  
Se inclina constantemente.

Em junho governa Câncer,  
Sua qualidade é fria,  
O homem que nascer nêle  
E' forte e tem energia;  
E' gentil tem muita fôrça  
E sempre tem alegria.

Em julho governa Léo  
Por um leão furado  
O homem que nascer nêle  
Será calvo e muito honrado  
Altivo de coração  
Inteligente e letrado.

Em agôsto reina Virgo  
Tem de terra a natureza  
O homem que nascer nêle  
Aos princípios tem riqueza  
Depois se descuidará  
Por isso cai em pobreza.

Em setembro reina Libra  
A Vênus assinalado  
O homem que nascer nêle  
Será um pouco enclinado  
A viajar pelo mar,  
E' lutador e honrado.

O que nascer em outubro  
Será homem falador,  
Enclinado aos mais costumes  
Teimoso e namorador,  
Pouco lícito nos negócios  
Falso, grave e enganador.

Então do mez de novembro  
Sagitário é o reinante,

---

<sup>(1)</sup> Aries.

O homem que nacer nêl  
Será cínico e inconstante,  
Desobediente aos pais  
Intratável assim por diante.

Em dezembro é Capricórnio  
Tem natureza de terra  
O homem que nacer nêl  
Será inclinado à guerra  
Gosta de falar sozinho  
E por qualquer cousa emperra.

O sábio alí levantou-se  
Disse ao Rei: esta donzela  
Não há sábio aquí no mundo  
Que tenha a ciência dela,  
Eu confesso a vossa Alteza  
Que estou vencido por ela.

O Rei alí ordenou  
Que fôsse o sábio segundo  
Foi um matemático e clínico  
Um gênio grande fecundo  
Reconhecido por um  
Dos sábios maiores do mundo.

Chegou o segundo sábio  
Que inda estava orelhudo  
E disse: donzela eu tenho  
Dezoito anos de estudo,  
Não sou o que tu venceste  
Conheço um pouco de tudo.

A donzela respondeu  
Com a licença de El'Rei,  
Tudo quanto perguntares  
Aquí te responderei  
Com brevidade e acêrto  
Tudo eu te explicarei.

Perguntou o sábio a ela:  
Em nossos corpos domina  
Qualquer um dos doze signos  
Que a donzela discrimina.  
Terá alguma influência  
Os signos com a medicina?

Então a donzela disse:  
Discreto mestre, direi  
Sabes que os signos são doze  
Como eu já expliquei

Compactua com a química  
Quer saber? eu lhe direi.

Aires domina a cabeça  
Uma parte melindrosa,  
Para quem nacer em março  
A sangria é perigosa,  
A pessoa que sangrar-se  
Deve ficar receosa.

Libra domina as espáduas,  
Câncer domina nos peitos,  
Para os que são dêsses signos  
Purgantes têm maus efeitos,  
E as sangrias também.  
Não serão de bons proveitos.

Tauto domina o pescoço  
Léo domina o coração,  
Capricórnio influe nos olhos  
Scórpio a organização  
Geminis domina os braços  
Influe na musculação.

Virgo domina no ventre  
E aquário nas canelas  
Para os que são dêsses signos  
Purga e sangria, são belas  
Então Sagitário e Pices  
Ambos têm igual tabela.

O sábio dentro de si  
Disse muito admirado,  
Aonde esta discutir,  
Ninguém pode ser letrado  
Esta só vindo a propósito  
De planeta adiantado.

O sábio disse: donzela!  
Eu quero que se poderes  
(Isto é) eu creio que podes  
Não dirás se não quiseses  
O pêso, a idade, a conduta  
Que têm tôdas as mulheres.

Disse a donzela: a mulher  
E' sempre a arca do bem  
Porém só quem a criou  
Sabe o pêso que ela tem,  
E' uma cousa ignota  
Dela não sabe ninguém.

Que me dizes das donzelas  
De vinte anos de idade?  
Respondeu: sendo formosa  
Parece uma divindade  
Principalmente ao homem  
Que lhe tiver amizade.

As de 30 e de 40  
Que dizes tu que elas são?  
Disse a donzela: uma dessas  
E' de consideração.  
As de 50 o que dizes?  
Só prestam para oração

Que dizes das de 70?  
Deviam estar em um castelo  
Rezando por quem morreu  
Lamentando o tempo belo.  
Que dizes tu das de 80?  
Só prestam para o cutelo.

Então classificas as velhas  
Tudo de mal e pior?  
E nos defeitos de tantas,  
Não encontra-se um menor  
Disse ela: Deus te livre  
De ser vizinho da melhor.

Donzela, o sábio lhe disse:  
Sei que és espirituosa  
Entre todas as pessoas  
E's a mais estudiosa,  
Diz-me que sinais precisam  
Para a mulher ser formosa!

Então a donzela disse:  
Para a mulher ser formosa  
Terá 18 sinais, (\*)  
Não tendo é defeituosa  
A obra por um defeito  
Deixa de ser melindrosa.

Há de ter 3 partes negras  
De cores bem reluzentes:  
Sobrancelhas, olhos e cabelos  
De cores negras e ardentes.

Ter branco o lagrimar dos olhos  
Branca a cara e branco os dentes.

Será comprida em 3 partes  
A que tiver formosura,  
Compridos dedos das mãos,  
O pescoço e a cintura,  
Rosados beijos e gengivas  
Lábios, côr de roxa pura.

Terá 3 partes pequenas  
O nariz a boca e o pé  
Largas cadeiras e ombros,  
Ninguém dirá que não é,  
Cujos sinais teve-os todos  
Uma virgem em Nazaré.

O sábio quando ouvia isso  
Ficou tão surpreendido,  
Disse a El-Rei Almançor  
Confesso que estou vencido  
Qualquer que argumentar com ela  
Se considere perdido.

El-Rei mandou que outro sábio  
Entrasse em discussão,  
Então escolheram um  
Dos de maior instrução  
A quem chamavam na Grécia  
Professor da criação.

Abraão de Trabador  
Veio argumentar com ela,  
E disse logo ao entrar,  
Previne-te bem donzela,  
Dizendo dentro de si  
Eu hoje hei de zombar dela.

Então a donzela disse:  
Sr. mestre estarei disposta,  
De todas suas perguntas  
O Sr. terá resposta  
Se tem confiança em si  
Vamos fazer uma aposta.

Minha aposta é a seguinte:  
De nós o que fôr vencido

---

(\*) Esses sinais de beleza são de origem árabe. E' comum sua citação no contos muçulmanos. Vide "Viagens em Marrocos", Rui da Camara, Livraria Internacional, Ernesto Chardron, Porto, 1879, p. 200.



Ficará aqui na côrte  
Publicamente despido,  
Ficando completamente  
Como quando foi nascido.

O sábio disse que sim;  
Mandaram o termo lavar  
E a donzela pediu  
Ao Rei para assinar  
Para a parte que perdesse  
Depois não se recusar.

Lavraram o termo e foi  
As mãos de El'Rei Almançor  
Para fazer válido o trato  
E ficar por fiador,  
Obrigando a quem perdesse  
Dar a roupa ao vencedor.

O sábio ali perguntou-lhe  
Qual a cousa mais aguda,  
Disse a donzela é a lingua  
De uma mulher linguatuda,  
Que corta todos os nomes  
E o corte nunca muda.

Donzela qual é a cousa  
Mais doce do que o mel?  
Um amor de um pai ao filho  
Ou de uma espôsa fiel,  
A ingratidão de um dêsses  
Amarga mais do que fel.

O sábio disse donzela  
Conheces os animais,  
Quero que agora descrevas  
Alguns irracionais,  
Me diga qual é o bicho  
Que possui 8 sinais.

Mestre, isso é gafanhoto  
Vive em baixos e oiteiro  
Tem pescoço como touro  
Esporas de cavaleiros,  
Tem olhos como marel  
Um pássaro do estrangeiro.

Focinho como de vaca,  
Tem pés como de cegonha,  
Tem cauda como de víbora,  
Uma serpente medonha  
Que é infeliz o vivente  
Que a bôca dela se ponha.

Tem peitos como cavalo  
E não ofende ninguém,  
Tem asas como de águia  
O que vôa mais além,  
São êsses os 8 sinais,  
Que o gafanhoto tem.

Perguntou o sábio a ela  
Que homem foi que morreu;  
Porém nunca foi menino,  
Existiu mas não nasceu  
A mãe dêle ficou virgem  
Até quando o neto morreu? (1)

Esse homem foi Adão  
Que da terra se gerou,  
Foi feito já homem grande  
Não nasceu, Deus o formou,  
A terra foi a mãe dêle  
E nela se sepultou.

Foi feita, mas não nascida  
Essa nobre criatura,  
A terra que era mãe dêle  
Serviu-lhe de sepultura,  
Para Abel o neto dela  
Fez-se a primeira abertura.

Donzela, qual é a cousa  
Que pode ser mais ligeira?  
Respondeu-lhe: o pensamento,  
Que vôa de tal maneira,  
Que vai ao cabo do mundo  
Num segundo que se queira.

O sábio fitou-a e disse:  
Donzela diga-me agora  
Qual é o prazer de um dia?  
Qual é o gosto duma hora?

(1) No original em prosa a pergunta é apenas: Quem foi o que morreu e nunca nasceu? A resposta é: O nosso Pai Adão. O comentário sertanejo é superior em graça e originalidade.

E' um negócio que se ganha.  
E' um passeio que se dá fora.

Tornou a lhe perguntar  
Qual é o gosto dum mês?  
Disse: o homem viajando  
E se um bom negócio fêz,  
E' um dos grandes prazeres  
Que terá por sua vez.

Donzela, o que é a vida?  
Diz ela: um caos de torpeza  
Que pode se assemelhar  
A vela que está acesa.  
As vezes está tão formosa  
E se apaga de surpresa.

Donzela por quantas formas  
Mente a pessoa afinal?  
Respondeu: mente por três  
Tendo como essencial,  
Exaltar a quem quer bem  
Pôr tacha em quem quer mal.

Donzela o que é velhice?  
Respondeu com brevidade:  
E' vestidura de dôres  
E' a mãe da mocidade,  
O que mais abortecemos?  
Respondeu: é a idade.

Donzela qual é cousa  
Que quem tem muito inda quer?  
Disse a donzela: é dinheiro  
Quer o homem ou a mulher  
Não se farta de ganhá-lo  
Tenha a soma que tiver.

Qual é a cousa que o homem  
Possue e não pode a ver?  
Disse ela: o coração,  
Que abrindo tem que morrer  
Ver a raiz de seus olhos  
Não há quem possa obter.

Donzela qual foi o homem  
Que por dous ventres passou?  
Disse a Donzela: foi Jonas  
Que uma baleia o tragou  
Conservou-o dentro 3 dias  
Depois disso o vomitou.

O sábio lhe perguntou:  
Qual o homem mais de bem?  
Disse a donzela: é aquele  
Que menos defeito tem  
Quem terá menos defeito?  
Isso não sabe alguém.

Donzela qual é a cousa  
Que não se pode saber?  
O pensamento do homem  
Se ele não quizer dizer,  
Por mais que o homem procure  
Não poderá obter.

Donzela o que é a noute  
Cheia de tantos terrores?  
Disse a donzela: é descanso  
Dos homens trabalhadores  
E' capa dos assassinos  
Que encobre os malfeitores.

Onde a primeira cidade  
No mundo foi construída?  
A cidade de Nínive  
A primeira conhecida  
Que depois de certos tempos  
Foi pela Grécia batida.

Perguntou qual o guerreiro  
Que teve a antiguidade?  
Respondeu: foi Alexandre  
Assombro da humanidade  
Guerreou 22 anos  
E morreu na flor da idade.

Donzela falaste bem,  
Do maior conquistador.  
Diga dos homens qual foi  
Maior sentenciador?  
Pilatos que deu sentença  
A Cristo Nosso Senhor.

De todos os patriarcas  
Qual seria o mais valente?  
O patriarca Jacó  
Que lutou heroicamente  
Com os anjos mensageiros  
Do monarca Onipotente.

Qual foi a primeira nau  
Que foi para estaleiro?

Foi a barca de Noé,  
A que no mar foi primeiro  
Onde escapou um casal  
De tudo do mundo inteiro.

O que é que corta mais  
Do que navalha afiada?  
É a língua da pessoa,  
Depois de estar bem irada,  
Corta com mais rapidez  
Que qualquer lâmina amolada.

Qual o maior prazer  
Com que se ocupa a história?  
Respondeu quando o guerreiro  
No campo ganha a vitória,  
Sabei que não pode haver  
Tanto prazer tanta glória.

O sábio disse: donzela  
Tens falado muito bem  
Me diga que condições  
O homem no mundo tem?  
Disse a donzela tem tôdas  
Para o mal e para o bem.

É manso como a ovelha,  
É feroz como o leão,  
Seboso como suíno,  
Limpo que só pavão,  
É falso como a serpente  
É tão leal como o cão.

É fraco como o coelho,  
É arrogante como o galo,  
Átiroso como o furão,  
Forçoso como o cavalo,  
E mais te digo que o homem  
Não se pode decifrá-lo.

É calado como peixe,  
Fala como o papagaio,  
É lerdo como a preguiça,  
É veloz igual ao raio,  
O sábio quando ouviu isso  
Quase que dá-lhe um desmaio.

O sábio inventou um meio  
Para ver se a pegaria,

Perguntou-lhe o sol de noite  
Terá a luz quente ou fria?  
A donzela respondeu-lhe  
Que de noute sol não havia. (1)

Com a presença do sol  
É que se conhece o dia  
Se o sol saísse de noite  
A noite não existia  
E sem o sereno dela  
Todo o vivente morria.

Sem água, sem ar, sem luz,  
A terra não tinha nada,  
Não tinha os seres que tem  
Seria deshabitada  
A própria vegetação  
Não podia ser criada.

Os reinos da natureza,  
Cada um possui um gênio  
É necessário o azoto  
Precisa o oxigênio  
Para infusão disso tudo  
O carbônico e hidrogênio.

O dia Deus o fez claro,  
A noite fez bem escura  
Se de noite houvesse sol,  
Estava o homem na altura  
De notar êsse defeito  
E censurar a natura.

O sábio baixou a vista  
E ouviu tudo calado  
Nada mais teve a dizer  
Porque já estava esgotado  
Já tinha a plena certeza  
Que ficava injuriado.

Disse ao público: senhores  
A donzela me venceu,  
Não sei com qual professor  
Essa mulher aprendeu,  
Aí a donzela disse  
Então o mestre perdeu.

Ele vendo que já estavam  
Esgotados seus recursos

---

(1) Esta parte é inteiramente criação sertaneja.

Ficou trêmulo e muito pálido  
Fugindo-lhe até os pulsos  
Prostrou-se aos pés de El-Rei  
Se sufocando em soluços.

E disse: Senhor confesso!  
A sua real majestade  
Que vejo nessa donzela  
A maior capacidade,  
Ela vos merece prêmio  
Pois tem grande habilidade.

A donzela levantou-se  
Disse soberano rei,  
Beijando a mão do monarca  
Disse: vos suplicarei  
Que mandes o sábio entregar-me  
Tudo que dêle ganhei.

O rei ali ordenou  
Que o sábio se despojasse,  
Todo vestido que tinha  
A donzela os entregasse,  
O jeito que tinha ali  
Era êle envergonhar-se.

O sábio pôs-se a despir-se  
Como quem estava doente  
Fraque, colête, camisa,  
Ficando ali indecente  
E pediu para ficar  
Com a ceroula somente:

Ali sufocado em prantos  
Prostrou-se aos pés da donzela  
Resta-me só a ceroula  
Não posso me despir dela  
A donzela perguntou-lhe?  
O senhor nasceu com ela?

O trato foi o seguinte:  
De nós quem fôsse vencido  
Perante a todos da côrte  
Havia de ficar despido  
Como quando veio ao mundo  
Na hora que foi nascido.

El-Rei foi o fiador  
Nosso ajuste foi exato,  
O senhor tem que despir-se  
E me dar fato, por fato

Ficando com a ceroula  
Não tinha efeito o contrato.

E não quis dar a ceroula  
O rei mandou que êle desse  
Ou pagaria a donzela  
O tanto que ela quisesse  
Tanto que indenizasse-a  
Embora que não pudesse.

Donzela quanto quereis?  
Perguntou-lhe o sábio enfim  
A donzela ali fitou-o  
E lhe respondeu assim  
A metade da quantia  
Que meu senhor quer por mim.

El-Rei ali conhecendo  
O direito da donzela  
Vendo que tôda razão  
Só podia caber nela  
Disse ao sábio mande ver  
O dinheiro e pague a ela.

Cinco mil dobras de ouro  
A donzela recebeu  
O sábio também ali  
Nem mais satisfação deu,  
Aquilo foi um exemplo  
Que a donzela lhe venceu.

O rei ali disse a ela  
Donzela podes pedir  
Dou-te palavra de honra  
Fazer-te o que exigir  
De tudo que pertencer-me  
Poderás tu te servir.

Ela beijando-lhe as mãos  
Disse-lhe peço que dê-me  
A quantia de dinheiro  
Que meu senhor quer vender-me.  
Deixando eu voltar com êle  
Para assim satisfazer-me.

O rei julgou que a donzela  
Pedisse para ficar,  
Tanto que se arrependeu  
De tudo lhe franquear  
Mais a palavra de rei  
Não pode se revogar.

Mandou dar-lhe o dinheiro  
Discutiú também com ela  
Ficou ciente de tudo  
Quanto podia haver nela  
E disse: vinte mil dobras  
Não pagava essa donzela.

Voltou ela e o Senhor  
À sua antiga morada  
Por uma guarda de honra

Voltou ela acompanhada  
O senhor dela levando  
Uma fortuna avultada.

Caro leitor escreví  
Tudo que no livro achei  
Só fiz rimar a história  
Nada aquí acrescentei  
Na história grande dela  
Muitas cousas consulteí.

---

### Uma versão brasileira da "Princesa Magalona"

A "HISTÓRIA VERDADEIRA DA PRINCESA MAGALONA, FILHA DEL-REI DE NÁPOLES E DO NOBRE VALOROSO CAVALEIRO PIERRES, PEDRO DE PROVENÇA, E DOS MUITOS TRABALHOS E ADVERSIDADES QUE PASSARÂM" teve sua primeira edição portuguesa em Lisboa, na casa de Antônio Álvares, Lisboa, no ano de 1725. Era um in-4.º, em prosa. Sua popularidade foi imediata e várias edições se sucederam. A história viera de França, trazendo a lenda de Magelon, a noiva fiel, através de Espanha que sempre fôra a melhor divulgadora dos temas franceses. A "princeps" de França é de 1492. Em Portugal apareceu, possivelmente há dois séculos, uma versão poética, em quadrinhas de sete sílabas, mas o original em prosa continuou a ser reimpresso. No Brasil inúmeras reedições, em S. Paulo, Rio, etc., são quase sempre em prosa. Assim possuo dois exemplares recentes, um da Livraria editora Paulicéa (S. Paulo, 1935) e outro da Livraria H. Antunes (Rio de Janeiro, 1936), ambos em prosa.

Em versos adquerí dois folhetos sertanejos. Um em Mossoró, intitulado "História completa da sorte do casamento por sina do Príncipe Pierre e da Princesa Beatriz", editado por J. Martins de Vasconcelos, em julho de 1935 (reimpressão), sextilhas, tendo como autor o poeta Romano Dantas de Farias. Em Fortaleza, comprei um opúsculo do sr. João Martins de Ataíde, "A fuga da Princesa Beatriz com o conde Pierre", editado em Recife. Ambos são simples versões da história de Magalona disfarçada em Beatriz.

Transcrevo a obra do sr. João Martins de Ataíde por ser incontestavelmente mais limpa e mais típica. O dr. Frederico Gavazzo Perry Vidal, diretor da Biblioteca de Ajuda, gentilmente enviou-me um exemplar da versão da "Princesa Magalona", tal qual é vendida em Portugal. Registro as duas histórias para melhor confronto da velha história de seis séculos. (\*)

---

(\*) Ver "Notas", no fim do volume.

## “A fugida da Princesa Beatriz com o Conde Pierre”.

versos de *João Martins de Ataíde*.

Beatriz era princesa  
De origem Napolitana  
Corpo esbelto, colo erguido  
De estatura mediana  
Tinha a singularidade  
De uma virgem soberana

Seu pai era rei de Nápoles  
Protegeu sempre a pobreza  
Amava o catolicismo  
Pelo dom da natureza  
E sempre costumou fazer  
As vontades da princesa.

Beatriz era tão linda  
Dotada de simpatia  
Tanto era em formosura  
Como na aristocracia.  
Era a jovem mais galante  
Que ali se conhecia.

Beatriz tinha os olhares  
Com atração de uma pilha  
O rei fazia banquetes  
A pedido da família  
Com as juntas e torneios  
Por amor de sua filha.

Torneios é para quem tinha  
Muito valor e coragem  
Beatriz estando presente  
Vinham render-lhe homenagem  
Servindo aquilo de honra  
Para aquela personagem.

Havia o conde Pierre  
De descendência Francesa  
Para as juntas e torneios  
Tinha bastante destreza  
Ficou muito apaixonado  
Pelos sinais da princesa.

Disse Pierre aos vassallos  
Pode haver o que houver  
Vou à pátria desta jovem

Só se meu pai não quizer  
Embora depois me acabe  
De um acidente qualquer.

Pierre tinha na mente  
Todos sinais da donzela  
Ainda não houve exemplo  
De outra que fôsse tão bela  
Não teve naquele século  
Uma moça igual àquela.

Disse Pierre a si mesmo  
Não sei se serei feliz  
Abandonar minha pátria  
Por amor de Beatriz  
Vou consultar a meu pai  
E ver êle o que me diz.

No outro dia de manhã  
Foi ao velho consultou  
O que tinha em pensamento  
O velho não aprovou  
Disse-lhe energicamente  
Esta licença não dou.

Vendo o conde e a condessa  
Do filho a resolução  
Sendo de menor idade  
Sem ter uso de razão  
Querendo deixá-los sofrendo  
Na maior perturbação.

Disse o conde Pierre  
Tu és o meu único herdeiro.  
Como queres se retirar  
Para um país estrangeiro  
Atrás de cousas incertas  
Não tens amor a dinheiro.

Disse a condessa a seu filho  
Que me pretendes fazer?  
Êste teu fero destino  
Se acaso assim suceder  
Ponho termo à existência  
Não continuo a viver.



Disse o moço à sua mãe  
Muito humilde e paciente  
Minha mãe não se aflija  
Faça por ficar contente  
Porque serão poucos dias  
Que hei de passar ausente.

No coração de Pierre  
Não existia maldade  
Ele rogava a seus pais  
Com tanta amabilidade  
Que obteve a licença  
Embora contra vontade.

Disse Pierre a seu pai  
Preciso lhe explicar  
A licença estou com ela  
Falta agora é me arrumar  
Quero sair prevenido  
De tudo que precisar.

Os velhos não se opuseram  
Dar o que o filho pedia  
Cavalo, dinheiro, escravo,  
Que falta não lhes fazia  
Deram-lhe mas três anéis  
Jóias de alta valia.

Pierre seguiu viagem  
Depois de recomendado  
Por seu pai e sua mãe  
Foi êle abençoado  
E pela fé que tinha em Deus  
Pierre foi consolado.

Ficaram os velhos chorando  
Na maior perturbação  
Pela ausência do filho  
Não tinham consolação  
Foi mesmo que ter ficado  
Um corpo sem coração.

Pierre chegou em Nápoles  
Procurou uma estalagem  
Que coubesse a comitiva  
Com tôda sua bagagem  
Aí foi que descansaram  
O enfado da viagem

Pierre daí uns dias  
Depois de ter descansado

Chamou o estalajadeiro:  
Dêle foi bem informado  
Qual era o melhor costume  
Que tinha aquele reinado.

Prontamente respondeu  
O bom estalajadeiro  
O rei daqui apreciava  
Tôda classe de estrangeiros  
E com especialidade  
Se fôr um bom cavaleiro

Pierre ficou alegre  
Conhecendo seu valor  
Para juntas e torneios  
Não tinha competidor  
E havia de ser distinto  
Presente o Imperador.

D. Henrique de Cardona  
Que muito se distinguia  
Por conhecer da matéria  
De tôda cavalaria  
Do rei era afeiçoado  
Pela sua valentia.

Marcaram o dia da junta  
Pierre foi avisado  
De manhã foi para a missa  
Deixou dito ao seu criado  
Quando eu voltar da missa  
Quero o cavalo selado.

Pierre voltou da missa  
Estava o cavalo selado  
Alimentaram-se bem  
Ele com o seu criado  
Seguiram um após outro  
Para o lugar destinado.

Quando Pierre chegou  
Ao lugar referido  
Viu um sublime Teatro  
Ricamente guarnecido  
Onde se achava a princesa  
Por quem foi êle atraído

Quando avistaram Pierre  
Ficou tudo admirado  
De ver tanta fidalguia  
Do moço com seu criado

E' comum dos estrangeiros  
Por todos ser reparado

Beatriz vendo Pierre  
Ficou muito embelezada  
Dando sinal que estava  
Só em contemplar Pierre  
Não deu atenção a nada.

Ao começar dos torneios  
D. Henrique foi na frente  
Um duque da Noruega  
Muito esforçado e valente  
Foi ao encontro dêle  
Onde feriu gravemente.

Arrebentaram as lanças  
Sendo um cavalo ferido  
As damas se levantaram  
O rei ficou comovido  
Porém afinal de contas  
O príncipe saiu vencido.

O duque da Noruega  
Mostrou sua valentia  
Pierre não se conteve  
Partiu com tanta ousadia  
De um açoite que deu nêle  
Lançou-o na terra fria.

Havia um Duque na junta  
Que ficou maravilhado  
Vendo aquela ação heróica  
Do moço recém-chegado  
Passou o resto do dia  
Um pouco desanimado.

Quando terminada a junta  
Pierre como estrangeiro  
Voltou ao aposento  
Com um duque e um cavaleiro  
Iam ver a residência  
Daquele herói forasteiro

Tanto o rei como a rainha  
Não cessavam de louvar,  
As proezas de Pierre  
Eram de impressionar  
De formas que em outro príncipe  
Ninguém ouvia tratar.

A formosa Beatriz  
Se ardia em chamas de amor  
O coração de Pierre,  
Mostrava tanto valor  
Que o recato da jovem  
Se desmanchava em pudor

Beatriz voltou à casa  
Cheia de ansiedade  
Dizendo às suas amigas  
Vou contra a minha vontade  
Só em pensar em Pierre  
E' uma fatalidade.

Pierre em seu aposento  
Cheio de melancolia  
Sofrendo da mesma dôr  
Do mesmo jeito dizia,  
Eu longe de Beatriz  
Não posso estar, nem um dia

Na côrte havia um banquete  
Pierre foi convidado,  
Por um postal de El'rei  
Quase de modo cifrado  
Dando a saber a Pierre  
Que lhe era afeiçoado.

Depois foram convidando  
De um a um cavalheiro,  
Postal só teve Pierre  
Considerado primeiro  
O resto foi verbalmente  
P'ra quem não fôsse estrangeiro

Depois de feito a junção  
Dos cavalheiros que havia  
Ao convite do rei  
Tudo ali comparecia  
Pierre como estrangeiro  
Gozava de simpatia.

Chegando a hora da mesa  
Posta com solenidade  
Pierre que possuía  
Muito bôa qualidade.  
O rei sentou-o vis-a-vis  
Com a sua majestade.

Quando Pierre sentou-se  
Ficou tão regozijado

Em olhar para a princesa  
Fazia o talher parado  
Na mesa de um monarca  
Nada d'isto é reparado

Beatriz durante o jantar  
Do mundo se esqueceu  
A êle manifestava  
Todo pensamento seu  
— Eu sou tôda de Pierre  
E Pierre é todo meu.

Quando terminou a janta  
O rei pôs em liberdade  
Sendo respeitosamente  
Com muita capacidade  
Que as damas conversassem  
Com quem tivesse vontade.

As damas que tinham sêde  
De mostrar sua afeição  
Procuravam aqueles jovens  
De quem já tinha intenção  
Beatriz tirou Pierre  
Da sua predileção.

Beatriz chamou Pierre  
Para um lugar reservado  
Um gabinete sublime  
Muito rico e bem ornado  
Mandou Pierre sentar-se  
E depois sentou-se de lado

Disse a princesa a Pierre  
Eu o amo de coração  
Não disse de viva voz  
P'ra não dar demonstração  
Mas quero que o sr. me diga  
Qual é a sua nação.

Sou Francês, respondeu êle  
Pensando a vida futura  
Deixei a casa paterna  
Serviu-se até de censura  
Quem me fez vir nesse reino  
Foi a sua formosura.

São finezas impagáveis  
Que muito lhe agradeço  
Ter elogios por vós

Creio que jamais mereço  
Perdôa-me a confiança  
Que a vós também me ofereço

Disse a princesa a Pierre  
O senhor não avalia  
As horas que passo ausente  
Que momentos de agonia...  
Veja se damos um jeito  
Para vermos todo dia.

Beatriz depois lembrou-se  
Que havia impedimento  
Meu pai lhe aprecia muito  
Mas não tem tal pensamento  
Que o senhor tenha lembrança  
De pedir-me em casamento.

Disse Pierre a si mesmo  
Estou muito mal situado  
Se o rei foi ciente d'isto  
Fica muito indignado  
E se eu roubar a princesa  
E' triste o meu resultado.

Depois perguntou a ela:  
Tens coragem de fugir?  
Pois não, respondeu a jovem  
Estou pronta para seguir  
Quero ajudar a sentir.

Pierre então conheceu  
Uma grande confiança  
Que a jovem lhe dispensava,  
Entregou-lhe uma aliança  
Dizendo: tem o meu nome  
Que fica como lembrança.

Beatriz guardou a jóia  
Disse a Pierre outra vez  
Me escreva amanhã dizendo  
Tôda arrumação que fez  
Faça jeito de sairmos  
No dia vinte do mês.

Estava na última hora  
A rainha perguntou  
Se Beatriz se lembrava  
Do tempo que ali passou  
Terminando estas palavras  
Pierre se retirou.

Quando chegou no salão  
A todos fez continência  
Beijando a mão de el-rei  
Com muita benevolência  
E pouco depois retirou-se  
Para a sua residência.

Chegando porém em casa  
Tratou da arrumação  
No outro dia bem cedo  
Mandou a ela um cartão  
Dizendo que lhe esperasse  
Às dez horas no portão.

Beatriz leu o cartão  
Que vinha dizendo assim:  
Bote o que fôr necessário  
Sôbre a chácara do jardim  
E as onze e meia da noite  
Esteja esperando por mim.

Assim mesmo fez a jovem  
Arrumou tudo que havia  
Jóias de ouro e brilhantes  
De mais subida valia  
E foi esperar por Pierre  
No lugar que prometia.

Pierre que tinha pronta  
Tôda sua arrumação  
Tirou o melhor cavalo  
Que andasse bem no silhão  
E seguiu em busca do anjo  
Da sua imaginação.

Chegou Pierre ao lugar  
Resfriado do relento  
Porém achou sua jovem  
Em grande contentamento  
Montaram e foram seguindo  
Em paz e salvamento.

Seguiram a tôda brisa  
Sem um momento parar  
Os cavalos eram possantes  
Nem um temia a cansar  
Se abrigaram em um penedo  
Perto da beira do mar.

Daquela data por diante  
Começaram a sofrer.

Estavam perto da catástrofe  
Que havia de acontecer,  
Só não fizeram morrer.

Isto era um antro esquisito  
De ladrão e salteador  
Nada Pierre temia  
Devido a tanto valor  
Mesmo não há homem fraco  
Sofrendo febre de amor.

Aí então descansam  
Com muita satisfação  
Relatando os seus amores  
Naquela ocasião  
Sem saber que perto está  
Tôda sua perdição.

Beatriz que tinha sono  
Tratou de se recostar  
Sôbre o silhão que estava  
Repousado em um lugar.  
Conciliando um letargo  
De um sono sem despertar.

Beatriz durante o sono  
A calma lhe encomodava  
Pierre tirou um lenço  
Que na mão dela estava  
Para enxugar o suor  
Que nas faces deslizava.

O lenço ficou molhado  
Botou-o para enxugar  
Sôbre uma pedra que tinha  
Perto daquele lugar  
Pierre com muito sono  
Procura descansar.

Pierre também estava  
Muito cortido de sono  
Deixou o lenço e as jóias  
Em um completo abandono  
Em cima de uma pedra  
Como quem não tinha dono.

O lenço era encarnado  
Quase da côr de rubim  
Veio um animal carnívoro  
Com fome em tempo ruim  
Pensando que era carne  
Pegou no lenço e deu fim.

Correu com êle no dente  
Pierre então pressentiu.  
Da capa fêz travesseiro  
Botou na jovem e seguiu  
Para ver se tomava o lenço  
Do animal que fugiu.

O animal conhecendo  
Que Pierre o perseguia  
Quebrava mato no peito  
Com mais talento corria  
Chegaram na beira mar  
E Pierre não conhecia.

Tinham corrido três léguas  
Pierre estava cansado  
O animal que trazia  
Na presa o lenço agarrado  
Meteu o peito na onda  
Procurando o outro lado.

Adiante viu uma pedra  
Aonde pôde descansar  
Sempre lutando com o lenço  
Ver se podia rasgar  
E vendo que não era nada  
Deixou o lenço ficar.

Pierre estava olhando  
Onde o animal parou.  
Saiu pela beira da praia  
Um bote velho encontrou  
Que seguiu remando nêle  
Para onde o lenço ficou.

Levantou-se o mar sanhudo  
Naquela areia fragosa  
Caíu centelha de fogo  
Sôbre a onda procelosa  
Deixando o mundo cinzento  
Nesta casa tenebrosa.

Ergueu-se um vento nordeste  
Soprando de norte a sul  
Agitando a atmosfera  
Esta perdeu seu azul  
Arremessando Pierre  
Para o lado do Frul.

Disse Pierre chorando  
Grandes crimes são os meus  
Invocava ao Santo-Cristo

Todos os pedidos seus  
E entregava a sua jovem  
Aos prodígios de Deus.

Pierre se lastimava  
Meu Deus que hei de fazer,  
A minha espôsa futura  
A quem jamais hei de ver!  
O coração só me pede  
Lançar-me n'água e morrer.

Pierre não se lembrava  
Nem do nome da rainha  
Imaginava a princesa  
Que cruel sorte mesquinha  
O que será de minha jovem  
Naquele monte sozinha.

Depois o mar agitou-se  
Pierre viu que morria  
Desenganou-se da vida  
E da jovem não se esquecia  
Fitou os olhos no céu  
E por esta forma dizia:

Senhor Deus Onipotente!...  
Salvador da humanidade  
Pelo calix de amargura.  
Tendes de mim piedade  
Socorrei ao vosso servo  
Em tão grande crueldade.

Gloriosíssima virgem  
Mãe do nosso Redentor  
Valei-me por caridade  
Rogai a nosso Senhor  
Perdôa as iniquidades  
Dêste infeliz pecador.

Ah! formosa Beatriz  
Quanto eu sou desgraçado  
Deixei-te nessa montanha  
Sem tal nunca ter pensado  
Manchando de negras nódoas  
Teu céu tão bem azulado.

Era um ato tão doloroso  
Ver Pierre lamentar  
Pedindo aos silfos travasos  
Que habitam as águas do mar  
Me matem por piedade!  
Me queiram também matar.

Depois cessou mais o vento  
No amanhecer do dia  
Pierre estava gelado  
Da frieza que sofria  
Olhou para um lado e foi vendo  
Um barco de Alexandria.

Pierre vendo o navio  
Fêz sinal para o capitão  
Este que era um monstro  
Um ente sem coração  
Levou-o e vendeu-o como escravo  
Ao rei daquela nação.

Vamos tratar da princesa  
Na hora que despertou.  
Chamava por seu querido  
Três vezes ninguém falou  
Interrogava a si mesmo  
Pierre que fim levou?

Disse ela: Por ventura  
Quererás me experimentar?  
Falsidade em Beatriz  
Nunca tu hás de encontrar  
Me vejo neste deserto  
Somente por te amar.

Creio que não tenho culpa  
De me ver tão castigada  
Vem logo, espôso querido  
Não me deixes abandonada  
Neste monte solitário  
Por todos desamparada.

Ai! querido espôso, amado  
Não creio em tua fugida  
Creio que as feras brutas  
Te devoraram a vida  
Deixando-me nesta montanha  
Por todo mundo esquecida.

Minha santa Virgem Mãe  
Meu anjo são Serafim  
Para que foram servidos  
De eu dormir tanto assim.  
Me acabo neste deserto  
Oh! desgraçada de mim.

Oh! Virgem da Soledade  
Valei-me nesta aflição

Pela hóstia consagrada  
Tendes de mim compaixão  
Guiai a triste donzela  
Nessa horrenda solidão.

Foi se aproximando a noite  
Beatriz disse consigo  
Pierre não aparece  
Vou procurar um abrigo  
Subiu em uma árvore  
Para se livrar do perigo.

No outro dia bem cedo  
Desceu a triste donzela  
Que tinha passado a noite  
Numa prisão como aquela  
E saiu vagando no bosque  
Como um navio sem vela.

Andou até as 3 horas  
Num sofrimento tirano  
Fugindo sempre do lado  
Que ficava o oceano,  
Depois saiu numa estrada  
Que andava o povo romano.

Beatriz que ainda aí  
Muito linda e bem ornada  
Temendo algum traiçoeiro  
Na beira daquela estrada  
Trocou seu rico vestido  
Por um de uma criada.

Daí foi para Provença  
Fazendo feliz jornada  
Gastando um tempo imenso  
Porque se achava cansada  
Foi se arrancar numa casa  
De uma viúva honrada.

Ela aí passou melhor  
Pôde então descansar  
Vendo se a viúva dava  
Assunto p'ra conversar  
Depois perguntou quem era  
Chefe daquele lugar.

Disse a viúva é um Conde  
Rico de um bom coração  
Protege muito a pobreza



De todos tem compaixão  
Até mesmo um proletário  
Ele presta bem atenção.

Disse a viúva outra vez  
Ele vive atribulado  
Devido ao filho Pierre  
Há tempos ter embarcado  
Fazem dois anos que espera  
Até hoje não, é chegado.

Beatriz tinha jurado  
De a Pierre ser leal  
Pedi licença ao conde  
Para fazer um hospital  
Para internar-se nêle  
Até na hora final.

Disse o conde à peregrina  
Pois não, eu dou a licença  
Quero que a senhora diga  
Qual o lugar que pensa  
Respondeu a peregrina  
Junto ao pôrto de Provença

Foi o prédio edificado  
Tinha um disco na parede  
Com êste nome gravado  
Hospital Napolitano  
Pela dona intitulado.

Entrou a triste donzela  
Nessa casa piedosa  
Tratando dos seus doentes  
Muito humilde e caridosa.  
Que em Provença tinha nome  
De enfermeira virtuosa

O conde sabendo disto  
Foi lhe fazer um pedido  
Que rezasse por seu filho  
Que tinha como perdido  
Há dois anos que esperava  
E não tinha aparecido.

Sim, senhor, respondeu ela  
Se fazendo indiferente  
Eu rezo pelo seu filho  
Que tem vidido ausente  
E tenho fé viva em Deus  
De êle chegar brevemente.

O conde voltou à casa  
Comunicando a condessa  
Hoje fui no hospital  
Tive uma bôa promessa  
Pelo que a enfermeira diz  
Talvez Pierre apareça.

Pierre que estava vivendo  
Numa vida de amargura,  
Feito escravo do sultão  
Naquela prisão tão dura  
Porém êle tinha fé  
De ver a sua futura.

Pierre era um moço  
Esbelto e bem educado  
Com muito mimo e agrado  
Rivalizando os vassalos  
De todo aquele reinado.

O sultão amava a Pierre  
E tinha tanta simpatia  
Sendo a segunda pessoa  
Para tudo quanto queria  
Pierre naquela côrte  
O que quisesse fazia

Pierre nunca esqueceu-se  
Da formosa Beatriz  
Pedi licença ao sultão  
Para ir ao seu país.  
Êste prontamente deu  
Dizendo: seja feliz.

Disse o sultão a Pierre  
Acho bom ir arrumado  
Leve quinhentos milhões  
Dinheiro forte e cunhado  
Que o homem bem prevenido  
Nunca se vê afrontado

Pierre então arrumou-se  
De tudo que pretendia.  
Despediu-se do sultão  
Para sair neste dia  
E seguir num barco que tinha  
No pôrto de Alexandria.

Pierre chegou a bordo  
Adoeceu de repente,

Depois de vinte e um dias  
Se achava tão diferente  
O seu semblante cadavérico  
Não parecia ser gente.

Chegado o barco em Provença  
Estando o moço muito mal  
Não sabiam se êle era  
Estrangeiro ou nacional,  
Tiraram êle do barco,  
E botaram no hospital

Pierre no hospital  
Foi muito bem acolhido  
Não conheceu Beatriz  
e por ela foi conhecido  
Porque só era a imagem  
Que ela tinha em sentido.

Beatriz quando se viu  
Com o seu futuro de um lado  
Embora que êle estivesse  
Doente e desgovernado  
O regozijo foi tanto  
Que se esqueceu do passado.

Beatriz tratava o moço  
De um modo indiferente  
Com muito zelo e cuidado  
Mas êle sempre inocente  
Que residia tão perto  
O anjo de sua mente.

No dia em que Pierre  
Ficou restabelecido,  
Ela fez ciente ao conde  
Lembrou também o pedido

E deu parte que o filho dêle  
Já lhe tinha aparecido.

Veio o conde e a condessa  
E alguém que foi convidado  
Mas encontraram Pierre  
Um pouco desconsolado  
Ficaram ali conversando  
Em relações do passado.

Beatriz que sempre foi  
Um encanto de beleza,  
Foi p'ra seu quarto e vestiu-se  
Com o seu traje de princesa  
E foi falar com Pierre  
Fazendo-lhe uma surpresa.

O conde viu a princesa  
Chegar assim disfarçada  
Foi perguntando a Pierre  
Como quem não via nada  
Me diz que senhora é esta  
Tão ricamente adornada?

Pierre lhe respondeu  
Também muito admirado  
E' esta minha futura  
Por quem andei desterrado  
Filha de El Rei de Nápoles  
E sucessora do reinado

Daquela data em diante  
Foi sepultada a tristeza,  
Pierre casou-se logo  
Com a sua amada princesa  
Ficou morando em Provença  
No apogeu da riqueza

---

### “A Nova história da Princesa Magalona”, versão de Portugal

Soberano de Provença,  
Era João de Salis,  
Casado com uma filha,  
Do grande duque de Albis.

Do seu consórcio somente,  
Um filho tinha ficado.  
Era Pierre o seu nome  
E da província adorado.

Uma tarde estava êle,  
Com a nobreza a falar,  
Nas altas questões guerreiras  
Todo o povo ia tratar.

Há em Nápoles, senhor,  
Começou um cortesão  
Um rei que tem uma filha,  
Formosa por eleição.

Muitas justas e torneios.  
Por honra dela são feitos  
E os mais nobres fidalgos,  
Lhe rendem humildes preitos.

Com o peito ardente em chama  
Nada mais quis Pierre ouvir,  
Licença para viajar  
Logo a seu pai foi pedir.

E alguns dias depois,  
Para Nápoles partia,  
Levando luzida escolta  
Para lhe fazer companhia.

Mal entrou na capital,  
Numa estalagem parou.  
E dos costumes da terra,  
Com minúcia se informou.

Então soube que era el-rei,  
Muito nobre e cavalheiro.  
Quem bem o receberia  
Por ser mancebo estrangeiro.

Falou-lhe de Magalona,  
Modêlo de formosura,  
Coração altivo, nobre,  
Porém cheio de candura.

Também lhe disse que as justas  
Se iam realizar,  
Onde Henrique de Cardona,  
Seu brio queria mostrar.

Ficou Pierre mui contente  
Por aquela informação,  
E no peito lhe bateu,  
Violentamente o coração.

Houve luzido torneio,  
No domingo imediato,  
Não podia deixar Pierre,  
De assistir a tão grande ato.

Depois de ter ido à missa  
Belo cavalo montou,  
Faiscava a sua lança  
Quando na arena entrou.

D. Henrique de Cardona,  
Nessa hora combatia,

Um cavaleiro flamengo,  
Seu bravo cavalo feria.

Pierre altivo e orgulhoso,  
Pela arena atravessou,  
O cavaleiro flamengo,  
Dum só golpe derrubou.

A princesa Magalona,  
Com o lenço lhe acenava,  
E o rei e tōda a cōrte,  
Para Pierre se voltava.

E Pierre nessa tarde,  
Tōdas as justas ganhou.  
As lanças dos cavaleiros,  
Uma a uma êle quebrou.

Outros torneios se deram,  
Em que só êle luziu,  
E por Pierre, Magalona,  
Intensa paixão sentiu,

El-rei convidou a Pierre,  
Para consigo jantar,  
E em frente de Magalona,  
Cortês o mandou sentar.

Nem êle nem a Princesa,  
Os belos manjares tocaram,  
A trocar olhares ardentes,  
Durante o jantar ficaram.

No fim ficou Magalona,  
Com Pierre a conversar,  
O amor que os ligava,  
Não podiam já negar.

E o nobre cavaleiro  
Apenas se retirou,  
Quando a rainha ao pé dêles,  
Mui gentilmente chegou.

Regressou Pierre à casa,  
Cheio de contentamento  
Magalona lhe ocupava,  
Por inteiro o pensamento.

Magalona a velha ama,  
Mandou um dia chamar,  
Para do seu bem amado,  
Uns informes ir tirar.

Tu sabes, ela lhe disse,  
Que tenho por Pierre amor  
Junto dêle tu irás,  
P'ra lhe pedir um favor.

A origem dêle quero,  
Que tu me vás indagar,  
Poís se fôr de nobre estirpe,  
Comigo há de casar.

Partiu a pobre velhinha,  
E a Pierre procurou.  
Na igreja a ouvir missa,  
A sós com êle se achou.

Da parte de Magalona,  
Espeto que me digais,  
Donde sois, e qual o nome  
De vossos amados pais.

Ide dizer sem demora,  
A vossa ama e princesa,  
Que sou da Provença e filho,  
Da mais distinta nobreza.

E tu recebe êste anel,  
Por simples recordação,  
E mais dirás à princesa,  
Que é seu o meu coração.

Horas depois a princesa,  
Sua ama recebia,  
E estas felizes novas,  
Da própria boca lhe ouvia.

Depois o formoso anel,  
Magalona lhe pediu,  
E sôbre os finos brilhantes,  
Longo beijo lhe imprimiu.

Em troca desta lembrança,  
Quando quiseres te darei.  
Mas quero ficar com ela,  
No meu peito a guardarei.

Guarde-a linda princesa,  
Se isso gosto vos dá.  
No vosso dedo, senhora,  
Lindamente ficará.

E a Magalona, à ama,  
O anel logo cedeu.  
Ela contente e risonha,  
Logo no dedo o meteu.

Por Magalona e por Pierre  
Tanto a ama se interessou,  
Que novamente na igreja,  
A velhinha o procurou,

Senhor o vosso recado,  
A minha senhora eu dei,  
De tôda a vossa missão,  
Logo me desempenhei.

Por vosso valor e brio,  
Ela está apaixonada.  
E se fôr do vosso agrado,  
Será por vós desposada.

— Dizei-lhe, bôa mulher,  
Que seu escravo serei.  
E que por ela com gosto,  
Meu sangue derramarei.

Sois amanhã esperado,  
Às três horas no jardim.  
Poís deseje ela provar  
Que seu amor não tem fim.

A porta me encontrareis  
E de mim podeis dispor.  
Depois vos conduzirei,  
A mulher do vosso amor.

De vós, já tem Magalona  
Mui linda recordação;  
Ela tem o vosso anel  
Junto do seu coração.

Levai-lhe também estoutro  
Que tem dobrado valor.  
Dizei-lhe que é a prova,  
Das chamas do meu amor.

E amanhã às três horas,  
Pelo jardim passarei.  
Poís pela linda princesa,  
O que é que eu não farei?

Partiu a ama ligeira,  
A transbordar de alegria

E quando no passo entrou,  
Seu olhar sem luz sorria.

A conversa que tivera,  
A Magalona contou  
E a nova e rica prenda,  
Nas mãos lhe depositou.

Bem me pareceu, disse-lhe ela  
Pondo a mão no coração,  
Que Pierre é cavaleiro  
De mui alta distinção.

Em frente ao jardim do Paço,  
Contente, Pierre apareceu,  
O enorme carrilhão  
As três badaladas deu.

Veio à porta do jardim,  
A ama muito contente.  
E ao quarto da princesa  
O levou incontinente.

Esta, ao ver o seu amado,  
Muito corada ficou.  
E somente por seu pejo  
E' que não o abraçou.

Donde vindes e quem sois,  
Espero que me digais.  
Pois eu estou ansiosa  
Por conhecer vossos pais.

E' o conde de Provença  
Dos meus dias o autor.  
El-rei de França é meu tio  
Vim aquí por vosso amor.

Pois se tanto desejardes,  
A minha mão vos darei.  
Pois nenhum homem do mundo  
Como a vós eu amarei.

Fico sendo vosso servo,  
Sem a menor condição.  
E a vossos pés deponho,  
Meu humilde coração.

E o mais formoso anel,  
Do seu dedo êle tirou  
Para provar o seu amor  
A princesa o ofertou.

Esta porém tirou,  
De seu colo virginal,  
Um colar de fino ouro,  
Como não havia igual.

Nobre Pierre é para vós  
Esta pequena lembrança,  
E' a prova de que tenho,  
Em vosso amor confiança.

Depois, despediu-se Pierre,  
Cheio de íntima alegria.  
O seu doce e meigo olhar,  
Com viva luz lhe sorria.

Partiu logo para a igreja,  
Fêz fervorosa oração  
Deixando a linda princesa  
Doida e cega de paixão.

Foi D. Jorge de Colona,  
Um soberbo cavalleiro.  
Em Roma havia nascido  
De seu pai ficara herdeiro.

Pela bela Magalona  
Se sentiu apaixonado.  
A-pesar-do seu amor,  
Nunca lhe ter conquistado.

Ao pai dela foi pedir,  
Licença p'ra combater  
Por amor de Magalona,  
Queria nas justas vencer.

Sendo-lhe dada a licença,  
Em nome de Magalona  
A sua lança cruzou.

A muitos dos cavaleiros,  
Trabalhou por os vencer.  
Nos torneios êle entrou.  
Sua lança de aço fino  
Teimava em não se render.

Mas quando chegou a vez,  
De com Pierre êle lutar,  
Logo o rosto lhe mudou,  
O que o fêz fraquejar.

Logo à primeira sortida  
O seu cavalo caiu.

E Pierre com a sua lança,  
No ombro esquerdo o feriu.

Era a maior das vitórias,  
Que Pierre podia ter.  
Pois D. Jorge se gabava,  
De ninguém o combater.

Magalona, febrilmente  
Com o lenço lhe acenava  
Enquanto que o seu rival  
Da liça se retirava.

De novo el-rei convidou  
O vencedor para jantar.  
Grandes festas se fizeram  
Para o vangloriar.

E a Pierre, tóda a gente  
Desejava conhecer.  
Mas a ninguém êle dava,  
Seu segredo a conhecer.

Por cavaleiro das chaves  
Era êle conhecido  
E todos se admiravam  
Dêle nunca ser vencido.

Mui nobre e linda princesa  
De vós me vou despedir  
Meus pais por mim já esperam  
E' me preciso partir.

Magalona apaixonada,  
Desatou logo a chorar.  
Pois o seu formoso amado,  
Não podia abandonar.

Senhor, ela lhe disse  
Junto de vós partirei,  
Sem a vossa companhia  
Com certeza morrerei.

Contanto que respeiteis,  
Minha honra de donzela.  
Pois só casando convosco,  
Vós, sereis o senhor dela.

E Pierre lhe jurou  
Eterna fidelidade  
Pois honrado, não podia,  
Macular-lhe a virgindade,

Três dias eram passados  
E os dois iam fugir.  
Confiando no amor,  
No seu ridente porvir.

Alta noite dois cavalos  
Pela estrada galopavam  
Sôbre as suas fôfas selas.  
Os dois amantes levavam.

Muito longe se apearam  
Tomando uma refeição.  
E trocando mil palavras  
Saídas do coração.

Por fim a linda princesa,  
De cansada adormeceu  
E no peito de Pierre  
Sua cabeça escondeu.

Mas do paço já partiam,  
Mil cavaleiros luzidos,  
Montados nos seus cavalos  
Em busca dos fugitivos.

Quando a princesa fugiu,  
Os anéis tinha levado.  
Com jóias e muito ouro,  
Tudo num lenço embrulhado.

Mas enquanto ela dormia,  
Uma ave lho roubou.  
Pierre muito inquieto,  
Por êsse fato ficou.

Sem acordar a princesa,  
Atrás da ave correu.  
Muitas pedras lhe atirou  
Mas com nenhuma lhe deu.

Quando sôbre o mar passava  
O lenço deixou cair.  
Pierre saltou a um bote,  
P'ra melhor a perseguir.

Mas as ondas espumantes,  
Para longe o arrastaram.  
E numa ilha deserta,  
O pobre Pierre lançaram.

Chorando de comoção  
Seus cabelos arrancava



Nisto um navio de mouros  
Por sua frente passava.

O patrão saltou em terra,  
Para o navio o levou  
Somente em Alexandria,  
Com êle desembarcou.

Ao grande sultão do Cairo,  
Apressado o ofereceu,  
E por um punhado de ouro  
Como escravo lho vendeu.

Ficando Pierre captivo,  
Noite e dia êle chorava  
E no meio de fugir  
Continuamente pensava.

A amizade do Sultão,  
Tinha Pierre conquistado.  
Até mesmo pela côrte  
Era muito respeitado.

Nos atos oficiais  
Seu amor representava.  
Pode dizer-se, no Cairo  
Era êle quem mandava.

Mas nem por isso podia.  
A sua dôr suportar,  
E na pobre Magalona,  
Passava o tempo a pensar.

Mal acordou a princesa  
Pelo seu Pierre chamou,  
Mas sentada à sua beira  
Já ela não o encontrou.

Estavam mui perto dela,  
Os cavalos a pastar,  
Foram as feras, pensou  
Que o vieram matar.

E correndo pelo bosque,  
Com tôda a fôrça gritou  
Mas apenas sua voz  
Pelos montes ecoou.

Sôbre os ramos duma árvore  
Sem poder adormecer  
A triste passou a noite,  
Até a amanhã romper.

Depois, orando por Pierre  
Da grande mata saiu.  
E na entrada de Roma,  
De repente ela se viu.

Com uma pobre mendiga,  
Seu vestuário trocou  
E guardando todo o ouro  
Para Roma caminhou.

A Catedral de S. Pedro  
Magalona foi orar  
Ficou depois longas horas,  
Pelo seu Pierre a chorar.

Uma escolta numerosa  
Na praça de Roma viu  
Mas ela, com seu disfarce,  
Entre o povo se sumiu.

Era seu pai que mandava  
Magalona procurar  
Às suas largas pesquisas  
Não pode de Roma escapar.

A pobre muito abatida  
Pelas montanhas ficava,  
No seu trajar de mendiga,  
Todo o dia caminhava.

Mal chegava a qualquer terra  
Tratava de indagar  
Se do seu amado Pierre,  
Alguém ouvira falar.

Mas sem já ter esperança  
Para Provença partiu,  
Muito e muito pesarosa,  
Quando sozinha se viu.

Mal chegou à Provença  
E nos seus muros entrou,  
A formosa Magalona  
Uma viúva encontrou.

Por ser noite, lhe pediu  
Um quarto para dormir  
Por não poder a tal hora,  
Sua jornada seguir.

Com desvelado carinho  
A viúva a recebeu,

Sua cama e sua ceia  
Gentilmente lhe ofereceu.

Que tinha vindo de Roma  
Magalona lhe contou.  
E dos costumes da terra  
Com cuidado se informou,

Do conde e seu filho Pierre  
Ouvia ela a narração,  
Todos, dizia a viúva  
Lhe tinham veneração.

Mais uma vez Magalona,  
Por seu amante chorou,  
E de casa da viúva  
De manhã se retirou.

Junto do Paço do Condado  
Fundou ela um hospital  
Pois suas jóias lhe deram  
Abundante cabedal.

Os doentes ela própria  
Mui docilmente tratava  
Tôda a gente de Provença  
Grande santa lhe chamava.

Pelo muito nobre Conde  
Foi um dia visitada  
Deixando-lhe êste ao sair,  
Uma quantia avultada.

Magalona ao despedir-se  
Ficou convulsa a chorar  
E pelo filho do Conde,  
A Deus ficou a orar.

Ao hospital ela pôs  
O nome do seu amado,  
Porque lágrimas de sangue  
A pobre tinha chorado.

Mas a pobre tinha fé,  
De o poder encontrar,  
Pelo seu feliz regresso  
Passava a noite a chorar.

No alto mar, um pescador  
Enorme peixe apanhou.  
Por ser muito extravagante  
De pronto ao conde o levou.

Para a cozinha do Paço,  
Logo o peixe transportaram,  
Um lenço com três anéis.  
Dentro do buxo encontraram.

A condessa, mal os viu,  
Quase que desfaleceu.  
Pois os anéis de seu filho,  
A pobre mãe conheceu.

Ao espôso, a triste nova,  
A tôda a pressa foi dar.  
Todo o dia, pobre conde.  
Não fêz mais do que chorar.

Ao hospital de S. Pedro,  
Chorando de aflição,  
Foi ter a pobre condessa,  
Para fazer oração.

O lenço com os anéis,  
A Magalona mostrou.  
A pobre chorou de dôr,  
E como pôde a consolou.

Eu tenho muita esperança  
De seu filho ver voltar.  
Pois voz secreta me diz,  
Que não se perdeu no mar.

Que Deus a ouça, senhora.  
A condessa repetiu.  
E na sua fronte bela,  
Saudoso beijo imprimiu.

Para ela dar de esmola,  
Muito ouro lhe deixou,  
E depois limpando os olhos,  
Do hospital se retirou.

Na capela, Magalona  
Passou a noite a rezar.  
Tinha os olhos já tão secos  
Que mal podia chorar.

Mas nem o menor vestígio  
De seu Pierre lhe falava.  
E o maior dos pesares,  
Sua alma retalhava.

Em Deus, porém, confiava,  
Ver ainda o seu amado.

E só assim Magalona,  
A vida tinha poupado.

Ao sultão, um dia Pierre  
Mui triste se dirigiu,  
Licença para ver seus pais,  
Com interêsse lhe pediu.

Mal obteve a licença,  
Logo tratou da partida.  
Muito ouro lhe foi dado,  
No ato da despedida.

No fundo de três barricas,  
Tôda a fortuna lançou.  
E depois para disfarce,  
Por cima sal lhe deitou.

O capitão do navio,  
Mandou Pierre chamar  
As três barricas de sal,  
Lhe pediu para guardar.

Ao hospital de S. Pedro,  
Este sal é destinado  
Apenas chegue a Provença  
P'ra lá será enviado.

O navio em pouco tempo  
A uma ilha aportou,  
Para lhe ver as belezas,  
Pierre em terra saltou.

No interior da ilha,  
Descuidado se meteu.  
A sombra do arvoredo,  
Dentro em breve adormeceu.

As três horas o navio,  
O seu ferro levantou.  
Em direção à Provença  
Com bom vento navegou.

As três barricas de sal  
Magalona recebeu,  
E com montões de ouro,  
Junto do fundo ela deu.

Nas obras do hospital,  
A grande esmola gastou,  
E mais trinta enfermarias,  
Confortáveis mobilou.

Quem lhe mandava o dinheiro,  
Ela não pôde saber.  
Pensava ser uma promessa  
Que algum rico quis fazer.

Do seu amado jovem,  
Nenhuma notícia havia  
E Magalona a chorar,  
Sua vida consumia.

Logo que Pierre acordou,  
À praia se dirigiu,  
Mas o pobre desgraçado,  
Já o navio não viu.

Tal foi a sua aflição,  
Que um ataque lhe deu,  
E sobre os seixos da praia,  
Com a cabeça bateu.

Até amanhã seguinte,  
Se conservou desmaiado.  
Ao vir a si encontrou-se,  
Por três pescadores cercado.

Para a Provença o levaram,  
Na pequena embarcação.  
Pois eram mui caridosos,  
E tinham bom coração.

Ao hospital de S. Pedro,  
O infeliz foi levado,  
Magalona o recebeu,  
Com muitas provas de agrado.

Cansado, sôbre uma cama,  
Pesadamente caiu.  
E até perto da noite  
O pobre Pierre dormiu.

Magalona o recém-vindo,  
Não pôde reconhecer,  
Tão mudado êle se achava,  
De tanto e tanto sofrer.

Já de noite o doutor veio,  
O coração lhe escutou,  
Por achá-lo muito fraco,  
Cordeais lhe receitou.

Outra vez em sonolência,  
O desgraçado caiu.

E durante tôda a noite,  
Pedro Pierre dormiu.

Apenas amanheceu,  
Magalona o veio ver,  
Perguntando-lhe a sorrir  
Se elle queria comer.

Pierre já conseguira,  
As fôrças recuperar,  
Sua mente encandecida,  
Começava a serenar.

Magalona, com bons modos,  
Junto dêle se sentou,  
E quem era e donde vinha,  
Bondosa lhe perguntou.

A Magalona, Pierre,  
A sua história contou,  
Nem o mais pequeno fato,  
O infeliz ocultou.

Até das barricadas do ouro  
Não se esqueceu de falar  
E do sal que lhe deitara,  
Para o tesouro ocultar.

Seu amado e querido Pedro,  
Magalona conheceu,  
Para não mostrar o pranto,  
Nas mãos o rosto escondeu.

Depois foi para o seu quarto,  
De princesa se vestiu,  
E para junto de Pierre,  
Os seus passos dirigiu.

Este ao vê-la deu um salto,  
De joelhos se lançou,  
E a mão de Magalona  
Respeitoso lhe beijou.

Como vos venho encontrar,  
Senhora do meu amor,  
Depois de tanto chorar,  
E de sofrer amarga dôr.

Também meu leal Pierre,  
Por vós eu muito chorei,  
Além, naquela capela,  
Noites inteiras orei.

Um segredo me dizia,  
Que havias de voltar,  
E que eu não morreria,  
Sem vos poder abraçar.

O Senhor do Céu ouviu,  
Minhas pobres orações,  
E permitiu que se unissem,  
Nossos ternos corações.

E agora nobre Pierre,  
Não mais nos separaremos,  
Um para o outro no mundo,  
Até morrer viveremos.

E logo para a capela,  
Aquele par foi rezar,  
Pedindo ao senhor do mundo  
P'ra não mais os separar.

Não puderam tôda a noite,  
Nem um, nem outro dormir.  
A pensar nas alegrias,  
De seu risonho porvir.

Magalona muito alegre,  
Apenas amanheceu,  
Fêz as suas orações  
E do seu leito se ergueu.

Depois de falar com Pierre,  
Os condes foi procurar,  
Para do seu amado filho,  
Alguns informes lhe dar.

Senhores condes lhe disse ela,  
Passei a noite a sonhar,  
E nos sonhos me diziam,  
Que seu filho ia voltar.

A condessa e seu espôso  
Encheram-se de alegria,  
E principalmente o conde  
Nem queria crer no que ouvia.

Para domingo, senhores,  
No hospital os espero.  
E dar-lhes grande prazer,  
No Senhor do céu espero.

Foram no domingo os condes  
Magalona visitar,  
A condessa não podia  
Sem receio disfarçar.

Perguntou-lhes Magalona,  
Se seu filho conheciam.  
Por certo minha Senhora  
Os seus pais lhe respondiam.

Logo uma porta se abriu,  
Pierre lhes apareceu.  
E um grito de alegria,  
Ao ver seus pais êle deu.

E ridente a sua história  
Logo Pierre lhes contou.

E sua amada princesa  
A seus pais apresentou.

Dias depois Magalona  
Com seu amado casava,  
E o coração dos condes,  
De alegria transbordava.

Fizeram-se grandes festas,  
Foi Pierre aclamado.  
Pelo povo de Provença,  
Em triunfo arrebatado.

Da princesa Magalona,  
Eis terminada a história.  
Provença venera ainda,  
Do leal par a memória.

## Poesia Mnemônica e tradicional

### b) Pé Quebrado.

O Pé-quebrado é uma quadra, quase sempre de sete sílabas, rimando o 2.º com o 3.º verso e o 4.º com o 1.º da quadra imediata. A denominação é ibérica. Na Espanha chama-no "*pie quebrado*" e "*retorneás*". Em Portugal o mesmo que no Brasil. (\*) O quarto verso tem um número inferior de sílabas métricas, daí dizer-se que tem o "pé quebrado".

É o gênero satírico por excelência. No pé-quebrado estão os "testamentos de Judas", os "pelos sinais", a versalhada política de outrora. Raramente empregavam o pé-quebrado com intuitos puramente líricos. Só conheço, nessa acepção, uma "ave-maria" de José Francisco de Lima, em 1919. A documentação velha é toda irônica ou desabusada. O modelo clássico do pé-quebrado é o poemeto de José de Anchieta, "Ao Santíssimo Sacramento": —

Oh que pão, oh que comida,  
Oh que divino manjar.  
Se nos dá no santo altar  
Cada dia!

Filho da Virgem Maria  
Que Deus Padre cá mandou,  
E por nós na Cruz passou  
Crua morte...

E para que nos conforte  
etc., etc.

Sem modificação alguma o pé-quebrado possui abundantes arquivos em todo nordeste. Nos "testamentos de Judas", declarações de última-vontade

(\*) *Cantigas de pé-quebrado* — Não nas cantes a ninguém — Leite de Vasconcelos — Correio Elvense — n.º 1659, de 29-4-1916.

em que o apóstolo traidor distribuía seus haveres entre as pessoas mais conhecidas da localidade, fazendo humorismos e, às vezes, denunciando meios-segredos amorosos, o verso, de fácil retentiva, ficava na memória de todos, como os "pelo sinais" e os "A.B.C." mnemônicos.

De um "testamento", feito por Joaquim Apolinário de Medeiros, nas eras de 80, em Campo Grande (hoje Augusto Severo, R.G.N.), de tanto ouvir recitar decorei inconscientemente as primeiras quadras:

Chegou a hora fatal,  
Vou morrer, não há recurso  
Peço porém o concurso  
Dos amigos.

E em verdade lhes digo  
Que não tenho desavenças  
E, em matéria de crenças,  
Sou ateu...

Como o grande Prometeu  
Vou morrer heroicamente,  
Levo, porém, a patente,  
No bôlso  
etc.

Os primitivos "pie quebrados" de Espanha, especialmente da Andaluzia, não tinham a distribuição estrófica semelhante aos portugueses. Nas "saetas" religiosas, cantadas na semana santa em Sevilha, vários versos, tendo o nome que conhecemos, são diversos:

Señor, tu muerte y tu gloria  
es lo que aquí meditamos  
enternecidos:  
tu muerto fué la victoria  
y tu gloria el grande arcano  
que nos vino.

SAETAS, folclore andaluz, coleção de Agustin Aguilar y Tejera (p. 3)  
Madrid. s. d.

Era precisamente a fórmula inicial do "pé-quebrado", tão comum nos autos de Gil Vicente (séc. XVI). O nosso já é a deformação, as rimas emparelhadas e o verso ausente de intuitos literários. O pé-quebrado é o verso social, crítico, sarcástico, anotador de episódios políticos. Nos cancioneiros modernos é raro o espécime. Não parece muito popular no litoral pernambucano. Silvio Romero a nenhum registou nos "Cantos populares" e Pereira da Costa apenas uma "salve Rainha" de 1848. A. Americano do Brasil ("Cancioneiro de Trovas do Brasil Central") não encontrou exemplos em Mato-Grosso e Goiaz. Para o Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba é verso popular, empregadíssimo outrora. No Rio Grande do Sul, J. Simões Lopes Neto recolheu várias produções ("Cancioneiro Guasca").



Existiam na península ibérica as duas formas do pé-quebrado. A das "saetas", e de Gil Vicente, mostrando sua área divulgadora, e a que o padre Anchieta escreveu na segunda metade do século XVI. As duas formas eram contemporâneas e sobreexistiu a que sabemos, com rimas em dueto e o quarto verso rimando com o primeiro da outra quadra. Empregado em menor escala na Espanha e melhormente em Portugal, haja vista a cópia de "pelos sinais" e versos de partidarismo local todos no estilo, é óbvio que o "pé-quebrado" sertanejo nos veio de Portugal e com suas alterações estróficas e disposição das rimas.

A denominação que nos veio de Portugal conserva-se inalterável. Nos conhecidos versos gaúchos "Lá...", evocando os "pagos", encontramos a citação:

Ouvirás após cantiga  
De versos de pés quebrados,  
Coisas de tempos passados,  
Que talvez a rir te obriga...

No auto popular "Fandangos", também chamado "A nau Catarineta", os pé-quebrados aparecem. O sertão nunca ouviu a "nau Catarineta" mas todo o litoral a conhece e sabe de-cor estrofes e solfas das "jornadas". Na segunda parte, uma das declamações mais vulgarizadas, é a "queixa do Ração", tôda em pé-quebrado. Dou uma cópia completa:

Eu te renego, oh vida!  
que nos dá tanta canseira  
pois sem uma bebedeira  
não passamos...

Quando descansando estamos  
e ao rancho se vai tocar  
E' quando ouço gritar:  
Oh! Leva arriba!

O mestre logo se estriba  
dizendo desta maneira:  
Ferra lá a cevadeira.  
E o grumete,

E também diz em falsete  
por mais não poder gritar  
cada qual no seu lugar  
até ver isto!...

Antes quisera ser visto  
na porta de um botequim

de que agora ver o fim  
de minha vida.

Pois suponho ser comprida  
a para descansar  
E' quando ouço tocar  
certa matraca...

O sono se me aplaca  
E o meu coração treme  
vendo que vou para o leme,  
às duas horas...

Lembra-me certa Senhora  
a quem deixei lá em terra  
e que me faz cruenta guerra  
todos os dias...

Já não vejo a ardentia  
nem um ar a respirar  
Valha-me a Virgem Maria  
Para me ajudar!...

Gil Vicente, na "Comédia da Rubena", imagina um longo recitativo de Felício, respondido pelo Eco. Curiosamente a disposição é a mesma do pé-quebrado.

Oh o mais triste onde vou?  
Onde vou, triste de mim?

Oh dôres, matai-me aqui,  
Onde nunca homem chegou.

O Eco: — Hou.

Hou males, quem me vos deu  
Deu-vos para me acabar.  
Oh! quem sofreu por amar  
Tamanho mal como o meu?

Eco: — Eu.

Eu em me matar não peço  
etc.

O pé-quebrado, privativo das sátiras, não mudou de nome e sempre o conhecemos pela denominação que a península ibérica fixou.

Agora, musa minha,  
sai a luz em pé-quebrado,  
a-pesar-de ir acanhado  
glosar.

O caso que vou contar  
merece muita atenção  
a todos da povoação  
do Livramento...

etc.

Êsses versos, anteriores a 1888, foram feitos, informa Rodrigues de Carvalho, por um crioulo de 17 anos, em Livramento, entre Aracati e Morada Nova, descrevendo uma complicada história local, escabrosa e típica.

---

### Trechos de um "Testamento de Judas"

Nos sábados da Aleluia rasgava-se um Judas de pano velho, papel e trapos, no meio de assuadas. Dizia-se *romper a Aleluia*. Os Judas eram preparados secretamente e postos em lugares públicos e mesmo à porta de adversários políticos. O sr. Gustavo Barroso recorda que no Ceará fazia-se outrora um juri, presidido por pessoa respeitável, para julgá-lo. O *verdictum* infalível condenava-o à fôrca. Na maioria dos casos o Judas trazia seu "testamento" em versos de pé-quebrado, alusivo às pessoas da localidade, com intenções satíricas, políticas ou apenas humorísticas.

O gênero é secular. Na gesta de animais o sacrifício terminava pelo testamento do vencido, deixando carne, ossos e gorduras para os próprios perseguidores ou entidades da região. Sílvio Romero coligiu algum material na espécie. Gustavo Barroso cita vários testamentos de animais no Folclore da Bretanha,

em "Através dos Folclores", p. 40. S. Paulo. 1927.

Citando Pompeius no "De Significatione Verborum", (Paris. 1846, 2.º vol.) Gustavo Barroso crê que a origem do Judas tenha provindo das efígies de lá que os romanos usavam, como bonecos que representavam os donos de escravos, nas Compitales; *viriles et muliebres ex lana esse deorum inferiorum quos vocant Lares, putarent, quibus tot pilae, quot capita servorum; tot effigies, quæ essent liveri, ponebantur, ut vivis parcerent, et essent his pilis et simulacris contenti.* ("O Sertão e o Mundo", p. 300. Rio. 1923).

Em Portugal o testamento jocoso era popular e, já no século XVI, Gil Vicente com êle terminava o seu "PRANTO DE MARIA PARDA":

A minha alma encomendo  
A Noé e a outrem não,  
e o meu corpo enterrarão  
onde estão sempre bebendo...

No "Cancioneiro de Garcia de Rezende" há o "TESTAMENTO DO MACHO RUÇO DE LUIZ FREIRE, ESTANDO PARA MORRER" que assim ironicamente finda:

Sôbre minha sepultura,  
depois de ser enterrado,  
se ponha êste ditado  
por se ver minha ventura:  
— Aqui jaz o mais leal  
macho ruço que nasceu!  
Aqui jaz quem não comeu  
a seu dono um só real!...

São populares na Espanha vários testamentos rimados, como o de don Juan de Austria, de dom Tomas Mardones, etc., muito conhecidos no folclore ibero-americano, ver "Romances Populares y Vulgares", por Júlio Viçuña-Cifuentes (Santiago. Chile. 1912, p. 251, p. 461, p. 557).

O "testamento" que registo é de 1886 e nunca foi publicado. Minha Mãe sabe os trechos que me comunicou. O autor, Joaquim Apolinario de Medeiros, nascido em 9 de fevereiro de 1852 e falecido a 19 de novembro de 1919 em Augusto Severo (R.G.N.) foi elemento destacado na política local.

Chegou o dia fatal  
vou morrer, não há recurso.  
Peço somente o concurso  
dos amigos...  
Creio não ter inimigos  
nem a menor desavença,  
E declaro que, de crença,  
sou ateu!

Como o grande Prometeu  
vou morrer heroicamente,  
levando minha patente  
no bôlso...  
Daí farei um esbôço  
da minha vida presente  
porque, ultimamente,  
fui maçom...

Mas o grande Fénelon  
também foi, segundo creio,  
Não sei se será enleio  
da História.

E' no mundo uma vitória  
morrer como eu pretendo.  
O que possuo, despendo  
neste escrito . . .  
Por pobre vendi a Cristo,  
Fui falso mas não sou só.  
Mas hoje me causa dó  
o que vejo . . .

Contra a Igreja o manejo  
Em política, a cabala,  
O governo, uma canalha  
caricata . . .

A lei se torna abstrata,  
Não tem letra nem espírito,  
Para quem vendeu a Cristo  
Não há crime . . .

Que vergonha não deprime  
corruta sociedade . . .  
Também a tua amizade  
Detesto!

.....  
.....

Eu bem sei que ninguém serve  
a Joana do Curalinho,  
Exijo que Manuelzinho  
Tome conta . . .

Dirá ele que já conta  
uma família pesada  
Perdeu um bom camarada  
e é pobre . . .

Tereza não, esta é nobre,  
Não aceita coisa pouca  
Devia subir à fôrça,  
em meu lugar.

Cardosa quando chegar,  
se vier com fúria, abrande . . .  
Levem a João do Alto Grande  
Meu couro.  
O meu relógio de ouro

Deixo a Manuel de Martinho,  
E reservo-lhe um cantinho  
na feira . . .

Pela verba derradeira,  
todo meu remanescente  
Quero que se dê somente  
à pobreza . . .

Vêde irmãos quanta nobreza  
Contém o meu coração . . .  
pois sempre tive aversão  
à usura . . .

Todo meu sebo e gordura  
derretam, fação sabão,  
P'ra lavar o cabeção  
da Cardosa . . .

Oh Venus! Mulher formosa,  
deixo-te mais um legado  
para suprir o resguardo  
de Maria . . .

Na verdade quem diria  
que Torquato, meu vaqueiro,  
ficasse por derradeiro  
sendo neto . . .

A ele deixo por certo  
A gravata e as botinas  
E deixo para as meninas  
Um tostão . . .

Também deixo um capão,  
Para o resguardo de Cosma  
E Fausto, da mesma forma,  
Me ajude . . .

Inda desta vez não pude  
Fazer a despesa só . . .  
São misérias, tenham dó  
Dos cristãos . . .

Também tenho dois irmãos,  
Antônio da Cruz e Lino . . .  
Mas é gente que Avelino  
protege . . .

.....  
.....

Eu sei que alguém descobre  
Faltas em meu testamento.  
Também não tenho elemento  
De ciência...

Tenho inteira consciência  
Que cumprí o meu dever.  
Quero somente fazer  
um pedido...

José Lucio fique entendido  
Que desejo seu concurso,  
Peço que faça um discurso  
em meu entêrro...

.....  
.....

Não digam que fui doloso,  
Digam que fui bom amigo,  
Que nunca tive inimigo,  
Digam que fui caridoso.  
Digam que tive um tesouro  
Que dividi com a pobreza.  
Digam que tive nobreza,  
Façam lá como puder,  
Digam tudo que quiser  
Não digam que fui doloso!...

### Poesia mnemônica o tradicional

#### c) Os A. B. C.

Os A. B. C. são versos narrativos. Contam a "gesta" dum boi, dum touro, dum bode, duma onça sussuarana. Não há A. B. C. satírico. Os criminosos que deixaram renome de comprovada coragem no sertão possuem um poema registando-lhes a vida ou um episódio mais famoso. A característica do A. B. C. é constituir um poema de ação, uma "gesta" verdadeira. Os A. B. C. antigos eram dispostos em quadras e os mais novos em sextilhas. São conhecidíssimos em todo centro, nordeste e norte do Brasil. Do Rio Grande do Sul sei apenas do A. B. C. que registou a batalha de Passo do Rosário em 24 de fevereiro de 1827. Em Goiaz e Mato Grosso o gênero é cultivado, mantendo-se a forma de quadrinhas setissilábicas.

A menção mais antiga que encontrei de versos dispostos em ordem alfabética é uma poesia de Santo Agostinho, escrita em 393, o "*Psalmus contra partem Donati*", também chamado "*Psalmus abecedarius*". São vinte estrofes que acompanham as letras do alfabeto, de A até V. A escolha de Santo Agostinho denuncia a antiguidade da espécie e sua divulgação porque o salmo era cantado nas Igrejas.

La obra más antigua de San Agustín contra los donatistas es una poesía rítmica de fines del 393, titulada: PSALMUS CONTRA PARTEM DONATI, que se llama también PSALMUS ABECEDARIUS, porque las 20 estrofas siguen el orden de las letras del alfabeto, desde la A á la V. El fin de ella era que el pueblo se enterase de la historia y naturaleza del Donatismo, y á este propósito los fieles reunidos debían cantarla á voces en la Iglesia.

O. BARDENHEWER: — "Patrologia" — trad. do Pe. Juan M. Solá. Barcelona. 1910, p. 498.

Outro exemplo secular é o "*Versus de bella que fuit acta Fonteneto, auctore ut videtur Angelbert*" contando a batalha de Fonteneto ou Fonte-

noy, em Bourgogne, a 25 de junho de 841, entre os netos de Carlos Magno. Carlos, Luiz e Lotário. Este canto do século IX é em versos trocaicos, em disposição alfabética, de três em três versos, de A até N. O ritmo é três por quatro.

Luiz de Camões escreveu um A. B. C. em tercetos, na fórmula ABB, CDD, EFF, etc. A maior curiosidade é o assunto lírico, verdadeira exceção, somente vista por mim nos cancioneiros goianos e matogrossenses. O poema de Camões finda na letra X.

Ana quisestes que fôsse  
O vosso nome de pia,  
Para mor minha agonia.

Bem vejo que sois. Senhora,  
Extremo de formosura  
Para minha sepultura.

Cleópatra se matou  
Vendo morto a seu amante;  
E eu por vós em ser constante.

Xpõ vos acabo em graça  
E vos faça piedosa  
Tanto quanto sois formosa.

Xantopéia tornou atrás  
Por Apônio a invocar  
E vós não a meu chamar.

(“Obras de Luiz de Camões”. t-IIIº, pp. 372-77. Lisboa. 1852).

Nas velhas cartas de A. B. C. depois da última letra havia o til. (\*) O sertanejo recitando o alfabeto nunca esquecia de citar o sinal que lhe parecia uma letra também. Todos os versos de A. B. C. por este motivo, incluem o til. Como não é possível arranjar-se tema com êle, aproveitam para uma frase de ironia, uma despedida, um motejo.

O til é letra do fim,  
Quero findá minha história;  
Devemo ter alegria  
Pois Alamanha já chóra...  
E o Brasil não foi brigã  
Porém festêja a vitória...

Por til palavra alguma  
Dá começo nesta vida;  
Aqui fica este ABC  
Como exemplo da bebida. (Goiaz).

O til é letra do fim.  
Vai-se embora o navegante,  
Me procure quem quizer,  
Cada hora, cada instante,  
Me acharão sempre às ordens:  
Jesuino Alves Brilhante.

O til por ser pequenino  
Contém um prazer jocundo;  
Relógio para baiano  
E' mais que Pedro Segundo;  
Botina e chapéu de sol  
São as grandezas do mundo. (Mato-  
[Grosso]).

(\*) Meu Pai guardava um dos velhos “traslados” do professor público da vila de Campo Grande, Augusto Severo, Joel Eloi Peixoto de Brito, com vários tipos de letra. Todos os abecedários terminavam por um til.

Na “Comédia Eufrosina”, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, edição dirigida por Francisco Rodrigues Lôbo, Lisboa, 1616, fôlha - 116, verso, lê-se: — *sabei que ainda que queiram não passam do 1 grego til.*

São essas as razões lógicas para o sertanejo considerar o til como uma letra do alfabeto.

Falta o til que não pode ser escrito  
Porque o mundo já dêle não faz

[conta,  
Por ser um risco que é um infinito  
Já hoje entre os homens pouco monta,  
Não há predestinado e nem perfeito  
Que não tenha seu til sempre na ponta  
Só Cristo e sua mãe podem dizer. . .

Hípicilone e til  
Juntei ambas para o fim  
Para terminar a obra  
Só pude compor assim  
Não sei se está direito  
Ou se está bom ou ruim.

Til, oh letra singular!  
Que apenas tens assento.

Findo pois esta história  
Conto todos meus tormentos.

Til é til. . . e do barqueiro  
Perdeu-se o canto no mar,  
E o seu eco derradeiro  
Pôs-me em profundo cismar.  
A mulher, sim, a mulher  
E' como a flor malmequer,  
E' qual veneno subtil,  
Afimal é do noviço  
A perdição, o feitiço,  
E dêste ABC o til. . .

Til é a letra do fim  
Com que findo êste rojão,  
Não façam cara de choro  
Me ajudem na precisão.  
Cada um compre um livrinho  
Que a chuva cai no sertão. . .

O sr. Gustavo Barroso diz ter visto uma gramática portuguesa tôda em versos. Meu Pai sabia inúmeros versos religiosos, tirados do catecismo, explicando os deveres do cristão, pecados mortais e veniais, os "novíssimos do Homem". Afirmava-se que eram correntes no sertão e teriam sido feitos, ou distribuídos, pelas Santas Missões dos frades capuchinhos. As aulas paroquiais, apenas alfabetização e rudimentos de Língua Materna e a "artínha de Pereira" para o latim, são responsáveis pelas tinturas de classicismo que os cursos modernos desterraram. Lembro-me de ter ouvido na fazenda Carinaubal um cantador declamar as regras da retórica, citando Cícero e Tertuliano. Era papagaio recitando ladaínha mas estava certa a indicação e os nomes eram justos.

A função primitiva dos ABC devia ser mnemônica, como os Jesuítas empregaram, em autos, bailos e cantigas, para os piás selvagens do século XVI.

E' o ABC o gênero menos abundante hoje. Raramente aparece mesmo nos folhetos vendidos nas feiras. Também é de notar quase o desaparecimento dos ABC cantando aventuras de animais.

Não há notícia de A. B. C. em prosa, mesmo conceituoso, como se usou em Portugal. Dêles conheço apenas o de Gonçalo Fernandes Trancoso, o da "Histórias de proveito e exemplo". (1515-1596):

A, quer dizer que seja amiga de sua casa; o B, benquista da vizinhança; o C, caridosa com os pobres; o D, devota da Virgem; o E, entendida em seu ofício; o F, firme na fé; o G, guardadeira de sua fazenda; o H, humilde a seu marido; o I, inimiga de mexericos; o L, lial; o M, mansa; o N, nobre; o O, onesta; o P, prudente; o Q, quieta; o R, regrada; o S, sisuda; o T, trabalhadeira; o V, virtuosa; o X, xã; e o Z, zelosa da honra.

Antologia Portuguesa — "TRANCOSO" — p. 92-3.  
Lisbôa. 1921.



Esse A. B. C. português deve ter sido gênero que determinou a criação de outros, em verso, com ligeiros conceitos morais ou amorosos. Rodrigues de Carvalho registou um deles, do Ceará, lembrando que, segundo o "Cancioneiro" de Teófilo Braga, os A. B. C. poéticos eram usados nos Açores:

A letra A quer dizer amor perfeito,      A letra C quer dizer sê cuidadosa,  
A letra B quer dizer bôa esperança.      A letra D Deus te traga bem formosa,  
etc. ("Cancioneiro do Norte", p. 300-1).

O A. B. C. é gênero atualmente quase desaparecido. Só tenho encontrado os velhos modelos, os antigos A. B. C. de meio século atrás.

Dêsses velhos documentos poéticos um exemplar interessante, e com intuitos mnemônicos evidentes, foi-me comunicado pelo dr. Bianor Fernandes (Mossoró) que, infelizmente, não o guardara completamente:

*Cedilha é barba do C,  
B com I é bê-e-bí.  
O J é o bucho do B,  
O pingo é o boné do I...*

*O til é um S estirado,  
nada vale estando só;  
E a constipação do som  
Faz fanhoso o A e o O!...*

Esse A. B. C. incompleto é naturalmente saído de mão intelectual no gênero popular. Os A. B. C. conceituosos foram, já o citado de Trancoso, vulgares na península ibérica. Recém-casado, Lope de Vega escrevia um A. B. C. para a espôsa:

*Amar y honrar su marido  
es letra deste abece,  
siendo buena por la B,  
que es todo el bien que te pido.  
Harate cuerda la C,  
la D dulce, y entendida,  
la E, y la F en la vida  
firme, fuerte y de gran fee.  
La G grave, y, para honrada  
la H, que con la I  
te hará ilustre, si de ti  
queda mi casa ilustrada.  
Limpia serás por la L  
y por la M, maestra  
quien de sus vicios se duele.  
La N te enseña un no  
a solicitudes locas:  
que este no, que aprendem pocas,*

*está en la N y la O.  
La P te hará pensativa,  
la Q bien quista, la R  
con tal razon, que destierre  
toda locura excesiva.  
Solicita te ha de hacer  
de mi regalo la S,  
la T tal que no pudiese  
hallarse mejor mujer.  
La V te hará verdadera,  
la X buena cristiana,  
letra que en la vida humana  
has de aprender la primera.  
Por la Z has de guardarte  
de ser zelosa; que es cosa  
que nuestra paz amorosa  
puede, Cacilda, quitarte... (\*)*

Os A. B. C. raream atualmente. Seu manejo não se presta ao desafio e daí a escolha fortuita apenas para registo social de acontecimento de revelo. Mesmo, assim, com limites restritos para a descrição, o poeta popular apela para os outros tipos, maiores e mais fáceis.

(\*) Povina Cavalcanti — "cartilha de amor" — in "Revista Contemporânea", p. 116. Julho de 1925. Rio de Janeiro. Juan de Enzina escreveu também "A. B. C." poéticos.

## Um A. B. C. de Hugolino do Teixeira.

Hugolino Nunes da Costa (1832-1895) conhecido por Gulino do Teixeira, cantador famosíssimo e glosador respeitado, deixou espalhados na memória popular inúmeros versos. Infelizmente os originais foram destruídos num incêndio. Era geralmente chamado pelos cantadores "Mestre Gulino".

Francisco das Chagas Batista conta a seu respeito um episódio curioso. Hugolino, em companhia de Germano Alves de Araújo Leitão (Germano da Lagôa) chegou a uma festa inesperadamente. O cantador Ferino de Góis Jurema, que estava como "dono da festa", vendo aparecer Hugolino *emborcou* a viola, humildemente, e não quis cantar. Ferino, entretanto, era um repentinista admirável e vencedor de incontáveis duelos poéticos. Germano improvisou imediatamente uma décima, registrando o fato.

Tua presença, Hugolino,  
Faz temer e faz terror;  
Faz mais medo a cantador  
Do que boi faz a menino;  
Fêz ficar mudo Firino

A tua veia composta;  
Do teu cantar tudo gosta;  
E's um forte, és um dunga,  
E's um Deus de Ariapunga,  
Gulino Nunes da Costa!...

Creio ainda não ter sido impresso o A. B. C. que ouvi recitado no sertão e dou fiel cópia.

A 16 de setembro  
A mão à pena lancei  
Para compor uma obra  
Da melhor forma que achei.  
Cada letra doze nomes,  
Cada qual explicarei.

Adão, Abel, Almirante,  
Antigo, Albano, Alpifânio,  
Ásia, África, Alemanha,  
Angústia, América, Amazonas.

Bento, Bernardo, Basílio,  
Barra, Barreira, Bonança.  
Brasil, Brasão, Brasileiro,  
Borge, Barcelona, Bragança.

Cama, Cadeira, Cabana,  
Cana, Cachaça, Cutelo,  
Cajá, Castanha, Cajú,  
Conde, Condessa, Castelo.

Deus, Divindade, Donzela,  
Duque, Dourado, Dragão,

Dario, Drástico, Daniel,  
Doutor, Dobrado, Dobráo.

Espanha, Engenho, Estandarte,  
Estrago, Estréla, Ezequiel,  
Eufrásio, Eugénio, Eufémio,  
Espanto, Espécie, Ester.

Fogo, Fuzil, Facho,  
Franco, Fernão, Ferimento,  
Formoso, França, Francês,  
Fidalgo, Fim, Fingimento.

Gramonem, Granja, Ganância,  
Gavião, Ganso, Gangorra,  
Glória, Gôzo, Gabinete,  
Gomara, Goma, Gomorra.

Homem, Huma, Hemenegildo,  
Henrique, Hermeto, Herculano,  
Hilário, Honório, Honorato,  
Humilde, Humildade, Humano.

Isidro, Inácio, Izabel,  
Império, Imposto, Isaías,

Indivíduo, Independência,  
Ilha, Itália, Iludias

Jesús, Juízo, Jornada,  
Jordão, Jafé, e Jardim,  
Janela, Jangada, Jorge,  
Joca, Jacó e Jasmim.

Kalendário estou cantando,  
Kalendas, Kilo, Kilão,  
Kapricho, Kapela, Kágado,  
Kafé, Kain, Kireleizão. . .

Laranja, Lima, Limão,  
Luz, Luzeiro e Lanterna,  
Lamento, Lousa, Ligeiro,  
Lucifer, Lapis, Lucerna,

Manga, Mangaba, Mamão,  
Mato, Martelo, Muriçoca,  
Môscas, Mosquito, Mutuca,  
Milho, Melão, Mandioca,

Naufrágio, Navio, Novo,  
Nuvem, Neve, Narração,  
Nico, Nicácio, Ninive,  
Norte e Napoleão. . .

Órfãos, Onofre, Oficial,  
Ora, Ofensa, Obrigação,  
Ourives, Ouro, Oliveira,  
Ouro, Orgulho, Ostentação.

Pontífice, Poncius Pilatos,  
Pasma, Palma e Palmeira,  
Pará, Paraíba, Ponte,  
Pato, Pavão, Padroeira,

Quartel, Quaresma, Quitanda,  
Quintal, Quadrado, Quentura,

Quirino, Queixo, Queixada,  
Quarto, Quente, Quebradura.

Rei, Rainha, Redenção,  
Reino, Roberto, Regente,  
Razão, Roque, Rafael,  
Rosa, Raquel, Requerente.

Silveste, Silva, Silvano,  
Saudoso, Sono, Sabor,  
Sagrado, Sol, Sacramento,  
Salomão, São Salvador.

Terrível, Torpe, Torpeza,  
Tenente, Tôrres, Trovão,  
Tonelada, Tina, Taxa,  
Temente, Torrada, Torrão.

Urna, Urga, Urugana,  
Una, Utinga, Unidade,  
Última, Unção, Utilíssimo,  
Uva, Urtiga, Utilidade.

Vila, Viola, Vanguarda,  
Ventura, Vileta, Veneza,  
Vital, Vitor, Vitalino,  
Vidro, Vidraça, Vileza.

Xarope, Xan, Xalaça,  
Xampanha, Xocambo, Xão,  
Xavier, Xancho, Xímenes,  
Xonana, Xan, Xananão. . .

O TIL é última letra  
Se assenta pouco ou muito  
Porém que nela eu componho  
Todo o A. B. C. conjunto

(Falta a letra Z)

---

### A. B. C. dos Negros.

Este curiosíssimo abecedário foi colhido no Maranhão por Leonardo Mota e publicado no seu "SERTÃO ALEGRE", p. 218/221.

É posterior a 13 de maio de 1888 e anterior a 15 de novembro de 1889.

Agora tocou a sorte  
dizer o que o peito sente,

falar dos 13 de Maio  
que também querem ser gente.

Bacalhau de couro cru  
com três palmos de comprido,  
é o que dá ensino a Negro  
mode não ser atrevido.

Comendo peia no lombo  
Negro vivia tossindo;  
mas hoje, como estão fôrrô,  
do tempo vivem se rindo.

Do Negro quero distância,  
apriceio o cidadão. . .  
abraço qualquer caboco  
porem Negro só p'r'o Cão!

Entre mil nação da terra  
o Negro é o mais infeliz. . .  
Não entra em Casa de Coimbra  
nem conversa com o Juiz. . .

Fugir pra Negro é desbanque,  
é sestro, é costume, é visso. . .  
anda sempre degradado  
só com medo do serviço. . .

Gosta só de pagodeira,  
se mete em tôda fonção,  
mode ver se alguém lhe abraça  
ou se alguém lhe estende a mão.

Hoje Negro quer ser home,  
quer carregar presunção. . .  
porém eu não lhe dou palha  
nem que seja meu irmão.

Inxerido e metedico,  
mesmo onde não é chamado,  
Negro é sempre negro em tudo  
Negro é bicho apresentado! . . .

Jogo de branco é dinheiro,  
de caboco é frecharia,  
vida de cabra é cachaça,  
de Negro é feitiçaria. . .

K é letra decadente  
meu mestre assim me dizia,  
é como os "13 de Maio"  
mesmo depois da forria. . .

Lombo de Negro não tem  
um só pedaço pagão;

Couro de boi o batiza  
prá minha satisfação.

Moça que casa com negro  
tem coragem com fartura,  
tem estambo de cachorro  
e coração de mucura.

O Negro que pede moça  
só merece bacalhau  
Negro que casa com Negra  
é cunha do mesmo pau. . .

Quem disser "Bom dia" a Negro  
não dá-se a respeito, não,  
não procede de família  
nem se dá a estimação.

Semblante de Negro é fumo  
a côr é café torrado.  
Mão de paca, pé de urso,  
calcanhar todo rachado.

Um home tendo carate  
tendo vergonha e fineza  
não presta atenção a Negro  
nem senta com Negro à mesa

Xambarí de boi cansado  
era o que Negro comia  
feijão cheio de gorgulho,  
fato cheio de polia. . .

Zombando vou acabar  
êste abecê tão querido  
que fala a pura verdade  
dos Negros intrometido

Nunca vi rasto de alma  
nem visage em meu camim. . .  
nunca vi mulher sem peito  
nem Negro sem pituim. . .

Pará é terra de cobre,  
Piauí pra criar gado,  
Mas êste tal Maranhão  
E' pra Negro apresentado.

Rico só dorme na rêde,  
Negro dorme no girau.  
O rico toma café  
e o Negro engole mingau. . .

Tudo no mundo se acaba  
tudo no mundo tem fim,  
só Negro é que não se acaba  
por ser praga da mais ruim. . .

Viola desafinada  
não pode tocar lundú;  
manguá em costa de Negro  
é quem tira calundú. . .

Ypissilone é furquia  
tem do Negro a perna torta;  
por isto é que ninguém usa  
tá ficando letra morta. . .

TIL como é letra do fim  
por ser acento moderno,  
inda tenho fé de vê (r)  
"13 de Maio" no Inferno! . . .

Caboco-caboclo, Cão-Diabo, Casa-de-Caimbra-Casa de Câmara, visso-vício, serviço-serviço militar, tarefa, obrigação de trabalhar, estambo-estômago, pituim- mau cheiro, manguá-cacete, calundú-dengues, xambarí (I) — parte mais nervuda da coxa do animal, polia-polilha, inseto roedor, intrometido-enxerido-metido- apresentado- oferecido, pessoa que se apresenta e convive onde não foi convidado, intruso.

### A. B. C. da Batalha do Passo do Rosário.

O alferes Davi Francisco Pereira, poucas horas depois da batalha de Passo do Rosário, Ituziângó, entre as forças brasileiras, comandadas pelo Visconde de Barbacena, e as argentinas, dirigidas pelo general Alvear, escreveu um A. B. C. narrando o combate e explicando as razões do recuo das tropas imperiais. Embora incompleto, êsse A. B. C. denuncia a divulgação do gênero mnemônico nas províncias sulistas do Brasil. Foi registado no "Cancioneiro Guasca", de J. Simões Lopes Neto, p. 189.

A desgraça do govêrno  
Nos levou a tal estado,  
Que deu valor ao inimigo,  
Fêz o Exército desgraçado.

Bravos heróis se perderam! . . .  
Faz pasmar a triste cena,  
Devido a rude vileza  
Do general Barbacena. (I)

Como condutor de negros,  
Que trouxesse do Valongo (II)  
Conduziu a nossa gente  
Muito pior que um rei Congo!

Deu princípio ao ataque,  
Sem junção duma brigada. . .  
Nem mandou juntar bagagens,  
Carrêtas, bois, cavalhada.

E assim acometeu  
Sem nada determinar;  
E só entrou nessa luta  
Aquele que quis entrar!

Fazendo carga no centro,  
Sem dar proteção ao flancos  
Lá deixou bastantes mortos.  
Muitos feridos e mancos.

Ganha força o inimigo  
A cavalaria do Rio,  
Que por ser pequena força  
Logo rompida se viu.

Hum grande Abreu em socorro  
A cavalaria entrevela,  
E aí um batalhão nosso  
O matou junto com ela (III)

Já então a vil canalha,  
Que ficou fora da forma,  
Vai a correr pelos altos  
Sem disciplina nem norma.

Lá se foram os cobardes  
Que na luta não entraram;  
Creio que alguns três mil homens  
A ela desampararam!

Muitas chinas percorriam (IV)  
Pelas margens dos banhados,  
Levando, cada uma delas  
Aos dez e doze soldados. . .

Neste número de cobardes  
Iam muitos oficiais,  
Que esqueciam-se das honras  
E vozes dos generais!

Oh Augusto Imperador!  
Dai-lhes, Senhor, castigo!  
Pois que devem ser julgados  
Inda mais do que ao inimigo.

Por êsse motivo enorme  
Nossa ação foi malfadada,  
Por haver nas nossas tropas  
Oficiais feitos do nada. . .

Quando devem ser exemplo,  
Exercitam a fugida:  
Por isso, Augusto Senhor,  
Foi vossa gente perdida.

Rege a ordem militar  
Dar o sôldo mas também  
Castigar o delinquente,  
Premiar o que serve bem.

Se quereis ser triunfante  
Mudai desde logo a cena,  
Não dêis heróis combatentes  
Ao cargo de um Barbacena.

Tendo vos sido visível,  
Quase inteira a perdição,  
O herói Bento Gonçalves  
Foi a nossa salvação! . . . (V)

Vou apostar se quizerdes  
Uma soma não pequena,  
Que ignoram as praças  
Como atacou Barbacena.

Zelou muito a retirada!  
Deixou aos centos cansados!  
Assim perde um general  
A vida dos seus soldados!

A batalha de Ituziángó, 20 de fevereiro de 1827, durou seis horas de fogo cerrado e onze de tiroteios isolados. Os argentinos estavam fortes de 10.000 homens, com 18 bôcas de fogo, e os brasileiros com 5.567 homens e 12 bôcas. Barbacena retirou-se em ordem do campo o qual Alvear abandonou no mesmo dia. Nenhum batalhão brasileiro perdeu sua bandeira. As bandeiras que existem expostas em Buenos Aires, como "troféus de Ituziángó", foram bandeiras retiradas do serviço das tropas e recolhidas às cargas para a incineração ritual. Das cargas foram retiradas e não da força imperial.

(I) BARBACENA, Felisberto, Caldeira Brant Pontes Oliveira e Horta, (1772-1842). Foi deputado pela Baía, Ministro de Estado, Senador do Império e diplomata. Marechal de Campo. Bibliografia: — "Vida do Marquês de Barbacena", Antônio Augusto de Aguiar, Rio de Janeiro, 1896. "O Marquês de Barbacena", J. Pandiá Calógeras. No "O Marquês de Olinda e seu Tempo", do autor, há largas referências a Barbacena e sua atuação guerreira e diplomática.

(II) Valongo era o mercado de escravos no Rio de Janeiro.

(III) ABREU, José de Abreu, Marechal de Campo, barão de Serro Largo, morreu à frente dos esquadrões, comandando uma carga em Ituziángó.

Havendo confusão entre as cargas de cavalaria dirigidas pelo barão de Serro Largo e os gaúchos que Alvear sacudira contra êle, o general João Crisóstomo Calado mandou sua tropa repelir, a tiros, a cavalaria que galopava sem ordem, ameaçando envolver, num comêço de pânico, a linha que lhe tinham confiado. Nas primeiras descargas, o barão de Serro Largo caiu, vivando o Imperador e ordenando mais uma carga.

(IV) China, é a camponesa do interior do Rio Grande do Sul, descendente de índios com espanhóis ou colonos portugueses.

(V) BENTO GONÇALVES da Silva (1788-1847) era coronel comandante de uma brigada ligeira. Fêz inesquecíveis esforços de coragem para dominar a confusão da batalha. Perdida esta, acompanhou sua tropa, velando pela boa ordem e segurança de quantos estavam sob seu comando. Posteriormente foi o chefe militar da rebelião dos Farrapos no Rio Grande do Sul. General de Brigada do Exército Imperial (brigadeiro).

---

### A. B. C. de Nossa Senhora Aparecida

O "Abecedário em louvor a milagrosa Nossa Senhora da Conceição Aparecida", lembrança de sua coroação em Aparecida (S. Paulo) a 8 de setembro de 1904, foi espalhadíssimo pelo sul do Brasil. Já o ouvi cantar como "bendito".

E' curioso registrar êsse hino popular à Padroeira do Brasil.

A vós, pura e imaculada  
Conceição Aparecida  
vem rezar ajoelhada  
a minh'alma desvalida.

Beijando-vos com fervor  
o vosso manto sagrado,  
confesso-vos, meu amor  
contrito e resignado.

Conceição Aparecida  
neste Itaguassú formoso,  
dai-me a paz apetecida,  
fazei-me sempre ditoso.

Domingos Martins Garcia,  
foi um dos três pescadores  
que vos acharam, divina  
salvação dos pecadores.

Era Felipe Pedroso,  
um outro, que na canôa  
foi um pescador ditoso  
que o Pai celeste abençôa.

Falta-me agora falar  
de João Alves, pescador,  
que quando as rêdes colhia  
abraçou-vos com amor.

Guiai-me agora na vida,  
salvai-me depois na morte,  
milagrosa Aparecida  
que dispões da minha sorte.

Hoje eu vos quero adorar  
a rogar, sagrada imagem,  
que quando um ano passar  
eu faça a mesma romagem.

Indicai-me o bom caminho  
que à paz celeste conduz.  
Como irei ao Céu, sozinho,  
se me faltar vossa luz?

Jurando-vos com fervor  
nossa ardente devoção,  
pelas chagas do Senhor  
imploramos salvação!



Kalendários numerosos  
por sec'los hão de marcar  
vossos feitos milagrosos  
quer na terra, quer no mar...

Livrai-nos de todo mal,  
das traições dos inimigos,  
de tôda peste mortal  
e de todos os perigos.

Milagrosa Aparecida,  
oh bálsamo da amargura!  
em que um'alma desvalida  
encontra sempre doçura.

Não fôsse a vossa bondade  
e eu não vinha em romaria,  
gozar a suavidade  
da devoção que me guia.

Os milagres que fazeis  
ninguém no mundo os esquece;  
sempre vos compadeceis  
de quem vos ergue uma prece.

Perdoai nossos pecados  
que é mesquinha a fôrça humana!  
Só faz bem-aventurados  
a luz que de Vós dimana.

Que a minha súplica ardente,  
erguida com devoção,  
penetre suavemente  
lá no vosso coração.

Resplandecz em vossa fronte  
um diadema fulgente,  
sagrada e perene fonte  
do vosso poder clemente.

Senhora da Conceição  
por milagre aparecida,  
eu vos peço proteção,  
na terra e na outra vida.

Tenho fé que o vosso manto,  
imaculado e divino,  
há de enxugar o meu pranto  
e guiar o meu destino.

Um só imenso pesar  
eu levo, desta romagem,  
é que me vou apartar  
da vossa sagrada imagem!

Virgem santa rediviva,  
trepassada pela dôr...  
intercedei, compassiva,  
pelo triste pecador.

Xisto V, Papa austero,  
numa encíclica famosa,  
fêz saber a todo o Clero  
o quanto sois milagrosa!

Ytaguassú é o lugar  
onde foste encontrada,  
p'ra os pecadores salvar  
e serdes sempre adorada.

Zelai com vossa clemência  
a devoção que me guia,  
para que em tôda a existência  
eu faça esta romaria...

TIL é letra derradeira  
que pede por nosso bem,  
milagrosa Padroeira  
abençoi-nos, amém!...

---

## Poesia mnemônica e tradicional

### d) *Pelo Sinais e orações.*

Sempre, ou quase sempre, em pé-quebrado, são os "pelo sinais", "salve, Rainhas" e "Ave Maria" tôdas satíricas. Aproveitam apenas um período da oração e orientam o verso para um sentido irônico ou simplesmente crítico. Os "pelo sinais" são abundantes e comuns em todo Brasil.

J. Simões Lopes Neto recolheu-os no Rio Grande do Sul. Em todo o

Norte do Brasil eles existem. O "pelo sinal da Beata", dedicado ao general Junot é evidentemente de Portugal.

Em mais alta percentagem os "pelo sinais" têm um tema único e se dirigem a uma só entidade.

Esta família sacrílega,  
Autora da fradaria,  
Há de ser castigada um dia  
Pelo Sinal...

Doutor Vicente Pereira  
Do engenho Guaporé,  
Eu sei como você é  
Pelo Sinal...

Um modelo raro é o que transcrevo. Não se dirige a ninguém e parece mais ser obra de um desocupado neurastênico.

Sendo eu desconfiado  
De bicho magro e tinguim  
Pois conheço gente ruim  
Pelo Sinal.

Raspando carne dos ossos,  
Quebrando lenha nos matos  
Sempre chamo aos carrapatos,  
Inimigos.

Há gente de todo mal  
E prá que seja primeiro  
Carrega até o dinheiro  
Da Santa Cruz.

Livra-te bem dos amigos,  
Corra de todo doutor  
Quando fizer o favor  
Em Nome do Padre,

Guardai-me o Bom Jesus  
De faca, copo, atoleiro,  
De bala de cangaceiro  
Livre-nos Deus.

Com bondade ou sem bondade,  
Tenha medo do escrivão,  
Ele diz que é má-tenção  
Do Filho

Miunça e roçados teus  
Guarda bem no teu cantinho  
Se não o leva mansinho  
Nosso Senhor.

Seja homem dum só trilho.  
Desconfie do boi ladrão,  
Peça tôda proteção  
do Espírito Santo.

Com delegado-doutor  
Em negócio não se veja  
Embora diga que seja  
Dos Nossos.

Aquí fico no meu canto,  
Rezando o Pelo Sinal,  
Pra que me livre do Mal,  
Amém!

---

Uma "Ave Maria" de Leandro Gomes de Barros, a "Ave Maria da Eleição":

No dia da eleição  
O povo todo corria,  
Gritava a oposição —  
Ave Maria!...

Uns a outros perguntavam:  
— O senhor vota conosco? —  
Um chaleira respondeu: —  
Este O SENHOR E' CONVOSCO,

Viam-se grupos de gente  
Vendendo votos na praça,  
E a urna dos governistas  
Cheia de graça,

Eu via duas panelas  
Com miúdos de dez bois,  
Cumprimentei-a, dizendo:  
Bendita sois,

Os eleitores com medo  
Das espadas dos alferes,  
Chegavam a se esconderem  
Entre as mulheres,

Os candidatos andavam  
Com um ameaço bruto,  
Pois um voto para êles  
E' bendito fruto,

Um mesário do Governo  
Pegava a urna contente,  
E dizia — "Eu me glorieio  
Do vosso ventre"!

---

Leandro Gomes de Barros, o mais fecundo de todos os poetas sertanejos, não empregou nesse "pé-quebrado" a disposição clássica. O vate popular José Francisco de Lima escreveu uma "Ave Maria", no modelo antigo e com a exceção de não ser uma sátira. Aí deixo uma cópia fiel:

Oh! Deus de misericórdia  
Que nos deseja amparar  
Se vós não nos ajudá,  
Ave Maria,

Seja sempre nossa guia,  
Maria, Mãe de Jesús,  
Nos cubra com vossa luz,  
Cheia de graça,

Sem vossa luz não se passa,  
Eu desejaya seguir,  
Depois de morto sentir,  
O Senhor é convosco,

Seu poder seja conosco,  
Oh mãe do Verbo Encarnado,  
Estamos certificado  
Bendita sois vós.

Nos socorra sem demora,  
Vós nos pode socorrer,  
Espalhando seu poder,  
Entre as mulheres,

Sois a dona do mister  
Pra com êle nos valer  
Pois tivesses em seu poder  
Bendito é o Fruto

Não nos deixe absoluto  
Sofrendo tanto rigor  
Pois vos peço por amor  
De vosso ventre,

Vossa luz marche na frente  
Nos levando ao criador  
Seja sempre em meu favor,  
Jesús...

---

Os versos sobre o "Padre Nosso" também tiveram época. Durante a questão religiosa, o poeta natalense Lourival Açucena (1827-1907), mação convicto que fazia versos para as procissões e era devoto de Nossa Senhora da Apresentação, escreveu uma série de decassílabos que fêz sucesso. Não sei de outro exemplo. O "Padre Nosso" de Lourival Açucena saiu no n.º 5 do "Eco Miguelino", em Natal, 29 de setembro de 1874.

Lá dêsse trono excelso e radiante  
Onde justo exerceis o poder vosso,  
Compassivo atendei as nossas preces,  
Divino Criador, oh *Padre Nosso*,

Os Bispos dom Vital e dom Antônio,  
Estes homens fatais, estes dois réus,  
Torcendo a santa Lei do vosso Filho,  
Conspiram contra Vós, *que estais no Céu...*  
etc.

A poesia mnemônica, especialmente os "pelo sinais", outrora divulgadíssimos, constitue hoje exceção entre os cantadores ou pessoas amigas de recitativos. Era comum, há trinta anos, dizer-se, sobre qualquer caso: *fizeram um pelo sinal*. Hoje os sinais são outros...

As orações parafraseadas em versos são antigas e já mencionadas no século XVI. O padre dr. Diogo Mendes de Vasconcelos, cônego da Sé de Évora, falecido em dezembro de 1599, é autor de uma "*Oração do Padre Nosso e Ave Maria em verso latino e português*", editada por André de Burgos, em Évora, sem data, segundo informação de Ricardo Pinto de Matos, ("*Manual Bibliographico Portuguez*", p. 395. Pôrto. 1878).

Desde o século XVI há menção, entre nós, de orações rimadas. Além do popularíssimo "Ofício de Nossa Senhora", com a divisão simbólica das oito horas canônicas, já o padre Fernão Cardim mencionava as rezas em versos, habitualmente ditas pelos sacerdotes da Companhia de Jesus. Assim regista êle, no segundo dia em que chegara a Pernambuco (15 de julho de 1584): "*se festejou dentro de casa, como cá é costume, o martírio do Padre Inácio de Azevedo e seus companheiros com uma oração em verso no refeitório*. E na recepção que os irmãos-estudantes fizeram ao Visitador "*recitou-se uma oração em prosa, outra em verso*" — ("*Tratados da Terra e Gente do Brasil*", pp. 327/328).

A característica das orações versificadas sertanejas sempre foi a sátira. As exceções dizem de sua mesma raridade. Era ainda um resquício da tradição clássica literária. Gregório de Matos escrevera o "Anjo Bento" e Pedro Batista encontrou no sertão paraibano cinco quintilhas terminando pelo "*libera nos Domine...*" e as divulgou no seu livro biográfico "Cônego Bernardo" (1933):

De homens mal encarados,  
de partos atravessados,  
de passar em Afogados  
quando está cheia a maré...  
LIBERA NOS DOMINE!

E cita, oportunamente, versos colhidos por Lehmann-Nitsche no Perú:

*De hombre sin nombre,  
mujer sin pudor,  
de carta sin firma  
y sastre hablador:  
LIBRANOS SEÑOR...*

E' um gênero meio-morto no folclore sertanejo. O vasto material existente vive na memória dos velhos, na ressurreição ocasional das citações.

---

### Pelo-sinal de Junot

O sr. Gustavo Barroso recolheu êsse "Pelo Sinal" no Ceará onde era conhecido como o "Pelo sinal da Beata" e o publicou em seu livro "Ao Som da Viola", (p. 469-470), ed. Leite Ribeiro, Rio de Janeiro, 1921.

Trata-se de um "pé-quebrado" de origem portuguesa, vindo na época da transmigração da Família Real para o Brasil em 1808. Raul Brandão, o historiador de "El-Rei Junot", não encontrou em Portugal êsse interessante documento da repulsa popular contra o general Andoche Junot que Napoleão mandara governar a terra lusitana. A forma dialogada dêsse "pelo sinal" é ainda uma outra raridade no folclore poético.

1

Comadre, conhece o Junot?  
Eu nunca o cheguei a ver!  
Pois o podia conhecer  
Pelo sinal.

2

E' francês o general,  
Impostor e usurário,  
E ainda mais adversário  
da Santa Cruz.

3

Santo nome de Jesús!  
E não haver quem dê cabo  
De semelhante diabo!  
Livre-nos Deus.

4

Os malignos dos Judeus,  
Segundo o que se tem visto,  
Não fizeram tanto a Cristo,  
Nosso Senhor.

5

Tomara eu por favor  
Que os seus pérfidos soldados,  
Andassem bem separados  
dos nossos

6

Não há quem lhe quebre os ossos,  
Já que trouxe cá, o vil  
Mais de cinquenta mil  
Inimigos

7

Temendo acaso os perigos  
Dos que não lhe fazem mal,  
Até obteve a Pastoral  
Em nome do Padre,

8

Olhai, senhora comadre,  
O pai viveu de roubar:  
O que havia, então, a esperar  
do Filho,

9

Faz sem pejo o peralvilho  
De todo convento praça:  
Paulistas, Jesús e Graça  
E do Espírito Santo.

10

Não haverá quem a um canto  
Lhe dê estalo tão forte  
Que o ponha às portas da Morte?  
Amém!

---

### Pelo-sinal dos "Farrapos"

J. Simões Lopes Neto publicou êsse "pelo sinal" com o nome de "Persignação" com a data de 1835, em plena guerra "farroupilha" no Rio Grande do Sul. "Cancioneiro Guasca", p. 197-198, segunda edição, Echenique & Cia. Pelotas, 1917. E' uma página viva do populário gaúcho sob o velho modelo português dos "pelo sinais".

Tristes tempos mal fadados,  
Nunca vistes maravilhas,  
Distinguem-se os Farrroupilhas  
pelo sinal,

De pistola, de punhal,  
À vaga, raivosa gente,  
Assola o continente  
da Santa Cruz,

Chamam-nos Caramurús (I)  
Nos ameaçam de saque;  
Mas, de semelhante ataque  
Livre-nos Deus,

As leis andam a boléos,  
O povo tremendo, foge;  
Bento Gonçalves é hoje (II)  
Nosso Senhor,

Os que furtam sem pudor,  
Espancam os seus patrícios,  
Chamam-se, sem artifícios,  
dos nossos

Os que, temendo alvoroços  
Querem viver retirados,  
Logo são apelidados  
Inimigos,

Dizem inda tais amigos  
Que há de Caldas governar (III)  
Que a lei se há de ditar  
Em nome do Padre,

No entanto anda o compadre  
Do compadre dividido,  
Foge a espôsa do marido  
E do Filho,

Grande Deus! Eu me humilho  
Ante vossa divindade!  
Mandai-nos a claridade  
Do Espírito Santo.

Enxugai o nosso pranto,  
Acalmai nossa discórdia;  
Por vossa misericórdia,  
Amém, Jesús!

(I) CARAMURÚ, alcunha dada aos fiéis legalistas rio-grandenses do sul. Os legalistas imperiais também eram cognominados "camelos" e "galegos". O nome mais popular dos insurretos era "farrapos", "farroupilha". O populário gaúcho ainda guarda os versos dessa luta que durou dez anos.

Tenho uns arreios velhos,  
Carona de couro crú,  
Com que pretendo ensilhar  
O Partido Caramurú.

Oh galego, talão grosso,  
Cara dura, unha de gancho,

Hei-de correr-te a rebenque  
Se pisares no meu rancho.

Mais vale uma farroupilha  
Que tenha uma saia só,  
Do que duas mil camelas,  
Cobertas de ouro em pó.

(II) BENTO GONÇALVES DA SILVA, a figura máxima da revolução farroupilha, presidente da República de Piratini, general em chefe das tropas republicanas, nasceu na freguesia de Triunfo, a 23 de setembro de 1788 e faleceu na povoação de Pedras Brancas a 15 de julho de 1847. Gaúcho típico, voluntarioso, arrebatado, valente, teve derredor de si, em vários anos, uma verdadeira onda de fanatismo.

(III) JOSÉ ANTÔNIO DE CALDAS, padre, 1783-1850. Nasceu na província das Alagoas. Espírito inquieto, trepidante, irregular, foi deputado geral por sua terra à Constituinte Brasileira. Esteve mais ou menos complicado em todas as revoluções. Preso, fugiu da prisão e refugiou-se no Uruguai. Serviu de capelão-militar junto a Lavalleja contra o

Brasil, na batalha de Passo do Rosário. O Governo do Brasil cassou-lhe a cidadania que só voltou a conceder em 1839. Seus planos políticos, suas reviravoltas, seu incessante dinamismo, fazem d'ele uma personalidade curiosa e digna de estudo. Aurélio Pôrto fixou magnificamente sua individualidade. Ver nas "Publicações do Arquivo Nacional", vol. XXXI, p. 521: Rio de Janeiro, 1935, as notas de Aurélio Pôrto ao "processo dos Farrapos".

### Salve Rainha dos Luzias

O Partido Liberal em Pernambuco era conhecido como o Partido Praieiro por ter seu órgão as oficinas na rua da Praia em Recife. A rebelião praieira durou de novembro de 1848 a março do ano imediato, com perdas de vidas, tropelias e prejuízos. Foi uma explosão local de política exaltada, intolérante e pessoal. A popularidade dos praieiros deixou funda tradição no folclore. As figuras de alguns chefes, o desembargador Nunes Machado, morto em refrega, Pedro Ivo, o lendário soldado, tiveram as honras de vasta poética anônima e assinada. Para bibliografia da Rebelião Praieira, ler: "Chronica da Rebelião Praieira", Figueira de Melo; "Apreciação da Revolta Praieira", Urbano Sabino; "Um Estadista do Império", Joaquim Nabuco, o 1.º volume.

A "Salve Rainha" alude aos "luzias" deportados para a ilha de Fernando Noronha, presídio militar. "Luzias" eram chamados os Liberais, alcunha irônica que lhes recordava a derrota sofrida no arraial de Santa Luzia, em Minas Gerais, a 20 de agosto de 1842.

*Saquarema* era o nome dado ao Partido Conservador do Império por ter um dos seus chefes mais prestigiosos, Joaquim José Rodrigues Tôrres (visconde de Itaboraí, 1802-1872) uma fazenda de repouso em Saquarema, na província do Rio de Janeiro. O visconde de Itaboraí foi dez vezes Ministro de Estado.

Pereira da Costa divulgou essa "Salve Rainha" à pag. 546 e seguintes de seu "Folclore Pernambucano" (in Revista do Instituto Histórico Brasileiro, tomo LXX, parte II. Rio de Janeiro. 1908).

1

Valei-me, Mãe piedosa!  
Prostrados, vos adoramos  
E sempre vos proclamamos:  
Salve, Rainha!

2

Os monstros de fé mesquinha,  
Não somente nos empecem,  
Como não vos reconhecem  
Mãe de Misericórdia.

3

Sois na trina concórdia  
Mãe de filhos oprimidos:  
Dai-nos, em vez de gemidos,  
Vida e doçura.

4

Esmigalhai a pedra dura,  
Que fende a nau do Estado:  
Sois lá do Eterno ao lado,  
Esperança nossa.



5

Esta Pátria já foi vossa,  
E por vossa maternidade,  
Donde nos veio liberdade  
Deus vos salve!

6

O povo Luzia se ressalve  
Dos escravos Saquaremas;  
Contra seus estratagemas  
A vós bradamos.

7

Em vós sempre confiamos:  
E do sul, lá no degrêdo,  
Não se aterram, não têm medo  
Os degradados.

8

Só Saquaremas malvados,  
Governam com perseguição!  
Enjeitados! . . . eles não são  
Filhos de Eva.

9

Nossa aflicção se eleva  
Muito além do sofrimento:  
Em nosso padecimento  
A vós suspiramos.

10

Pelos Luzias vos rogamos:  
Com a lei do quero-e-mando-  
Estão de Noronha em Fernando,  
Gemendo e chorando.

11

Oh! se hoje eles lutando,  
Sofrem com tal resignação,  
Algum dia livres serão  
Neste vale de lágrimas!

12

A par de tantas lástimas,  
Quase feitas a trabuco,

Nos dirá o velho Pernambuco  
Eis pois!

13

Mostrai que meus filhos sois!  
Na dôr, na minha agonia,  
Recorrei à Virgem Maria  
Advogada nossa!

14

Com a dôr, quanta ser possa,  
Disse: Vêde nossos conflitos!  
Lançai a meus filhos aflitos,  
Estes vossos olhos!

15

Em tempo de outros abrolhos  
Quando os Lusos me respeitaram,  
Eles para mim se mostraram  
Misericordiosos!

16

Os holandeses valerosos  
Contra os Lusos se atiravam!  
Os ingratos a mim bradavam:  
A mim volvei!

17

Libertai-nos daquela grei!  
Oh! Dôr, e hoje os malvados  
Contra mim estão armados  
E depois

18

Como de Jesús mãe sois,  
Dai a meus filhos guarida,  
Antes da última partida  
Dêste destêrro!

19

Velho sou mas não me aterro  
Com bravatas saquaremas!  
Quebradas suas algemas  
Nos mostrai!

20

A estes monstros profligai  
Pelo mal que nos fizeram:

São iguais aos que prenderam  
A Jesús!

21

Esta é a terra da Santa Cruz,  
Na qual liberdade nos deu  
A quem Deus reconheceu  
Bendito fruto!

22

Com este salvo-conduto  
Quis dos céus a terra descer,  
Dignando-se também nascer  
Do vosso ventre!

23

Permiti pois, que não entre  
Meu Povo em alguns delírios:  
Dai fim a tantos martírios,  
Oh Clemente!

24

Os Saquaremas; vis entes,  
Sempre, sempre abominei-os!  
Os meus Luzias, defendei-os  
Oh Piedosa!

25

Sois Rainha poderosa  
Nossa única Senhora!  
Sede nossa Protetora,  
Oh Doce!

26

Eu espero que se adoce  
A dor do meu coração!  
Tendo de nós compaixão,  
Sempre Virgem Maria!

27

Eu e o meu povo Luzia,  
Somos da paz defensores,  
Somos dela zeladores:  
Rogai por nós!

28

Oh Pai! Filho, amor e vós  
Salvem o Povo Brasileiro  
Que é da terra do Cruzeiro,  
Santa Mãe de Deus!

29

Os Saquaremas e os seus  
Levaram o primeiro ao fundo!  
Querem o mesmo ao segundo!  
Para que?...

30

Mas, para com certeza e fé  
Nós não vemos tais desgraças  
Fazei que das vossas graças  
Sejamos dignos!

31

Os Saquaremas indignos  
Vivam quais Judeus errantes!  
Não sejam participantes  
Das promessas de Cristo!

32

Como são o Anti-Cristo  
Da liberdade brasileira,  
Sofram perpétua laseira  
Para sempre, amém, Jesús!

---

## Ciclo do Gado

### a) *Vaqueijadas e Apartações.*

Na literatura colonial não há registo das "Vaqueijadas" como as conhecemos no nordeste brasileiro. Viajantes, mercadores, naturalistas, aventureiros, traficantes de escravos, todos quanto deixaram impressões sobre o Brasil dos séculos XVII e XVIII e princípios do XIX, assistiram festas inumeráveis mas nenhuma parecia com as nossas "apartações" e derrubadas

de gado. Como em Portugal, especialmente durante o século XVIII, as touradas dominaram, veio o costume para o Brasil mas não se aclimatou no norte.

Em S. Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro "corria-se" o touro, com farpas ou agulhão. Assim Saint-Hilaire viu no Rio Grande do Sul, La Barbinais na Baía, o Príncipe de Wied-Neuwied nas fronteiras baianas-mineiras. A "cavalhada" paulista e mineira, tão comum nas festas espavento-sas de nascimento real ou comemoração de predicamento municipal, limitava-se a "corrida da argolinha" como em Portugal. Depois seguiam-se provas de destreza, apanhar objetos no solo na disparada da galopada, quadrilhas equestres, com mudanças, chaças e volteios, jogos de bolas. Quando o touro surgia era para ser "picado" à castelhana, com quadrilhas e bandarilheiros, capas vermelhas e "sortes" finais de espada. Assim em S. Paulo, nas festas da elevação da vila a cidade, 1712, o coronel Antônio de Oliveira Leitão, recebeu uma ovação entusiástica por ter decepado com a espada a cabeça de um touro.

Nenhuma festa tinha as finalidades práticas das "apartações" do nordeste. Criado em comum nos campos indivisos, o gado, em junho, sendo o inverno cedo, era tocado para grandes currais, escolhendo-se a fazenda maior e de mais espaçoso pátio de tãda ribeira. Dezenas e dezenas de vaqueiros passavam semanas reunindo a gadaria esparsa pelas serras e tabuleiros, com episódios empolgantes de correrias vertiginosas. Era também a hora dos negócios. Comprava-se, vendia-se, trocava-se. Guardadas a reses, separava-se um certo número para a "vaqueijada". Puxar gado, correr ao boi, eram sinônimos. A "apartação" consistia na identificação do gado de cada patrão dos vaqueiros presentes. Marcados pelo "ferro" na anca, o "sinal" recortado na orelha, a "letra" da ribeira, o animal era reconhecido e entregue ao vaqueiro. A reunião de tantos homens, ausência de divertimentos, a distância vencida, tudo concorria para aproveitar-se o momento. Era um jantar sem fim, farto e pesado, bebidas de vinho tinto e genebra, aguardente e "cachimbo" (aguardente com mel de abelha). Antes, pela manhã e mais habitualmente à tarde, corria-se o gado.

Vacas, bezerros, bois velhos, eram afastados. Só os touros, novilhos e bois-de-era mereciam as honras do "folgado". Alguns homens, dentro do curral onde os touros e novilhos se agitavam, inquietos e famintos, tangiam, com grandes brados, um animal para fora da porteira. Arrancava êste como um foguetão. Um par de vaqueiros corriam, lado a lado. Um seria o "esteira" para manter o bicho numa determinada direção. O outro derrubaria. Os cavalos de campo, afeitos à luta, seguiam como sombras, arfando, numa obstinação de cães de caça. Aproximando-se do animal em disparada, o vaqueiro apanha-lhe a cauda, (bassôra) envolve-a na mão, e puxa, num puxão brusco e forte, é a *mucica*. Desequilibrado, o touro cai, virando para o ar as pernas, entre poeira e aclamações dos assistentes. Se o animal rebola no solo, patas para cima, diz-se que o *mocotó* passou. É um título de vitória integral. Palmas, vivas, e corre-se outro bicho. Quando não conseguem atingir o touro espavorido pela gritaria, dizem que o vaqueiro "*botou no mato*". E é caso de vaia. . .

Ao pôr-do-sol, acabava-se. O jantar mantinha-os em jovialidade, narrando façanha, revelando derrotas alheias. Indispensavelmente havia um ou dois cantadores para "divertir". O cantador, analfabeto quase sempre, recor-

dava outras apartações, outras vaqueijadas famosas, ressuscitando nomes de vaqueiros célebres, de cavalos glorificados pela valentia. Cantava-se a desafio até madrugada. Pela manhã, ao lento passo da boiada, os vaqueiros se dispersavam, aboiando. . .

Falta apenas saber-se de onde nos veio o hábito de derrubar o boi puxando-o pela cauda. Não me foi possível deparar com exemplo nos livros de viajantes antigos. Henry Koster descreve o sertão e o vaqueiro com aquela fidelidade seca que lhe mereceu de Richard Burton o epíteto de *the accurate Koster*, mas lembra apenas a vara de ferrão bruscamente tocada no flanco do animal.

Lorsqu'il atteint le bœuf, il le frappe de sa lance dans le flanc, et, s'il le fait avec adresse, il le renverse.

KOSTER—"EN AMÉRIQUE, Brésil", trad. de M. A. Jay, v. 1.º, p. 266. Paris. 1846.

O príncipe de Wied-Neuwied vê o mesmo nos sertões fronteiros de Baía e Minas Gerais em 1816. Os desenhos de Debret e de Rugendas trazem cenas de pegadas de touros sempre com aguilhada e laço. Para o nordeste a "Boleadeira" ficou desconhecida e o laço pouco seguido. A derrubada com a vara de ferrão foi, incontestavelmente, a primeira forma, a mais comum e dela a poética tradicional conserva vestígios abundantes.

Nos versos do Boi Pintadinho ("Canc. Nord", p. 224)

O cabra partiu a mim,  
Porém veio de meia esgueia,  
Desviou-se da cabeça  
Presionou-me na sarneia.

Eu com a dôr do ferrão,  
A êle me encostei:  
De debaixo de suas pernas,  
O cavalo lhe matei.

Do "Rabicho da Geralda", versos de 1792:

Antes que de lá saísse  
Amolou o seu ferrão;  
Onde encontrar o Rabicho  
Dum tope o boto no chão.  
Da "Vaca do Burel":  
Se não podem botar no chão,  
Eu meto a minha aguilhada.

Do "Boi Espácio":

Lá vem seu Antônio do Monte  
Com sua lança na mão;  
Rendam armas, camaradas,  
Vamos botar o boi no chão! . . .

Irineu Jofili ainda alcançou a vara de ferrão emprega ao mesmo tempo que a derruba-pela-cauda.

A queda era motivada por um forte e rápido impulso lateral que o vaqueiro dava, ou puxando na cauda da rês, — QUEDA DE RABO — ou por meio do ferrão de sua aguilhada. — QUEDA DE VARA; e quando o impulso era tal que, na perda do equilíbrio, a rês girava sobre o lombo, chamavam — "virar o mocotó" —; e essa prova de destreza fazia o orgulho dêsses centauros.

Ainda no "Cancioneiro do Norte", Rodrigues de Carvalho transcreveu versos sobre uma "apartação" e não alude à derrubada pelo puxão da cauda:

Na sexta por todo o dia  
Corre apartação geral,  
Muito Gado no curral,  
Nas porteiras em porfia,  
Todo Zé Povo aprecia,

Trepado pelos varões  
Vendo os touros nos ferrões  
E a bôa cavalaria,  
E' um samba de alegria,  
Um dia de apartação. . .

"Zé Povo" e a rima "aprecia", em vez da popular "apriceia", dizem que os versos são mais ou menos recentes e de semiletrados. Tudo, pois, leva a crer que a vaqueijada atual é uma reminiscência das antigas "quedas de vara", segundo Jofili e datarão de uns oitenta anos. A queda-de-rabo, a derrubada pela mucica (\*) não era conhecida pelos nossos vaqueiros até a Maioridade. Não há traços nem alusão nos versos populares, melhores documentos da vida sertaneja de outrora.

Não há "apartação" sem vaqueijada mas são atos diversos. Vaqueijar, na acepção legítima, é apenas procurar o gado para levá-lo ao curral. Hoje a apartação rareia. Todo sertão está sendo cercado. A pecuária possui métodos modernos. Já apareceram veterinários. A maioria do gado é "raceado", filho de reprodutores europeus ou adquiridos em Minas Gerais. Não sabem êsses bois atender ao "aboio". Não são bons para puxar. São touros pesadões e caros, ciúme dos donos que não desejam ver perna quebrada em quem lhes custou dinheiro grosso. O algodão assenhoreou-se das terras. O vaqueiro "encourado", com sua armadura cômica de tijolo, suas esporas de prateleira, seu gibão medieval, seu guantes que apenas cobrem o dorso da mão, recua. Recuam os vaqueiros e com êles desaparece a "gesta" secular e anônima dos heroísmos sem testemunhas e das coragens solitárias e atrevidas.

Voltando do sertão do Seridó, tardinha, o auto, numa curva, deteve-se para uma verificação. Cada minuto os caminhões, os ônibus cheios de passageiros, passavam, levantando poeira nas estradas vermelhas e batidas. Iam fazer em horas o que se fazia em dias inteiros de comboio. Bruscamente, numa capoeira, saiu um boi mascarado. O pequeno tampo de couro não o deixava ver senão para baixo. Vinha tropeçando, num chôto curto e áspero. Perto, encourado, orgulhoso, um vaqueiro moço, louro, a pele queimada de sol, seguia, num galope-em-cima-da-mão, aboiando. Tôdas as cidades derredor estavam iluminadas a luz elétrica e conhecem o avião, o gêlo e o cinema. O vaqueiro aboiando, com há séculos, para humanizar o gado bravo, era um protesto, um documento vivo da continuidade do espírito, a perpetuidade do hábito, a obstinação da herança tradicional. Fiquei ouvindo, numa emoção indizível. Mas o automóvel recomeçou o ronco do motor. E no ar melancólico a plangência do aboio era apenas uma recordação. . .

As poesias de vaqueijada e apartação são em número menor e estritamente locais. Narram as habilidades dos vaqueiros e descrevem a assistência,

---

(\*) Mocica — corr. *mô-cyca*, fazer chegar; puxar para si, o puxão. Dar a *mocica* é derrubar a rês, na carreira, por meio de um puxão pela cauda, dado pelo cavaleiro ou vaqueiro que com ela se emparelha. Teodoro Sampaio — "O tupi na Geografia Nacional", p. 267.

o coronel, o vigário, os fazendeiros, as palmas, as vaías, o jantar abundante, os cavalos velozes e os animais felizes que escaparam, núcleos de futuras "gestas" ou os que foram atirados brutalmente no chão num nuvem de pó.

Perseguiram um novilho  
Que pelo pátio estirou. . .  
Torquato fazendo esteira,  
Francisco tarrafiou  
E deu tal queda no bicho  
Que o mocotó passou! . .

Miguel Barbosa foi páreo  
Tréze com Isidro Machado.  
Barbosa deu tal mucica  
Em um boiáto lavrado  
Que o bicho morreu da queda,  
Tendo o pescoço quebrado.

Naturalmente êsses versos não podem ter a vibração e despertar o interesse daqueles que cantam as aventuras das sussuaranas, dos touros bravos, dos bois perdidos, em disparadas fantásticas pelos carrascais e serrotes, em plena liberdade selvagem. Os versos das apartações e vaqueijadas, depois de ouvidos alguns, ficam monótonos pela uniformidade do assunto. Há, entretanto, necessidade em transcrever aqui uns versos de Fabião das Queimadas (1848-1928) descrevendo uma vaqueijada na fazenda "Potengi Pequeno", município de São Tomé, no Rio Grande do Norte realizada em outubro de 1921, na casa de Manuel Adelino dos Santos. É um documento fiel da técnica dos cantadores, isto é, dos glosadores, para o registo de acontecimentos futuramente aproveitados. Em vez de deter-se em narrar a vaqueijada, o velho Fabião apaixona-se por um novilho cabano (de orelhas pendentes) que não foi alcançado pelos vaqueiros. Insensivelmente o cantador encarna o animal, descreve seu orgulho, sua alegria de derrotar os melhores parceiros da redondeza. Pela voz do negro poeta o animal saúda ironicamente os cavalos, manda lembrança aos vaqueiros e anteprepara uma "gesta" que outro cantador fará, a perseguição do novilho tornado célebre. Também é de notar-se a convicção que Fabião das Queimadas tinha do

seu próprio mérito, de sua presença indispensável e gloriosa. A banalidade dos versos é esquecida pela fidelidade completa com que o "glosador" retrata e comenta as cenas assistidas.

Eu peço a Vamicês todos  
Os senhores que aqui estão,  
Olhe lá, escute bem,  
O que que diz Fabião,  
Vou contar o sucedido  
De uma apartação.

Que houve no Potengi  
Em casa do Adelino,  
Juntou-se um pessoal,  
Home, muié e menino,  
Táva até um bom vigário  
Mandado por Deus divino.

O vigário disse a missa  
E veio pra apartação.  
Convidou o Adelino  
Pra vê a vadiação  
E veio com muita gente,  
Conduzindo o sacristão.

E não quis saber da casa,  
Atrepou-se num mourão,  
Passou o dia no sol,  
Vendo botar boi no chão,  
Se rindo e gostando muito,  
Batendo palma de mão. . .

Chegou Manuel Adelino:  
— Vá prá sombra, sêu Vigaro —  
Ele disse: — Eu lá não vou  
Isso pra mim é ragalo,  
Quero ver nesta corrida  
Quem são os milhor cavalo.

Gritou Manuel Adelino  
Com os curral cheio de gado,  
Mas de 200 cabeças,  
Vinte touro separado:  
— Quem tiver cavalo, encoste,  
Que os touro estão jejuado. . .

Tornou a dizer de novo  
Alí aos seus camarada:  
— Boi e vaca que morrer  
Hoje, de perna quebrada,

Tudo é para se comer  
A mim não se deve nada.

Ficou o povo animado  
Com as palavras do patrão.  
— Vamo agora comer muito  
Farofa, carne e pirão. . .  
Até eu estive lá  
Também dei meu empurrão. . .

Correu um touro cabano,  
Êste rajado da côr,  
Foi tirado cinco vez  
E cavalo nenhum tirou,  
Bateram palma e dissero: —  
Já vi bicho corredô. . .

E tinha cavalo bons  
Alí nesta apartação:  
"Veneno" da Serra Azul,  
"Castanho" da Divisão,  
O "Medalha" do Satiro  
E o "Pedrês" do sertão.

Tinha o cavalo "Veado"  
Do senhor José Ferreira,  
Que nunca correu a touro  
Que não levantasse a poeira,  
Mas o dono esmoreceu  
Quando me viu na carreira. . .

O "Pedrês" do sertão  
Tem fama no Acari,  
Correu muito em Caicó,  
Conceição do Sabugi,  
Hoje está logrando fama  
Na ribeira Potengi.

Logo eu tive uma fortuna  
Que me safei bem contente,  
No dia da apartação  
Achei "Medalha" doente,  
Porém pude conhecer  
Qu'era cavalo de frente. . .

O "Medalha" e o "Pedrês"  
Corriam sempre irmanado,



Um duma banda, outro doutra,  
E eu no meio emprensado,  
Porém sempre me safando  
Pois corria com cuidado.

Fui jurado neste dia  
Do "Medalha" e do "Pedrês",  
Com'êles não me pegaro  
Fui jurado pr'outra vez  
Para outra apartação  
Que se juntasse nós três. . .

Dê-me lembrança ao cavalo  
De Zé Lopes da Condessa,  
Que veio a mim com muito roço,  
Mas tirei-o da suspeita,  
Êsses cavalinho novos  
A mim não me faz careta.

Dê-me lembrança ao cavalo  
Do senhor José Leborá,  
Qu'eu sei que é corredô  
Pra pegá boi não demora,  
Mas porém nas minhas unha  
Não pôde cantá vitoria. . .

Dê-me lembrança ao cavalo  
"Veneno" da Serra Azú,  
E o "Veado" do Ferreira  
Que é mesmo que um garapú.  
Êsses ainda chegarum  
Perto do meu mucumbú.

Lembrança ao cavalo velho  
"Castanho" da Divisão,  
Está com 22 ano,  
Porém não dá seu quinhão,  
Ainda pode vadiar  
Em qualquer apartação.

O que foi de cavalo bons  
Todos correram a mim  
Porém não teve nenhum  
Que me quebrasse o cupim,  
Eu não fui com o lombo ao chão  
Nem amassei o capim.

O "Veneno" da Serra Azul  
Inda saiu me pizando,  
No arranco da porteira,

O vaqueiro foi pegando,  
Mas tinha o pátio ao meu favor  
Depressa me fui safando. . .

Lembrança aos vaqueiros todos  
Que vinham em bons cavalo,  
Que correram atrás de mim  
Mas porém não me pegaro,  
E eu dei tabaco a todos  
Na presença do Vigaro. . .

Lembrança a José Ribeiro  
E também a Aureliano  
E aos camaradas dêle,  
Dêem lembrança que eu mando,  
Se a morte não me matar,  
Adeus, até para o ano. . .

Dê-me lembrança também  
Ao velho José Catita,  
Que êle já é home velho  
Mas ficou comigo em vista,  
Que a carreira do cabano  
Êle achou muito bonita.

Dê-me lembrança a Ovídio,  
Filho de senhor Macio,  
Que também gostou de ver  
A carreira do "nuvío". . .  
E ao camarada dêle,  
Chamado Manué Bazio.

Tem aí dois camarada  
Qu'êsses me ficaro atrás,  
Dê-me lembrança que eu mando,  
Ao senhor Manué Morais,  
E um camarada dêle,  
Chamado Bento Tomaz. . .

Elpidio mais Bernardino,  
Home puchadô de gado,  
Mas tivero uma desculpa  
Porque estavum mal montado,  
Porém levaram em lembrança,  
O cabaninho rajado. . .

Matou-se uma vaca gorda  
Mode comer panelada,  
Comeu-se mais outras duas,  
Que foi de perna quebrada,

Quando foi no fim da festa  
Todas três tavum acabada. . .

Quand'uma quebrava a perna,  
O patrão criava fogo,  
Dizia logo pra mulher: —  
— Nós temos carne de novo,  
Toque fogo na penela,  
Pra dar de comer ao povo.

Gritava o filho Pedro,  
Com uma venda de "molhado"  
E outra só de "fazenda",  
E muito dinheiro guardado: —  
— meu Pai não esmoreça,  
Quero vê falá arrojado. . .

Gritava seu Adelino,  
Falava dona Janoca,  
De vez em quando botava  
Ela a cabeça na porta,  
— Se eu ganhar dentro do samba  
Hoje o diabo se sortia — !

Entrava dona Janoca  
Pra dentro do cupiá,  
Vinha a porta de diente,  
Vê o povo derrubá,  
— Meu veio a mesa tá pronta,  
Chame o povo pra jantá. . .

Era povo em demasia,  
Que não se podia contá,  
Home, muié e menino,  
Que chegava a negrejá,  
Só se acreditava bem  
Foi quem viu, quem estava lá. . .

Primeiro entrou o Vigário,  
O home de mais valô,

Por ter mais merecimento,  
Desde que se ordenou,  
Por ser ministro de Cristo,  
Mandado pelo Senhô. . .

Estava home ilustrado,  
Onde um foi seu Mangabeira,  
Seu Ulisse e major Afonso,  
Seu Duarte e João Siqueira,  
O filho de seu Chicó,  
O capitão Zé Ferreira. . .

Estava seu Sebastião,  
França Dias e seu Marinho,  
Zé Pedro e Manuel Anrique,  
João Batista e seu Toninho,  
Estava seu José Claudino  
E o cunhado Francisquinho.

Estava dois home ilustrado,  
Home de muito valô,  
Moradô na capitá,  
Manos do Gunvernador. . .  
Estava também Fabião,  
Qu'ê poeta glosadô. . .

Esteve um moço da cidade,  
Chamado Joca Galvão,  
Que é casado com a filha  
Do Teófilo Barandão,  
Retratou o povo todo  
E o gado da apartação. . .

Esteve home ilustrado,  
Doutores e capitão,  
Onde estava seu Vigaro  
Junto com o sacristão. . .  
Porém nenhum dêles faz  
O que faz o Fabião!. . .

---

## Ciclo do Gado

### b) "Gesta" de animais.

Para o nordeste a pastorícia fixou a população. Os velhos "currais de gado" foram os alicerces pivotantes das futuras cidades. As fazendas coincidem como denominadoras das regiões povoadas. Vezes ainda mostram a primitiva "casa-da-fazenda", núcleo irradiante de todo casario agora iluminado a eletricidade e ouvindo rádio. A toponímia recordadora é vultuosa e por si só atesta o prestígio e a vastidão do trabalho pastoril. Das

margens do rio S. Francisco vieram vaqueiros e povoaram as sesmarias requeridas, de léguas e léguas, pelos capitães-mores pernambucanos e baianos. A guerra dos índios no século XVII, determinando a ida de centenas e centenas de homens nas forças de repressão, antecipou a penetração das terras entregues aos selvícolas. As fazendas se multiplicaram. O gado era tudo. Capistrano de Abreu chama a "era do couro" porque o couro significava quase a própria economia da época. A pecuária dava, como na Grécia antiga, o sentido de riqueza e de força social. A figura máxima era o fazendeiro, com sua gadaria, seus vaqueiros e trabalhadores do eito. A fazenda não exigia tantos braços como a lavoura. O trabalho era o mesmo para todos, vaqueiros, donos da fazenda e escravos. O isolamento, a distância dos centros que se iam civilizando, fazia daquela pequenina população entregue aos cuidados de um homem, um mundo que se bastava. Os cercados de milho, de mandioca, de feijão, de inhame, de gerimú, garantiam, como o gado, a subsistência. O leite, coalhado, os queijos frescos ou de prensa, os bolos secos e beijús, davam o sabor às refeições breves e silenciosas, sem talher e sem copo, feitas no couro, sem mulheres derredor.

Nas grandes festas do ano, S. João e Natal, ia-se à missa do povoado. As fazendas maiores tinham suas capelas. Estas são atualmente as Igrejas das cidades sertanejas.

A distração era o cantador. Dedilhando a viola ou arranhando a rabeca, o negro-escravo ou um curiboca "alvarinto", recordava aventuras de cangaceiros ou doces romances de amor. Cantava xácaras portuguesas. O assunto mais sugestivo, depois do desafio, era a história dos entes que povoavam a vida do sertão, bois, touros, vacas, bodes, éguas, as onças, os veados. Essa fauna era evocada com detalhes de localização, indicações de nomes próprios que faziam rir a assistência. Os touros e bois, onças e bodes velozes contavam suas andanças, narrando as carreiras e os furtos cometidos. O auditório, rudes vaqueiros encardidos de sol, veteranos das "catíngas" e dos tabuleiros, vencedores dos saltos dos serrotes e das galopadas frenéticas no lombo das serras sem nome, acompanhava num interesse supremo o assunto que era a explicação pessoal de cada um.

Os mais antigos versos são justamente aqueles que descrevem cenas e episódios da pecuária. Os dramas ou as farsas da gadaria viviam na fabulação roufenha dos cantadores.

As vezes os versos anunciam o ano. Na "décima do Bico Branco", que A. Americano do Brasil recolheu em Goiaz, cita-se:

Na era de cinquenta e quatro,  
Na ribeira do Enforcado,

A onze do mês de outubro  
Me alembro que fui pegado. . .

No "A. B. C." do "Boi Prata" que Sílvio Romero diz ser cearense e incluiu no seu "Cantos Populares do Brasil", há outra alusão ao ano:

A dois de agosto de quarenta e quatro  
Nasci no Saco da Ema;

Bebí na Lagôa Grande,  
E malhei lá na Jurema. . .

Dessa antiguidade de função social vem os versos que retratam o ambiente, focando o motivo essencial do trabalho humano da época. Os versos velhos, aqueles que não podem mais ter reconstituição para o Folclore, são dedicados a bois, a touros, a vacas. Foram escritos e cantados, numa

toada triste de xácara portuguesa, em quadrinhas de sete sílabas. Em 1910 ainda ouvi em Augusto Severo, Caraúbas, Assú, no Rio Grande do Norte, em Souza, S. João do Rio do Peixe e fazendas na Paraíba, histórias de bois, cantadas. Daí conservei de-cor a solfa do boi Surubim.

Muitos destes versos estão misturados com outras "gestas" modernas, confundidos e baralhados na homenagem a outro bicho. Os primitivos eram todos em quadras e, repito, a sextilha denuncia a relativa modelagem recente. Os velhíssimos romances do Boi Espácio, do Boi Barroso, do Boi Surubim, da Vaca do Burel, foram todos cantados em tom menor e eram em quadras, como a maioria dos registados em Goiás e Mato Grosso onde não se deu maior influência litorânea, modificando a versificação tradicional.

Outro sinal de antiguidade é o fantástico que cerca a figura dos velhos animais glorificados.

Meu Boi nasceu de manhã,  
A mei-dia se assinou,  
As quatro horas da tarde  
Com quatro touros brigou!

O couro do Boi Espácio  
Deu cem pares de surrão,  
Para carregar farinha  
Da praia de Maranhão.

O romance do Boi Espácio, Silvio Romero mostrou ser contemporâneo às lutas da Independência do Brasil. Alude-se a "marotos", denominação pejorativa dada aos portugueses.

Os cascos do Boi Espácio  
Dêles fizeram canôa

Para se passar Marotos  
Do Brasil para Lisboa...

E, no romance do Boi Liso, que Pereira da Costa registou no sertão pernambucano, há outra indicação de data:

Fui bezerro em vinte e sete,  
Em vinte e oito garrote,

No ano de trinta e dois  
Passei o golpe da morte.

Não há exemplo, no sertão nordestino, de versos do ciclo do cangaço, romances de aventuras, citações de Carlos Magno e dos Doze Pares de França, anteriores às datas registadas nesses versos do ciclo do gado.

No romance "O Rabicho da Geralda", um dos mais tradicionais de todo sertão, vê-se a citação da "grande seca", que é 1792. O historiador cearense Antônio Bezerra de Menezes guardava entre seus papéis uma cópia e afirmou a Rodrigues de Carvalho que a história se passara em Quixeramobim, no ano de 1792. A quadra assim diz:

Chega enfim noventa e dois  
Aquele seca comprida;

Logo vi que era a causa  
De eu perder a minha vida.

Na versão publicada por Silvio Romero em 1883:

Veio aquela grande seca  
De todos tão conhecida;

E logo vi que era o caso  
De despedir-me da vida.

Americano do Brasil encontrou uma versão do "Rabicho da Geralda" em Goiás, à margem do Rio Vermelho. Alude aos vaqueiros de Pau Jaú de Fulô (Pajeú de Flores, em Pernambuco) mandados buscar para a captura do boi famanaz. Na parte da sêca apenas menciona.

No ano da sêca grande,  
Daquela sêca comprida,

Secaram os olhos d'água  
Donde era minha bebida.

Na versão coligida por Sílvio Romero, incontestavelmente a mais antiga e sem maiores interpolações, vários termos são do século XVIII e correntes do sertão. Há tantíssimos anos que ninguém diz "mortório" por funeral e construções ainda lembrando Portugal:

Encontrou Tomé da Silva  
Que era velho topador,

— Dá-me novas do Rabicho  
Da Geralda, meu senhor?

A curiosidade maior é a identificação do cantador com o seu modelo. A quase totalidade dos versos é anônima e todo sertão repete a obra mas não conhece, e jamais conhecerá, o autor. Sabe-se apenas a história, seguida e concatenada, duma existência bravia, sem cotejos e sem estímulos em cancioneiros ibero-americanos. O poeta sertanejo desaparece inteiramente. Só o animal, touro ou onça, boi ou bode, falará para a memória fiel de gerações de vaqueiros e de cantadores.

Eu sou o liso Rabicho,  
Boi de fama conhecido.  
Nunca houve neste mundo  
Outro boi tão destemido.

Na fazenda do Burel,  
Nos verdes onde pastei,  
Muitos vaqueiros de fama  
Nos carrascos eu deixei...

Assim falam, na abertura da odisséia, o boi Rabicho da Geralda e a Vaca do Burel. Assim falam as onças do Sitiá e do Cruxatú:

Eu sou a célebre onça,  
Massaroca destemida,  
Que mais poldrinhos comeu,  
A-pesar de perseguida!  
Achando-me perto da morte,  
Vou contar a minha vida.

Sou onça sussuarana,  
Filha da onça pintada,  
Sou neta da massaroca,  
Trouxe sina de enfeitada,  
Nasci no Curral do Meio,  
Onde fiz minha morada.

Assim dizem sua lôa a "besta" da serra de Joana Gomes no Rio Grande do Norte e a "mateira", veada do populário de Goiás:

Besta nascí, besta sou,  
Apois besta é o meu nome,  
Mas besta é os vaqueiro,

Qui nasceru sendo home,  
Porque pensavum qu'eu era  
O gado da Joana Gome...

Antes que dê princípio  
A contar minha vida,  
E' de acerto dizer  
Aonde fui nascida.

Eu nasci numa fazenda  
Rica de capão e mata,  
A qual se me não engano,  
E' a fazenda do Prata.

Assim o Boi Vitor e o Pintadinho:

Digo eu, boi do Vitor,  
Desta terra bem conhecido,  
A grandeza do meu nome  
Neste mundo tem corrido.

Eu sou o boi Pintadinho,  
Boi corredor de fama,  
Que tanto corre no duro  
Como na várzea de lama. . .

A "gesta" dos animais é a mais tradicional e querida pelos sertanejos. Sua abundância de outrora com a rareza de sua existência presente, marcam o predomínio e o declínio da pecuária nordestina.

### Solfa do "Boi Surubim".

O "romance" do Boi Surubim é um dos mais antigos e de maior área de influência. Todo o nordeste conhece a música característica e alguns versos são cantados em toda a parte. O "romance" completo não me foi possível obter. Silvio Romero recolheu uma versão. São elas de número incalculável. Aparecem nos "testamentos", em cantigas de embalar, em desafios. A solfa se mantém quase a mesma. Oví-a em Pernambuco, na Paraíba, no Rio Grande do Norte, em Ceará. Quando criança sabia muitos versos. Nunca pensei em decorá-los porque os aprendera automaticamente, por muito ouvi-los. Vez por outra a música do Boi-Surubim surge vestindo uma história de vaquejada. Tiram o refrão "oh Maninha!" e cantam a luta dum marruá ou a velocidade duma poldra, que ninguém podia alcançar.

O verso único que me ficou na memória é o seguinte:

Meu Boi nasceu de manhã, Oh! ma-  
[ninha!  
Ao mei-dia se assinou. . .

As quatro horas da tarde, oh! Mani-  
[nha!  
Com quatro touros brigou! . . .

Os versos em quadras mostram a antiguidade do "romance". Surubim é o peixe azulado, çoo-obí, animal, caça, bicho, azul, em nhengatú. É um rio do Piauí, o grande produtor de gado logo na primeira vintena do século XIX. Creio que o topônimo denuncia que o "romance", pertencendo ao Ciclo do Gado, é de fins do século XVIII ou princípios do XIX.



## Romance do Boi da Mão de Pau

De Fabião das Queimadas (1848-1928). Fabião Hemene-gildo Ferreira da Rocha. Rio Grande do Norte.

E' de notar-se o emprêgo, vez por outra, das rimas toan-tes, como na poética do século XVI.

1

Vou puxar pelo juízo  
Para saber-se quem sou.  
Prumode saber-se dum caso,  
Talqual êle se passou,  
Que é o Boi liso vermelho,  
O Mão de Pau corredor!

2

Desde em cima, no sertão  
Até dentro da capitá  
Do norte até o sul,  
Do mundo todo em gerá,  
Em adjunto de gente,  
Só se fala em Mão de Pau.

3

Pois sendo eu um boi manso  
Logrei a fama de brabo,  
Dava alguma corridinha  
Por me ver aperiado,  
Com chocalho no pescoço,  
E além disto algemado...

4

Foi-se espalhando a notícia;  
Mão de Pau é valentão.  
Tando eu enchocalhado,  
Com as algemas nas mão,  
Mas nada posso dizer,  
Que preso não tem razão.

5

Sei que não tenho razão,  
Mas sempre quero falá,  
Porque além d'eu estar preso  
Querem me assassinar...  
Vossamercês não ignorem;  
A defesa é naturá...

6

Veio cavalos de fama  
Pra correr ao Mão de Pau.  
Todos ficaram comido  
De espora e bacalhau...  
Desde eu bezerro novo  
Que tenho meu gênio mau...

7

Na serra de Joana Gomes  
Fui eu nascido e criado,  
Vi-me a morrer de sêde,  
Mudei-me lá pro Salgado.  
Dai em vante os vaqueiro  
Me trouveram atropelado...

8

Me traquejaram na sombra,  
Traquejavam na comida,  
Me traquejavam nos campo  
Traquejavam nas bebida,  
Só Deus terá dó de mim,  
Triste é a minha vida...

9

Tudo quanto foi vaqueiro  
Tudo me aperriou,  
Abaixo de Deus eu tinha  
Fabião a meu favor.  
Meu nêgo, chicota os bicho...  
Aqueles pabuladô...

10

Pegaram a me aperiar,  
Fazendo brabo estrupiço,  
Fabião na casa dêle,  
Esmiuçando por isso,  
Mode no fim da batalha  
Pudê fazê o serviço...



## 11

Tando eu numa maiada,  
 Numa hora d'amei-dia,  
 Que quando me vi chegá  
 Três vaqueiro de enxurria,  
 Onde seu José Joaquim  
 Êste me vinha na guia. . .

## 12

Chegou-me ali de repente,  
 O cavalo "Ouro Preto",  
 E num instante pegou-me,  
 Num lugá até estreito,  
 Se os outro tiveram fama  
 Dêles não vi o proveito. . .

## 13

Ali fui enchocalhado,  
 Com as algemas na mão,  
 Butado por Chico Luca  
 E o Raimundo Girão,  
 E o Joaquim Siliveste  
 Mandado por meu patrão.

## 14

Aí eu me levantei,  
 Saí até choteando,  
 Porque eu tava peiado,  
 Eles ficaram mangando,  
 Quando foi daí a pouco  
 Andava tudo aboiando. . .

## 15

Me caçaram tôda a tarde,  
 E não me puderam achar,  
 Quando foi ao pôr-do-sol,  
 Pegaram a si consultar,  
 Na chegada de casa  
 Que história iam contar.

## 16

Quando foi no outro dia  
 Se ajuntaram muita gente.  
 — Só pra dá desprezo ao dono  
 Vamos beber aguardente. . .  
 Pegaram a si consultar,  
 Uns atrás, outro aguento. . .

## 17

Procurei meus pasto veio,  
 A serra de Joana Gome,  
 Não venho mais no Salgado,  
 Nem que eu morra de fome,  
 Pru que lá aperriou-me  
 Tudo o que foi de home. . .

## 18

Prefiro morrer de sede,  
 Não venho mais no Salgado,  
 No tempo em que tive lá,  
 Viví muito aperriado,  
 Eu não era criminoso  
 Porem saí algemado. . .

## 19

Me caçaram muito tempo,  
 Ficaram desenganado,  
 E eu agora de-meu,  
 Lá na serra descansado. . .  
 Acabo de muito tempo,  
 Vi-me muito agoniado.

## 20

Quando foi com quatro mês,  
 Um droga dum caçadô  
 Andando lá pulos matos,  
 Lá na serra me avistou,  
 Correu de-pressa pra casa,  
 Dando parte a meu sinhô. . .

## 21

Foi dizê a meu sinhô  
 — Eu vi Mão de Pau na serra —  
 Daí em vante os vaqueiro,  
 Pegaro a mi fazê guerra,  
 Eu não sei que hei de fazê  
 Para vivê nesta terra. . .

## 22

Veio logo o Vasconcelos  
 No cavalo "Zabelinha",  
 Veio disposto a pegar-me,  
 Pra ver a fama qu'eu tinha,  
 Mas não deu pra eu bulí  
 Na panela das meizinha. . .

Sei que tô enchocalhado  
Com as argemas na mão,  
Mas êsses cavalos mago  
Enfio dez num cordão,  
Mato cem duma carreira,  
Deixo estirado no chão. . .

Quando foi no outro dia  
Veio Antônio Serafim,  
Meu sinhô Chico Rodrigue,  
Isto tudo contra mim. . .  
Vinha mais muito vaqueiro  
Só pro-mode dá-me fim.

Também vinha nesse dia  
Sinhô Raimundo Xexêu,  
Êste passava por mim  
Nem me tirava o chapêu,  
Estava correndo atôa,  
Deixei-o indo aos bolêus. . .

Foram pro mato dizendo  
O Mão de Pau vai a peia.  
Se ocuparo neste dia  
Só em comê mé-de-abeia,  
Chegaro em casa de tarde,  
Vinhão de barriga cheia. . .

Neste dia lá no mato  
Ao tirá duma "amarela",  
Ajuntaram-se êles todo,  
Quase qui brigam mor-dela  
Ficaram todos breados,  
Oios, pestana e capela. . .

Quem vinhé a mim percure,  
Um cavalo com sustança,  
Ind'eu correndo oito dia  
As canela não me cansa  
Só temo a cavalo gordo  
E vaqueiro de fiança. . .

Eu temia ao "Cubiçado"  
De Antônio Serafim,  
Prá minha felicidade  
Êste morreu, levou fim.  
Fiquei temendo o "Castanho"  
Do sinhô José Joaquim.

Mas peço ao José Joaquim,  
Se êle vier no "Castanho",  
Vigí não faça remô,  
Qu'eu pra corrê não me acânho,  
Nem quero atrás de mim  
De fora vaqueiro estranho.

Logo obraram muito mal  
Em correr pro Trairí,  
Buscar vaqueiro de fora,  
Pra comigo divirtí,  
Tendo eu mais arreceio  
Dos cabras do Potengi. . .

Veio Antônio Rodrigues,  
Veio Antônio Serafim,  
Miguel e Gino Viana,  
Tudo isto contra mim,  
Ajuntou-se a tropa tôda  
Na casa do José Joaquim.

Meu senhô Chico Rodrigue  
E' quem mais me aperriava,  
Além de vir muita gente,  
Inda mais gente ajuntava,  
Vinha em cavalos bons,  
Só pra vê se me pegava. . .

Vinha dois cavalos de fama,  
"Gato Preto" e o "Macaco",  
E os donos em cima dêles,  
Papulando no meu resto,  
Tive pena não nos vê  
Numa ponta de carrasco. . .

35

Ao senhô Francisco Dias,  
Vaqueiro do Coroné,  
Jurou-me muito pega-me  
No seu cavalo "Baé",  
Porém que temia a morte,  
S'alebrava da muié. . .

36

Vaqueiro do Potengí,  
De lá inda veio um,  
Um bicho escavacadô,  
Chamado José Pinun,  
Vinha pra me comê vivo  
Porem vortô em jijum. . .

37

Veio até do "Olho d'Água"  
Um tal Antônio Mateu,  
Num cavalo bom que tinha,  
Também pra corrê a eu.  
Cuide de sua família,  
Vá se encomendá a Deus. . .

38

Veio até senhô Sabino,  
Lá da "Maiada Redonda",  
E' bicho que fala grosso,  
Quando grita a serra estronda,  
Conheça que o "Mão de Pau"  
Com careta não se assombra. . .

39

Dois fio de Januaro,  
Bernardo e Maximiano,  
Correram atrás de mim  
Mas tirei-os do engano  
Veja lá que "Mão de Pau"  
Pra corrê é boi tirano. . .

40

Bernardo por sê mais moço  
Era mais impertinente,  
Foi quem mais me perseguiu  
Mas enganei-o sempre,  
Quem vier ao "Mão de Pau"  
Se não morrer, cai doente. . .

41

Cabra que vier a mim,  
Traga a vida na garupa,  
Se não eu faço com êle  
O que fiz com Chito Luca,  
Enquanto êle fô vivo  
Nunca mais a boi insulta. . .

42

Senhô Antônio Rodrigue  
Mas seu Gino Viana,  
Vocês tão em terra aleia  
Apois vigie como anda,  
Se não souberam dansá  
Não se metessem no samba.

43

Vaqueiro do Trairí  
Diz. Aquí não dá recado,  
Se êle dê algum dia santo  
Todos êle são tirado,  
Deix'isso pr'Antonho Ansermo  
Que êste corre apumado. . .

44

Quando vi Antonho Ansermo,  
No cavalo "Maravia",  
Fui tratando de corrê  
Mas sabendo que morria. . .  
Saiu de casa disposto,  
Se despidiu da família. . .

45

Vou embora desta terra,  
Pru que conheci vaqueiro,  
E vou de muda pros Brejo  
Mode dá carne aos brejeiro,  
Do meu dono bem contente  
Que embolson bom dinheiro. . .

46

Adeus "Lagôa dos Veio",  
E "lagôa do Jucá",  
E serra da Joana Gome,  
E "riacho do Juá". . .  
Adeus até outro dia,  
Nunca mais virei por cá. . .

Adeus "cacimba do Salgado",  
 E "poço do Caldeirão",  
 Adeus "lagôa da Peda",  
 E "serra do Boqueirão",  
 Diga adeus que vai embora  
 O Boi d'argema na mão. . .

Já morreu, já se acabou,  
 Está fechada a questão,  
 Foi s'embora desta terra  
 O dito Boi valentão.  
 Pra corrê só "Mão de Pau",  
 Pra verso só Fabião! . . .

**ELUCIDÁRIO:** — Não é necessário mencionar a construção da frase sertaneja nem o processo simplificador de sua prosódia. A queda e substituições de consoantes já foram estudadas por Amadeu Amaral, Mário Marroquim, Antenor Nascentes (no linguajar carioca), Jaques Raimundo, na parte da influência negra, etc.

Veio-velho, mago-magro, maiada-malhada, os pró, prú mode: os rr por ll, o uso das vogais abertas, a queda da consoante final, os ii por ee, a ausência do plural os im-riba, por em cima, a colocação pronominal, são aspectos elucidados. Alinho apenas alguns vocábulos para melhor compreensão do romance sertanejo que se passou na ribeira do Potengi, no rio que banha Natal.

O número é da sextilha na qual a palavra foi empregada.

(2) adjunto-de-gente, reunião, ajuntamento, grupo. (3) aperiado, aperreio, aperriando, insistir, incomodar, perseguir. (7) truveram, forma absoluta, comum nos quinhentistas. "de quem novamente a trouxe a elle" — Antônio Ferreira, Comédia do Bristo, prólogo. (8) traquejaram, exercitaram. O verbo traquejar não é estrangeirismo e sim arcaísmo, traquejar por experimentar, adestrar, é encontrado nos quinhentistas. (9) pabulador, de pabulagem, arrogância, treatralidade, cabotinismo. (11) amei-dia ao meio-dia. (14) aboiando, de aboio, canto sem palavras com que os vaqueiros conduzem o gado. Corresponde, mais ou menos, a "briolage" dos criadores do Berry em França. (15) caçaram, por procuraram. (16) aguenta-adiente-adiante-diante (17) Home, por homem, de fácil encontro nos escritores e poetas do século XVI. (19) de-meu, estava de-meu, estou de-meu, à vontade, tranquilo, sossegado, confortavelmente. (20) droga, drale, diabo. Também droga vale dizer coisa sem préstimo, falhada, inútil. (21) daí em vante, daí em diante. (22) panela da meizinha, alusão ao cozimento de ervas empregadas nos ritos da feitiçaria. Meizinha, remédio, está em Ferreira e Gil Vicente. (27) Amarela é uma abelha que fabrica um mel fino e delicioso. (34) ponta de carrasco é o princípio de um capão de mato áspero, com plantas espinhosas. (38) maiada-malhada, lugar onde o gado passa as horas de soalheira, pouso onde comumente a gadaria descansa.

## O Cantador

Que é o Cantador? E' o descendente do Aedo da Grécia, do rapsodo ambulante dos Helenos, do Glee-man anglo-saxão, dos Moganís e metris árabes, do velálica da Índia, das runoias da Finlândia, dos bardos armoricanos, dos scaldos da Escandinávia, dos menestréis, trovadores, mestres-cantadores da

Idade-Média. Canta êle, como há séculos, a história da região e a gesta rude do Homem. É a epica grega, o barditus germano, a gesta franca, a estória portuguesa, a xácara recordadora. É o registo, a memória viva, o Olâm dos etruscos, a voz da multidão silenciosa, a presença do Passado, o vestígio das emoções anteriores, a História sonora e humilde dos que não têm história. É o testemunho, o depoimento. Ele, analfabeto e bronco, arranhando a viola primitiva, pobre de melodia e de efeito musical, repete, através das idades, a orgulhosa afirmativa do "velho" no poema de Gonçalves Dias: — "*Meninos, eu vi...*"

Antigamente a maioria era analfabeta. Não o eram tantos trovadores famosos da Idade-Média, príncipes e cavaleiros armados em justas e usando na chapa do escudo a honra de brasões dados pela mão do Rei? Todos os historiadores da poesia do norte e do sul da França não registam que certos trovadores eram acompanhados de secretários para que escrevessem os versos, tarefa impossível de ser feita pelo poeta?

Dois exemplos, em literaturas diversas e longínquas. Ulrico de Lichtenstein (1200-1276), um dos mais célebres *Minnesinger* da Alemanha, pagem da duquesa Beatriz de Merania, armado cavaleiro em Viena, 1223, guerreiro ilustre, amigo de príncipes e disputado como uma jóia pelos seus cantos, era analfabeto. *Ce qu'il ne lui apprit pas, parce qu'il ne le savait probablement pas lui-même, ce fut à lire et à écrire; Ulric en fait l'aveu, disant, dans une de ses chansons, qu'ayant reçu une lettre de sa maîtresse, il dut rester dix jours sans en prendre connaissance, son secrétaire étant alors absent*, informa F. J. Fétis, ("*Histoire générale de la Musique*", v. V.<sup>o</sup>, p. 71. Paris, 1876).

Dos dois mais celebrados e gloriosos poetas e cantores árabes foram Muallamnes e seu sobrinho Tarafa (\*). Ambos, protegidos pelo sultão de Hira, desgostaram-no pelas sátiras impensadamente feitas e comunicadas ao soberano. Para desfazer-se deles, o sultão mandou-os a um seu amigo, rei em Bachreim, ao oeste do golfo pérsico, com cartas que ordenavam a morte imediata dos portadores. As duas glórias não sabiam ler.

hablar y cantar sabían:  
sus discursos y canciones  
se conservan todavía;

mas ni el arte de leer  
ni el de escribir conocían. (\*\*).

Assim, os grandes cantadores nordestinos de outrora eram analfabetos (\*\*\*) A percentagem hoje é inferior a 20%. Também a "cantoria" não se pode comparar em força, agressividade e arrôjo, com a dos outros

---

(\*) Sobre o poeta Tarafa ibn Abd Al Baldui há extensa bibliografia. Conheço apenas um "moallaqua" que Armand Kahn publicou em sua "*La Littérature Arabe*", p. 40. (Louis-Michand, Paris, s. d.).

(\*\*) S. Ruckert — "*Siete libros de leyendas e historias orientales*", p. 136, Stuttgart, 1837, citado por Augusto Müller, — "*El Islamismo*", p. 341, da *Historia Universal* dirigida por Guillermo Oucken, volume XIII, Barcelona, 1929.

(\*\*\*) "*L'éducation des chanteurs (plus artistique en cela, que la nôtre), se faisait par la mémoire, par l'oreille et l'intelligence, non par les yeux*" — J. Cambariou — "*Histoire de la Musique*" — p. 242. Tome - I. Armand Colin. Paris, 1920.

tempos. Não saber ler dispensava justificação e constituía ainda um elemento de prosápia:

Inda eu caíndo dos quartos,  
fico seguro das mão. . .  
Trato bem p'ra ser tratado,

Carrego esta opinião!  
*Embora sem saber ler,*  
Governo todo o sertão! . . .

Curiosa é a figura do cantador. Tem êle todo orgulho do seu estado. Sabe que é uma marca de superioridade ambiental, um sinal de elevação, de supremacia, de domínio. Paupérrimo, andrajoso, semi faminto, errante, ostenta, num diapasão de conciente prestígio, os valores da inteligência inculta e brava mas senhora de si, reverenciada e dominadora.

São pequenos plantadores, donos de fazendolas, por *meia* com o fazendeiro, mendigos, cegos, aleijados, que nunca recusam desafio, vindo de longe ou feito de perto. Não podem resistir à sugestão poderosa do canto, da luta, da exibição intelectual ante um público rústico, entusiasta e arrebatado. Caminham léguas e léguas, a viola ou a rabeca dentro de um saco encardido, às vezes cavalgando animal emprestado, de outras feitas a pé, ruminando o debate, preparando perguntas, dispondo a memória. São cavaleiros andantes que nenhum Cervantes desmoralizou.

Os que têm meios-de-vida, afora a cantoria, tudo abandonam para entestar com um adversário famoso. (\*) Nada compensaria sua ausência da pugna assim como a recompensa material é sempre inferior às alegrias interiores do batalhador. Deixam o roçado, a miunça, a casinha, e lá se vão, palmilhando o sertão ardente, procurando aventuras. Doutra forma não eram Amadís de Gaula, Palmeirim da Inglaterra, os cavaleiros da Távola Redonda, os do Santo Graal, caçadores de duelos, defensores dos fracos, vencedores de gigantes e de anões mágicos.

Dessas "tournées" ficam os versos celebrando os combates e a fama derramada nas regiões atravessadas, teatro da luta ou da derrota imprevista. Nas biografias dos Cantadores dou uma carta de Firino de Góis Jurema, relatório da campanha, indicando locais e nomes onde foi espalhando seus sucessos.

Admirável é que o tempo não lhes vença o ânimo nem apouque a admiração do povo. Continuam como eram. Agora em menor porção mas sempre queridos, cercados, cantando valentias, passando fome, vendendo folhetos, sonhando batalhas. Seu público não mudou. É o mesmo. Vaqueiros, mascates, comboeiros, trabalhadores de-eito, meninada sem profissão certa e que trabalha em tudo, mulheres. Nas feiras são indispensáveis. Rodeados como os "camelots" nas cidades, de longe ouvimos a voz roufenha,

---

(\*) Eu, no inverno estou na enxada,  
na sêca, estou na viola!  
No inverno, vivo dos braços,  
Na sêca, vivo da bola...

*Bola* é cabeça, tino, inteligência. É uma quadra, da coleção Leonardo Mota, que fotografa a vida de uma grande percentagem de cantadores.

A quadra citada é do cantador Asa Branca.

áspera, gritante. Nos intervalos, o canto chorado da viola, acompanhadeira. Perto, cem olhos se abrem, contentes de ver mentalmente o velho cenário combativo de seus avós. Ninguém interrompe. Não há insulto, pilhéria, a pilhéria dos rapazes espirituosos das capitais. Há silêncio e ouvida atenta.

Os cegos são acompanhados pelas espôsas ou filhos. Ficam a noite inteira, impassíveis, imóveis, ouvindo a voz familiar e querida no aceso dos "martelos", guerreando. Nenhum vitupério, por mais reboante e feliz, despertando a gargalhada em toda multidão, diminui a confiança na vitória do ente afetoso e amado que eles seguem, protegendo e sendo protegidos. Anos e anos depois a cantoria possui mais um fiel. A voz paterna, emudecida na morte, ecoa nos lábios filiais, numa homenagem de saudade:

Eu aqui sou Josué,  
filho do grande Romano,  
foi o maior cantor

que teve o gênero humano,  
tinha a ciência da abelha  
e a força do oceano...

E uma noite, em casa do dr. Samuel Hardmann, secretário da Agricultura em Pernambuco, ouvi um cantador negro, alto, sêco, espigado, sereno. Minutos antes de iniciar um "romance" para um auditório ilustre, informou, como um Rei d'Armas dizia os nomes infundáveis dum Herdeiro de Trono: eu sou *João da Catingueira, filho de Inaço da Catingueira, o grande cantador...* (\*)

E todos nós compreendemos e sentimos aquele manso orgulho obstinado.

Os versos mais felizes são conservados na memória coletiva. Essa literatura oral é riquíssima. Vezes é uma solfa secular que se mantém quase pura. Noutra, a linha do tema melódico se desfigurou, acrescido de valores novos e amalgamado com trechos truncados de óperas, de missas, de "baianos" esquecidos, do tempo-em-que-vintém-era-dinheiro. Como para o "payador" argentino Santos Vega, a tradição oral guarda as obras que não foram impressas e elas vivem perpetuamente no idioma popular.

Aplicar-se-á fielmente a qualquer dos nossos cantadores os versos de Bartolomeu Mitre, cantando Santos Vega:

Santos Vega, tus cantares  
No te han dado excelsa gloria,  
Mas viven en la memoria  
De la turba popular;  
Y sin tinta ni papel  
Que los salve del olvido,  
De padre a hijo han venido  
Por la tradicion oral!

Com la rustica corona  
Del poeta popular?  
Y es más difícil que en bronce,  
En el mármol o granito,  
Haber sus obras escrito  
En la memoria tenaz.

Que te importa, si en el mundo  
Tu fama no se progona,

Cantando de pago en pago,  
Y venciendo payadores,  
Entre todos los cantores

(\*) Leonardo Mota, presente a essa reunião, encontrou o romance cantado por João da Catingueira, e publicou no seu livro "Violeiros do Norte" (Comp. Grap. Ed. Monteiro Lobato. S. Paulo. 1925), p. 48 e segs. O autor dos versos é Antônio Batista Guedes, de quem dou notícia na Biografia dos Cantadores.



Fuiste aclamado el mejor;  
Pero al fin caíste vencido

En un duelo de armonias,  
Después de pagar dos dias;  
Y moriste de dolor. . .

O cantador sente o destino sagrado, a predestinação, o selo que o diversifica de todos. Só as derrotas o fazem recuar para a sombra. Envelhece lutando. Todos estão convencidos que a fama imorredoura haloar-lhes-á o nome. Não há melhor título nem mais alta indicação que citar a profissão maravilhosa. Curiosamente, é raro o cantador que tem boa voz.

Ouvindo-os, em desafio acelerado e glorioso, tem-se a mesma impressão que Jacquemont registou dos Vetalicas do Hindustão. Ouvimos apenas *des sons glapissants ou nasillards*. Nenhuma sonoridade. Nenhuma delicadeza. Nenhuma nuance. Ausência de tons graves. O cantador, como o rapsodo, canta acima do tom em que seu instrumento está afinado. Abusa dos agudos. É uma voz dura, hirta, sem maleabilidade, sem floreios, sem suavidade. Cantam soltamente, quase gritando, as veias entumecidas pelo esforço, a face congesta, os olhos fixos para não perder o compasso, não o compasso musical que para eles é quase sem valor, mas a cadência do verso, o ritmo, que é tudo.

Nenhuma preocupação de desenho melódico, de música-bonita. Monotonia. Pobreza. Ingenuidade. Primitivismo. Uniformidade. *Cependant la phrase initiale de quelque chant que ce soit, est, sans aucune exception, ce qu'il y a de plus satisfaisant: le reste, vague, monotone et sans la moindre tentative pour exprimer le sentiment indiqué par les paroles, fait naître la fatigue et l'ennui*, ensinava Fétis da música dos Troubadours. Aplica-se justamente para o cantador nordestino.

Demais o sentimento musical sertanejo não é elemento que prepondera em sua alma. Um índice é a ausência de música própria para cada espécie da cantaria. No momento de cantar improvisa-se uma, qualquer, por mais inexpressiva que seja servirá para ritmar o verso. Não se guarda a música de "colcheias", "martelos" e "ligeiras". A única obrigação é respeitar o ritmo do verso. Case-se este com qualquer música, tudo o mais estará bem. O sertanejo não nota o desafinado. Nota o aritmismo.

Deforma o que canta. As modinhas do litoral, langues e sestrosas, aparecem no sertão transfiguradas, com "fermatas" e agudos assombrosos, com aquele ar de recitativo, de declamação acompanhada, que os Gregos chamavam "Paralelogue", característico visível e pronto na cantoria. Servirá ainda de índice o fato do cantador empregar a mesma solfa para os versos de vários metros. O trabalho é prolongar a solfa, sem respeito pela sua beleza ou cuidado pela sua expressão. O essencial é que fique a idéia, trazida de Portugal, da quadratura, fechando o pauperismo melódico.

Quando o cantador sabe ler, lê naturalmente. Há uma série de livros indispensáveis para o cantador. Os mais letrados já denominaram esse conjunto de conhecimentos de "ciência popular". É uma ciência que avança lentamente, muito devagar, respeitando a memória de quem primeiro decorou informações e dados.

Que livros serão esses? Têm os livros básicos, infalíveis e inamovíveis e os velhos romances portugueses, outrora parafraseados e sempre lidos nos sertões.

As principais fontes da erudição da cantoria são:

**"O LUNARIO PERPÉTUO"**. A primeira edição desse livro é de Lisboa, em 1703, na casa de Miguel Menescal. O título expressa a ciência contida: "O Non Plus Ultra do Lunário e Prognóstico perpétuo, geral e particular para todos os reinos e províncias, composto por Jerônimo Cortez, Valenciano, emendado conforme o expurgatório da Santa Inquisição, e traduzido em português". Possuo uma edição de 1921, da Parceria Antônio Maria Pereira, de Lisboa. O tradutor é Antônio da Silva Brito, já registado pelo Dicionário Bibliográfico de Inocêncio, em 1858, sem nota biográfica. O título atual é o mesmo, exceto o "Non Plus Ultra". Diz apenas: "Lunário Perpétuo, prognóstico geral e particular, etc. etc.". Tem 350 páginas. Um pouco de tudo. Astrologia, deuses mitológicos, horóscopos, receitas, calendário, vida de santos, biografias resumidas de papas, conhecimentos agrícolas, ensinamentos para fazer relógio de sol, conhecer a hora pelas estrelas, veterinária, influência dos astros nas plantas, animais e homens, etc, etc. No exemplar da edição de 1921, depois de muitos conselhos de Avicena, vem uma série de receitas. Para "esquinência ou garrotilho", crupe, é a seguinte: "É muito bom remédio tomar um ninho de andorinhas inteiro, e fazer dele um emplastro com azeite de macela e de amêndoas doces e aplicá-lo à garganta". Outra é "Para tirar qualquer bicho que tenha entrado no corpo" (p. 298-9) e assim ensina: — "Quando o bicho ou cobra entrar no corpo de alguma pessoa, que estiver dormindo, o melhor remédio é tomar o fumo de solas de sapatos velhos, pela boca, por um funil, e o bicho sairá pela parte de baixo; coisa experimentada". Há também vastas secções de meteorologia, terremotos, eclipses, etc. O "Lunário Perpétuo" é secularmente o livro mais popular de todo sertão. Todos os conhecimentos de física, química, astronomia dos cantadores vinha do "Lunário Perpétuo". Hoje ainda é "livro de valor"...

**"MISSÃO ABREVIADA"**. Menos lido mas inseparável dos cantadores letrados, todos campeões do ortodoxismo católico. Os recursos de orações, explicações de fácil teologia, resposta às curiosidades irreverentes, regimes de jejuns, dietas sagradas, abstinências, catecismo, regras morais, tudo vinha da "Missão Abreviada". As primeiras edições traziam receitas, astronomia, agricultura, hagiologia, horóscopos, previsões de tempo, mil coisas, como um "Lunário Perpétuo". Só pude ver um exemplar da décima-sexta edição, Livraria Popular Portuense, de Antônio José Fernandes, Porto, 1904. Muitas edições haviam sido de 12.000 volumes. O autor, padre Manuel José Gonçalves Couto, não deixou rasto em Inocêncio nem me foi possível descobrir mais informações. Na edição que examinei não há mais a parte da "ciência popular". Resta apenas na "Missão Abreviada" um catolicismo parecido com os solitários de Port'Royal, um jansenismo hirto, sêco, minucioso e detalhista. Desapareceu a "ciência" de achar água sem o auxílio dos vedores e a relação dos planetas que influem nos membros do corpo humano.

**"HISTÓRIA DO IMPERADOR CARLOS MAGNO, E DOS DOZE PARES DE FRANÇA"**, traduzida do castelhano em português, era o grande livro de História para as populações do interior. Nêle espelhava-se a velha cavalaria andante com seus lances de heroísmo incrível e de audácia sobrehu-

mana. Os cantadores aproveitavam-se abundantemente do repositório de andanças inverosímeis e de guerras inacabáveis. Carlos Magno, Roldão Oliveiros, os duques, mouros, reis bárbaros, corriam e correm de memória em memória numa continuidade de admiração profunda.

Essa "história" de Carlos Magno, de proezas extraordinárias e valentias só comparáveis às dos "cow boys" cinematográficos, nada tem de real nem de possível. É um tecido de lendas assombrosas, convergência de algumas dezenas de gestas francesas, reunidas, confundidas e sobrepostas, outrora pertencentes a vários heróis lendários. Aparece, como chefe supremo dos mouros inimigos de Carlos Magno, o almirante Balão (Balaão) que já surgira no "romance" de "Flor e Blancaflor", como o todo-poderoso "almirante de Babilônia" e, ao passar por Castelha, arrebanhou um gigante Ferrabrás, (\*) seu filho e trouxe, como apêndice indispensável, às abraçadabrantes façanhas de Bernardo del Caspio. A mais popular dessas "histórias" do ciclo carlovingio era a do espanhol Nicolau de Piemonte que reunira várias tradições, fazendo um verdadeiro rosário aventuroso do grande rei dos francos.

Dessa versão castelhana, vinda de original, ou originais, de França, o português Jerônimo Moreira de Carvalho. Físico-mor no Algarve, doutor em Medicina, calçou sua tradução que publicou em Lisboa, em 1728, e a segunda em Coimbra, 1732, já com 339 páginas complicadíssimas. Surgiu posteriormente (Lisboa, 1737) nova tiragem, com uma segunda parte e tendo por sub-título: "*fielmente tirada das crônicas francesas*". Sucederam-se outras, reunidas as duas partes, e a edição conhecida no sertão vem da portuguesa de 1814. São todas em prosa. Os poetas sertanejos, obrigados pela "cantoria", passaram alguns episódios para as costumeiras sextilhas, a prisão de Oliveiros, a luta de Ferrabrás e mesmo um resumo da biografia do próprio Imperador. (\*\*)

"*DICIONARIO DA FABULA*" e "*MANUAL ENCICLOPÉDICO*". Do primeiro vi um exemplar, sem nome de autor. Era um dicionário feito para os amadores de charadas, com biografias mitológicas greco-romanas, geografia da Grécia e Roma míticas, etc. O "*MANUAL ENCICLOPÉDICO*" não deparei com nenhum volume. O título, entretanto, dispensa comentários. É, naturalmente, uma réplica do "Lunário Perpétuo" e das antigas "Missões Abreviadas".

"*DONZELA TEODORA*"; — dou referências quando transcrevo a versão poética sertaneja. O original português é em prosa.

"*PRINCESA MAGALONA*", como acima. Igualmente em prosa no opúsculo português e em verso na versão que colhi e registo. Transcrevo uma versão portuguesa em versos.

"*IMPERATRIZ PORCINA*"; — É dado como sendo do cego quinhentista Baltazar Dias, da ilha da Madeira e que viveu no tempo del-rei

---

(\*) Escreve James Fitzmaurice-Kelly — "Among the Caballerias we may also class some narratives derived from the Carolingian epic — the HISTORIA DEL IMPERADOR CARLOMAGNO Y DE LOS DOCE PARES, a very popular version still reprinted of the French romance of FIERABRAS"...

(\*\*) Ver "Notas", no fim do volume.

dom Sebastião. História popularíssima em Portugal e colônias, espalhou-se rapidamente. A edição "princeps" é de Lisboa, 1660, 4.º, edição feita por Domingos Carneiro, em versos octossilábicos, ou setessílabos, na convenção divulgada por Castilho e hoje comumente seguida na métrica luso-brasileira. Há várias reimpressões conhecidas e a maioria sem indicação bibliográfica. Pertencendo a literatura de cordel, estava nas cabanas dos pobres como continua nos cupiás sertanejos. Conheço edições brasileiras de Laemmert, no Rio, Livraria editora Paulicéia, de S. Paulo, etc. Francisco das Chagas Baptista escreveu a história da Imperatriz Porcina em sextilhas e a publicou na Paraíba. O original português é de metro constante mas irregular na forma. Traz quadras, sextilhas, oitavas, décimas, etc, com insistentes rimas em *ia*, denunciando sua antiguidade. O título primitivo era: — "História da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador Lodônio, de Roma, na qual se trata como êsse Imperador mandou matar a sua mulher por um falso testemunho que lhe levantou o irmão, e como esta escapou da morte e muitos trabalhos e torturas por que passou e como por sua bondade e muita honestidade tornou a recobrar seu estado, com mais honra de que antes".

"ROBERTO DO DIABO", História do Grande Roberto do Diabo, episódio citadíssimo nos velhos cantadores como exemplo de contrição e de arrependimento salvador. É de origem francesa, vindo atrás de Espanha para Portugal. Inúmeras reimpressões em Portugal e Brasil, tôdas em prosa, começando pela de Jerônimo Moreira de Carvalho em Lisboa, no ano de 1733. Em 1837 Tributien publicou em Paris o velho poema do século XIII sobre a lenda de "Robert le Diable". A outra fonte francesa é "*La vie du terrible Robert le Diable, lequel fut après l'homme de Dieu*", impressa em Paris, 1496. O título completo diz: — "História do grande Roberto do Diabo, Duque de Normândia e Imperador de Roma, em que se trata de sua concepção e nascimento, e de sua depravada vida, por onde mereceu ser chamado Roberto do Diabo e do seu grande arrependimento e prodigiosa penitência, por onde mereceu ser chamado Roberto de Deus e por prodígios que por mandado de Deus obrou em batalhas". O original português é em prosa assim com a maioria das edições brasileiras. Há versão em sextilhas, resumindo as proezas do paladino, sua penitência e morte contrita.

Não há fundamento histórico nessa tradição. Prende-se, no tema inicial, a Roberto o Magnífico, duque da Normândia, falecido em Nícea em 1035 e pai de Guilherme, o conquistador da Inglaterra. Roberto da Normândia foi efetivamente cognominado "Robert le Diable" pela sua conduta áspera nas guerras em que se ocupou. Foi a Jerusalém, por penitência ou política, mas sua figura constituiu centros de interesse para as gestas heróicas. O seu poema já estava fixado no século XIII. Os episódios narrados no opúsculo português e brasileiro são todos imaginários. (\*)

"MISENO, OU O FELIZ INDEPENDENTE DO MUNDO E DA FORTUNA"; romance filosófico, soporífico e cloroformizante, muito querido dos nossos avós que liam suas páginas de cimento-armado e algodão-em-rama e ficavam deliciados. Impossível foi-me passar das dez primeiras folhas, asfixiado pela sapiência pedante e palavrosa do rei Miseno, um

---

(\*) Ver "Notas", no fim do volume.

Lear sem filhas. Agamenon sem eloquência, disposto ao sacrifício coletivo de todos os leitores incautos. O autor é o oratoriano Teodoro de Almeida, falecido em 1804, da Academia de Ciências de Lisboa e de Londres, exilado pelo marquês de Pombal e adorado na Lisboa freirática e patética de 1787, onde Beckford o viu e dele fez um retrato caricatural. A edição que vi é de Lisboa, 1844, em dois tomos. O proprietário, meu vago primo, tinha mais ciúme dos volumes do que das tábuas da Lei teria um Levita. Era um dos velhos livros amados pelos pais-de-família de outrora. Meu Pai o ouvira ler em casa, pelo Pai, reunidos os filhos para a noturna e tremenda degustação de algumas páginas em cada jornada.

### Modelos de "Louvação".

As trovas de louvor são conhecidas em todos os cancioneiros. De louvor ou deslouvor Garcia de Resende escreveu e recitou-as na corte. Não havia, outrora, festa sertaneja sem um par de cantadores para a *louvação*. Casamento, batizado, chegada, apartação, o cantador tinha que brindar donos e donas de casa, descrevendo virtudes existentes ou imaginárias. No folclore poético de outros países sul-americanos os exemplos abundam.

No "romancero del Cid" encontra-se a menção das "trovas" quando o Campeador se casou com dona Jimena Gomez:

En las ventanas alfombras,  
en el suelo juncia y ramos,

y de trecho en trecho había  
mil trovas al pesposado. . .

("Romancero del Cid", 12, 13-16, p.-11. ed. La Novela Ilustrada. Madrid. s. d.).

Quase não há auto de Gil Vicente que não termine por uma louvação. Não tem outra finalidade os próprios versos sacros de Afonso El Sabio, as "cantigas de louvor".

Dois exemplos de louvação:

Meu amo, dono da casa,  
eu vou louvá o senhô;  
um moço assim que nem vós  
é pra subí num andô,  
p'r'onde não vente nem chova,  
nem faça frio nem calô,  
juntim de Nossa Senhora,  
pertim de Nosso Senhô!  
Escute, me dê licença,  
pelo leite que mamou,  
se lembre dos nove mês  
que sua mãe lhe carregou,  
foram nove mês de ventre,  
foram nove mês de dô!  
e afinal, um belo dia,  
a partera lhe pegou;

segurou c'as duas mão,  
c'as duas mãos segurou;  
numa bacia de prata,  
com cuidado lhe banhou,  
Numa toaia de renda  
com cuidado lhe enrolou,  
e um barretim enfeitado  
na cabeça lhe amarrou;  
Vamicê tava chorando,  
sua mãe lhe acalentou;  
o punho de sua rêde  
ela mesma balançou;  
cantando uma cantiguinha:  
-ti-ri-lá-ti-ri-lô-lô-  
Agora vós, que sois home,  
pague o tributo de amô



a quem o seu nascimento  
nesta viola cantou,  
e está reinando cantá  
tronco, rama, fruta e flô!...

\*  
\* \*

Vou lová sua espôsa  
da cabeça ao calcanhá;  
lovo mão e lovo dedo,  
lovo braço e lovo pá;  
ao dispois lovo a cabeça,  
cabelo de penteá;  
ao despois a sobranceia,  
lindos oios de enxergá;  
ao despois mimosa bôca  
e os dentes de mastigá;  
ao despois o pescocinho  
que é quem confeita o colá;  
e lovo até o joeio  
qu'ê dela se ajoeiá,  
quando chega nas Igreja  
fazendo o pelo-siná,  
passando o dedo na testa  
mode o Cão não atentá;  
Lovo a botinha do pé,  
Lovo as meia de calça,  
o jeito da criatura  
quando sai pra caminhá,  
tão bonita e tão faceira,  
p'ra seu marido espiá...

Lovo isso e lovo aquilo,  
eu lovo e torno a louvá;  
Agora pergunte a ela  
se tá direito ou não tá!...

(colhidos por Leo. Mota)

#### *Louvação de batizado:*

Vou louvá êste menino  
que acaba de chegá,  
Êle veio lá do céu  
pra tôda terra alegrá,  
vivê no meio do ouro  
e o ouro não mareá;  
brincar com pedra de prata  
e ela não embaçá;  
crescer como pé de pau,  
ser tão rico como o Má,  
ter mil cavalo de sela  
e néles todo montá,  
não conhecer inimigo  
nem com êles se avistá,  
ter saúde de pau-ferro  
e fôrça de marruá,  
ser destro como Roldão  
e p'ra doutor estudá;  
Poder em todo sertão,  
em todo o sertão mandá;  
Deus primita qu'êles seja  
o dono dêste lugá!...

Não me foi possível conseguir cópia das velhas "louvações de boda". Lembro-me ainda ter assistido, menino, antes da ceia dos recém-casados, os dois cantadores se ergueram, como num cerimonial, e pediram a presença dos Noivos. Estes vieram ao salão, repleto de amigos. Os cantadores curvaram-se e cada um depôs seu instrumento aos pés dos desposados, suprema homenagem, oferecimento das honras da noite artística. Os nubentes levantaram a viola e a rabeca e entregaram aos cantadores. Estes, de pé, um de cada vez, cantaram a louvação. Era no mesmo estilo das que citei anteriormente, mas lembravam obrigações e direitos, cenas da vida futura, lutas e alegrias que iam sofrer em comum. Aquela cena ficou-me na memória, com as côres que a saudade traz. Era como um código de honestidade, simples e rude, entoado pelas vozes másculas e autoritárias que evocam, naquela hora de ebriedade, o mundo que ia surgir para ambos, numa continuidade de sonho e de batalha na herança das velhas famílias sertanejas que também tinham sido louvadas em minuto igual. Havia qualquer coisa de religioso, de primitivamente sadio, espontâneo, natural e comovente.

Meus pais, que casaram em outubro de 1888, numa fazenda, ainda tiveram uma louvação simbólica, tradicional, ouvida em silêncio e respeito,

cantada pelos dois menestrelis analfabetos e comovidos, de pé, como anunciadores de felicidade, reis d'armas esfarrapados que pregoavam a eternidade soberana do amor conjugal.

Os votos de felicidade feitos aos recém-casados era uso velho em Portugal. Fernão Lopes menciona por duas vezes na "Crônica del-rei dom João primeiro de boa memória", a usança dos cantos das "donzelas burguesas" saudando os casados. Alexandre Herculano incluiu essa tradição nas festas por ocasião das bodas del-rei dom Fernando com dona Leonor Teles.

---

## Ciclo Social.

### a) O Padre Cícero.

Cícero Romão Batista nasceu no Crato, Ceará, a 24 de março de 1844, filho de Joaquim Romão Batista (1813-62) e d. Joaquina Vicência Romana (1826-96). Estudou primeiras letras com Rufino Montezuma e cinco anos depois latim, com o Padre João Marrocos Teles. Segundo outras fontes viajou êle para Cajazeiras, Paraíba, onde cursou o famoso Colégio do Padre-Mestre Inácio de Souza Rolim (1800-1900) que também foi professor de Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, o primeiro Cardeal da América Latina. Em 1865 veio para o Seminário de Fortaleza. Ordenou-se presbítero em 30 de novembro de 1870. Em 11 de abril de 1872 fixou-se no arraial do Joazeiro, entre Missão Velha e Crato. O povoado tinha cinco casas de têlha, trinta choupanas de palha e uma capelinha em ruínas. Em 1911 Joazeiro era vila, sede de município. Em 1914 cidade, com trinta mil almas. O Padre Cícero esteve em Roma de janeiro de 1898 a dezembro de 1899. Foi vice-presidente do Ceará. Deputado Federal em 1926. Faleceu no Joazeiro a 20 de julho de 1934. Foi o mais avassalador e completo prestígio sertanejo em todos os Estados do Nordeste. As populações do interior prestavam-lhe um verdadeiro culto religioso, venerando-o como a um Santo, obedecendo suas ordens, adivinhando-lhe predileções, simpatias e ódios. Padrinho de milhares e milhares de pessoas, era o *meu padrim Pade Cisso* suprema potestade indiscutível e indiscutida. Ao seu aceno havia paz ou guerra. Cangaceiros ajoelhavam-se para vê-lo passar. Uma sua carta de recomendação valia como o mais sagrado dos salvo-condutos. Ninguém recusava render-lhe homenagem nem desatender um seu chamado. Os governadores do Ceará iam ao Joazeiro visitá-lo e timbravam em documentar essa jornada *ad limina* com fotografias. Um ambiente de fanatismo irreprimível cercou-o. Riquíssimo proprietário, senhor feudal, o Padre Cícero deixou tudo quanto possuía para os Padres Salesianos. (\*)

---

(\*) Na bibliografia sobre o Padre Cícero, que dou adiante, cito o MISTÉRIOS DO JOAZEIRO do sr. M. Dinis. É um volume de 196 páginas curiosas de informações, datas e episódios. O autor, amigo pessoal do Padre, revela casos curiosíssimos, alucinações, sonhos proféticos, visões, etc. É um dos melhores documentos locais.



Tem admiradores fanáticos e inimigos integrais. Como elemento religioso foi de influência maléfica e anticristã. Viveu tolerando e animando a onda fanática de "romeiros" e mantendo uma multidão de "beatos". O Joazeiro multiplicou-se sob sua gestão mas era um castelo de propriedade individual. Sem um espírito sacerdotal, o Padre Cícero nunca repeliu a baixa exploração dos seus afilhados e beatos, consentindo na venda abundante de seu retrato entre nuvens e anjos, tendo Nossa Senhora no anverso. O Bispo do Crato suspendeu-o de ordens mas o Padre Cícero, embora resignado às determinações do seu Prelado, continuou a manter derredor de sua pessoa o mesmo halo de veneração coletiva e assumir, em palavras e atos, as funções de profeta e anunciador de cousas futuras.

Pela lei da convergência, o Padre Cícero nucleou as tradições e os milagres atribuídos aos missionários capuchinhos do Brasil imperial. Frei Serafim de Catania, frei Herculano, o padre Ibiapina, perderam muitas lendas que se vieram fixar junto ao sacerdote cratense. Hoje o Padre Cícero é o centro de formação duma gesta, soma de episódios fantásticos, de milagres tradicionais, de intervenções fulminantes, outtora pertencentes a outros personagens impressionadores da multidão.

Dominador de valentes, guia de guerrilhas, decididor de eleições, dono de riquezas, ficou vivendo sem fausto e alarde, conservando-se em pureza eclesiástica. Sua vaidade era dizer-se influentíssimo em acontecimentos inteiramente acima de sua fama. Afirmava dever-lhe o Mundo a terminação da Guerra de 1914-18, a continuação das Obras contra as Secas, a vitória da Revolução de 1930, o sucesso de chefes da Nação e administradores estaduais. Simples, afável, acolhedor, caritativo, nunca atuou como uma força civilizadora. Não educou nem melhorou o nível moral de seu povo. Antes desceu-o a uma excitação febril, guardando segredos de perpétua irritação coletiva, para mais decisiva obediência geral.

Diziam no sertão que o padre Cícero "aparecera" na matriz do Joazeiro, fazendo profecias, na manhã de 10 de fevereiro de 1937. O poeta popular Gregório Gomes "soltou" uns versos, narrando o caso. Os tópicos essenciais são:

Da versalhada inesgotável quando da morte do Padre Cícero, destaco esta sextilha expressiva:

Quem assistiu sua morte  
ficou demais convencido  
que o SANTO DO JOAZEIRO

fôra por Deus escolhido  
p'r'a ser na terra um Profeta  
por todos obedecido...

A sedução do Joazeiro continua e essas "décimas" denunciavam a ininterrupta atração da Meca sertaneja.

De Roma, a religião,  
da ciência, a astronomia;  
dos sábios, a teoria,  
dos amigos, a atenção.  
Do pregador, o sermão,  
do verso, José Cordeiro,  
de escritor, Guerra Junqueiro,  
das plantas só quero o fruto,  
da terra quero o produto,  
do Ceará, Joazeiro!

Do Rio quero o costume,  
De S. Paulo quero o moca,  
do Araripe, a mandioca,  
de Paris quero o perfume;  
do amor quero o ciúme,  
do piqui só quero o cheiro,  
da prisão, o cangaceiro,  
e do rico, a proteção,  
do Bispo quero a bênção,  
do Ceará, Joazeiro!...



1

Mas agora em 37,  
houve isto que vou narrar,  
no dia 10 de fevereiro,  
fêz muita gente chorar.  
O que meu padrinho foi dizendo,  
meu tio foi escrevendo  
e mandou para eu versar. . .

2

Ouviram tocar uma *chamada*  
muita gente logo chegou,  
só viram uma voz dizer:  
sou eu que aqui estou,  
é o padre Cícero Romão. . .  
E nesta mesma ocasião  
por esta forma falou. . .

3

Daqui até 45  
tem muito o que aparecer  
coisa que causar grande medo,  
fazendo o povo tremer  
e para todos ficar ciente,  
basta saber tãda gente  
que eu me mudei para não ver. . .

4

Eu pelo menos me rejo  
pelas antigas profecias.  
Estou lembrado das palavras  
de Moisés e de Elias,  
mas o povo está enganado  
porém o mundo vai ser queimado  
e não faltam muitos dias . . .

5

35 e 36  
foram dois anos de farturas  
mas 37 e 38  
ficam poucas criaturas,  
finalmente até 45  
as batalhas são sangrentas,  
assim dizem as Escrituras.

6

Os horrores são demais  
que muito breve há na terra,  
o que não morrer de fome,  
morre de peste ou de guerra.  
Porém os conselhos meus  
é que todos morram por Deus  
que acerta e nunca erra. . .

O poeta Albertino de Macedo (de Assú) queima seu incenso:

Privado dos paramentos,  
sem administrar sacramentos,  
é firme sem vacilar!  
Os mandamentos da Igreja  
não importa suspenso seja  
venera sem blasfemar. . .

O Padre do Joazeiro,  
sacerdote verdadeiro,  
ministro de Deus, bondoso,  
levando a cruz ao Calvário  
neste afã de seu fadário  
é radiante, é virtuoso. . .

Assim pois, calmo e sereno  
SEMELHANTE A UM DEUS PE-  
[QUENO,

lá no seu pòsto a pregar,  
estimula o povo em massa,  
concitando que na graça  
de Deus, vive a venerar. . .

Me dizem que faz milagre,  
que do vinho faz vinagre,  
e muitas curas de assombrar,  
De dia é branca a cabeça,  
e logo que a noite desça  
Já começa a renovar. . .

Não morre, assim diz o povo,  
de velho passando a novo,  
e não se sabe a sua idade,  
e acredito que assim sendo  
aumenta mais reverendo  
o fervor da Humanidade. . .

Mas. . . se conserva em seu pòsto,  
guardando n'alma o desgosto,  
sem falar do Onipotente. . .  
É um SEMIDEUS cá na terra,  
que arrasta de serra em serra  
grande e forte contingente. . .

O vate faz alusão a uma crendice dos "romeiros" do Joazeiro. O Padre Cícero era imortal. A cabeça, encanecida durante o dia, ficava coberta de cabelos negros durante a noite. Nos versos de João Mendes de Oliveira, "o cantor do Joazeiro", poeta ambulante e uxoricida que um júri local absolveu, o entusiasmo pelo "padrim" é mais vivo e desmarcado. Os sertões do nordeste foram e continuam cheios de medalhas de alumínio, ouro e prata, com o retrato em relêvo, em fotocromia, gravado ou pintado, do Padre Cícero, tendo Nossa Senhora no anverso. Milhares de retratos mostram-no cercado de anjos que tocam liras e harpas em honra do Justo. Centenas e centenas de orações, ensalmos, jaculatórias, apelam para os Santos por intermédio do Padre Cícero. Mesmo em Natal, Fortaleza, João Pessoa e Recife os jornais publicam "graças" alcançadas pela *"santa intercessão do meu virtuoso padrinho padre Cícero"*. Em 1935 (o padre morrera em 1934) foram vendidos, só por uma casa, 30.000 broches com sua efígie. Não seria de esperar medida e ritmo no fervor de João Mendes de Oliveira, um dos mais expressivos vates do ciclo.

Faz quarenta e tantos ano  
que chegou no Juazeiro,  
construiu uma Matriz,  
botou na frente um cruzeiro...  
Celebrou a Santa Missa,  
deu bênção ao Mundo Inteiro...

E' um pastor delicado,  
é a nossa proteção,  
é a salvação das alma,  
o padre Cisso Romão,  
é a justiça divina  
da Santa Religião!...

E' dono do Horto Santo,  
é dono da Santa Sé,  
E' uma das Três Pessoas,  
E' filho de São José,  
Manda mais que o Venceslau,  
Pode mais que o João Tomé (\*).

Quem não prestar atenção  
ao que meu Padrinho diz  
também não crer na Matriz  
da Virgem da Conceição,  
nem no profeta São João,  
nem poderá ser feliz.

Com relação à ciência  
êle é quem tem tôda ela!  
Tudo êle faz diferente,  
até o benzer da vela,  
sítio, fazenda de gado,  
Matriz, sobrado e capela.

Viva Deus primeiramente,  
Viva São Pedro Chaveiro,  
Viva os seus santos Milhistro,  
Viva o Divino Cordeiro!  
Viva a Santíssima Virgem,  
Viva o Santo Juazeiro!...

Viva o Bom Jesús dos Passo,  
Viva Sant'Antônio também,  
Viva o Santo Juazeiro,  
Que é o nosso Jerusalém!  
Viva o Padrim Pade Cisso  
Para todo o sempre, Amém!

Eu sou a Virgem das Dôres,  
Cisso é o dono do Sacrário;  
Conheçam bem, pecadores,  
A êle dou meu Rosário,  
Quem a Cisso respeitar  
Ficará com Deus Eterno,  
Não consinto ir p'r'o Inferno  
Quem ouvir Cisso falar!...

(\*) Estes versos são de 1917. Venceslau Braz Pereira Gomes era o Presidente da República e o dr. João Tomé de Sabóia e Silva, governador do Estado do Ceará. O Padre Cícero podia e mandava muito mais que ambos os chefes do Estado e da República.

Viva o autor da Natureza,  
Viva S. Miguel Arcanjo,  
e viva a Côte dos Anjos,  
Viva tôda a Realeza!  
Viva a Santa Luz Acesa,  
Viva esta bôa semente,  
Viva Deus Onipotente,  
Viva a Cruz da Redenção,  
E o Padre Cisso Romão  
Viva! Viva, eternamente!

Não tenho mais a dizer,  
Sou João Mendes de Oliveira,  
nesta língua brasileira  
eu nada pude aprender,  
porém posso conhecer,  
de tudo quanto é verdade!  
Não tenho capacidade,  
mas sei que não digo à-tôa:  
PADE CISSO E' UMA PESSOA  
DA SANTÍSSIMA TRINDADE!...

As lendas, milagres, curas, aparições, bilocações, receitas miraculosas do Padre Cícero correm os sertões. As orações, aos milheiros, levam aos que não conheceram o "santo do Juazeiro" a sedução do mesmo arrebatamento, a identidade da mesma crença e a continuidade duma veneração que a morte não pôde apagar dos corações rudes e simples.

A "Oração de Nossa Senhora das Dôres" é, de tôdas, a mais espalhada e popular. Um milhão de lábios a dizem lentamente. N. S. das Dôres é a Padroeira do Joazeiro, a Santa de especial devoção do "padrim". Vive, ao lado do retrato do padre, na maioria dos ranchos, dos mocambos, dos cupiás sertanejos.

A "oração de Nossa Senhora das Dôres" foi lida pelo médico, deputado federal pelo Ceará, Floro Bartolomeu, na Câmara dos Deputados, na sessão de 23 de setembro de 1923. (\*)

"Santa Mãe de Deus e Mãe Nossa, mãe das Dôres, pelo amor de meu Padrinho Cícero, nos livre e nos defenda de tudo quanto fôr perigo e misérias; dai-nos paciência para sofrer tudo pelo vosso amor, ainda que nos custe mesmo a morte. Minha Mãe, trazei-me o vosso retrato e o do meu Padrinho Cícero no vosso altar retratados no meu coração daqui para sempre; reconheço que vim aqui por vós e por meu Padrinho Cícero; dai-me a sentença de romeiro da Mãe de Deus; dai-me o vosso amor, e a dôr dos meus pecados para nunca mais cair em pecado mortal; abençoai-me todos os dias, dai-me a vossa graça, que precisamos para amar com perfeição nesta vida, para podermos gozar na outra, por tôda a eternidade. Amém."

Um poeta sertanejo do Rio Grande do Norte, Francisco Germano, não deixou de significar sua admiração ao Padre Cícero dentro dos moldes de um A. B. C.

E' êste o "A. B. C. do Joazeiro":

Agora peço atenção  
ao povo e ao companheiro  
p'ra tratar de um A. B. C.  
peço licença primeiro,

---

(\*) Floro Bartolomeu da Costa nasceu em S. Salvador, Baía, a 17 de agosto de 1876 e faleceu no Rio de Janeiro em 8 de março de 1926. Era médico pela Faculdade da Baía. Fixou-se no Joazeiro em 1908. Pessoa de intimidade e absoluto prestígio junto ao Padre Cícero, foi deputado estadual e federal, dirigiu parcialmente o movimento armado contra Franco Rabelo, guerreou Luiz Carlos Prestes e o presidente da República, Artur Bernardes, fê-lo general honorário do Exército.

e esta deve ser tanta  
segundo a *beata santa* (\*\*)  
do Padre do Joazeiro.

Bem me parece êste Padre  
um Sagrado Testamento,  
vindo para nos livrar  
de tanto iludimento.  
Deus mandou-o nos avisar  
para nós acompanhar  
o melhor regulamento.

Conduz êste Padre Santo  
a favor dos pecadores,  
primeiramente a virtude  
do maior dos pregadores,  
uma santidade exata  
e uma santa beata  
da Santa Mãe das Dôres.

Devemos o acompanhar  
e fazer o que êle manda,  
Vamos fazer deixação  
da cegueira em que se anda,  
com a vista tão escura  
êle mesmo nos procura  
e nós tirando de-banda. . .

Êste Padre, com efeito,  
segundo a pregação,  
os exemplos que apresenta  
são iguais aos de são João. . .  
Como êste, eu supponho,  
só o Padre Santo Antônio  
quando pregava em sermão!

Faz confusa muita gente  
no Mundo, em todo canto,

o Padre e sua Beata,  
os milagres já são tanto,  
para nossa remissão,  
já causa admiração  
o que faz o Padre Santo.

Geralmente em seus exemplos  
muitos não acreditavam. . .  
Êle reuniu a todos  
quando a êle duvidavam  
em tão diminuto tempo  
deu prova dentro do templo  
perante os que lá estavam.

Homem, mulher e menino,  
que achavam duvidoso,  
viram que o Padre Santo  
era um Padre Virtuoso,  
que com ardor no coração,  
recebeu em suas mãos  
êste sangue precioso.

la aquela Beata Santa  
para a Santa Confissão,  
quando recebeu a Hóstia  
na mesa da Comunhão;  
Ninguém duvide nem mangue  
que a Hóstia virou-se sangue  
e todos viram esta ação! . . .

Já se fala neste Padre  
quase em todo país,  
o Padre e sua Beata,  
igualmente faz e diz,  
e Nossa Senhora das Dôres  
é a luz dos pecadores  
e é a dona da Matriz. . .

---

(\*\*) A *beata santa* é Maria de Araújo, nascida a 24 de maio de 1863 em Joazeiro do Crato e aí falecida em 17 de janeiro de 1914. Está sepultada na capela de N. S. do Perpétuo Socorro. Diz a tradição que a 11 de junho de 1890, na capelinha de N. S. das Dôres, a beata Maria de Araújo comungava quando a partícula se transmudou em sangue vivo. As autoridades diocesanas repudiaram formalmente o *milagre*. Para os beatos do Joazeiro é um fato incontestável.

Lourenço Filho opina ser Maria de Araújo uma cacodemoníaca. Alencar Peixoto descreve-a como uma criatura triste, vagarosa, essencialmente caquética, entanguida, com os cabelos cortados à escovinha, com olhos pequenos e sem expressão. Ver "Joazeiro do Cariri", p. 41 e seguintes. Alencar Peixoto. Tipografia Moderna. Fortaleza. Ceará, 1913.

Sobre os *milagres* da beata Maria de Araújo é de indispensável leitura o livro do sr. M. Dinis. Narra tôda a história, com certidões médicas, comentários, detalhes, etc. vide MISTÉRIOS DO JOAZEIRO, Joazeiro, 1935, pp. 8-24, 61, etc.

Kalendário das Escrituras,  
acompanhado de aviso. . .  
Olhemos que estamos perto  
de entrarmos em juízo  
de darmos conta presente  
a um Deus onipotente  
lá no eterno Paraíso.

Louvemos todos a Deus  
que a morte temos na certa,  
sem êste ninguém sabia  
quando a hora era completa.  
Nos faltando êste acôrdo  
Deus para avisar a todos  
nos mandou êste Profeta. . .

Missa não há quem procure  
nem na missa a comunhão. . .  
Penitência não se faz  
nem se pede a Deus perdão,  
da Morte não há saída,  
tudo se faz pela vida  
nada pela salvação!

Nosso Padre Missionário  
uns exemplos tem nos dado,  
riqueza, tempo e futuro,  
êle tem desenganado.  
Diz ao Povo: — Filhos meus  
deixai o Mundo e buscai a Deus,  
nosso tempo está chegando!

Olhemos o outro mundo  
de que modo se acabou.  
Que Noé nos avisava  
porém não se acreditou,  
todos quanto duvidaram  
quando êles não esperavam  
veio o Dilúvio e os matou.

Pedimos ao Padre Santo  
penitência, e caridade.  
Os ricos peçam a esmola  
na maior necessidade.  
Favoreçam a pobreza,  
que terão maior riqueza  
no reino de Eternidade. . .  
Quem vê êste Padre Santo

tanto pede como chora,  
quem já teve não tem mais  
quem foi rico até agora  
use da humanidade,  
faça esmola e caridade  
para ser rico na glória.

Reparemos que é tempo  
de a Deus prestarmos conta.  
E um Deus onipotente  
como o Padre Santo aponta,  
dando conselho e exemplo,  
mandou avisar com tempo  
para ver quem não se apronta.

Só podemos ter aviso  
mesmo pelo pregadores;  
pois Deus mandou êste Padre  
avisar aos pecadores.  
A Beata é conselheira  
e a Divina Padroeira  
é Nossa Senhora das Dôres.

Temos nós quatro sentenças  
que há muito foram dadas:  
Sêde, fome, peste e guerra. . .  
As Sêcas estão faladas,  
as águas já estão faltando,  
e a fome e a peste matando  
e as guerras estão pegadas.

Uso, escândalo e namôro,  
soberba, império e *bondade* (\*),  
riqueza e divertimento,  
tudo isto é só vaidade,  
não deve esperar do Mundo,  
quanto espera o moribundo  
do reino da Eternidade. . .

Vamos agradar a Deus  
qu'êle está nos procurando. . .  
Nós servimos é ao Demônio  
quando estivermos pecando. . .  
Nosso Anjo vai fugindo  
e o Demônio entra sortindo  
e Deus se despede chorando. . .

---

(\*) No sertão, *bondade* não é benevolência, magnanimidade, significa antes orgulho, exigências no trato social, exagerados melindres, etc. *Fulano é muito cheio de bondade*; *Fulano não tem bondade*, dizem justamente o inverso da nossa sinonímia atual.



Xóra Deus pelos desejos  
que tem de nos dar a glória . . .  
Quando nós estamos pecando  
Deus se retira, vai embora,  
nós, com o nosso ar risonho,  
abraçamos ao Demônio  
e a Jesús lançamos fora . . .

Y o mais vistoso  
e tirador das vogais;  
triste devemos viver,  
suspirando e dando ais!  
Triste vivemos na Terra,  
A Jesús fazendo guerra  
com os pecados mortais! . . .

Zombando dos evangélicos,  
murmura dos pregadores,  
quem duvidar que êste Padre  
não é a luz dos pecadores,  
comete grande pecado,  
de Deus será castigado  
e de Nossa Senhora das Dôres!

O Til é letra do fim,  
com ela findei agora,  
o Padre e sua Beata,  
Nossa Mãe, Nossa Senhora,  
ela mesmo nos reduz  
para ver se nos conduz  
ao santo Reino da Glória!

Um cantador que não louve ao Padre Cícero corre perigo de vida. Romano Elias da Paz é uma dessas raridades. Naturalmente não ousa cantar em terras próximas ao Cariri, mas seu verso é atrevido:

Vi dizer no Joazeiro  
Que o Pade Cisso Romão,  
só protege criminoso,  
gosta muito de ladrão . . .  
Esgota a humanidade,  
não faz uma caridade  
nem ao menos de um tostão!

Mas é exceção. Os folhetos que tenho ante os olhos aclamam o Padre como se o trouxessem num andor. Moisés Matias de Moura é autor de uma vasta versalhada contando a história singular duma "Moça que virou cachorra porque disse uma palavra contra o padre Cícero Romão Batista" (Fortaleza, Ceará, em 26-6-36). Outros detalham milagres, viagens, esmolas, caridades, conselhos, missões, prodígios, sua última moléstia, agonia, morte, entérro, aparições, avisos, sonhos, profecias.

Sem sua presença os romeiros continuam visitando o "santo Joazeiro", empregnando-se do santo entusiasmo. Nos versos biográficos de Virgolino Ferreira, o sinistro Lampeão, vê-se que:

Lampeão desde êsse dia  
jurou vingar-se também,  
dizendo — foi inimigo  
mato, não pergunto a quem . . .  
Só respeito neste mundo  
Pade Cisso e mais ninguém . . .

As mais estranhas notícias correm entre a população crédula. A invocação de Cristo-Rei, propagada pelo Papa Pio XI, na carta-encíclica, "QUAS PRIMAS", de 11 de dezembro de 1925, encontrou uma oposição que está cedendo graças ao contínuo martelar de explicações. Com misturas do Apocalipse e da Missão Abreviada, os cantadores fiéis ao Joazeiro desenvolveram uma campanha tremenda contra Cristo-Rei que êles denunciavam como

"falso-Cristo". Um folheto de A. Correia de Araújo, do Joazeiro, em dois fascículos, se intitula: — "O aviso do advogado da religião contra a vinda do Ante-Cristo". Diz que os cães (demônios) escolheram o nome de "Cristo-Rei" para melhor e mais rápida perdição dos católicos.

Todos os cães se reuniram  
fizeram uma eleição,  
formaram de Lucifer,  
um rei pra tôda nação.  
Deixou a triste enxovia  
para ver se assim podia  
laçar a todo cristão

Atitularam o maioral  
com o nome de Cristo-Rei! . . .  
etc., etc.

Ultimamente a memória do Padre Cícero ergue a suprema ameaça de outro Canudos. Um "beato" de nome José Lourenço, negro sexagenário, atlético, libidinoso e cheio de imaginação, fundou a "Ordem dos Penitentes". Centenas e centenas de homens, mulheres e crianças vivem em pleno regime comunista, vestindo luto perpétuo pelo Padre Cícero e cercando José Lourenço das prerrogativas de santidade. O negro vive como um legítimo Padichá, com harém, domínio absoluto e exploração sistemática da população analfabeta que tudo abandona para fixar-se derredor das barracas onde o preto instala o santuário da sua lascívia. A "Ordem dos Penitentes" foi, pela primeira vez, dissolvida à força, pela polícia do Ceará, em setembro de 1936. Localizara-se a "Ordem" na serra do Caldeirão. O beato Lourenço fugiu. O chefe de polícia cearense, capitão Cordeiro Neto, encontrou 400 casas construídas, uma capela e tôda uma organização teocrática, encimada pela superstição e pela luxúria. O secretário do Pagé retinto, de nome Isaías Guedes, está convicto de que o Padre Cícero voltará para salvar o Mundo! . . .

A horda foi dispersada mas, dezembro de 1937, já se agrupa noutras regiões, fronteiras do Rio Grande do Norte, reunindo fanáticos de seis Estados. José Lourenço confia que a tolerância do Governo Federal revele um outro Euclides da Cunha para o registro trágico da repressão desapiedada. (\*)

---

### Bibliografia sobre o Padre Cícero

O "taumaturgo do Joazeiro" possui centenas de folhetos cantando sua vida e obras. Além dessa literatura de cordel conheço onze volumes que lhe estudam a figura, haloando-a de glória ou pincelando-a de acusações veementes. Anos atrás, o prof. Lourenço Filho anunciava que o Padre Cícero teria um ciclo folclórico. O ciclo existe e cada vez mais cresce. Dou uma resenha dos livros publicados sobre o singular patriarca do Cariri.

---

(\*) Sobre a Ordem dos Penitentes, ver a "Exposição" do tenente José Góis de Campos Barros (Fortaleza, Ceará, Imprensa Oficial, 1937), narrativa ilustrada fotograficamente e com impressionantes detalhes. Das lutas, ver o "Diário de Pernambuco", Recife, 8-10 outubro de 1937, p. 5.

- JOAZEIRO DO CARIRÍ — Alencar Peixoto. Tipografia Moderna. Ceará, Fortaleza. 1913.
- BEATOS E CANGACEIROS — Xavier de Oliveira. Tipografia da Revista dos Tribunais. Rio de Janeiro. 1920.
- SERTÃO A DENTRO — (alguns dias com o Padre Cícero). L. Costa Andrade. Tipografia Coelho. Rio de Janeiro. 1922.
- A SEDIÇÃO DO JOAZEIRO — Rodolfo Teófilo. Monteiro Lobato, editor. S. Paulo. 1922.
- O JOAZEIRO E O PADRE CÍCERO — (discurso na Câmara dos Deputados em 23 de setembro de 1923). Imprensa Nacional. 1923, pelo deputado Floro Bartolomeu.
- O JOAZEIRO EM FOCO — Padre Manuel Macedo. Empresa editora de Autores Católicos. Fortaleza. 1925.
- O PADRE CÍCERO E A POPULAÇÃO DO NORDESTE — Simoens da Silva. Ed. do *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. 1927.
- JOAZEIRO DO PADRE CÍCERO — Lourenço Filho. Companhia Melhoramentos de S. Paulo, sem data.
- MISTÉRIOS DO JOAZEIRO — M. Dinis. Tipografia do "Joazeiro". Joazeiro. Ceará. 1935.
- PADRE CÍCERO — Reis Vidal. Edições Argus. (of. tip. da S.A. A NOITE). Rio de Janeiro. 1936.
- O JOAZEIRO DO PADRE CÍCERO E A REVOLUÇÃO DE 1914 — Irineu Pinheiro. Ed. Pongetti. Rio de Janeiro. 1938.

### Ciclo Social

#### b) *louvor e deslouvor das Damas.*

No cançãoeiro de Garcia de Rezende o poeta incluiu vinte e quatro oitavas em louvor e deslouvor das Damas. No sertão, o folclore poético regista muitíssimo mais deslouvor que gabos femininos. Raros versos, como estes de João Martins de Ataíde, entoam lóas:

Qualquer um religioso  
querendo experimentar  
fazer uma procissão,  
sem a mulher ajudar,  
chegando em mei-do-caminho  
o santo fica sozinho  
sem ter quem o carregar.

A mulher indo p'r'o meio,  
como é acostumada,  
anima-se o povo todo,  
aí não falta mais nada...  
Da minha parte eu garanto  
que o povo carrega um santo  
que pesa uma tonelada!...

A igualdade dos sexos é assim explicada por Anselmo Vieira:

Não quis tirá da cabeça  
pra mais alta não ficá,  
nem também tirou dos pés

mode não a rebaixar;  
Foi mió tirar do meio  
pra todos dois igualá.

Defendem as mulheres de trabalho, atacando os "chopins", os maridos de professoras, os homens casados sem profissão, certa e conhecida.

Outrora a mulher casava  
para o homem sustentar...  
Hoje, uma que se case  
vá disposta a trabalhar.  
Se fôr moça preguiçosa  
fica velha sem casar.

aquilo que ela quiser...  
Há de carregar no quarto  
os filhos que ela tiver...

Há homens que hoje vivem  
do trabalho da mulher,  
embora que êle só faça

Os homens de hoje só querem  
mulher para trabalhar...  
A mulher da casa é êle,  
faz tudo qu'ela ordenar.  
Para ser ama de leite  
só falta dar de mamar!

Leandro Gomes de Barros assim descreve os conselhos de uma mãe a sua recém-casada filha:

Esta recomenda à filha:  
— você não confie na sorte,  
não consinta seu marido  
calar-lhe o pé no cangote;  
Seu Pai era um perigoso,  
tão ciumento e maldoso  
como um lobo carniceiro,  
veio a mim, eu fui a êle,  
fiz rédeas das barbas dêle,  
está manso como um cordeiro.

Quando a moça é doméstica,  
diz a velha: tu és mole,  
vejas não te arrependas,  
quando ninguém te console;  
O Homem é como o gato,  
deita-se ao formar o salto  
para o rato não fugir,  
e com esta macieza,  
crava-lhe as unhas e a presa  
e trata-o de o consumir...

Moços e velhos, todos os cantadores são saudosos dos tempos passados e para o Passado dirigem as melhores lembranças. Recordam, como se tivessem vivido há cem anos, cenas da simplicidade longínqua, o respeito dos filhos, a veneração da espôsa, a candidez das filhas. João Martins de Atáide ataca horrorizado as modas modernas, uma poesia extensa e indignada:

As senhoritas de agora  
é certo o que o povo diz,  
não há vivente no mundo  
da sorte tão infeliz;  
Vê-se uma mulher raspada,  
não se sabe se é casada,  
se é donzela ou meretriz...

Traz a cabeça pelada,  
bem raspadinho o cangote.

O vestido qu'ela usa  
tem três palmos de decote,  
sendo de frente ou de banda,  
vê-se bem quando ela anda,  
o seio dando pinote...

Veja alguém como ficava  
onde esta moça passou,  
lhe diziam: — Faz que olha!...  
Porém ela não olhou.

Deu desgosto a muita gente  
mas ela ficou contente  
pois o que tinha mostrou.

Mostrou os seios bem alvos,  
fêz o povo estremecer.  
O sovaquinho raspado  
para o suor não arder.  
Mostrou as pernas também,  
e para o que conhece bem  
nada mais tinha o que ver.

Muitas moças da elite  
por onde elas vão passando,

encontram um homem vexado,  
êle pára e fica olhando...  
Olhando por desafôro,  
a roupa ligada ao couro  
com as carnes balançando.

Quando ela sai a passeio,  
não usa dizer p'ra onde...  
Se a viagem é prolongada  
precisa tomar um bonde,  
coisa que a gente ignora,  
fica do lado de fora,  
que o vestido não esconde...

A violência com que o cantador vitupera os hábitos atuais indicam a idade de sua formação mental. Versos, rimas, imagens, ritmos, tudo lhe veio de cem anos e êle conserva, respeitoso e deliciado, o ambiente imóvel onde julga viver a perfeição e a alegria para sempre perdidas. Nos primeiros anos de sua vida criminosa, Virgolino Ferreira da Silva, o capitão Lampeão, mandava surrar tôdas as moças que encontrava a "la Garçonne". Hoje está habituado. Sua companheira, "Maria do Capitão", é inseparável duma "Gillette". (\*)

## Cielo Social

### c) O negro nos desafios do Nordeste.

Quando o visconde de Bryce visitou o Brasil, o marinheiro João Cândido comandava a esquadra revoltada na baía do Rio de Janeiro. O navio do sociólogo passou ao alcance de um olhar dos tombadilhos repletos de negros. Ao escrever suas impressões o nobre dolicocefalo não pôde deixar de suspeitar do futuro do Brasil, entregue a uma sub-raça e com a determinante étnica africana. Lapouge também fizera profecias ilustres, dando-nos como um país fatalmente destinado a realizar na América austral uma réplica de S. Domingos e Haiti. Ultimamente o bolchevista Waldo Franck, com notável acuidade psicológica, escreveu que só a gente negra que habita o Brasil pode criar uma autêntica cultura brasileira. Alberto Rangel citou ("No Rolar do Tempo", p. 50. Rio de Janeiro. 1937) uma outra opinião saliente. É a do senhor conde Alexis de Guigard Saint Priest, Ministro da França no Rio em 1833-34. Disse S. Excia: "*Tout brésilien est, plus ou moins, sang mêlé. Le Brésil est une monarchie mulâtre*". Todo esse material, registado por homens superiormente cultos, imparciais e sapientas, está tão próximo da verdade como estamos na órbita de Sirius. Os nossos estudiosos brasileiros, não inoculados do virus "científico" do bolchevismo, responderam com algarismos, fatos, episódios, raciocínios. Verdade é que a resposta foi quase abafada pela campanha do silêncio da imprensa e dos sábios, furiosos com o atrevimento da discordância. Oliveira Vianna, Batista Pereira, Roquette Pinto, sociológica e mesmo antropologicamente, mos-

(\*) O cangaceiro Lampeão, sua companheira "Maria Bonita" e o grupo, foram mortos num assalto feito pela Polícia alagoana na fazenda Angico, município de Porto da Folha, Sergipe, a 28 de julho de 1938.

trataram a falência do tabú de Lapouge, de Bryce e os "bolchevismus" de Waldo and others. Jorge de Lima publicou um ensaio magnífico, compendian-do, logicamente, o que de mais percuciente e incisivo havia sobre o tema. Infelizmente teimou em não dar versão brasileira e os nossos eruditos comu-nizantes não lêem alemão. A Rússia para eles viaja através da Espanha e França. Jorge de Lima demonstra que houve no Brasil uma política racial instintiva, automática, contínua. O processo de, excusez, arianização co-meçou no próprio "momento" em que o velho Homo Afer chegou às terras brasileiras (\*).

Não é de somenos os dados folclóricos sobre o "estado" do Negro no Brasil. Não tivemos repulsa por ele e o sexualismo português foi um ele-mento clarificador, em pleno aceleramento. Ninguém se lembrou de vetar ao negro os galões do Exército e a promoção na vida burocrática. Negros, fulos, crioulos, foram Ministros de Estado e governaram o Brasil ao lado de dom Pedro II, neto dos reis de Portugal, Espanha, França, Áustria. Ne-nhum instituto de educação excluiu negros, nem uma criança brasileira se recusou brincar com um negrinho. A Mãe Negra é uma instituição como-vadora e romântica e 90% dos brasileiros beberam leite de negro, mais ou menos caldeado.

O folclore do nordeste brasileiro traz como seus melhores cantadores os negros Inácio da Catingueira, Preto Limão, Manuel Caetano, etc. Bate-ram-se com os maiores improvisadores e nenhum atastou seu antagonista sob a alegação da epiderme escura. Quando muito esta tem servido para comentários humorísticos, material de sátira, forma para motejos, jamais sem resposta e contra golpe.

Um A.B.C. que Leonardo Mota colheu no Maranhão mostra que a sátira é mais de razões pessoais que reais. Os mais agressivos cantadores nunca tiveram dúvida da inteligência, da agilidade mental negra. Satirizam a cor, os hábitos, a culinária. Socialmente, ponto essencial para os obser-vadores marxistas, o negro é um brasileiro como outro qualquer. Um in-quérito, agora desgraçadamente parcial, que se fizesse sobre a situação do negro-escravo no Brasil e do cidadão-negro na África durante o século XIX, daria conclusões inesperadas e paradoxais. Tenho conversado com diversos ex-escravos e os horrores que a campanha abolicionista pôs em giro literário ficam ao lado das atrocidades alemães que a imprensa norteamericana e fran-cesa criou.

Nas lutas poéticas é fatal a alusão à cor, a lembrança do estado subal-terno ainda mais acrescido da ignorância. Quando um cantador esgota as comparações ferinas e remoqueas mais ou menos felizes, recorre ao vocabu-lário tradicional do desafôro. O cego Aderaldo cantando com José Preti-nho do Tucum atirou-lhe estes golpes:

Negro, és monturo,  
mulambo rasgado,  
cachimbo apagado,  
Recanto de muro...  
Negro sem futuro,  
Perna de tição,  
Bôca de purão,

Beijo de gamela,  
Venta de moela,  
Moleque ladrão!...

Negro careteiro  
eu te rasgo a giba,  
Cara de guariba,

(\*) "Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien". Verlag Adolf Klein, Leipzig. 1934, p. 39, 45 e 49.

Pagé feiticeiro...  
Queres o dinheiro,  
Barriga de angú?  
Barba de quandú,  
Camisa de saia,  
Te deixo na praia  
escovando urubú...

Negro é raiz  
que apodreceu...  
Casco de Judeu,  
Moleque infeliz  
Vai p'ra teu país  
Sinão eu te surro,

Dou-te até de murro,  
Te tiro o regalo,  
Cara de cavalo,  
Cabeça de burro!...

Se eu der uma tapa,  
No Negro de fama,  
êle come lama  
dizendo que é papa.  
Eu rompo-lhe o mapa,  
lhe rasgo de espora,  
o Negro hoje chora,  
com febre e com íngua,  
eu deixo-lhe a língua  
com um palmo de fora...

Os cantadores Manuel Macedo Xavier (Manuel Ninnô) e Daniel Ribeiro encontraram-se no povoado Barcelona, município de S. Tomé, no Rio Grande do Norte. A peleja iniciou-se calmamente. Daniel Ribeiro é negro e Ninnô "alvarinto". Não demoraram na troca de insultos sobre a melhoria de pigmento e, recorrendo ao "martelo" (de dez pés), permutaram essa série de amabilidades. E terminaram cordialissimamente, como não seria de esperar.

M — Negro feio do quengo de cupim  
Nefasto da perna de tição  
Babeco da bôca de furão  
Tu vies-te enganado para mim  
Este negro, rescende um petuim  
Que mata na terra todo vivo  
Me acho bastante pensativo  
Em ver-me com êle aliás  
Dou-te figa nojento satanaz  
Nefário moleque impassivo

D — Capanga do beijo arrebitado  
Fateiro, bode da mão torta  
Maldizente, machado que não corta  
Preguiçoso, cachorro arrepiado  
Negligente, luzório, acanalhado  
Lambareiro, frei-sabugo, péla-bucho  
Língua preta, bigode de capuxo,  
Barulhento, sufocante e abafado,  
Sem vexame, pateta debochado  
Sapo-sunga, faminto, rosto murcho

M — Pedante, cambado, mentiroso  
Gatuno, nojento, feiticeiro  
Gabola, ridículo, desordeiro  
Bandido, fiota, vaidoso  
Sambista, pilhérico, audacioso

Soberbo, pezunho e traidor  
Abuzo, bichão, conspirador  
Amarelo, sumítico, desvalido  
Babaquara, cavalo entrometido,  
Infame, infeliz conquistador

D — Malfazeijo, sujeito falador  
Amarelo da cara de pandeiro  
Ovo choco fedorento, estradeiro  
Encrédulo, tapia, roubador  
De mentir êsse bicho muda a côr  
Quando abre o bicão na sala alheia  
Estronda igualmente uma baleia  
Cantador do gesto aborrecido  
O teu nome aqui 'stá conhecido  
Por alpercata furada sem correia

M — Quisília, relaxo, sem futuro  
Pisunho, chibante caraolho  
Te retira daqui bicho zanolho  
Beijo murcho, recanto de monturo  
Zumbido, sujeito do pé duro  
Ladrão, massilento, flagelado  
Maluco, cachimbo desbocado  
Lambe-ôlho, aleijo cabeçudo  
Remelento, cavalo barrigudo  
Te descreio, maldito escomungado



D — Todo cabra amarelo é traíçoeiro  
E você com especialidade  
Que vive fazendo falsidade  
Com teu pai um amigo verdadeiro  
Tenho brio, maroto galhofeiro  
Tramela, prestimante, parolento,  
Refratário, rabioso, peçonhento  
Solfeiro, nefando, presunçoso  
Surumbático, tristonho, caviloso  
Poeta interino, rabugento

M — Carola, falsário, espraqueijado  
Bandido, safado, paspalhão  
Tipo devasso sem ação  
Polia de couro maltratado  
Corpe sêco, fastio, acovardado  
Em Deus você nunca teve crença  
Com cristão você não tem parença  
Quando canta só solta termo imundo  
Maluco, visão do outro mundo  
Papa mólho, cachorro da doença

Naturalmente quando se batem negro e branco o segundo procura abater seu adversário com a exibição da passada inferioridade social.

O mel por ser bom de mais,  
as abelhas dão-lhe fim...  
você não pode negar  
que a sua raça é ruim,  
pois é amaldiçoada  
desde o tempo de Caim.

Você falou em Caim?  
Já me subiu um calor!  
Nesta nossa raça preta  
nunca teve um traidor...  
Judas, sendo um homem branco,  
Foi quem traiu Nossenhör!...

(Leonardo Mota — "Violeiros do Norte", p. 94).

Há muito negro insolente,  
com êles não quero engano!  
Veja lá que nós não somos  
fazenda do mesmo pano...  
Disso só foram culpados  
Nabuco e Zé Mariano...

Quando as casas de negócio  
fazem sua transação,  
o papel branco e lustroso  
não vale nem um tostão,  
escreve-se com tinta preta —  
— fica valendo um milhão!...

(Pereira da Costa — "Folclore Pernambucano" — p. 562/563).

Negro não vai para o céu  
nem que seja rezador...  
Negro tem um pixaim  
que espeta Nosso Senhor!

Se quiser cantar comigo  
tome jeito tome tento;  
mais val ser negro por fora  
do que ser negro por dentro!

Se o negro sofre a morte  
o branco também sofreu...  
O sangue das minhas veia  
é vermelho como o seu...

Se você nasceu nuzinho  
nasci também todo nú...  
Eu venho de Adão e Eva  
a mesma coisa que tu!

Leonardo Mota publicou ("Cantadores", p. 90/92) uma longa sátira contra os Negros. Também será bom notar-se que a maioria absoluta das sátiras vem de mestiços e cabras. São estes netos do preto seus maiores detratores na poesia tradicional.

Agora vou descobrí  
as farta que o nêgo tem;  
Nêgo é falso como Juda,  
nêgo nunca foi ninguém.

Nêgo é tão infeliz,  
infiel e sem ventura  
que, abrindo a bôca, já sabe;  
três mentiras tão segura!

Quanto mais fala — mais mente,  
Quanto mais mente — mais jura!

Enfim, êsse bicho nêgo  
é de infeliz geração...  
Nêgo é bicho intrometido:  
si dá-se o pé — qué a mão!  
Rêde de nêgo é borraio,  
seu travesseiro é fogão.

Das falta que o nêgo tem  
esta aqui é a primeira:  
Furta os macho no roçado,  
furta em casa as cozinhera,  
os nêgos prás camaradas,  
e as nêgas prás pariceira...

Nêgo é tão infiel  
que acredita em barafunda;  
Nêgo não adora a santo,  
Nêgo adora é a calunga,  
Nêgo não mastiga — rismoí...  
Nêgo não fala — resmunga...

Sola fina não se grossa,  
ferro frio não caldeia...  
Eu só não gosto de Nêgo  
porque tem uma moda feia;  
quando conversa com a gente  
é bolindo com as oreia...

Joel de nêgo é mondrongo,  
cabeça de nêgo é cupim,

cangote de nêgo é toitiço,  
venta de nêgo é fucim,  
Não sei que tem tal nação  
que arrasta tudo que é ruim.

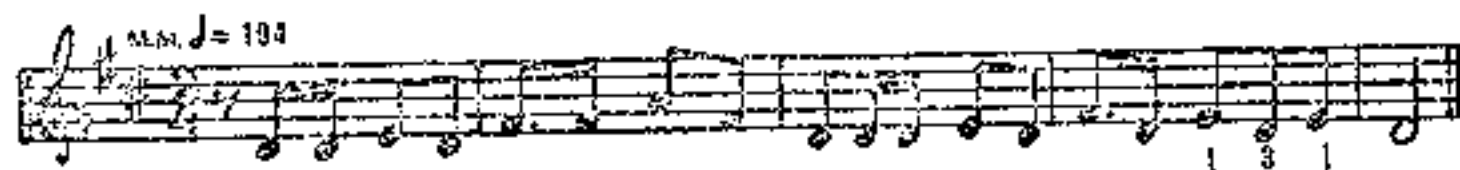
Não quero mais bem a nêgo  
nem que seja meu compade  
Nêgo só oia prá gente  
Prá fazê a falsidade.  
Mermo em tempo de fartura  
Nêgo chora necessidade.

Nêgo não nasce — aparece!  
E não morre — bate o cabo!  
Branco dá a alma a Deus  
e Nêgo dá a alma ao Diabo.

Perna de nêgo é cambito,  
peito de nêgo é estambo,  
barriga de nêgo é pote  
roupa de nêgo é mulambo  
chapeu de nêgo é cascaio,  
casa de nêgo é mucambo.

Eu queria bem a nêgo  
mas tomei uma quizila...  
Nêgo não carrega maca,  
Nêgo carrega é mochila...  
Nêgo não come — consome...  
Nêgo não dorme — cochila...  
Nêgo não munta — se escancha  
Nêgo é que nem cão de fila...

A grande cópia de lundús e “baianos” do Brasil imperial tendo como motivos poéticos os negros não pertencem ao elemento inspirador. Os *moleques* cheios de dengues e calundús nasciam das modinhas do padre Souza Caldas. O Negro só cantou, e cantou muito, no eito ou nas senzalas, nas noites de festa. O canto era outro e diverso dêsses que julgamos pertencer-lhe. O canto de conjunto era raro e em sua maioria religioso, adaptando-se inteligentemente, por convergência natural, os cultos africanos às invocações católicas. As toadas eram infundáveis e monótonas. A negra Silvana, que foi libertada pelo 13 de Maio, tomou mais de uma hora da minha vida cantando uma “ruada” dos negros. Dizia-me que os companheiros batiam palmas enquanto uma negra mais espevitada rebojava no centro do círculo, volteando no compasso. A solfa diz bem com a letra que é apenas esta:



Ajoelha, Negro, ajoelhar!  
Ajoelha, Negro, no colo de Sinhá!...

Sílvana, a quem devo várias informações para as minhas "Notas sobre o Escravo" que publiquei no "Boletim de Ariel" (Rio) afirma que nesse "ajoeia, Nêgo" passava-se a noite deliciosamente. Como o essencial é o ritmo e nêle a necessidade da dança, aquí se encontram negros escravos e índios Parecís livres. Com êles Roquette Pinto dansou e cantou uma noite inteira, num bailado de poucas palavras. Mas a cadência era impecável.

Um índice digno de registo é a liberdade do cantador-escravo ausentar-se do trabalho, viver airadamente, batendo-se com os violeiros distantes. O senhor nada cobrava de seus ganhos nem tinha direito a percentagem no rendimento. A inteligência de Inácio da Catingueira e Manuel Caetano deu-lhes a liberdade. Fabião das Queimadas juntou o dinheiro de sua alforria trabalhando livremente. Com o senhor de escravo, tirano típico como a literatura abolicionista fixou e os "camelots" da luta-de-classe desenvolvem, era absolutamente impossível um negro do eito viver cantando, e derrotando brancos sem um castigo imediato.

Há, na versalhada popularesca no nordeste, inúmeros "lundús" comentando certas simpatias da Sinhá pelo negrinho cheiroso e limpo que era reca-deiro e pagem fiel. Mas, como diria Rudyard Kipling, isto é outra história...

---

### Os negros no adagiário

Negro não é Homem. Em menino é negrinho, moço é mo-  
[lecote e grande é Negro.

Mais se ensabôa o Negro mais preto êle fica.

Negro só acha o que ninguém perdeu.

Negro não casa; se ajunta.

Negro não nasce; vem a fuco.

Negro não morre; se acaba.

Negro não é inteligente; é espavitado.

Negro sabido, negro atrevido

Negro espionou, mangou.

Negro não come; engole.

Branca que casa com negro é preta por dentro.

Negro deitado é um porco e de pé é um tóco.

Negro chorando, negro mangando...

Negro quando pinta tem três vezes trinta.

Negro não acompanha precissão; corre atrás.

Preto não quer mingau? Mingau no prato...

Negro quando não suja, tisma.

Negro só parece com gente quando fala escondido.

Negro não entra na Igreja; espia do patamar.

Negro só entra no céu por descuido de São Pedro.

Do Branco o salão, do Negro o fogão.

Negro só dança mordido de maribondos.

Negro quando não suja na entrada, suja na saída.

Negro só é valente atrás de pau.

Negro em função (festa)? Rebenque na mão!...

## Adágios em defesa dos negros

Judas era branco e vendeu a Cristo.  
Pinico também é branco.  
Negro é o carvoeiro e branco seu dinheiro.  
Negro que come com branco, o branco come e o Negro paga.  
Negro só trabalha para Branco carregar (levar).  
O trabalho é do Negro e a fama do Branco.  
Preto na côr e branco nas ações.  
Roupa preta é roupa de gala.  
Branco é quem bem procede...  
Branco dansando, negro suando...  
Sangue de Negro é vermelho como o de branco.  
Carne de branco também fede...  
No escuro tanto vale a rainha como a negra da cozinha.  
Papel é branco e limpa-se tudo com êle.  
Negro furtou é ladrão e branco é barão.  
Negro furta e branco aproveita.  
Negro furta e Branco acha.  
Negro no salão, no bôlso patacão.  
Suor de Negro dá dinheiro.  
Galinha preta põe ovo branco.  
Carne de Negro sustenta fazenda.  
Negro é comer de onça porque chega perto dela...  
Trabalha o Negro p'r'o Branco comedor...  
Sou Negro mais não sou seu escravo!  
Branco vem de Adão e o Negro não? (\*)

O adagiário contra os "cabras" (mestiços) não é menos extenso nem virulento. Aquí deixo os mais conhecidos:

Entre Cabra e Cobra a diferença é um risco. (Um risco fará do O um A).  
Cabra agradando, está reinando.  
O Cabra bom nasceu morto.  
Para o primeiro Cabra bom falta um.  
Cabra quando não furta é porque se esqueceu.  
Cabra valente não tem semente.  
Cabra só tem de gente os olhos e o jeito de andar.  
Cabra só é honesto quando está acanhado.  
O Negro vem de Caim e o Cabra de Judas.  
Valentia de Cabra é matar aleijado...

---

(\*) O padre John Ball, sectário do reformador Wycliffe, popularizou-se na Inglaterra divulgando versos com êsses conceitos:

*When Adam delved and Eve span  
Where was then the Gentleman?*

## Ciclo Social

### d) O Cangaceiro.

O sertanejo não admira o criminoso mas o homem valente. Sua formação psicológica o predispõe para isso. Durante séculos, enquistado e distante das regiões policiadas e regulares, o sertão viveu por si mesmo, com seus chefes e milicianos. As primeiras sesmarias, no longínquo século XVII, trouxeram o sesmeiro com seus trabalhadores que eram, nos momentos em que a índia assaltava, homens d'armas. Os mais ricos deram os sargentos-mores, os capitães-mores das ribeiras, títulos honoríficos mas de ação moral segura para a disciplina da região. Os fazendeiros tiveram necessidade de tropa pessoal, fiel e paga, para a defesa de propriedades visadas pelos adversários políticos. A justiça, cara, lenta e rara, era vantajosamente substituída pelo trabuco, numa sentença definitiva e que passava em julgado sem intimação do procurador geral. Abria ensanchar a uma série de lutas ferozes, de geração a geração, abatendo-se homem como quem caça nambús. Das emboscadas, tiroteios, duelos de corpo a corpo, assaltos imprevistos nas fazendas que se defendiam como castelos, batalhas furiosas de todo um bando contra um inimigo solitário e orgulhoso em seu destemor agressivo, nasciam os registos poéticos, as gestas da coragem bárbara, sanguinária e anônima.

Para que a valencia justifique ainda melhor a aura popular na poética é preciso a existência do fator moral. Todos os cangaceiros são dados inicialmente como vítimas da injustiça. Seus pais foram mortos e a Justiça não puniu os responsáveis. A não existência desse elemento arreda da popularidade o nome do valente. Seria um criminoso sem simpatia.

O sertão indistingue o cangaceiro do homem valente. Para êle a função criminosa é accidental. Raramente sentimos, nos versos entusiastas, um vislumbre de crítica ou de reproche à selvageria do assassino.

O essencial é a coragem pessoal, o desassombro, a afoiteza, o arrôjo de medir-se imediatamente contra um ou contra vinte. Outro não é a fonte das gestas medievais e nos povos do Oriente. Os Árabes fazem, é verdade, uma distinção curiosa. Tem a "siret el Modschaheddin", o canto das façanhas dos guerreiros, e o "siret el Bechluwan", o canto das aventuras dos heróis. No primeiro pode-se cantar o cangaceiro nordestino. No segundo reserva-se para o Siegfried valoroso e são. Essa poética guerreira e valorizadora do homem valente, do sem-lei, está em todos os povos. Vive na Inglaterra com Robin Hood, na França com Pierre de la Brosse, "seigneur" de Langeais, na Itália com Gasparone, com Bonnacchocia, com Nino Martino, com o napolitano Perella, o corso Romanetti cujo entêrro, em Ajaccio, a 29 de maio de 1926, foi acompanhado por 30.000 pessoas e a polícia teve de ser recolhida, "por precaução" aos quartéis, para evitar "conflitos com o Povo". (Gustavo Barroso — "Almas de Lama e de Aço", p. 110). Não é doutra origem o halo popular que sempre cercou Ciro Anichiarico, dom Gaetano Vardarelli que se fêz padre ou Louis Mandrin, contrabandista e assaltador, adorado pelos aldeões franceses que o têm como herói legítimo:

Par des faits d'un genre nouveau  
Mandrin consacre sa mémoire,

Sa mort ne ternit pas sa gloire,  
Il vit au delà du tombeau.

Como o cangaceiro é a representação imediata da coragem, o sertanejo ama seguir-lhe a vida aventureira, cantando-a em versos.

Criando Deus o Brasil,  
desde o Rio de Janeiro,  
fêz logo presente dêle

ao que fôsse mais ligeiro:  
O Sul é para o Exército!  
O Norte é prá Cangaceiro!...

Antônio Silvino, o "Rei do Sertão", durante vinte anos de domínio absoluto, era tido pelos cantadores como um ser infeliz, obrigado a viver errante por ter vingado a morte de seu Pai.

Eu tinha quatorze anos,  
quando mataram meu pai.  
Eu mandei dizer ao cabra:  
Se apronte que você vai...  
Se esconda até no inferno  
de lá mesmo você sai...

Foi aí que resolvi  
êste viver infeliz;  
Olhei para o rifle e disse:

— Você será meu juiz.  
Disse ao punhal: — com você  
eu represento o país!

Com quinze anos eu fui  
cercado a primeira vez,  
vinham quatorze paisanos  
dêsses inda matei seis...  
De dez soldados que vinham  
apenas correram três...

Para Virgolino Ferreira da Silva, o Lampeão, a história é a mesma:

Assim como sucedeu  
ao grande Antônio Silvino,  
sucedeu da mesma forma  
com Lampeão Virgolino,  
que abraçou o cangaço  
forçado pelo destino...

Por que no ano de Vinte  
seu Pai fôra assassinado  
da rua da Mata Grande,

duas léguas arredado...  
Sendo a força de Polícia  
Autora dêste atentado...

Lampeão desde êsse dia  
jurou vingar-se também,  
dizendo: — foi inimigo,  
mato, não pergunto a quem...  
Só respeito neste mundo  
Padre Cisso e mais ninguém!...

A exaltação dos cantadores pelas façanhas de Antônio Silvino chegara ao delírio. Subia das gargantas um hino áspero, selvagem e tremendo de glória rude, tempestuosa e primitiva.

Cai uma banda do céu,  
seca uma parte do mar,  
o purgatório esfria,  
vê-se o inferno abalar...  
As almas deixam o degrêdo,  
corre o Diabo com medo,  
o Céu Deus manda trancar!

Admira todo o mundo  
quando eu passo em um lugar.  
Os matos afastam os ramos,

deixa o vento de soprar,  
se perfilam os passarinhos,  
os montes dizem aos caminhos:  
— Deixai Silvino passar!...

Assim mesmo inda há lugar  
que eu passando tocam hino,  
o preto pergunta ao branco,  
pergunta o homem ao menino:  
— Quem é aquele que passa?

E responde o povo em massa:  
— Não é Antônio Silvino?

Pergunta o vale ao outeiro  
o ima à exalação,

o vento pergunta à terra,  
e a brisa ao furacão,  
respondem todos em cântico:  
— Esse é o Rifle de Ouro,  
Governador do Sertão!...

E o Lampeão afirma, nos versos que lhe são continuamente dedicados:

O cangaceiro valente  
nunca se rende a soldado,  
melhor é morrer de bala,  
com o corpo cravejado.

do que render-se à prisão,  
para descer do sertão  
preso e desmoralizado...

E da justiça canhestra de que o sertão se queixava, dizia Antônio Silvino ter encontrado fórmula mais lógica e sumária:

No bacamarte eu achei  
leis que decidem questão,  
que fazem melhor processo  
do que qualquer escrivão.  
As balas eram os soldados  
com que eu fazia prisão.

Minha justiça era reta  
para qualquer criatura,  
sempre prendi os meus réus  
numa cadeia segura,  
pois nunca se viu ninguém  
fugir duma sepultura...

Preso a 28 de novembro de 1914, Antônio Silvino aprendeu a ler na Penitenciária de Recife. Educou os filhos. Um é oficial do Exército. Afável e simples, o "Rifle de Ouro" tornou-se um homem digno da viva simpatia que o cercou. O Governo Federal indultou-o e, a 19 de fevereiro de 1937, o "Rei do Sertão", velho, encanecido, risonho, mas impassível, deixou a prisão. Herda-lhe a fama o sinistro Lampeão, cangaceiro sem as tradições da valentia pessoal, de respeito às famílias que sempre foram apanágios do velho Silvino.

A gesta do Cangaceiro faz ressaltar as grandes e pequenas figuras do "cangaço". Desde o negro Vicente que confessava:

Eu sou negro ignorante  
só aprendi a matar,  
fazer a ponta da faca,

limpar rifle e disparar,  
só sei fazer pontaria  
e ver o bruto embolar

até os bandidos famosos, de valentia louca e não menor arrogância.

Cirino Guabiraba, da serra do Teixeira, Paraíba, sabendo que ia ser cercado por dez homens comandados pelo delegado Liberato:

Cirino disse sorrindo:  
— Com isso eu não tomo abalo,  
dez homens contra mim só

são dez pintos contra um galo,  
para eu matar eles todos,  
basta os cascos do cavalo!...

E morreu em luta, um contra dez, arrancando os intestinos varados a bala de latão e chumbo grosso. Seu irmão, João Guabiraba, numa luta corpo a corpo com um soldado, conseguiu morder o adversário no pescoço.



Crivaram-no de facadas mas o Guabiraba faleceu com os dentes na garganta do inimigo.

Esse tal João Guabiraba,  
no dia que foi cercado,  
pôde cravar duas presas

na garganta de um soldado.  
Fêz tanta fôrça nos queixos  
morreu e ficou pegado!...

O sertão guarda a lembrança dessas dinastias de facínoras, heróis e bandidos, e dêles evocava o cantador José Patrício a ausência nas grandes feiras tumultuosas do interior paraibano:

Então, me diga onde estão  
os valentões do Teixeira?  
Onde estão os Guabirabas?

Brilhantes, de Cajazeiras?  
Aonde vivem estes homens  
que eu não os vejo na feira?

E como a sertanejo deduz de tôda luta um aspecto moral, um direito preterido, um patrimônio violado, os poetas populares dizem que é o desrespeito às minorias, que nunca se fizeram sentir ante a arbitrariedade dos governadores, um dos motivos da eterna guerra.

Este govêrno atual  
julga que a oposição  
não tem direito ao Brasil,

pertence a outra nação...  
Devido a isso é que o rifle  
tem governado o sertão!...

E os cangaceiros convencem-se de seu papel de justiça social, defendendo pobres e tomando dinheiro aos ricos. Lampeão confessa:

Porém antes de eu ser preso,  
hei de mostrar o que faço,  
dar surra em cabra ruim  
roubar de quem fôr ricaço.

Só consinto em me pegar  
no dia em que alguém pisar  
em cima do meu cangaço...

Quando Antônio Silvino percorria o nordeste com seu bando, os cantadores, aludiam, com uma naturalidade espontânea, ao seu "serviço" social:

O forte bate no fraco,  
o grande no pequenino,  
uns se valem do Govêrno,

outros de Antônio Silvino,  
O rifle ali não esfria  
sacristão não larga sino...

A gesta é uma poesia de ação. De luta e de movimento. Não há a sensação da paisagem, da natureza e do cenário. Verso descrevendo êsses elementos denuncia inteligência semiletrada e nunca a produção se destina aos lábios dos cantadores. Os cangaceiros são as figuras anormais que reúnem predicados simpáticos ao sertão. A coragem, a tenacidade, a inteligência, a fôrça, a resistência. Não são os cangaceiros uma organização técnica como os "gangsters" norteamericanos, financiando eleições, dirigindo imprensa e tendo biografias escritas por nomes ilustres. Nenhum Lampeão se pode medir com a grandeza econômica e política dum Al Capone, dum Dillinger, dum Diamont, donos de palácios, iates, "vilas" maravilhosas e mulheres

ainda mais maravilhosas. Os cangaceiros são a horda brava e rude, cavalaria frenética e primitiva até no processo de matar.

Já ensinei aos meus cabras  
a comer de mês em mês,  
Beber água por semestre

Dormir no ano uma vez...  
Atirar em um soldado  
e derrubar dezesseis!

Quando Lampeão atacou Mossoró, em 13 de junho de 1927, os cangaceiros viajavam a-cavalo. Uma cavalaria de Hunos, descrita por Marcel Brion em sua biografia de Átila, estaria magnificamente evocada. Galopavam cantando, berrando, uivando, disparando fuzis, guinchando, tocando os mais disparatados instrumentos, desafiando todos os elementos. Derredor os animais despertavam espavoridos. Galos cantavam, jumentos zurravam, o gado fugia. Neste ambiente de tempestade a coluna sinistra voava, derrubando mato, matando quem encontrava, alumando, com os fogos da depredação inútil, sua caminhada fantástica. Mossoró defendeu-se furiosamente. Deixaram que Lampeão entrasse no âmbito da segunda cidade do Estado e tiroteasse dentro das ruas iluminadas a luz elétrica e povoadas de residências modernas. Indicaram-me, no "Alto da Conceição", onde os primeiros cangaceiros surgiram, cantando "Mulher Rendeira"... (\*)

No Cemitério de Mossoró vi as pequenas covas de Jararaca e Colchete, tombados no ataque. Colchete morreu logo. Trazia várias orações e medalhas ao pescoço e uma efígie do Padre Cícero. Nos pés, meias de seda. Jararaca ainda durou vários dias, ferido de morte, acuado como uma fera entre caçadores, impassível no sofrimento, imperturbável na humilhação como fôra em sua existência aventureira e abjeta. Morreu como vivera — sem medo. Herói bandido, toda a valentia física e a resistência nervosa da raça preadora de índios e dominadora dos sertões reviviam nêle, empoçado de sangue, vencido e semimorto. Aquela força maravilhosa dispersara-se, orientada para o crime, improfícua e perniciosa.

## A Cantoria

A cantoria sertaneja é o conjunto de regras, de estilos e de tradições que regem a profissão de cantador. Há o cantador, sempre tocando instrumentos, e o glosador, poeta-glosador, que pode ser também um cantador ou apenas improvisar. Um conhecedor do assunto, Francisco das Chagas Batista, grande autor de folhetos, falecido em 1929, ensinava que "*o glosador inspira-se bebendo cachaça, como o cantador inspira-se tocando viola*". (\*\*) A supremacia está, naturalmente, nos cantadores. São profissionais em maior percentagem. Vivem de feira em feira, cantando sozinhos os romances amorosos ou as aventuras de Antônio Silvino e Virgolino Lam-

(\*) Mário de Andrade recolheu várias cantigas que o grupo de Lampeão costuma cantar. O "É Lamp, é Lamp, é Lampa", espécie de hino, e o "Mulher rendeira". Ver pp. 64/66 do "Ensaio sobre Música Brasileira". S. Paulo, 1928.

(\*\*) Meu amo, meu camarada,  
agora vou lhe dizer:  
Carro não anda sem boi  
nem eu canto sem beber!

peão. Vez por outra deparam um antagonista, oficial do mesmo ofício. Não entram imediatamente em debate porque o rendimento seria mínimo. Procuram interessar alguém para arranjar-lhes uma sala, convidam o povo, despertam a curiosidade. Na hora aprazada, iniciam a *peleja*, designação clássica para êsses duelos poéticos. Vencedor ou vencido, o dividendo é de 50%. Não há, como no "boxe", uma "bolsa" para o combatente mais célebre. A notoriedade dos cantadores está sempre dependendo do último encontro. Uma fama de vinte anos desaparece em trinta minutos de "martelo".

Alguns cantadores escrevem, ou fazem escrever, os melhores versos compostos. Mandam imprimir e saem vendendo. O preço oscila entre 500 réis e 2\$, os mais caros folhetos. Muitos não mandam imprimir para vender. Chamam "imprimir e vender", *soltar*. Serrador dizia a Leonardo Mota: "*Eu faço romance em verso mas não solto senão perde a graça*". . .

Natural é que os melhores versos nas velhíssimas pelejas se hajam perdido. Algumas imagens felizes ficaram na memória e os autores populares completam as falhas, escrevendo novos versos, moldados no espírito dos antigos. Assim os encontros de Inácio da Catingueira com Romano do Teixeira, de Bernardo Nogueira com Preto Limão, têm várias versões. Leandro Gomes de Barros, Germano da Lagôa, Francisco das Chagas Batista, João Martins de Ataíde foram grandes aproveitadores dêsses temas.

Nas festas religiosas ainda é fácil encontrar-se um cantador, cercado de curiosos, historiando as guerras de Carlos Magno ou a lenda de Pedro Cem. Junto, em cima duma esteirinha, está um pires para as moedinhas. As vezes o cantador é cego. Traz a mulher como guia e vigilante testemunha. Horas e horas passa ela acocorada, imóvel, olhos baixos, esperando o fim do trabalho. Em Acari, durante meia noite, via a figura melancólica de um cego, tocador de harmonia, narrando os romances de Garcia ou o ataque de Lampeão a Mossoró. Junto, enrolada numa velha colcha desbotada, hirta, espectral, completamente imóvel, sem o menor som, sem um mais leve sinal de vida, a cabeça curvada como escondida, a mulher fazia sentinela ao pobre mendigo que cantava heroísmos, arrancadas, vida livre, afoita e largada, pelo mundo. . .

Dois cantadores juntos podem cantar a noite inteira sem que se dualem. Cantam romances, xácaras dispersas, descrições da natureza, quadros da existência sertaneja, episódios das lutas do sertão, a luta de cangaceiros com a polícia, sátiras, etc. Só não cantam o que vemos facilmente no litoral, o côco, a *embolada* ligeira, repinçada, atordoadora. (\*) A maior homenagem dos cantadores é depor o instrumento aos pés da pessoa escolhida. Manda a praxe restituí-lo com um "agrado". Segue-se ritualmente um agradecimento. Só usam a louvação quando não fazem a mesura de entregar as violas ou rabecas.

Quando não querem mais cantar, vencidos ou acanhados pela presença dum grande cantador famoso, "emborcam" os instrumentos. Firino de Gois Jurema avistando Hugolino do Teixeira, emborcou a viola com que estava triunfando. *Emborcar a viola* durante a cantoria é confessar-se vencido.

---

(\*) Os Côcos e Emboladas têm acompanhamento instrumental durante o canto. São os gêneros mais conhecidos nas cidades e daí a confusão com o desafio. . .

E com certas restrições pejorativas quanto ao mérito pessoal. Emborcar a viola porque está ou chegou pessoa de merecimento, é homenagem, respeito, timidez. Se a cantoria acaba com uma briga, pela virulência dos apodos, ganhará moralmente aquele que cantou o último verso, sinal que seu antagonista não pôde responder e recorreu as "vias-de-fato".

Perde aquele que não cantar logo após seu adversário ter terminado o *rojão*, o *baião* antigo, um breve repinicado de viola. Também é lei que não se mude de modelo na cantoria sem avisar o companheiro de que vai fazer. Cantando em sextilhas, o cantador informa que, seguintemente cantará "martelo" e deve ser o primeiro a iniciar o novo molde. A regra determina que o cantador não pode recusar a cantoria em nenhum dos estilos propostos. Claudino Roseira, incontestavelmente vitorioso num encontro com o "cantor do Borborema", João Melquiades Ferreira da Silva, perdeu a "parada" porque não quis acompanhar seu colega num "martelo". José Pretinho, do Piauí, ficou derrotado pelo cego Aderaldo porque não soube desvencilhar-se de um trava-língua: — *quem a paca cara compra, cara a paca pagará*, o que não está no feitio natural da cantoria.

Os exames de história sagrada, mitologia, corografia, geografia física, episódios de Carlos Magno e dos Doze Pares de França, são rituais. Hoje já enfrentam temas monótonos de geografia política, rios amazônicos, divisões municipais, etc. O modelo antigo era mais curioso:

Você falou-me em Roldão...  
Conhece dos Cavaleiros.  
Dos Doze Pares de França,  
dos destemidos guerreiros  
Falarás-me alguma coisa  
De Roldão mais Oliveiros?

Sei quem foi Roldão,  
O duque Reginé,

e o duque de Milão,  
e o duque de Nemé,  
Sei quem foi Galalão,  
Bonfim e Geraldo,  
sei quem foi Ricardo  
e Gui de Borgonha,  
espada medonha,  
alfange pesado...

E a duração do combate? Depende da ciência dos combatentes. Cantam algumas horas pelo correr de uma noite. Noutras ocasiões, sabendo-se da fama dos cantadores, o ambiente predispõe e o embate, espaçado para o breve-alimento ou dormida rápida, leva dias e dias, tomando-se a maior parte da jornada em ouvir o debate. Vezes é uma vila do interior que suspende quase sua vida social e comercial para ouvir o prélio famoso. Assim na vila de Patos, Paraíba, em 1870, Inácio da Catingueira e Francisco Romano (Romano do Teixeira), reunidos na Casa do Mercado, (\*) lutaram, cantando desafio, durante oito dias. As grandes *payadas de contrapunto* na América espanhola exigem também espaço para o desenvolvimento da batalha. O duelo poético entre Santos Vega e um cantor desconhecido de raça africana durou três ou quatro noites (\*\*).

O cantador profissional é relativamente inferior ao sedentário. Outrora, havendo maior entusiasmo e utilidade para a cantoria, viver do canto era comum e economicamente explicado. Hoje, sendo impossível, o cantor pro-

(\*) Waldemar Vedel lembra que as casas de mercado público eram lugares prediletos dos cantadores medievais.

(\*\*) Lehmann-Nitsche: — "SANTOS VEGA" — p. 402.

fissional vende seus versos já impressos, canta nas feiras e onde é convidado. Alguns são quase mendigos. Claudino Roseira confessava sua ignorância, dizendo-a resultado de sua vida errante:

Melchide eu já fiz estudo	com a viola na mão,
mais não prestei atenção,	cantando de feira em feira
por viver muito ocupado	afim de ganhar o pão. . .

Cantando com Francisco Carneiro, Josué Romano confidenciou:

Às vez, o jeito que eu tenho	mas a minha vida é esta;
é cantar com quem não presta. . .	bater baião de viola
Isso muito me arripuna,	e ganhar dinheiro em festa.

Outros, Bernardo Nogueira, Nicandro, Francisco Romano, Fabião das Queimadas, Manuel Cabeceira, eram agricultores, ferreiros, passadores de gado, comprando e vendendo. Aproveitavam, sempre que era possível, a tendência insopitável para a cantoria, levantando a luva e mesmo procurando adversários nos momentos de festas. A festa queria dizer multidão e com esta o auxílio pecuniário era maior.

Que liam os cantadores alfabetizados? Os analfabetos socorriam-se da memória, guardando leituras que ouviam fazer, conservando preciosamente as respostas felizes de outros cantadores. A curiosidade viva obrigava-os a aproveitar todos os momentos para um "short curse" utilíssimo depois. Em Paraú, eu era menino, um cantador ouviu religiosamente as respostas, um pouco imaginárias, que lhe dei sobre a origem da chuva, das nuvens, porque as estrêlas não caem do céu, de onde vem o vento e para onde vai, etc. Os cantadores cegos têm como secretário as espôsas ou rapazes que os acompanham nas peregrinações com soldada insignificante. Estão, por sua vez, fazendo um curso de cantoria, servindo o mestre e aprendendo os segredos, como nas escolas medievais que as corporações mantinham. Quando o cantador tem um ofício, sapateiro, ferreiro, pequeno plantador, o aprendiz ali fica, ajudando-o e decorando os truques. Lembra a época sonora dos "Mestres Cantores" de Nuremberg, Strasburg, Mogúncia. . .

Para os que sabem ler, antigamente, a bibliografia exigida era diminuta. Rendimentos de História Sagrada, principais episódios bíblicos, figuras essenciais de profetas, patriarcas, algumas das parábolas de Jesus Cristo, os mandamentos de Deus, da Igreja. Tudo isto se compendia num velho livro chamado "Missão Abreviada". O "Lunário Perpétuo" dava outra boa cópia de conhecimentos astronômicos, meteorológicos, regimes de vento, estações, divisão de festas, móveis e fixas, etc. Outros livros, hoje raríssimos, como o "Manual Enciclopédico", o "Dicionário da Fábula" (sem nome de autor) emprestavam os nomes de deuses, deusas e heróis da Grécia e Roma.

Os romances de cavalaria não chegaram ao sertão. Nunca deparei com rastos de Amadis de Gaula, Palmeirim da Inglaterra ou do Imperador Clarimundo. Nesse particular a ciência se totalizava na "História do Imperador Carlos Magno, e dos Doze Pares de França", seguido de uma "História de Bernardo del Cáspio", o imaginário campeão castelhano, criação nacional para contrapor-se ao prestígio dos paladinos do ciclo carlovingio.

A "História do Imperador Carlos Magno" era castelhana e foi traduzida para o português por Jerônimo Moreira de Carvalho em princípios do século XVIII. A primeira edição é de 1728. Seguiram-se várias outras, aumentando segunda e terceira parte. É a "História" que o sertão conhece de-cor.

Vi um exemplar da edição de 1863, com estampas em madeira, e que pertencera a Hugolino Nunes da Costa (Gulino do Teixeira). Minha idade e a desatenção própria, fizeram-me perder êsse documento da cantoria. As xácaras portuguesas, tantas recolhidas por Sílvio Romero e Pereira da Costa no norte do Brasil, eram populares e cantadas. Dizem-me que antigamente alguns cantadores entoavam essas histórias mas devia ser apenas das que se referiam às guerras com mouros, ao cativo de cristão, e parcamente as de fim amoroso ou moral. O cantador, em respeito ao auditório, ciosíssimo dos ouvidos femininos que ouviam por detrás das portas, não permitiria a alusão aos raptos, aos namoros e mesmo às cenas íntimas que as xácaras narravam sem reбуços. As mães sertanejas sim, estas sabiam as xácaras mais doces e amáveis e adormeciam os filhos no acalanto das vozes seculares. Assim obtive a solfa da "Bela Infanta" que Sílvio Romero colheu em Sergipe com o nome de "Conde Alberto".

As cantigas mais velhas que meu Pai dizia ter ouvido quando criança eram as referentes ao "valente Vilela", que Leonardo Mota registou no "Cantadores", e a cantiga de "João do Vale", que Sílvio Romero guardou. Por velhos parentes ouvi a solfa que incluí na parte musical do "DOCUMENTÁRIO".

Uma característica bem marcada na cantoria será o exagêro, a teatralidade espetaculosa e gritante dos cantadores. Não é possível descobrir-se cotejo noutros cancioneiros. Julgava-se o cantor espanhol como demasiado amigo da tronitroância e da vanglória. Perde muito em confronto com os nossos Munchhausens de chapéu de couro. No próprio folclore sulamericano raros são os versos que saem duma razoável linha de modéstia. Santos Vega, o máximo dos "payadores" argentinos, é apontado como imodesto por anunciar-se:

"Soy yo el Santos Vega  
Aquél de la larga fama..."

No poetário de Venezuela encontro:

Yo soy el Ramón Palacio,  
el que vive en Yarumal;

yo soy el que me paseo  
en el filo de un puñal.

De uns versos "llaneros" da Colombia destaco:

Me llaman el tantas muelas  
aunque no las he mostrao,  
y si las llevo a mostrar  
se ha de ver el Sol clipsao,

la luna teñida en sangre,  
los elementos trocaos,  
las estrellas apagadas  
y el mesmo Dios almirao...

São afirmativas infantís para os nossos cantadores. Inácio da Catigueira e Romano do Teixeira trocaram as seguintes apresentações:



Inácio da Catingueira,  
Escravo de Manuel Luiz,  
Tanto corta como risca,  
Como sustenta o que diz...  
Sou Vigário Capelão  
E Sacristão da Matriz...

Este aqui é o Romano,  
Dentaria de elefante,  
Barbatana de baleia,  
Fôrça de trinta gigante,  
E' ouro que não mareia,  
Pedra fina e diamante...

Na "Chanson de Roland" (ed. Librairie A. Lemerre, París. s. d.), no "El Romancero del Cid" (ed. La Novela Ilustrada, Madrid, s. d.), nas próprias Edas, sagas dos Niebelungos (na ed. dirigida por Laveleye, Lib. Internationale, París. 1866) nada há que se compare com o orgulho desmedido do cantador sertanejo.

A cantoria reflete bem êsses estados curiosos de hipertensão, de macromegalia espiritual. Mal vestidos e alimentados, cantando noites inteiras por uma insignificância, os cantadores apregoam riquezas, glórias, fôrças, palácios, montões de pedrarias, servos, cavalaria, conforto, requintes, armas custosas, vitórias incessantes. E, às vezes, estão passando fome...

## O Desafio

O velho Manuel Romualdo da Costa Mandurí, de Patos, na Paraíba, dizia a Leonardo Mota: "Antigamente, a gente cantava de quatro pés..." Era verdade. Os quatro-pés eram a quadra, de sete sílabas, a mais antiga forma do desafio sertanejo. Os desafios colecionados por A. Americano do Brasil em Mato-Grosso e Goiaz são todos em quadrinhas. As cantigas de atirar, as desgarradas portuguesas, são em quadrinhas também. Os exemplos apontados nas primeiras achegas do folclore brasileiro foram de quadras, a redondilha-maior de Portugal.

Os "descantes" foram sempre em quadras e assim os lembra a memória coletiva dos barqueiros do São Francisco, dos vaqueiros nordestinos, dos trabalhadores-de-eito dos engenhos, os banguês de outrora.

Euclides da Cunha registou ainda o desafio em quadras, modelo comum nos sertões da Baía.

Enterreiram-se, adversários, dous cantadores rudes. As rimas saltam e casam-se em quadras muita vez belíssimas.

*Nas horas de Deus, amém,  
Não é zombaria, não!*

*Desafio o mundo inteito  
P'ra cantar nesta função!*

O adversário retruca logo, levantando-lhe o último verso da quadra:

*P'ra cantar nesta função,  
Amigo meu camarada,*

*Aceita teu desafio  
O fama dêste sertão!*

E' o começo da luta que só termina quando um dos bardos se engasga numa rima difícil e titubeia, repinicando nervosamente o machete, sob uma avalanche de risos saudando-lhe a derrota...



EUCLIDES DA CUNHA — "Os Sertões", p. 131. Rio de Janeiro. Sexta edição. 1923.

Euclides chama "machete" ao "cavaquinho" e mesmo a uma viola menor. No nordeste esse nome não deixou rasto. Conheço-o nas trovas portuguesas:

*Hei de ir ao Senhor da Pedra  
Co'o meu machete traz-traz,*

*Procurar as raparigas,  
Para mim, que sou rapaz.*

Repetir o cantador o último verso do adversário para iniciar sua resposta é uma reminiscência dos "troubadours" medievais. Dizia-se ser a "canson redonda":

... canson redonda, laquelle n'est pas tombée en désuétude et dont la forme primitive a été conservée, en ce sens que le dernier vers d'une strophe doit être le premier de la suivante.

F. J. FÉTIS — "Histoire générale de la Musique", p. 11. Tome cinquième. Paris, 1876.

O sr. Gustavo Barroso cita no "Terra de Sol" (p. 233-4, Rio de Janeiro, 1921):

*Vou fazer-lhe uma pergunta,  
Seu cabeça de urupema:  
Quero que você me diga  
Quantos ovos põe a ema?*

*Quantos ovos põe a ema?  
A ema nunca põe só:  
Põe a mãe e põe a filha,  
Põe a neta e põe a avó...*

Em Mato-Grosso e Goiaz, A. Americano do Brasil reuniu algumas desafios em quadras, mostrando a primitividade do modelo e a obrigatoriedade da repetição como na secular "canson redonda" dos menestrelis:

1

*Não tenho roça de mio (milho)  
Mas tenho um carro de gaba,  
Com cinco juntas de boi  
P'ra buscar sal no Uberaba.*

2

*P'ra buscar sal no Uberaba  
Eu tenho um carro de bode,  
Que trouxe a bela morena  
Para dansar no pagode...*

3

*Para dansar no pagode  
Na casa aquí do patrão,  
Eu vejo a bela moçada  
De saia curta e balão.*

4

*De saia curta e balão,  
Eu noto aquí nesta roda,  
Muié rastando os tundá  
Vestido ao risco da moda.*

5

*Vestida ao risco da moda  
Com a trança grande e cheirosa,  
Eu vejo tanta morena  
Dansando dansa sestrosa...*

6

*Dansando dansa sestrosa,  
Enxergo a moça que estimo,  
E unhando a corda do pinho  
Eu fico bobo e não rimo...*

O desafio em sextilhas, atual e geralmente usado, apareceu nos últimos anos do século XIX. Os desafios tradicionais de Inácio da Catingueira e outros creio ter sido todos em quadras e se foram em sextilhas, estas estão hoje deturpadas. Mesmo numa cópia dêste célebre encontro de Inácio com Romano do Teixeira vemos quadras alternarem-se com as sextilhas, sinal que o modelo se estava mudando para a forma que se conhece agora. Pereira da Costa registou versos dessa forma ainda indecisa, dando-os como pertencendo ao embate dos dois famosos cantadores, in *Folclore Pernambucano*, p. 564.

Entre os sentenciados na Penitenciária de Recife, Pereira da Costa recolheu um desafio, anterior a 1900, onde a sextilha é ainda denominada "seis pés".

Eu não vejo quem me afronte  
Nestes versos de seis-pé.  
Pegue o pinho, companheiro  
E canta lá se quisé,  
Que eu morde e belisco a isca  
Sem cair no gereré. . .

Deixa dessa pabulagem  
Que tu só pesca de anzó,  
Eu não pesco mas atiro  
E não erro um tiro só;  
Disparo aquí no Recife,  
Mato gente em Cabrobó. . .

O desafio regular era em quadras e agora é em sextilhas. Mas não é a forma única. Existem outras que só aparecem como exhibições de agilidade mental, raramente empregadas e assim mesmo em duelos de pouca duração. Pertencem mais à classe das "curiosidades" que ao molde clássico do desafio.

Há o "Mourão" que também se diz "Trocado". Pode ser de cinco e de sete pés. No segundo, o cantador diz dois versos, seu adversário outros dois e o primeiro fecha-os com três versos finais. No "mourão" de cinco-pés cada cantador diz um verso e o primeiro termina cantando três. As fórmulas da disposição da rima são, respectivamente, AABBC e ABABCCB: —

1.º: — Vamo cantá o moirão  
2.º: — Prestando tôda atenção.  
1.º: — Que o moirão bem estudado  
E' obra que faz agrado  
E causa sastifação. . .

2.º: — Pode trazer seu roteiro  
Que me encontra perpara-  
[do. . .

1.º: — Em verso não lhe aborreço.  
Mas em trocado eu conheço  
Quem é que canta empres-  
[tado. . .

1.º: — Agora, meu companheiro,  
Vamos cantá um trocado. . .

A "ligeira" também é cantada como desafio. Cada cantador improvisa dois versos, canta o estribilho "ai, d-a, dá", seu antagonista repete o "ai" e canta dois outros versos, completando o sentido da quadra ou dando res-

posta. A fórmula é ABCB. Como apenas uma rima é obrigatória, em *a* ou *e*, o verso é rápido mas fica monótono.

1

Ai, d-a dá!  
O que é que vai, não chega,  
Nunca acaba de chegá?

2

Ai!  
E' a rêde em que eu me deito  
Começo a me balançá. . .

3

Ai!  
Diga uma coisa engraçada  
Para êste povo mangá. . .

4

Ai, d-a dá!  
Coisa engraçada que eu acho  
E' dois cegos namorá. . .

Em Mato Grosso e Goiaz a "ligeira" obedece aos mesmos preceitos, substituindo o "ai, d-ada" por um "E baliá".

E baliá!  
Doutro lado grita gente  
Sá Dona manda passá;

E baliá!  
E si fôr bonita eu passo,  
Se fôr feia deixo lá. . . (\*)

O "seis por nove" está quase desaparecido e não mais é ouvido nos desafios. Citam apenas estrofes mas não me souberam informar se o "seis por nove" foi tão popular quanto os outros modelos. Era, incontestavelmente, de uso difícil. Constava de nove versos, de sete e de três sílabas. A fórmula era AABCCBDDDB. O 1.º, 3.º, 4.º, 6.º, 7.º, e 9.º de sete sílabas. O 2.º, 5.º e 8.º de três sílabas. Era verso individual.

Querendo mudá agora,  
Sem demora  
Noutra obra eu pego e vou!  
O que eu quero é que tu diga  
Que em cantiga  
Eu sou formado Doutô!  
Vamo mudá de toada,

Camarada,  
Quero vê se és cantadô!. . .  
Havia o refrão:  
Um-dois-três!  
Vamos ver se você canta  
Nove palavras por três!. . .

No Rio Grande do Sul só conheço desafio em quadras setissílabas, ABCB. No Brasil central, informa A. Americano do Brasil:

Entre os rimadores goianos, e disso dou completo conhecimento adiante, há três modalidades de desafio: a simples amos-

---

(\*) No Chile chama-se a "ligeira" *Palla a dos razones*. Júlio Vicunha Cifuentes ("He dicho", p. 64. Santiago, 1926) regista algumas passagens de um *palla a dos razones* entre Clemente Ruiz e José Tejada.

RUIZ: — Eres un tejo, Tejada,  
pero yo soy un demonio.

Tejada: — No importa que seáis el diablo  
me ayudará San Antonio.

Tejada: — Ya que sois tan caballero,  
dime cómo era tu padre.

Ruiz: — Si quieres saber cómo era  
pregúntaselo a tu madre.

tra da fecundidade dos violeiros em rimar, mostrando resistência, pois, não raro atravessam a noite no curioso torneio; a fórmula clássica do desafio, consistente em receber um dos campeões a deixa do último verso do adversário, e finalmente a composição da quadra ou sextilha pelo mútuo concurso de ambos, pertencendo metade a cada rimador. Parece-me o último espécime o mais difícil e cheio de imprevistos.

A. AMERICANO DO BRASIL; — "Cancioneiro de Trovas do Brasil Central" p. XI. S. Paulo, 1925.

Os desafios mais célebres do sertão nordestino são hoje lidos em sextilhas. Creio que foram "transcritos", aproveitando algumas das primitivas quadras, desdobrando o assunto e mesmo forjando outras imagens. Francisco das Chagas Batista, Leandro Gomes de Barros, João Martins de Ataide foram grandes compositores de desafios imaginários uns e apontados outros como tendo sido reais entre antagonistas famosos. Assim, informa Chagas Batista, grande parte do encontro publicado no "Cancioneiro do Norte", entre Francisco Romano e Inácio da Catingueira, é de Hugolino Nunes da Costa, outros trechos revelados por Leonardo Mota no "Cantadores", p. 84, foram escritos e publicados em 1910 por Leandro Gomes de Barros, e a "porfia" de Romano com Carneiro, Leonardo Mota. "Violeiros do Norte", p-77, é de Germano da Lagôa, (Germano Alves de Araújo Leitão).

No folclore poético sul-americano, pelo que leio no magnífico livro do poeta colombiano Ciro Mendiá ("En torno a la Poesia Popular", Medellín, Colombia, 1927) a maneira dos "contrapuntos", correspondentes aos nossos desafios, é idêntica. Em todos os países sul-americanos os "guitarreros" ou payadores" cantam a trova (quadra) e as sextilhas. Em "trovas":

Arriba mano Manuel,  
busté ques tan buena ficha,  
bregue a sostener la trova  
pa que ganemos la chicha.

Pa que ganemos la chicha  
No se necessita tanto,  
Canto se me da la gana,  
y si no me da, no canto.

E em sextilhas, como os nossos cantadores. Assim El Moreno, argentino, responde a Martins Fierro que lhe perguntara o que era a Lei:

La ley es tela de araña,  
en mi ignorancia lo explico,  
no la tema el hombre rico,  
no la tema el que mande,  
pues la rompe el bicho grande  
y sólo enrieda a los chicos.

Es la ley como la lluvia,  
nunca puede ser pareja,  
el que la aguanta se queja  
pero el asunto es sencillo:  
la ley es como el cuchillo:  
no ofiende a quien lo maneja.

A diferença é a existência mais abundante das rimas nos versos da fala castelhana. No nordeste brasileiro as sextilhas têm apenas rima dos três versos entre si. As fórmulas sul-americana e brasileira são: ABBCCB

e ABCBDB. Como se vê, em ambos os exemplos, o primeiro verso é de rima livre o que possivelmente denuncie o velho costume da canção redonda medieval.

## O Desafio

### a) antecedentes.

O desafio poético existiu na Grécia como uma disputa entre pastores. Esse duelo, com versos improvisados, chamado pelos Romanos *amoebaeum carmen*, dizia em seu próprio enunciado a técnica usada pelos contendores. O canto amebeu era alternado e os interlocutores deviam responder com igual número de versos. Os vestígios são fáceis de encontro em Teócrito, idílios V, VIII e IX, e em Virgílio, églogas III, V e VII. A técnica do canto amebeu fôra empregada por Homero na "Iliada", I, 604, e na "Odisséia", XXIV, 60. Horácio alude a uma disputa entre os bufões Sarmentus e Messius Cicerrus nas "Sátiras" (liv. 1.º, sát. V, pag. 193, da ed. Garnier).

Apolo bateu-se num desafio com o sátiro Marsias, dado com inegualável tocador de flauta e, vencendo-o, esfolou-o vivo. Pã aceitou medir-se com o deus na execução de flauta, tendo o rei Midas como juiz. Midas conferiu o prêmio a Pã. Apolo fêz as orelhas de Midas tomarem um comprimento asínino. No idílio VIII de Teócrito os dois pastores Daphnis e Menalco apostam sirínxs novas e elegem um cabreiro como árbitro.

Charles Barbier aclarou bem o canto alternado dos pastores gregos. Deduzir-se-á sua influência sobre Roma e a irradiação pelo Mundo que a Loba conquistou.

D'ailleurs des concours de chants entre bergers existaient dans la réalité, non pas sans doute des concours reconnus et réglés par l'État, comme l'avaient été ceux de la tragédie, mais de véritables joûtes poétiques, données à l'occasion de certaines fêtes champêtres, et dont l'usage avait fixé les lois. C'est là que se récitaient ces Boucoliasmes ou Chants des Bouviers, qui sont comme la manifestation première de la poésie bucolique et que Théocrite lui-même avait pu entendre. C'est là probablement qu'était née aussi l'habitude des Chants Amoebees ou Alternés. On sait en quoi consistait cette curieuse pratique. L'un des concurrents lançait une idée et la développait en quelques vers; son rival devait saisir au vol cette idée et reprendre le même thème en y introduisant quelques légères variations de forme ou de sentiments. La lutte durait plus ou moins longtemps, et toujours le parallélisme devait se poursuivre entre les strophes. Des deux côtés, d'ailleurs, la difficulté était égale; au premier interlocuteur, le mérite de l'invention qui devait être vive, rapide, sans hésitations ni répétitions; au second, le mérite d'un esprit assez souple pour tirer parti d'idées qu'il n'avait pas lui-même conçues et qu'il devait reproduire avec fidélité et variété tout à la fois.

CHARLES BARBIER — "Une Étude sur les Idylles de Théocrite" p. 33-34, Paris, 1899.

O gênero sendo eminentemente popular e rústico não parece ter agradado intensamente aos romanos. Não deixou maiores traços na literatura. Horácio, na "Poética", omite. Juvenal não regista entre os modelos que aludia quando lamentou a miséria dos homens de letras ("Sátira sétima — *Litteratorum egestas*"). Petrônio não incluiu, no longo cortejo das distrações durante o infundável banquete de Trimalcião, qualquer pugna entre poetas. Não é possível identificar o canto amebeu entre os romanos pelo documentário que nos resta. Sua existência não pode, todavia, ser excluída mas possivelmente real na campanha, para os pastores, boeiros, condutores de gado e mesmo para os soldados.

O canto alternado reaparece na Idade-Média, nas lutas dos *Jongleurs*, *Trouvères*, *Troubadours*, *Minnesingers*, na França, Alemanha e Flandres, sob o nome de "tenson" ou de "Jeux-partis", diálogos contraditórios, declamados com acompanhamento de laúdes ou viola, a viola de arco, avó da rabeca sertaneja. Também a luta se podia dar sem acompanhamento musical. Na miniatura conhecida como "A guerra de Wartburg", no Cancioneiro de Heidelberg, fixando um combate poético de trovadores no castelo de Wartburg, não aparece um só instrumento musical no certamen. (\*)

O gênero que parece mais próximo ao nosso "desafio" e que conservou as características do canto amebeu, foi, na Idade-Média, o "tenson". Correspondia ao "Débats" das "côrtés d'Amor" provençais. Nas províncias da Itália meridional e na Sicília, o "tenson" era chamado "Contrasti". No Mosela francês ainda há uma espécie de "desafio", entre rapazes e moças, como os "cantares" de Portugal. Pode ser também travado entre homens e mulheres de certa idade mas sempre se revestindo do caráter de improvisação e mesmo de certa acrimônia. Dão-lhe o nome de "Dayemans".

Os "Mestres Cantores" da Alemanha medieval (*Meistersingers*) sabiam cantar o "desafio". Eram os "Wettgesänge", cantos alternados, sob regras fixas mas improvisados. Nos velhos "Cancioneros" castelhanos equivalem as "Preguntas y Respuestas".

O "tenson" era verdadeiramente a batalha poética entre improvisadores.

Un palenque especial para el afán de los trovadores fueron aquellas justas poéticas que reciben el nombre de *tensiones*. Trátase de una antigua modalidad poética de raigambre popular; estas luchas poéticas improvisadas eran igualmente conocidas por los Tirolese y por los labriegos escandinavos, así como por los pastores de Toscana y de Sicilia. Dicho género de poesía social fué objeto en Provenza de una elaboración erudita. En un principio, tratábase siempre de disputas personales efectivas, llevadas a cabo por ambos cantores sobre un pie poético forzado. Pero a medida que se fué concediendo mayor importancia a la forma, fué perdiendo terreno la improvisación. . .

WALDEMAR VEDEL — "Ideales culturales de la Edad Media — Romantica Caballeresca". Trad. de Manuel Sánchez Sarto. P. 59. Editorial Labor. 1933.

O "Tenson" significava disputa, combate. O "jeux-partis" seria o

---

(\*) Códice do século XIV



"tenson" quando versando sobre objetos amorosos. De um antigo dicionário francês, sem nome de autor, existente no Instituto Histórico do Rio Grande do Norte, encontro que *"La Tenson n'avait pas toujours pour objet une question d'amour; c'étaient parfois des plaintes alternatives langoureusement exprimées, et parfois encore des reproches amers de sanglantes injures qu'échangeaient deux adversaires"*. O "tenson" ou "Tensôs", como o Canto Amadeu, o Canto Alternado, a Disputa Poética dos bufões de Horácio no caminho de Brindis, é o Desafio em toda sua genuína expressão de anciandade. No século XIII os *Jongleurs* amavam empregar essa luta que despertava entusiasmo no auditório. A Biblioteca Nacional de Paris guarda um manuscrito (n.º 7218, fol. 213, v.º) registrando o embate *"Les deux bordéors ribauds"*, inteiramente no espírito ainda existente. A virulência dos "tensons" era a mesma dos versos satíricos chamados "sirventis" ou "sirventois". Um poeta fidalgo, o cavaleiro Luc de la Barre fez um "sirventois" tão pouco reverente contra Henrique 1.º da Inglaterra, que este, em 1124, mandou arrancar-lhe os olhos.

O "tenson" (tençon) passou para a península castelhana com seus ímpetos e delicadezas. A poesia dos "troubadours", os vates do sul da França, os provençais de onipotente influência, estendeu-se para Espanha-Portugal, reencontrando as fontes onde nasceram alguns dos mais altos motivos melódicos e imaginativos de seu próprio estilo. Pela demora dos Sarracenos na Aquitânia e Gália Narbonesa, pela aproximação dos Mouros espanhóis e ainda pelo contacto dos Cruzados com o Oriente, a música se impregnou de acentos indecisos e melancólicos, intraduzível quando cantada e dificilmente fixável em notação musical. Castella conheceu os "jeux-partis", os "tensôs" amáveis e donairosos, chorando mágoas d'amor. Também os "desafios" podem tomar, embora fortuita e raramente, as formas polidas e maneiras de um duelo gentil. O "tensôs" de Abril Perez com Don Beraldo (\*) possui réplica brasileira e mesmo sul-americana.

Em Portugal existiu logo o "cantar ao desafio". Pelo que conheço não é vasta a documentação da luta poética entre dois cantadores, indo da louvação até o impropério. O mais comum é o duelo, meio irônico, meio enamorado, entre moça e rapaz, nas "esfolhadas", batidas de trigo e horas de trabalho coletivo. Esses oaristos Júlio Diniz evocou nas "Pupilas do senhor Reitor" e Alberto Pimentel nas "Alegres Canções do Norte". O acompanhamento à viola é fortuito. Ao "desafio" do Minho corresponde a "desgarrada" do Sul português. Mesmo assim não sei de combate que tivesse assumido as aspéridades homéricas dos cantadores nordestinos do Brasil. No Minho o "desafio" é mais uma reminiscência dos "tentamens" das Côrtes d'Amor provençais, dos Descantes palacianos da primeira metade do século XIX, ainda vivos, lá e no Brasil de meados do século passado, na breve exibição poética dos "outeiros", amostras de improvisação satírica ou religiosa, exclusivamente.

Ao verso satírico, que o "troubadour" dizia "sirvente", chama o português "cantigas a atirar".

Para a América do Sul e central os gêneros emigraram. É o "corrido" em Venezuela, Colômbia e Bolívia, espécie de "rimance" e também, às vezes, tomando formas de desafio, familiar a meia América, el poema nar-

---

(\*) Antologia de la Lirica Gallega (Alvaro de las Casas) p. 29. Madrid. A. D



*rativo de andanzas lleneras*, como o batizou Rufino Blanco Fombona; a "pallada" do Chile, (\*) a "payada" de Argentina e Uruguai. A "payada de contrapunto" é justamente o nosso desafio. É o brasão senhorial dos "payadores". Já Martin Fierro ensinava:

A un cantor le llaman bueno	encontrándose dos juntos,
cuando es mejor que los piores;	es deber de los cantores
y sin ser de los mejores,	el cantar de contrapunto.

Esse "cantar de contrapunto" ou "payada de contrapunto" descreve-o Lehmann-Nitsche:

... payada de contrapunto. Se llama así la lucha a guitarra y canto, sostenida por dos payadores, los que, alternando, dan preguntas que el adversario tiene que contestar, como en las luchas de los trovadores medievales de los cuales los payadores argentinos son descendientes directos. Se trata muchas veces de un verdadero examen en ciencias naturales, historia, etc, y como en el colegio, el que más sabe, gana.

ROBERT LEHMANN-NITSCHKE: — "Santos Vega", p. 163. Buenos Aires, 1917.

A glória do cantador está no desafio. O melhor sucesso é o número de vencidos, arrebatados no turbilhão dos versos sarcásticos e atordoantes.

Numas quadrinhas velhíssimas, cantadas indistintamente nas lutas, um recém-nascido enfrentava improvisadores no mesmo dia em que viera ao Mundo:

Chegou meu pai, perguntando:	— Está sentado no banco
— Muié, cadê nosso fio?	E cantando desafio!...

Outros emprestam ao gênero efeitos surpreendentes e mirabolantes:

Eu cantando desafio,	E cobra dar tropeção,
Puxando prima e burdão,	Capa-Verde dizer Missa
Faço boi subir nas nuvens	E o Fute fazer sermão.

---

(\*) Graças à gentileza do embaixador Maurício Nabuco e a obsequiosidade de dom Julio Vicunha Luco, li "He Dicho", um dos trabalhos de Julio Vicunha Cifuentes, o máximo dos folcloristas chilenos. Cifuentes (opus cit, p. 51 e outras) assim descreve a *palla*, o desafio no Chile: —

"...en coplas octosílabas improvisam los *palladores* sus famosas controversias llamadas *pallas* o *contrapuntos*, aunque no siempre es perfecta la sinonimia de estos dos vocablos.

El nombre de *pallador* no conviene a todos los bardos populares, sino a los que son capaces de medir sus fuerzas con un adversario en público certamen improvisando al son de un instrumento músico — guitarra o guitarrón — preguntas e respuestas, problemas y soluciones, en que a la ironia del concepto va unida la insolencia desvergonzada de la expresión.

En estas justas, en que los émulos lidian copla a copla durante horas y aun días enteros, es donde mejor se puede descubrir la índole de la poesía popular

A denominação "desafio" nos veio de Portugal onde a disputa poética de improviso de-pressa se vulgarizou e possuiu fanáticos. Recordação teimosa dos "amebeus" gregos, o desafio português ficou entre os pastores, cantando ao som do arrabil ou de violas primitivas, mas com o fervor e o entusiasmo de herdeiros legítimos do "canto alternado" que Teócrito divulgara. Sua passagem nos versos dos poetas do século XVI e XVII é comum. Rodrigues Lôbo, na "Écloga contra o desprezo das boas artes" (Lisbôa, 1605, ed. Pedro Craesbeeck) menciona, em vários pontos, o desafio, com direito a prêmios de gado.

Bieto:

E d'onde houve aquela rês,  
Que êle poucas vacas cria?

Aleixo:

Ganhou-a numa porfia  
Nas festas, que Ergasto fêz.

Houve então grão desafio  
Em luta, canto, e louvores,  
Venceu todos os pastores  
Da serra, e d'além do rio.

O desafio, porfia ou disputa, aparecia nas feiras, rodeado de gente curiosa. Na mesma "Écloga":

Fui domingo a ver a luta,  
E outros com grande alvoroço;  
Vim encantado d'um moço,  
Que ali cantava em disputa.

Dos pastores mais gabados  
Tinha à roda mais de mil,  
Que ao som do seu rabil  
Estavam como enlevados.

O rabil ou arrabil, do árabe *ar-rabed*, tinha duas cordas e depois, na Idade-Média, ganhou mais uma. É a rabeca em sua forma primitiva. O desafio mantém, através dos séculos, a continuidade do gênero e mesmo de um dos dois instrumentos acompanhadores.

Os cantos dos indígenas brasileiros, a deduzir-se dos registros de Gabriel Soares de Souza, Cardim, d'Evreux, Abbeville, Léry, Thevet eram

---

chilena, más ingeniosa que delicada, y en todo momento burlesca y acometedora.

Esta es la *palla* propriamente dicha.

En la *palla a dos razones*, cada uno de los contendientes no improvisa sino dos versos de la copla, hirientes como banderillas, en que la intención crece cuanto el espacio mengua, pero en los que, por esto mismo, no es ya fácil a los ingenios rivales proponerse las cuestiones de difícil solución que tan interesantes resultan en la *palla* tradicional. Sea como fuere, lo que caracteriza esta clase de torneos, en cualquiera de sus formas, es que se desarrollen improvisando, por eso, cuando los contendores "cantan de verso hecho", a lo divino o a lo humano, para lucir su destreza lírica y la fertilidad de su memoria, nadie dice que aquello sea una *palla*, sino un *contrapunto*, diferencia que se puede establecer diciendo que la *palla* es siempre un *contrapunto*, pero que no todo *contrapunto* es *palla*. Estas justas populares han decaído mucho en nuestros días, y si aun es posible asistir a algunas entretenidas escaramuzas, en las grandes batallas no hay que pensar, porque ya no se riñen."

As "collas octosílabas" correspondem verdadeiramente às nossas "colcheias" do Sertão.

sempre coletivos e acompanhados de dansas. Às vezes um só cantor solava no meio do círculo dos dansadores, mas o refrão era entoado por todos. Havia, naturalmente, a improvisação. Cantigas novas apareciam mas referentes à vida social da tribo, caça, pesca, costumes cinegéticos, hábitos, etc. Conhecemos em Barbosa Rodrigues, Koch-Grünberg, Dionísio Cerqueira, trechos de canções amerabas, amorosas ou mesmo irônicas. Nada encontrei que se semelhasse ao desafio nem creio na existência desse gênero entre os nossos aborígenes. A "poranduba" era a narrativa dos feitos pessoais ou dos antepassados, uma legítima canção de "gesta", abundantemente observada pelos velhos cronistas coloniais. Não era desafio nem os indígenas cantavam alternadamente improvisando. Seus cantos e dansas saídos dos ritos religiosos estavam apenas numa fase intermediária para a socialização. Dançava-se e cantava-se para festejar as felizes partidas de caça, as pescarias rendosas. Assim não havia lugar para ouvir-se um cantador isolado. Todos desejavam tomar parte na festa, inclusive os homenageados, hóspedes, visitantes, tuixáuas de outras tribus, etc. A documentação de Brandão de Amorim, do conde Ermano de Stradelli, de Koch-Grünberg, de Roquette Pinto, os trabalhos da Comissão Rondon, são concludentes. Nem mesmo a paciência brilhante de Alfredo Métraux conseguiu recensar, no acervo das civilizações tupí-guaraní, algum episódio que se parecesse com o desafio sertanejo.

Entre os africanos nada há de semelhante ao que conhecemos no sertão. Os cantadores profissionais, griotes, como os *alatychs* árabes, são mais decoradores de histórias gloriosas e guerreiras que verdadeiramente improvisadores. Quando o fazem é na acepção que o sertanejo denomina "lôa", a louvação, o agradecimento antecipado ou posterior a um presente. O desafio, de improviso, acompanhado musicalmente, não há nas terras d'África.

No ponto de vista unicamente musical ainda seria de notar a ausência da síncopa que serviria para uma possível indicação negra, dada como responsável pela *syncopated orchestras*. . . (\*)

O que existe no sertão, evidentemente, nos veio pela colonização portuguesa e foi modificado para melhor. Aquí tomou aspectos novos, desdobrou os gêneros poéticos, barbarizou-se, ficando mais áspero, agressivo e viril, mas o fio vinculador é lusitano, peninsular, europeu.

---

#### b) Os instrumentos.

O mais antigo instrumento do cantador sertanejo devia ter sido a viola. Ela já aparece citadíssima em Fernão Cardim. Os padres catequistas ensinam os curumins a tangê-la. Era um dos instrumentos preferidos pela sua sonoridade, recursos e relativa facilidade de manejo. O segundo,

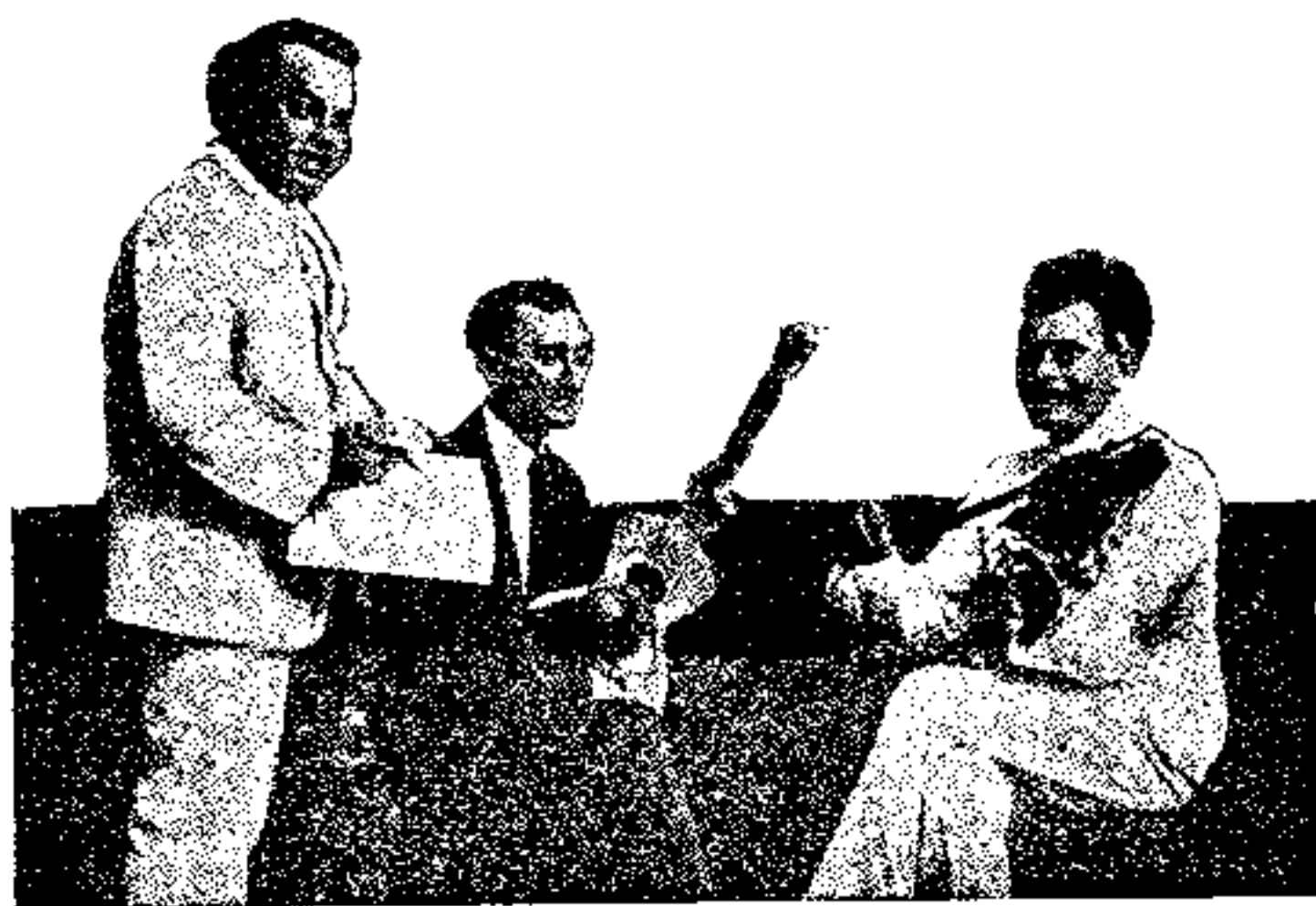
---

(\*) Sempre compreendi "música negra" como expressão vaga e complexa. O mesmo que Música Oriental ou Música Européia. Tenho agora comigo a autoridade de C. W. Myers ("Traces of African Melody in Jamaica", cit. in "De la Musica Afro-cubana", Fernando Ortiz, "Universidad de La Habana", n.º 3, mayo-junio 1934, p. 121):

"...puede asegurarse con certeza que no existe una música africana, pues hay casi tantos estilos de música nativa en Africa como en Europa, cuyas variedades difieren no solamente en cuanto a su forma y estructura en general, sino más específicamente tocante a los ritmos empleados".

que não teve voga no sertão, era a frauta. A orquestra clássica das festas jesuíticas em viagem era a viola, o pandeiro, o tamboril e a frauta. Espalhou-se, como uma pequena orquestra, para todo Brasil. A viola-de-pinho, viola-de-arame, com cinco ou seis cordas duplas, afinava-se como o violão. Hoje as afinações variam. Mi-si-sol-ré-lá e si-fá-ré-lá-mi são as mais usadas atualmente. Tendo seis cordas repete-se o *mi* ou o *si*. O encordoamento é de aço as duas *primas* e *segundas*, a terceira de metal-amarelo (latão), o bordão de *ré*, de aço, o de *lá* e de *mi*, de latão. A maioria é de dez trastos. O acompanhamento comum dos desafios é na altura do quinto trasto. Viola é verdadeiramente o grande instrumento da cantoria. Violeiro é sinônimo de cantador. Todos os cantadores tocam. Ultimamente apareceram cegos-cantadores com harmônica (acordeão, sanfona, realejo, fole, com dez a dezesseis chaves). Mas a harmônica está fora de ser levada para um desafio. Para o Rio Grande do Sul a harmônica, que o gaúcho chama "gaita", é indispensável nos desafios e substituiu a viola.

O outro instrumento clássico na cantoria nordestina é a rabeca. Tocam apoiando-a na altura do coração ou no ombro esquerdo, sempre a voluta para baixo. É a posição ritual que encontramos nas histórias da Música. Assim Hugo Riemann publica um anjo tocando a Giga e Gaudenzio Ferrari, em posição idêntica, retratou os seus "Angeles musicos". Nenhum tocador de rabeca é capaz de executar qualquer trecho pondo o instrumento na posição usual do violino.



O folclorista cearense Leonardo Mota assistindo um desafio de Jacó Passarinho (viola) com o cego Aderaldo (rabeca). A posição dos instrumentos é clássica entre os cantadores.

Essa continuidade demonstra a velhice da rabeca sertaneja e sua fidelidade ao passado.

A rabeca é um violino de timbre mais baixo, com quatro cordas de tripa, afinadas por quintas, sol-ré-lá-mí, e friccionadas com um arco de crina, passado no breu. Tem uma sonoridade roufenha, melancólica e quase interior. Nos agudos é estridente. Lembra certos instrumentos árabes. A rabeca veio justamente do *arabéd*, passando pelo antigo *crouth*. Fôra, em encarnação anterior, a viola-de-arco, instrumento preferido pelos trovadores da Idade-Média. Havia mesmo o verbo *violar* na acepção de executar a viola.

*Pons de Capduilh e trobava e violava e cantava be...*

Ou se dizia de Perdigon, trovador aclamado pelos Reis:

*Perdigos fo joglar e sap trop ben violar e trobar e cantar...*

Muitos dos velhos cantadores que conheci, já aposentados, vivendo de pequenas roças, sem voz e sem história, guardavam a tradição das rabecas, dos temas tristes, executados antes e depois da cantoria. Fabião das Queimadas nunca tocou viola. Usava a *rabequinha* fanhosa, áspera e primitiva. Assim ouvi seus romances de "apartação", as lendas de vacas e bois invencidos nas derrubadas ou os versos satíricos, cantados na solfa do "redondo-sinhá".

Nos desafios sertanejos os instrumentos únicos são a viola e a rabeca. Nenhum instrumento de sôpro ou de percussão é tolerado. Os maracás ou ganzás são ritmadores dos "côcos" praianos ou dos arredores da cidade. As "emboladas" são relativamente novas e pertencem a um gênero que ainda não conquistou adeptos sertanejos. Seu domínio é o engenho-de-cana, a fazenda do agreste, a praia ensombrada de coqueiros.

Cada violeiro vitorioso amarrava uma fita nas cravelhas do instrumento. Era um emblema de glória e ele narrava, pela ação de presença a história dos embates ilustres. Cada cantador de outrora dizia sem vacilar, a origem de cada fita que voava, desbotada e triste, amarrada na viola encardida.

Uma viola assim enfeitada era o sonho de todos os bardos analfabetos. Depois, dizem, alguns cantadores mais "modernos" deram na mania de comprar fita e enrolar na viola como sinal de vitória. Cada viola ficou mais cheia de fita que Santa Cruz de promessas. O abuso desmoralizou a tradição. Mesmo assim, viola de cantador afamado sempre tem um lacinho e uma história bonita de luta e de sucesso...

Curiosamente o sertanejo, da Paraíba ao Ceará, que esteve enquistado até 1910, conservando idioma, hábitos, tradições, indumentária, cozinha de séculos passados, guardando modismos que Portugal já perdera, não manteve a gaita (pífano, gaita-de-sôpro), e o pandeiro, instrumentos indispensáveis dos velhos portugueses cantadores. Gil Vicente ainda os re-

gistou no "Triunfo do Inverno" (edição das "Obras Completas de Gil Vicente", dirigida pelo prof. Mendes dos Remédios, tomo II, p. 198, 1912):

Em Portugal vi eu já  
Em cada casa pandeiro,  
E gaita em cada palheiro.

No Minho a gaita ainda sacode as dansas. No Brasil o negro valorizou-a nas toadas africanas dos "caboclinos".

No velho sertão de outrora o pandeiro esteve na sua época. Resistiu até a primeira metade do século XIX mas já usado parcamente. Inácio da Catingueira, que faleceu em 1879, ainda cantava desafio batendo pandeiro enquanto o colega pontiava a viola, também chamada "guitarra". No seu longuíssimo embate com Francisco Romano, em 1870, êste diz:

Inácio, esbarra o pandeiro,  
para afinar a guitarra...

Sílvio Romero registou uma quadrinha pernambucana que dizia:

Quando eu pego na viola  
Que ao lado tenho o pandeiro...

A morte do pandeiro e demais instrumentos de percussão seria a ausência das dansas coletivas, as dansas-de-roda, cantadas, quase privativas das crianças. O canto alternado, incisivo, arrebatado, insolente, dispensa o pandeiro que, no litoral e no agreste, perdeu terreno para o ganzá(\*), marcador de ritmos por excelência.

Para a cantoria a viola satisfaz as pequeninas exigências melódicas. Só lhe pedem, nos solos, alguns compassos. Ainda hoje no Minho, a viola chuleira, tristurenta e doce, acompanha bailaricos e prendas. No Brasil é o instrumento de maior área de influência. Indispensável no nordeste e norte, é igualmente inseparável do gaúcho no Rio Grande do Sul, do mineiro, do fluminense, do goiano e mato-grossense.

É o supremo auxílio material dos cantadores. Claudino Roseira confessa:

Melquide eu já fiz estudo  
Mas não prestei atenção,  
Por viver muito ocupado  
Com a viola na mão,  
Cantando de feira em feira  
Áfim de ganhar o pão.

Josué Romano adianta:

---

(\*) O Ganzá ou canzá, é o antigo "Pau de semente": O Ganzá africano é oblongo. O maracá ameraba é ovóide. Hoje o que existe é o Ganzá com a forma do Maracá. O instrumento indígena está com nome negro. O Prof. Fernando Ortiz afirma ser o maracá um instrumento das Arnacas.



As vez, o jeito que eu tenho  
E' cantar com quem não presta . . .  
Isso muito me arripuna,  
Mas a minha vida é esta:  
Bater o baião de viola  
E ganhar dinheiro em festa.

Outros cantadores afirmam que:

O pau que canta é viola,  
Pau com dois ss é rebeca.

O negro Azulão declamava:

Eu sou caboclo de guerra  
C'uma viola na mão!

No cancionero de Goiaz e Mato Grosso as quadrinhas falam abundantemente na viola:

Viola tem cinco cordas  
cinco cordas, mais não tem.  
Em cinco infernos se veja  
Quem me apartou de meu bem.

A viola sem a prima  
A prima sem o burdão,  
Parece filha sem pai,  
No poder de seu irmão.

Vou comprar uma viola  
Com vinte e cinco burdões,  
Para ver se assim distraio  
As tuas ingratidões.

A viola sem a prima  
Sem a toeira do meio,  
Parece moça bonita  
Casada com homem feio.

A viola me pediu  
Que queria descansar,  
Desafôro de viola  
De querer me governar.

Aprendi tocar viola  
Para o meu distraimento,  
Mas saiu pelo contrário;  
Redobrou meu sofrimento.

Não é menor o contingente nordestino. Quadras recolhidas pelo dr. Rodrigues de Carvalho:

Minha viola de pinho,  
meu instrumento real,  
As cordas são estrangeiras  
E o pinho de Portugal.

Não pode ter bom juízo  
Quem tem vários pensamentos.

Minha viola de pinho  
Tem boca para falar;  
Se ela tivesse olhos  
Me ajudaria a chorar.

Minha viola de pinho  
Ninguém ha-de pôr-lhe a mão,  
Sinão a minha cunhada,  
A mulher do meu irmão.

Nesta viola de pinho,  
Cantam dos canários dentro,

Nesta viola do norte  
A prima disse ao burdão:  
O rapaz que está dansando  
Veio lá do meu sertão.



Antônio da Piraoca,  
Raimundo do Lagamar,

Eu ronco junta à viola  
No céu, na terra e no mar.

Preto Limão cantava:

Quando eu vim pra êsse mundo  
Truve uma sina pachola;  
Foi tê, prá ganhá a vida,  
Ciência e esta viola...

No desafio de Francisco Romano, Romano do Teixeira, com Manuel Carneiro, em Pindoba, Pernambuco, há uma quadra dêste:

Posso morrer na pobreza,  
Me acabar pedindo esmola,  
Mas Deus me deu, pra passar,  
Ciência e esta viola!...

Quem quiser ser bem querido  
Aprenda a tocar viola  
Vista camisa lavada,  
Seja preguiçoso embora  
(rec. por Pereira da Costa)

Francisco das Chagas Batista, tão familiarizado com os cantadores, afirma que o autor do desafio Romano-Carneiro foi Germano da Lagôa, que o escreveu e cantava, dando-o como real entre os dois famosos improvisadores.

O outro instrumento tradicional, a rabeca, e rebeça(\*) também, possui seus elogios. Deve ter vindo posteriormente à viola porque esta já é mencionada nos cronistas coloniais. O cego Sinfrônio Pedro Martins fez a louvação de sua companheira fiel:

Esta minha rebequinha  
É meus pés e minhas mão  
Minha foice e meu machado,  
É meu mio e meu feção,  
É minha planta de fumo,  
Minha safra de algodão!

---

(\*) Sobre o nome da rebeça há uma menção numa das lendas mais conhecidas da Europa feudal. É o episódio de Blondel, pagem de Ricardo Coração de Leão. Aprisionado pelo duque d'Áustria, Leopoldo, o rei da Inglaterra foi encerrado numa torre do castelo de Durrenstein e vigiado dia e noite. Para descobrir o paradeiro de seu senhor, Blondel fez-se cantor ambulante e percorria a Áustria. Sabendo vagamente, em Durrenstein, da existência de um prisioneiro de alta jerarquia, o menestrel cantou, perto da torre, uma das canções conhecidas pelo rei. Ricardo respondeu cantando o verso seguinte. Estava localizada a prisão. Blondel voltou para Inglaterra e no ano seguinte, 1194, o rei era resgatado.

Que instrumento tocava Blondel para acompanhar seu canto? As mais antigas crônicas medievais, citadas e transcritas pelo conde de Puymaigre (*"Le Folclore", la légende de Blondel*, Paris, 1885) indicam a *viele* ou a *rebeca*. Num dos textos mais velhos encontra-se que Blondel *prist sa viele et comencha à violer une note, et en violant se délitoit de son signeur qu'il avoit trouvé*. Noutra fonte já o instrumento tem a denominação dos nossos dias. *Un sien menestrel, natif de Normandie, nommé Jehan Blondel, bien jouant et chantant sur la rebeke*. Apesar das controvérsias musicógrafas, sabe-se que a *Viele* e a *Rebeke* eram quase iguais e se fundiram depois. Ver Hugo Riemann, *"Historia de la Musica"*, ed. espanhola, fig. 13, pag. 40.

Esse casal acompanha, há séculos, a poesia popular.

Não me foi possível rastrear influência negra no desafio e nos instrumentos para o canto sertanejo. N'África o canto é sempre ritmado pela percussão. Canto e dança têm nos tambores negros (com variada nomenclatura que o dr. Artur Ramos resumiu no seu *"Folclore Negro do Brasil"* (p. 151, Rio, 1935) o máximo da exigência. Os instrumentos de corda são raros. O *"berimbau de barriga"*, *humbo* dos angolezes, *rucumbo* para os povos da Lunda, que Henri Koster descreveu em Pernambuco de 1812, não atingiu ao alto-sertão nem foi usado pelos cantadores, mesmo negros e mesmo escravos. *Rucumbo* ou *urucungo*, *berimbau de barriga* ou *humbo*, ouvi uma vez, na feira semanal do Alecrim, em Natal, cadenciando o canto de um negro. Mas o canto era uma das rapsódias do gado e o instrumento aí era accidental e fortuito. Violas e rabecas, a dupla real, não aparece nas viagens sertanistas dos exploradores do continente negro. (\*)

Verdade seja que Serpa Pinto, no Bié, encontrou um músico tocando uma rebeca, feita por ele mesmo. Tinha o instrumento três cordas de tripa, friccionadas por um arco com duas cordas e não clinas. Serpa Pinto achou que a rebeca *"dava sons tão melodiosos e fortes como o melhor Stradivarius"*, (*"Como eu atravessei a África"*, t. I.º, p. 162, Londres, 1881). Mas era visível tratar-se de uma cópia africana do instrumento europeu. *"Era de certo uma imitação das rabecas da Europa, e não um instrumento primitivo"* (idem). Teria melhor dito, instrumento local ou regional.

O canto negro é, em maior percentagem, dansado. No sertão a função é distinta. A dança sofreu um colapso demorado não se dando o mesmo com o canto.

Os instrumentos, pelo exposto, são de origem portuguesa.

O violão aparece igualmente mas não no nordeste. Pelo extremo-norte há notícia de sua aplicação no desafio mas sem a fórmula regular. Creio ter sido apenas um caso fortuito. Mesmo assim encontro na peleja de João Siqueira Amorim com o cego Aderaldo (publicada em Fortaleza, Ceará) uma indicação:

Antes de Siqueira afinou  
o seu brando violão.  
Firmou-se no tom de ré,  
deu calmamente vibração,  
lançou um olhar risonho  
e ficou de prontidão.

Aderaldo quando ouviu  
o baião que fêz Siqueira,  
boliu com o violino  
numa corda tremedeira,  
formou um verso dizendo  
assim por esta maneira:

E' uma citação que autentica o violão nos desafios e ainda o "baião" anunciando e seguindo o verso cantado.

---

(\*) Contra-prova demonstrando a mesma conclusão dará uma leitura do monumental trabalho do prof. dr. Artur Ramos — *"AS CULTURAS NEGRAS NO NOVO MUNDO"* — Civilização Brasileira, editora, Rio de Janeiro, 1937.

Mas a rabeca e a viola são os instrumentos soberanos. No encontro de José Pretinho do Tucum com o cego Aderaldo, narrado por este, lê-se:

Ele tirou a viola  
Dum saco novo de chita,  
e cuja viola estava  
toda enfeitada de fita.  
Ouví as moças dizendo:  
Grande viola bonita!...

Eu tirei a rabequinha  
dum pobre saco de meia,  
Um pouco desconfiado  
por estar na terra alheia,  
e umas moças disseram:  
Meu Deus! Que rabeca feia!...

Essa fidelidade denuncia a nenhuma interpenetração do litoral e sertão durante tantíssimos anos. No Rio Grande do Sul, a viola, soberana incontestada, foi substituída pela acordeona, o fole nordestino, que o gaúcho chama "gaita". Assim regista uma quadra que Souza Doca revelou ("O regionalismo sul-riograndense na literatura", na Revista das Academias de Letras, n.º 1.º. Dezembro de 1937. Rio).

A gaita matou a viola.  
O fósforo matou o isqueiro.  
A bombacha o xiripá,  
A moda o uso campeiro.

Para o nordeste, entretanto, viola e rabeca continuam...

---

c) *Canto e acompanhamento.*

Na "cantoria" não há acompanhamento musical durante a solfa. Os instrumentos executam pequeninos trechos, antes e depois, do canto. São reminiscências dos prelúdios e postlúdios com que os Rapsodos gregos desviavam a monotonia das longas histórias cantadas?

O trecho tocado é rápido e sempre em ritmo diverso do que foi usado no canto. A disparidade estabelece um interesse maior, despertando atenções e preparando o ambiente para a continuação. Essa música tem outra finalidade. É o tempo-de-espera para o outro cantador armar os primeiros versos da resposta improvisada. No desafio, no canto dos romances tradicionais, na cantoria sertaneja enfim, não há acompanhamento durante a emissão da voz humana.

O canto amebeu dos pastores gregos, origem do desafio sertanejo, fôra dessa forma. A explicação é que tocavam flauta, sirinxs, instrumentos de sopro. Nenhum pastor, de Teócrito ou dos idílios e oaristos gregos, aparece senão com a flauta. Não há instrumento de corda. A harpa é posterior e pertenceu ao rapsodo, às vezes cego e, compensativamente, de melhor e mais límpida memória.

Aos pastores do canto amebeu era impossível o acompanhamento, simultâneo com os versos, uma vez que o instrumento era de sopro. Assim começara o canto alternado...

Os gregos falam de Arquíloco (falecido em 560 a.C.) e especialmente numa sua inovação genial. A inovação consistia *à faire déclamer les vers pendant que la cithare et d'autres instruments, quelquefois réunis à elle, faisaient entendre des espèces d'intermèdes* (Fetis, opus. cit. v. III, p. 322). O canto acompanhado teria tido, desta forma, seu início popular.

O rapsodo grego cantava ao mesmo tempo que arpejava. Ainda havia um traço do canto primitivo, isolado e sôlto. Como os Gregos colocavam o apôio tonal no agudo, quando nós o fazemos no grave, os sons do acompanhamento eram dados no agudo, acima da melodia entoada pelo cantador. (\*)

O rapsodo cantava acompanhando-se simultaneamente. Em várias passagens da "Odisséia" Homero descreve o canto junto à música das harpas.

No canto IV: — *"Un chantre divin accordait à sa voix les sons de sa lyre"*. Luciano de Samosata é mais explícito: — *"Qui aurait pu leur enseigner cette harmonie parfaite, qui apprend à ne jamais excéder le rythme, à mesurer le chant avec précision, à s'accompagner de la cithare, à faire entendre en même temps et l'instrument et la voix, à placer ses doigts avec justesse et avec grâce?"* "LUCIEN (Oeuvres complètes, Garnier, v. II, p. 73).

Na Idade-Média os cantores acompanhavam o canto com a música instrumental. No romance "Tristan et Iseut", um dos mais espalhados e sabidos na Europa, há uma alusão ao canto acordado:

*La dame chante dulcement  
la voix accord a l'estrument*

*les mains sont belles, li laïs bons,  
douce la voix et bas li tons...*

No sertão o cantador independe do acompanhamento. No fim de cada pé, findando cada linha do verso, dá um arpejo na viola ou um acorde na rabeca. Entre um verso e o seguinte, entoado pelo antagonista, executa-se um trecho musical, alguns compassos. Durante o canto, junto com a voz humana, nada, absolutamente nada. Em nenhuma outra parte, exceto o nordeste, o desafio possui essa característica singular. Em qualquer outra parte do Brasil o canto é acompanhado juntamente.

O pequenino trecho executado depois de cada cantador cantar (sextilha, décima, etc.) chama-se "rojão" ou "baião".

*Aderaldo quando ouviu  
o baião que fêz Siqueira.*

*Mas a minha vida é esta —  
bater baião de viola  
e ganhar dinheiro em festa...*

dizem versos populares descrevendo cenas de desafio.

*Como é doce o "rojão das violas" nas aldeias!  
A lua cheia de abril refrescando as areias!...*

cantava Ferreira Itajubá. São, como disse, alguns compassos apenas. O essencial é que o "baião" não coincida com os valores do canto. E' pre-

---

(\*) Mário de Andrade — "Compêndio de História da Música" — segunda edição, pp. 16/17. L. G. Miranda. S. Paulo. 1933.

ciso ser diverso. Muitos "rojões" desdobrados servem para dansar. O "canto" só lhe devemos dar esta denominação, em muitíssimos casos, por convenção. E' antes uma declamação onde a linha musical apenas disfarça o recitativo sêco, continuado, sôlto do motivo melódico, quase sem ligação. O cantador respeita supersticiosamente a cadência do verso que está sendo escolhido para o canto, solando, ou, no desafio, setissilábico, decassílabo, alexandrino. Apenas êsse respeito atinge ao ritmo. A solfa é obrigada a sujeitar-se às exigências do metro, (\*) desdobrando-se, adaptando-se, dando de si resultados imprevistos pelo portamento, que é típico em cada cantador, subindo em agudos infixáveis ou terminando por um processo de nasalação indispensável e, para êles, natural. Todo cantador é fanhoso quando canta.

The image displays four musical staves, each representing a different musical setting. The first staff shows a Canto line (M.M.J. = 56) and a Viola line (M.M.J. = 112). The second staff shows a Canto line (M.M.J. = 56). The third staff shows a Viola line (M.M.J. = 112) and a Canto line (M.M.J. = 56). The fourth staff shows a Rojão ou baiao de Viola line (M.M.J. = 144).

(\*) Essa sujeição da música ao ritmo poético é uma característica da música primitiva.

"Cette dépendance du texte et de la musique est si stricte que le rythme de la mélodie n'a d'autre origine que le mètre du vers", p. 9.

"Aucune musique n'existait sans poésie, aucune poésie sans musique. Poète et compositeur étaient toujours unis dans la même personne", p. 10. CHARLES NEF, — "Histoire de la Musique" — (Payot, Paris, 1925.).

Difícil seria catalogar a própria voz do cantador sertanejo. Tenor, barítono, baixo? não se sabe que som é aquele, acima ou abaixo dos diapasões, sem graves, com agudos estridentes; uma voz roufenha mas duma resistência admirável, indo, após seis e oito horas de canto, aliadas ao esforço de improvisar ou de repetir decorações de poemas complexos e mais atender ao acompanhamento, a um estado de frescura que para outros corresponderia ao desfalecimento. Os instrumentos, feitos no sertão, sob modelos tradicionais, com ressonâncias e recursos estranhos aos instrumentos das cidades, são outros elementos para afastar a cantoria de uma sistematização regular sem amplos e demorados estudos no próprio ambiente. A entonação é peculiar. O timbre áspero, alto, tem um ímpeto agressivo de combate, de corpo-a-corpo. A voz do cantador nordestino não é, como as vozes que ouvimos no teatro, no rádio ou no cinema, uma voz de efeito esperado, regular, esquemado. É uma voz livre dentro dum canto livre. Essa independência, sem que se perca do compasso que rotula o gênero indicado para a cantoria, foi observado primeiramente por Mário de Andrade.

O cantador aceita a medida rítmica justa sob todos os pontos de vista a que a gente chama de Tempo mas despreza a medida injusta (puro preconceito teórico as mais das vezes) chamada Compasso. É pela adição de Tempos, tal e qual fizeram os gregos na maravilhosa criação rítmica deles, e não por subdivisão que nem fizeram os europeus ocidentais com o compasso, o cantador vai seguindo livremente, inventando movimentos essencialmente melódicos (alguns antiprosódicos até) sem nenhum dos elementos dinamo-gênicos da síncopa e só aparentemente sincopados, até que num certo ponto (no geral fim da estrofe ou refrão) coincide de novo com o metro (no sentido grego da palavra) que para ele não provém duma teorização mas é de essência puramente fisiológica. São movimentos livres *desenvolvidos da fadiga*. São movimentos livres específicos da moleza da prosódia brasileira. São movimentos livres não acentuados. São movimentos livres acentuados por fantasia musical, virtuosidade pura, ou por precisão prosódica. Nada têm com o conceito tradicional da síncopa e com o efeito contra-tempado dela. Criam um compromisso subtil entre o recitativo e o canto estrófico. São movimentos livres que se tornaram específicos da música nacional.

MÁRIO DE ANDRADE: — "Ensaio sobre a Música Brasileira", p. 14, S. Paulo, 1928.

Essa liberdade embora vagamente enquadrada no mensuralismo que Portugal nos trouxera, fundem-se coerentemente com as peculiaridades da entoação. Mário de Andrade, ouvindo sambistas e cantadores de côcos de ganzá nas cidades do litoral norte-rio-grandense e paraibano, registou a observação que é justíssima para o interior. Os violeiros-cantadores tinham um ligado típico, dum "glissado" tão *preguiça*, que Mário julgou-os empregar o desaparecido quarto-de-tom. Não era. "Mas o nordestino possui maneiras ex-



*pressivas de entoar que não só graduam seccionadamente o semitom por meio do portamento arrastado da voz, como esta às vezes se apoia positivamente em emissões cujas vibrações não atingem os graus da escala. São maneiras expressivas de entoar, originais, características e dum encanto extraordinário".* (idem, p. 24-25.)

O cuidado do cantador em obedecer ao ritmo, mas o ritmo da métrica, deixa em liberdade, ou sem responsabilidade, para o canto, sua força de invenção. Essa se traduz fielmente nas frases felizes, nas respostas fulminantes, nas comparações pitorescas, nas críticas ridículas. O desenho musical se desenvolve automaticamente, por impulsão do ritmo poético ou por sua única necessidade declamatória. É um acessório.

Esse respeito ao metro-poético ultimamente é dado como sendo uma das bases, senão a maior, da própria poesia portuguesa. Um professor da Universidade de Coimbra, o dr. Oliveira Guimarães, está convencido do que me parece lógico e documentadamente possível.

Sabe-se hoje que a poesia portuguesa não se baseia somente no isossilabismo dos versos e na homofonia ou rima das suas cadências finais, aliás puramente acidental e de mero ornamento, mas principalmente na sequência harmônica das unidades rítmicas ou pés métricos, que constituem o compasso da ditação que acompanha o das idéias.

OLIVEIRA GUIMARÃES — "Fonética Portuguesa"  
— p. 100-101. Coimbra, 1927.

O canto do improvisado sertanejo se tem pobre o desenho é porque é um detalhe, uma forma, do essencial que é o recitativo, único centro-de-interesse para o auditório, ainda que seja como entonação irregular e obediente aos caprichos pessoais de cada executor. A nasalação final, característica inseparável, se consegue obter efeitos curiosíssimos, dificulta enormemente uma notação séria, cuidada e fiel. No linguajar sertanejo a nasalação é um recurso natural para *"dar mais corpo à vogal isolada, se não fôr um fenómeno de analogia — falsa analogia, em vista do profuso emprêgo do prefixo IN, que de infeliz, insosso, insensível, impossível, etc. estendeu-se a irregular, inclusão, inleição, (inliçon no português arcaico) indo a correção até intaliano, inlogio, e, em geral, a tôdas as palavras começadas em i"*, como notou Mário Marroquim ("A Língua do Nordeste", p. 27-28. S. Paulo, 1934). Essa tendência para dissolver o *n* intervocálico e nasalar a vogal anterior, (idem) é uma constante na dialeção do Norte. Indo para o canto, o poeta-analfabeto e cioso dos hábitos do seu povo, não esquece o modismo, especialmente se este o auxilia desmarcadamente para ralar os finais dos versos, tornando-os longos, impressionantes e sugestivo. Também é possível que a fadiga predisponha para esse arrastamento de tom, profundo e cavo. Quando, numa raridade, o cantador não nasala seu *finale*, emite as notas terminantes entre os dentes cerrados, numa acentuação gutural, rouca, inconfundível.

Não é possível traduzir esse resultado por sinais. Ninguém poderá transmitir, na intensidade da audição, o arrastado-dolente mas incessante e ágil, o indeciso enérgico duma vibração sonora que ainda aguarda a fórmula sintetizadora em que seu musicógrafo fixará a criação musical.



Solfa de um "martelo" de dez pés, exemplo do classicismo sertanejo:



Solfa de "ligeira":



Não foi possível explicar esse processo de canto declamado e com acompanhamento final e intervalar.

No Rio Grande do Sul, informação do dr. F. Contreiras Rodrigues que o meu amigo Ari Martins teve a bondade de transmitir, o desafio é em décimas, com rimas emparelhadas, chamadas sempre "quadra". Acompanhado o desafio gaúcho com gaita (sanfona, acordeão) ou antigamente com viola, sempre se fazia ouvir durante o canto. Em Minas Gerais, diz-me o sr. Flausino R. Vale: — "Por aqui só se usa a redondilha menor, isto é, de sete sílabas, em quadras, com acompanhamento de viola. Tocam durante o canto, e entre um e outro verso fazem uma espécie de pequenino intermezzo de dois ou quatro compassos." Ari Martins tivera quase as mesmas palavras: — "Quanto ao uso da viola, de há muito já passou ao rol das coisas pretéritas. A acompanhante obrigatória dos nossos desafios é a gaita ou cordeona, que toca durante todo o canto e entra com o "refrain" entre o verso dum contendor e o do outro". Minas Gerais é a mesma zona musical de Goiaz, Mato Grosso e parte de S. Paulo. Ari Martins, em sua carta amável, mostra a identidade do Rio Grande do Sul e, deduzidamente, para S. Catarina, Paraná, etc.

Em Portugal o processo para o desafio é idêntico. Os maiores cantores populares de Portugal empregam a décima, de fórmula ABBAACCDDC, glosando uma quadra setissilábica, ABCB, como verifico no "versos dum Cavador" de Manuel Alves, e cantam acompanhados à viola ou guitarra, a guitarra portuguesa. É o "descante"...

Carlos Santos, o paciente codificador do folclore musical da ilha da Madeira, informou-me que "os acompanhamentos são sempre feitos durante o canto. Quando o cantor pára por necessidade de inspiração ou para dar mais solenidade ao ato, a música continua à espera que ele volte a cantar. Em certas fainas (trigo, erva, etc.) canta-se sem música".

O processo da cantoria nordestina é, evidentemente, uma peculiaridade.

## O Desafio

### d) Os Temas.

O início do desafio depende do maior ou menor conhecimento que o cantador tenha de seu companheiro. Se ambos são celebrados e o auditório se estreita para ouvi-los ansiosamente, trocam saudações irônicas anunciando derrota e detalhando a glória pessoal. O cantador "letrado" é aquele que sabe ler e tem de-cor o dicionário da fábula, resumos de figuras mitológicas, o Lunário Perpétuo com suas explicações sobre ventos, nuvens, fenômenos meteorológicos, a história de Carlos Magno e dos doze Pares de França, denominações dos acidentes geográficos e divisão corográfica do Brasil, História Sagrada, compreendendo as principais passagens do Velho e do Novo Testamento. Antigamente, criados nas velhas escolas paroquiais ou ouvintes das "santas missões", os cantadores subiam a disputas emaranhadas e hoje atordoantes, sobre os Novíssimos do Homem. Penitências, os sete pecados mortais, mandamentos da Igreja. Eram todos católicos estridentemente defensores da sua Igreja, inimigos fegadais da Nova Seita (Protestante) que eles emparelhavam com as mais detestadas entidades, o Fiscal, o Inspetor de Consumo, o Polícia da feira.

A memória dos cantadores é, nalguns casos, de surpreendente precisão. Horas e horas, no ritmo das *colcheias* ou no estalão dos *martelos*, respondem e perguntam. Nos melhores cantadores as perguntas são verdadeiras charadas, interrogações capciosas, sentidos falsos, deliciosamente respondidos e desfeitos nos segundos das arremetidas. Nos cantadores modernos o estro, inferior e mais erudito, liga-se exibindo "ciência" a uma monótona declamação de cabos, baías, rios, Estados, municípios, nomes de deuses e deusas gregas, divisões da geografia, etc. Saindo dêsse terreno o cantador, conciente ou não, canta versos que pertenceram aos gigantes de outrora. Inácio da Catingueira, Romano, Ugolino do Teixeira, Bernardo Nogueira, etc. É um patrimônio comum, uma base que se estende para tôdas as alianças e a todos socorre. Os nomes dos grandes cantadores desaparecidos ficam no espírito popular e muitos violeiros se dizem parentes, filhos, netos, sobrinhos, como articulando a habilidade poética na fonte prestigiosa do batalhador levado pela Morte.

Raramente, no tempo passado, um cantador citava, no vivo da peleja, a família do outro companheiro. Insultando ferozmente, respeitava-lhe o lar. A briga de Manuel Caetano com Manuel Cabeceira, quando se enfrentaram em Chã de Moreno, terminou pelo vitupério e, pela sua inusitada presença no populário, ficou famosa como exemplo de agressão. Mas, os dois companheiros serenados pelo dono da casa, ficaram amigos e nunca cantaram desafio senão com tácita ressalva.

O conhecimento da mitologia e da geografia elevava o cantador a uma fama invencível. Os irresistíveis violeiros como Inácio da Catingueira, negro escravo analfabeto, não podiam competir quando seu antagonista começava a falar em Amaltéa, Cibele e Baco. Ficavam injustamente vencidos. Fôssem combatidos com as armas forjadas pelas próprias inteligências e outro seria o resultado. Na célebre luta de Francisco Romano com

Inácio da Catingueira, o formidável negro não soube responder ao "grande Romano" quando êste, desalojado de vários redutos, recorreu aos nomes mitológicos.

Inácio:

Eu bem sei que seu Romano  
Está na fama dos anéis;  
Canta um ano, canta dois,  
Canta seis, sete, oito e dez;  
Mas o nó que der com as mãos  
Eu desato com os pés.

Romano:

Latona, Cibele, Réa,  
Iris, Vulcano, Netuno,  
Minerva, Diana, Juno,  
Anfitrite, Androquêa,  
Vênus, Climene, Amaltêa,

Plutão, Mercúrio, Tezeu,  
Júpiter, Zoilo, Perseu,  
Apolo, Ceres, Pandora;  
Inácio, desata agora  
O nó que Romano deu!...

Inácio:

Seu Romano, dêste jeito  
Eu não posso acompanhá-lo;  
Se desse um nó em martelo  
Viria eu desatá-lo;  
Mas como foi em ciência  
Cante só que eu me calo.

Em São Fernando, perto de Caicó, durante horas seguidas, adormeci e acordei-me ao som obstinado duma viola e de dois cantadores que, para um bando de espectadores teimosos e sonolentos, narravam a criação do mundo, o nascimento, vida, paixão e morte de Jesus Cristo, o descobrimento do Brasil e o que vinha a ser corografia, geologia, orografia, limnografia, vulcanografia, divisão dos Estados, limites, capitais, rios brasileiros, ventos reinantes, tempo para semear, tudo quanto as folhinhas trazem. Dum encontro de Romano Elias da Paz com Azulão, depois de confrontarem a ciência, deram para um exame sobre o território cearense. Deram, um e outro, em sextilhas, a denominação de todos os municípios, área do Estado, costa marítima, etc. O começo foi curioso:

1

Romano, eu já conheci  
Que o senhor vai e vem,  
Vamos nós dois descrever  
Quantos municípios tem  
Neste solo cearense  
Visto você cantar bem.

2

Tinha oitenta e nove  
Municípios com o Crato.  
Mas quinze foram supressos  
Já vê que nesses não trato.  
Quem de oitenta e nove tira  
Quinze, fica setenta e quatro.

Os cantadores de meio século passado sabiam melhor a história sagrada, a mitologia, mas toda perícia estava nas perguntas fulminantes, enunciadas com entono e ripostadas num ímpeto que desnortearia lembrar que estavam improvisando.

O final dos desafios é o cansaço dos contendores, a saída dos convidados meio-mortos de sono. Há tempos velhos os cantadores iam às via-de-fato mas hoje não há perigo. Entende-se bem o financiador e eles terminam cantando juntos, verso a verso, louvações à natureza, aos presentes, ao dono da casa ou, a pedido de algum entendido, repetindo as cantorias dos inesquecíveis cantadores que deixaram fama.

Uma tradição que reaparece nos cantadores sertanejos é a citação dos "marcos", "fortes", "lagôas", "castelos", obras irriçadas de dificuldades,

alçapões, ferros, bichos ferozes, maribondos, venenos, explosões, gigantes antropófagos, serpentes infinitas, raios, trovoadas, reprêsas que se abrem ao contacto de mãos estranhas, subterrâneos povoados de mistérios. Cada cantador construiu seu "marco" ou seu "castelo", seu "forte" ou sua "lagôa" e o descreve minuciosamente ao adversário, multiplicando os óbices semeados. (\*) O contendor, sem mudar o ritmo do canto, é obrigado a ir abatendo aquela construção ciclópica, matando feras e desviando rios, destroçando gigantes e achatando montanhas, erguidas ao aceno do poeta analfabeto.

Ficaram famosas as construções antigas de alguns cantadores. O "forte" de Ugolino, a lagôa de Germano.

Lembro o "castelo" de Josué Romano, citado em luta com Manuel Serrador, e que foi registado por Leonardo Mota:

A parede da muralha  
Tem cem metros de largura,  
Também tem um alicerce  
Com bem trinta de fundura,  
E do nível para cima  
Mais duma légua de altura.

Eu chego lá c'uma broca,  
Furo a parede no centro,  
Abro cinco, seis buracos,  
Boto dinamite dentro,  
Toco fogo, avôa o muro.  
Por que razão eu não entro?

Inda que tu faças isso,  
Fica coisa na muchila:  
Tem uma cobra medonha,  
Tem também um cão de fila  
Qu'ê ver um destacamento  
Na defesa de uma vila.

Pra tudo que lá tiveres  
Tenho trabalho de sobra:  
Boto bola no cachorro,  
Bato o cacete na cobra,  
Derrubo-te a fortaleza,  
Escangalho a tua obra.

Inda que tu faças isso,  
Não fica o forte deserto:  
Lá tem um braço de mar,  
Tem também um rio perto;  
Lá você morre afogado,  
Porque o cerco eu aperto.

Do rio eu faço um açude,  
Faço uma ponte no mar,  
Deixo tudo realengo  
Para quem quiser passar...  
No lugar onde eu habito  
Tudo pode transitar.

Inda que tu faças isso,  
Inda tem outro perigo:  
E' uma tribo de caboclos,  
E' um vulcão muito antigo,  
E' um grupo de cangaceiros  
Qu'ê um perigoso inimigo.

Os teus caboclos eu expulso,  
Entupo o volcão de terra;  
Pro grupo de cangaceiros  
Trago dois canhões de guerra,  
Que só de um tiro que eu der  
Derribo duas, três serra...

Manuel Caetano, na peleja com Manuel Cabeceira, também recorreu ao antigo molde:

---

(\*) São evidentes reminiscências dos castelos de amor, (*Minneburg*) palácios imaginários povoados por mulheres que se defendiam jogando rosas. A idéia do cantador crear sua fortaleza em estilo feudal, lembra que a memória inconciente lhe trouxe os velhos artifícios de seus ancestrais.

Então eu vou dar um pau  
Para você se atrepá,  
No tronco eu boto uma onça,  
No meio um maracajá,  
Em cada galho um inxú  
E no ôlho um arapuá. . .

Eu passo fogo na onça  
E derrubo o maracajá,  
Chamusco os inxús a facho,  
E queimo o arapuá;  
Deixo o pau limpo, indefeso.  
Pra você nêl trepá. . .

Naturalmente eram temas longamente explorados, os defeitos físicos, a cor da pele, negros, cabras, lendas a respeito de cada um vício de beber, jogar, andar armado, brigar, ficar devendo, etc. A documentação poética é variada e rica em qualquer desses motivos. Os negros então, muitos saídos da escravidão ou ainda escravos, eram duramente alvejados nos desafios e respondiam com maravilhosa agilidade mental, aparando os golpes e dando outros de não menor eficácia.

De um modo geral poder-se-á dizer que os antigos desafios tinham mais imaginação e os modernos maior cópia de dados, recursos de memória e de conhecimentos de acesso impossível para os velhos cantadores de antanho. Menos interessantes, a-pesar-da "ciência".

---

## O Desafio

### e) *Convite e apresentação.*

A povoação, vila ou arruado onde mora um cantador, é a região de seu domínio absoluto. Cantar sem sua permissão é desafiá-lo mortalmente. Como um guarda fiel acode e a luta se inicia, violenta. O auditório aparece e os níqueis vão caindo nos pires humildes. Cantam horas e horas, à viola, bebendo, ora um ora outro, goles de aguardente.

Essa invasão é rara. Outrora os cantadores afamados costumavam ir desafiar os adversários em seu próprio terreiro, suprema afronta. Manuel Cabeceira, norte-rio-grandense, cantador famoso, cantava na fazenda da "Pedra d'Água", Paraíba, quando foi informado pelo capitão João de Melo, de Chã do Moreno, sua residência habitual, que o cantador Manuel Caetano estava cantando, ousadamente, como se fôsse em terra sem dono. Ao despedir-se de Pedra d'Água, Cabeceira afirmou:

O Moreno está tomado  
Eu volto e vou defendê;

Mas se eu apanhar do negro,  
Dez anos ninguém me vê. . .

Acompanhado por um grupo de admiradores, o poeta galopou até Moreno. Caetano cantava, cercado de povo. Ouvindo o tropel dos cavalos, sabendo que o antagonista fôra avisado de sua presença, perguntou no mesmo ritmo em que estava cantando:

Deus vos guarde, meus senhores,  
Que eu estou cantando bem;  
Quem é o Manuel Cabeceira,

Dos cavaleiros que vêm?  
Pode ser cantor de fama,  
Mas, pra mim não é ninguém!

Cabeceira, descendo do cavalo, no mesmo tom, levantou a luva para um embate que durou horas e horas:

Negro Manuel Caetano,  
Focinho de papavento,  
Tanto eu tenho de vermelho

Como tu tens de cinzento:  
Porque entraste em Moreno  
Sem o meu consentimento?

Vezeas outras o cantador, sem adversário, pede um antagonista. O dono da casa manda buscar, ou dêle mesmo parte a iniciativa, de pôr os dois homens frente a frente. A literatura tradicional guarda célebres encontros em que o convidado narra comicamente seus preparativos e a entrada na batalha. Nesse caso o tratamento, na recepção, é cortês. Manuel Caetano foi convidado pelo mesmo Manuel Cabeceira para cantarem juntos num casamento. Caetano conta a história:

Diga a Manuel Cabeceira  
Que eu lá não posso ir,  
Que estou desfabricado,  
Que não tenho o quê vestir.  
Mande um cavalo selado,  
Lifforme de gazimira  
Pra Caetano poder ir.

Um cassuá de sabugo  
Conduzi lá pro açude,  
Quanto mais eu me esfregava,  
Quando mais saía grude.  
Passei um grande tormento,  
Pois só me tinha lavado  
No dia do nascimento.

Então calcei a botina  
Depois de muito trabalho,  
Botando o bico pra trás

Quando Zefinha do Chabocão mandou chamar Jerônimo do Junqueiro este descreveu a indumentária, a chegada e a primeira impressão da inimiga ilustre:

Nesse tempo eu era limpo,  
Metido um tanto a pimpão,  
Vestí-me todo de preto,  
Calcei um par de calção,  
Botei chapéu na cabeça  
E um chapéu de sol na mão;  
Calcei os meus bruziguim,  
Ajeitei meu correntão,  
Nos dedos da mão direita  
Levava seis anelão,  
Três meus e três emprestados;  
Ia nesta condição. . .

Quando eu cheguei no terreiro  
Um moço vei me falá:  
"Cidadão, se desapeie,  
Venha logo se abancá.

A gravata na cintura,  
E o relógio no pescoço.  
Na mente qu'era chocalho  
E saí por acolá afora,  
Abanando os arovalho,  
E agora acabei de crer  
Qu'ê assim que os homens faz.

Amontei no meu cavalo  
A galope, na carreira,  
Fui acudir ao chamado  
De seu Manuel Cabeceira.  
E quando avistei a casa,  
Que apeei-me no terreiro,  
Antes de apertar-me a mão  
Deu-me um abraço primeiro. . .  
Entramos de braço dado  
Como bem dois pareceiros. . .

Faz favô de entrar para dentro,  
Tome um copo de aluá".

Me assentei perante o povo  
(parecia uma sessão)  
Quando me saiu Zefinha  
Com grande preparação:  
Era baixa, grossa e alva,  
Bonita até de feição;  
Cheia de laço de fita,  
Tremcelim, colar, cordão;  
Nos dedos da mão direita  
Não sei quantos anelão. . .  
Vinha tão perfeitinha,  
Bonitinha como o cão!  
Para confeito da obra:  
Uma viola na mão!

Ainda há o encontro fortuito. Cantadores não profissionais, viajam comprando e vendendo; outros vivem da venda dos folhetos de versos, nas feiras. Antônio Batista Guedes foi à Santa Luzia avistar Germano da Lagoa. Os primeiros golpes trocados são palacianos. Depois é que a guerra começou:

1

Germano cumprimentou-me  
Com muita solicitude;  
Dizendo: — "senhor Batista,  
Deus lhe dê boa saúde;  
Tenho o prazer de consigo  
Cantar hoje. Que virtude!"

2

Obrigado, senhor Germano,  
Aceite também os meus  
Votos de felicidade  
E saúde, na paz de Deus;  
É isso o que lhe desejo,  
A si e a todos os seus.

3

Amigo Antônio Batista,  
O senhor que veio ver?  
Aqui na minha ribeira,  
Veio comprar ou vender?  
E se vem desafiar-me  
Faça favor me dizer.

4

Germano, eu venho aqui  
Só pela necessidade  
Que tinha de conhecê-lo,  
Lhe digo com lealdade:  
Eu venho vender cantigas  
Para comprar amizade.

Noutras circunstâncias o cantador procura o outro deliberadamente e anuncia seu propósito de combate. João Benedito, dos brejos paraibanos, foi visitar Antônio Corrêa Bastos, carpinteiro-cantador e trocaram logo tiros de pontaria:

1

Senhor João Benedito  
Que veio ver neste lugar?  
Foi iludido por alguém?  
Ou foi por pouco pensar?  
Está desgostoso da vida  
E quer mesmo se acabar?

2

Vim porque tive notícia  
Que eras bom cantador;  
E que aqui na capital  
Estavas sem competidor;  
Quero ter disso a certeza  
E te mostrar meu valor!...

O início do desafio, ou logo a seguir, implica na apresentação dos combatentes. Cada um apregôa as excelências do estro e as miraculosas capacidades pessoais. Nenhum cancionero possuirá documentos de tão alta poesia imaginativa, fantástica e crédula, ingênua e insolente, exagerada e pueril.

Assim se confessam os velhos cantadores do sertão nordestino, de Pernambuco ao Ceará, as vozes mais gloriosas que a Morte não conseguiu emudecer na admiração sertaneja de quatro Estados.

*João Martins de Ataíde:*

Valente não teme a luta,  
Enchente não teme o rio,  
Machado não teme o pau,  
Touro não teme a novio...  
Violão não teme a prima,  
Poeta não teme a rima  
Nem eu temo desafio...

Sou Veríssimo do Teixeira,  
Fura-pau, fura-tijolo,  
Se mando o mão, vejo a queda,  
Se mando o pé, vejo o rôlo...  
Na ponta da língua trago  
Noventa mil desafôro!...

Sou Jerônimo do Junqueiro,  
De fala branda e macia,



Pisa no chão devagar  
Que fôlha sêca não chia. . .  
Assubo de pau arriba  
E desço pela furquia. . .

Sou Romano da Mãe d'Água,  
Mato com porva soturna,  
Para ganhar inleição  
Não meto a chapa na urna.  
Salto da ponta da pedra  
E pego a onça na fuma.

Eu sou Claudino Roseira,  
Aquele cantor eleito,  
Conversa de Presidente,  
Barba de Juiz de Direito;  
Honra de mulher casada,  
Só faço verso bem feito.

Sou Inácio da Catingueira,  
Aparador de catombos;  
Dou três tapas, são três quedas,  
Dou três tiros, são três rombos.  
Negro velho cachaceiro,  
Bebo, mas não dou um tombo.

Eu sou Pedro Ventania,  
Morador lá nas "Gangorras",  
Se me vires, não te assustes;  
Se ti assustares, não corras,  
Se correres, não te assombres,  
Se ti assombrares, não morras!

Quem canta com Azulão  
Se arrisca a perder diploma!  
Seja duro que nem ferro,  
Fica que parece goma. . .  
Não tem santo que dê jeito,  
Nem mesmo o Papa de Roma!

*Josué Romano:*

Eu já suspendi um raio  
E fiz o vento parar.  
Já fiz estrêla correr,  
Já fiz sol quente esfriar.  
Já segurei uma onça  
Para um muleque mamar! . . .

Zé Maria quando canta  
A terra joga e estremece,

E' mesmo que dois curiscos,  
Quando um assobe, o outro desce.

Com respeito a cantoria  
Mané Joaquim do Muquem,  
Faz galinha pisar milho  
E pinto cessar xerém  
Mas nas unhas cá do Neco  
Nunca se arrumou bem.

Já ouviram falar  
Em Zé Antônio da Cauã?  
Que mata cabra de noite  
Para almoçar de manhã?  
Que faz chocalho de cera  
Bota badalo de lã?  
Que ronca embaixo na gróta  
Se ouve em cima na chã?  
Isso tudo são destrezas  
De Zé Antônio da Cauã. . .

*João Pedra Azul:*

Digo com soberba e tudo:  
Sou filho do Bom Jardim,  
Inda não nasceu no mundo  
Cantador pra dar em mim;  
Se nasceu, não se criou,  
Se se criou, levou fim. . .

O cantar de Serrador  
E' pra quem Deus é servido!  
Faz as muié descasadas  
Pecurá os seus maridos.  
E até véio de cem ano. . .  
Fica moço e infuluído.

Preto Limão quando canta  
Até os paus se balança,  
Chora meninos e velhos  
Soluça tôda criança.

*Fabião das Queimadas:*

Cometei a divertir  
Derna de pequenininho.  
Fabião quando diverte  
Diz: — Alegria os passarinho. . .  
Morrendo o Fabião veio  
Fica o Fabiãozinho. . .

Esse auto-elogio não tem lugar fixo no desafio. É indispensável e regular mas aparece no começo, em meios, nos momentos de mais aceso em-bate ou nos finais. Sua ausência é que é impossível. Faz parte intrínseca da própria técnica. É uma fase que propicia elementos curiosos para a classificação desses aedos de chapéu de couro.

f) *Perguntas e Respostas.*

Nos velhos "cancioneros" castelhanos o desafio aparece com o nome de "Preguntas y Respuestas". É razão lógica da minha divisão. (\*)

No desafio um trecho regular e curiosíssimo é a série de perguntas e respostas trocadas no ímpeto das improvisações. Possivelmente a percentagem da improvisação é menor do que pensamos. Os cantadores têm processos pessoais de mnemotécnica e guardam centenas e centenas de versos felizes para aplicação oportuna. Não dizem o verso inteiro mas incluem duas ou três linhas, ou as imagens, no trabalho individual, dando a impressão de obra original. Como seria de esperar, há um fundo documental extenso que ajuda a todos os filiados. São reminiscências de velhos desafios, quadrinhas, sentenças das folhinhas do ano, pilhérias ouvidas, "causos" humorísticos. Tudo vem para a fôrnalha na hora do fogo.

Nas perguntas e respostas medem o valor dos antagonistas.

Carneiro e Romano:

1

Romano, num pingo d'água  
Eu quero ver se te afundo:  
Diga lá em quatro pés  
As coisas leves do mundo.

2

Sendo coisa aquí na terra,  
Pena, papel, algodão...  
Sendo coisa do outro mundo,  
Alma, fantasma e visão...

Claudino Roseira com Melquiades:

1

Eu não canto perguntando  
Porque já fiz meu estudo,  
Do que existe no mundo  
Eu já conheço de tudo,  
Conheço vista de cego  
Sei da linguagem do mudo.

Que seu direito eu não nego,  
Como é a língua do mudo,  
Qual é a vista do cego?

2

Roseira, não desembeste  
Que eu corro e lhe pego,  
Bote estilo em seu cantar

3

Melquide, você não pode  
Comigo em cantoria,  
Vista de cego é a vara,  
Puchada na mão do guia,  
Língua de mudo é aceno,  
O que você não sabia...

(\*) Julio Vicuña Cifuentes, cujo falecimento privou o Chile do seu melhor e maior folclorista, regista um trecho de "preguntas y respuestas" numa *pallada* chilena, entre don Javier de la Rosa e o mulato Taguada:

Taguada: — Señor poeta abajino,  
com sua santa teologia,  
digame: cuál ave vuela  
y le da leche a sus crías?

Don Javier: — Si fueras a Copequén,  
allá en mi casa verías  
como tienen los murcielagos  
un puestro de lechería.

Perguntas e respostas de Zefinha do Chabocão com Jerônimo do Junqueiro:

1

E' isso mesmo, Gerome,  
O senhor sabe cantá;  
Qual foi o bruto no mundo  
Que aprendeu a falá,  
Morreu chamando Jesús  
Mas não pôde se salvá?

2

Isso nunca foi pergunta  
Pra ninguém me perguntá:  
Foi o Papagaio dum veio  
Qu'êle ensinou a falá;  
Morreu chamando Jesús  
Mas não pôde se salvá... (\*)

3

Gerome, tu pra cantá  
Fizestes pauta c'ó cão...  
Qual é o passo que tem  
Nos atos do teu sertão,  
Que dança só enrolado  
E sôlto não dança não,

Dansa uma dança firmada  
C'um pé sentado no chão?

4

Zefinha, eu lhe digo o passo  
Que tem lá no meu sertão,  
Que dança só enrolado  
E sôlto não dança não,  
Dansa uma dança firmada,  
C'um pé sentado no chão:  
E' folgado de menino,  
E' carrapeta ou pinhão!

5

Se você é cantador,  
Se você sabe cantá,  
Me responda num repente  
Se pedra fulorará?

6

Se pedra fulorará  
Eu lhe digo num repente:  
Ao depois de Deus querê,  
Fulóra e bota semente...

De Inácio da Catingueira com Romano:

1

Inaço, tu tem cabeça  
Porém juízo não tem:  
Um gigante nos meus braço  
Aperto, não é ninguém!  
Aperto um dobrão nos dedo  
Faço virá um vintém...

2

Tem coisa que dá vontade  
Meter-me na vida aleia:  
Quem mata assim tanta gente  
Inda não foi pra cadeia!  
Pegá um gigante à mão  
E não ficá c'ó a mão cheia!  
Rebentá dobrão nos dedo  
E não quebrá uma veia:  
Esse dobrão é de cera,  
Esse gigante é de areia!...

(\*) No "Porto-Rico Folk-Lore, riddles", n.º 190, há uma "adivinhação" referente a *cotorra* (espécie de papagaio).

*Una que nunca pecó,  
Ni supo qué fué pecar,  
Morió llamando a Jesus  
Y no su pudo salvar.*

De Maria Tebana com Manuel do Riachão:

1

Vou fazê-lhe uma pergunta  
Pra você me distrinchá,  
Quero que me diga a conta  
Dos peixes que tem no má...

3

Pois agora me responda,  
Nêgo Manuel Riachão,  
Que é que não tem mão nem pé,  
Não tem pena nem canhão,  
Não tem figo, não tem bofe,  
Nem vida nem coração,  
Mas, eu querendo, ele avôa,  
Trinta palmo alto do chão?

2

Você vá cercá o má  
Com moeda de vintém,  
Eu então lhe digo a conta  
Dos peixe que nêle tem...  
Se você nunca cercá,  
Nunca eu lhe digo também!...

4

O que não tem mão nem pé,  
Não tem pena nem canhão,  
Não tem figo, não tem bofe,  
Nem vida nem coração,  
E' um brinquedinho besta,  
De menino é vadiação:  
E' um papagaio de papel  
Enfiado num cordão...

De Chica Barrosa com José Bandeira:

1

Sim-sinhô, seu Zé Bandeira,  
Já vejo que sabe lê;  
Pelo ponto que eu tô vendo  
Inda é capaz de dizer  
O que é que neste mundo  
O home vê e Deus não vê?

2

Barroza, os teus ameaço  
Eu não troco pelos meus;  
O home vê outro home  
Mas Deus não vê outro Deus

Ainda Tebana e Riachão:

1

Senhor Manuel do Riachão,  
que comigo vem cantar,

o que é que os olhos vêem  
que a mão não pode pegar,  
de pressinha me responda,  
ligeiro, sem maginar...

2

Você, Maria Tebana,  
Com isso não me embaraça,  
Pois é o Sol e é a Lua,  
Estréla, fogo e fumaça.  
Eu ligeiro lhe respondo,  
se tem mais pergunta, faça...

3

Seu Manuel do Riachão,  
torno outra vez perguntá:  
Quatrocentos bois correndo,  
quantos rastos deixará?  
Tire a conta, deu-me a prova,  
depressa, p'ra eu somar... (\*)

(\*) Uma variante dessa pergunta de Tebana a Manuel do Riachão, que Sílvia Romero diz ter sido contador das margens do rio São Francisco, está no Rio Grande do Sul, em forma de quadras e evidentemente dos fins do século XVIII e princípios de XIX.

Quatrocentos guardanapos,  
seis vinténs em cada ponta,  
Você diz que sabe tanto,  
Venha somar esta conta...

Seis vinténs em cada ponta  
tem meu Pai em seu tesouro;  
Quatrocentos guardanapos  
São quinze dobras de ouro...

4

Bebendo numa bebida,  
Comendo tudo num pasto,  
Dormindo numa malhada,  
São mil e seiscentos rasto.  
Some a conta, tire a prova,  
Que dêste ponto não fasto. . .

5

Leão sem ser de cabelo,  
Cama sem ser de deitá,

De todos os bichos do mato,  
Entre todos, o que será?  
Depressa você me diga  
sem a ninguém perguntar. . .

6

Você, Maria Tebana,  
Nisto não me dá lição;  
Pois é um bicho escamento,  
Chamado Camaleão,  
Que sempre vive trepado,  
Poucas vezes vem ao chão.

De Madapolão com Bemtiví (Antônio Rodrigues):

1

E' verdade, Bemtiví,  
que tu és bom cantadô,  
mas é se tu me disseres  
— a maré com quem casou?

2

A maré casou com o mangue,  
O mangue casou com o cisco,  
A mulher casou com o homem,  
O homem com seu serviço. . .

3

E' verdade, Bemtiví,  
que o teu cantá tem talento,  
mas é se tu me disseres  
— o que se criou com o vento?

4

Este bicho é muito feio,  
tem um grande rabalhão,  
serra do rabo a cabeça,  
se chama Camaleão! . . . (\*)

Mora nos olhos dos pau,  
toma fresca no sertão!

5

Meu velho Madapolão,  
agora vou perguntar;  
O que é que há no mundo  
que anda por terra e por mar?  
Tudo come, nada bebe,  
Tem medo de se afogar? . . .

6

Bemtiví tua pergunta  
Eu não a sei explicar;  
Pode ser homem ou barçaça  
que anda nas costa do mar. . .

7

Meu velho Madapolão,  
Não pareces cantador,  
E' um bicho muito quente  
Que Deus no mundo deixou  
Tudo come, nada bebe,  
Caiu n'água. . . se apagou!

(\*) Na velha "Comédia de Bristo", do desembargador Antônio Ferreira, 1528-69, no segundo ato, cena primeira, há uma alusão a essa crendice que emigrou de Portugal:

BRISTO: — *Esse teu senhor cuida que eu sou Camalião, que me hey de manter com vento? . . .*

"Obras Completas do doutor Antônio Ferreira", vol. II.º, p. 306. Edição Garnier, 1865.

No "Auto das Fadas", Gil Vicente assim escreve o mote do Camaleão:

*Tem êste fraco animal  
Tão estranho alimento  
Que não se farta de vento.*

"Obras Completas de Gil Vicente", direção de Mendes dos Remédios. Vol. II.º, p. 307. Coimbra, Portugal, 1912.

Os cantadores norte-rio-grandenses João Zacarias e João Vieira, o primeiro "cabra" e o segundo negro, entre perguntas curiosas, tiveram estas, registadas pelo dr. Rodrigues de Carvalho:

1

Oh Vieira! eu lhe peço  
Me arresponda num momento;  
Quero que você me diga  
De que se gerou jumento?

2

Tu me perguntas, meu João,  
De que se gerou jumento?  
Foi de tua ruim cantiga,  
Do teu mau procedimento.

As perguntas que o vate popular Laurindo Pereira, conhecido por Bernardo Cintura, fêz a Leonardo Mota em Campina Grande (Paraíba) são curiosas. Evidentemente o improvisador ouviu-as em desafios:

1

Parença não é certeza. . .  
Quero vê me responder:  
Um sujeito que ande muito,  
Indo um passeio fazer,  
Saíndo de madrugada,  
Onde vai amanhecer?

3

Vontade também consola. . .  
Faz favor de me dizer:  
Em légua e meia de terra  
Que capim poderá ter?  
E em quantos cestos, medida,  
Tal terra pode caber?

2

Sendo êle muito ligeiro  
E cabra esperto pra andar,  
Saíndo de madrugada,  
Não vindo a fracatear,  
Garanto qu'êles amanhece  
Aonde o sol o encontrar. . .

4

Em légua e meia de terra  
Tem o capim que nasceu. . .  
Se alguma coisa faltar,  
Foi o que você comeu. . .  
A terra só dá um cesto,  
Sendo êste cesto dos meu. . .

Bernardo Cintura recitou a "adivinhação" cuja resposta é Adão:

Um homem houve no mundo  
Que sem ter culpa morreu,  
Nasceu primeiro que o pai,

Sua mãe nunca nasceu,  
Sua avó esteve virgem  
Até que o neto morreu. . .

A avó é a terra cuja virgindade foi violada pela primeira sepultura. Essa adivinha é européia e corrente na América espanhola. Num ensaio de J. Alden Mason, "*Porto Rico Folk-Lore Riddles*" ("The Journal of American Folk-Lore", vol. XXIX, n.º CXIV, New York, 1916) há o registo da versão:

Un hombre murió sin culpa,  
sua madre nunca nació,

y su abuela estuvo doncella  
hasta que el nieto murió.

Uma "nota" diz que "*Adán, que fué hecho de tierra*". No tradicionalíssimo romance "História da Donzela Teodora", sabido e cantado no velho sertão, hoje deturpado mas reconhecível em suas linhas mestras, lê-se:

Pergunta o sábio a ela:  
Que homem foi que viveu  
Porém nunca foi menino,

Existe mas não nasceu;  
A mãe dêle ficou virgem  
Até quando o neto morreu?

Este homem foi Adão  
Que da Terra se gerou,  
Foi feito já homem grande,  
Não nasceu. Deus o formou.  
A Terra foi a mãe dêle  
E nela se sepultou.

Foi feita mas não nascida  
Essa nobre criatura.  
A Terra era a mãe dêle  
Serviu-lhe de sepultura  
Para Abel, o neto dela  
Fez-se a primeira abertura. (\*)

Numa velha xácara que ouvi cantada na fazenda "Logradouro", Augusto Severo, Rio Grande do Norte, havia estes dois versos:

Se você é cantador,  
Se você sabe cantar,  
Quero ver pegar o Vento,  
Medir as águas do Mar...

Se você quer que eu pegue o Vento,  
Pois mande êle parar...  
E mande os rios secarem  
Prá poder medir o Mar...

O conde de Puymaigre estudando as histórias do dominicano Etienne de Bourbon, pregador que viveu sob Luiz IX, em França, destaca uma anedota em que um Rei dera três questões para serem resolvidas. A segunda era justamente medir as águas do Mar. O sábio respondeu *qu'il mesurerait la mer quand le Roi empêcherait les fleuves de la grossir*. ("Le Folk-Lore", p. 241). (\*\*)

Num encontro de Germano da Lagôa com Joaquim Jaqueira, em Santa Luzia do Sabugí, Paraíba, o início da peleja denuncia a destreza dos dois menestrelis:

Jaqueira, você me diga  
O que é que anda fazendo  
Aqui em Santa Luzia?  
Anda comprando ou vendendo?  
Anda dando ou apanhando?  
Anda ganhando ou perdendo?

Seu Germano, eu já lhe digo  
O que é que ando fazendo,  
Aqui em Santa Luzia,  
Nem comprando nem vendendo,  
Nem dando nem apanhando,  
Nem ganhando nem perdendo...

(\*) Numa peleja de João Siqueira com Manuel Galdino Bandeira, em Piranhas, Paraíba, houve esta troca de respostas do primeiro para o segundo cantador:

Agora você me diga  
de uma forma ligeira,  
o ser que viveu no mundo  
e nasceu mas sem parteira...  
Quando nasceu foi barbado,  
pensando em mulher solteira?

Foi o nosso Pai Adão!  
Lá vai o meu paliogra,  
Nasceu porém sem ter mãe,  
soprando numa fonogra...  
Sendo êle o mais feliz,  
casou-se e não teve sogra!

(\*\*) Teófilo Braga recolheu em Coimbra uma variante portuguesa, no conto tradicional "Frei João sem Cuclados". O moleiro, disfarçado no frade, pede que o Rei mande tapar todos os rios para poder-se medir as águas do mar. ("Contos tradicionais do Povo Português", vol. 1, p. 158. Porto, s. d.) Alfredo Apell ("Contos populares Russos", p. 343, Lisboa, s. d.) regista uma historietta idêntica, intitulada "O soldado que adivinha". O prof. Apell cita, nas notas de confronto, um poema burlesco italiano de Teófilo Folengo (1491-1544) *Orlandino*, onde, no 8.º conto, o cozinheiro do abade de Sutri, indo em lugar do dono para levar as respostas a Rainer, explica:

*Quanto alla terza ambigua dimanda,  
Ch'è di saper quant'acque siano in mare,  
Rispondo, che se ai fiumi si comanda,  
Con lui non debban l'onde sue meschiare,*



Na luta mais acesa os dois improvisadores trocaram uma saudação deliciosa de habilidade e graça cavalheiresca. Pedro Batista que recolheu algumas amostras de vários embates num estudo oportuno ("Atenas de Cantadores", rev. do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, vol. 6, p. 28. Paraíba, 1928) indicou os dois versos:

O que eu disse do senhor  
Vou lhe tirar do engano:  
Se havia de eu querer ter  
O poder de um Floriano,  
Ou ter um par de botinas  
Que durasse quinze ano. . .  
Queria um par de alpercata  
E conhecer seu Germano. . .

S'eu havia de querer ter  
O poder de um Oliveira,  
Ou ter um conto de réis  
Para gastar numa feira,  
Queria ter dois vintém  
E conhecer Joaquim Jaqueira!

O Floriano cujo poder, assim como o Oliveira, é aludido como padrão, é o marechal Floriano Peixoto. O Oliveira é apenas Oliveiros, o Par de França, companheiro de Roldão, figuras inseparáveis e inesquecíveis nos versos sertanejos. Ainda em julho de 1937, na festa de Nossa Senhora da Guia do Acari, um cego, tocando harmônica, agradeceu-me a esmola cantando:

DEUS lhe pague sua esmola  
Que me deu de coração,  
Lhe dê cavalo de sela,

E poder nesse sertão. . .  
E lhe dê uma coragem  
Como ELE deu a Roldão!. . .

João Martins de Ataíde numa peleja de Laurindo Gato com Marcolino Cobra Verde em Patos, Paraíba, há esta pergunta-e-resposta com que findo a documentação viva desses encontros:

Laurindo:

Marcolino:

Vou perguntar outra coisa,  
e julgo que mal não faz,  
se responder acredito  
no teu talento, rapaz.  
O que a Mulher tem na frente  
e o Homem carrega atrás?

O que a Mulher tem na frente  
Isto é muito singular,  
Apenas a letra M,  
que no Homem vai findar,  
repare bem, com cuidado,  
com certeza há de encontrar!

---

### 9) A batalha.

Os cantadores têm plena liberdade no desafio. Cantam quadras, sextilhas, décimas. Os "martelos" soam de sete a dez sílabas, as "emboladas" ou "carretilhas" correm silvando ironias. As partes indispensáveis são sempre as perguntas-e-respostas, de onde veio, quem é, as humilhações do adversário e exaltamentos pessoais. Finda o desafio por um cantador confessar-se vencido, e o faz ainda em verso, ou deixar de cantar quando lhe chega a vez.

A batalha tremenda dura horas seguidas, noites inteiras e, como no célebre encontro de Inácio da Catingueira com Francisco Romano, oito dias.

Sinfrônio Pedro Martins com Manuel Passarinho:

1

Você tá fazendo arte  
De eu meter-lhe em sujeição,  
Chamo aqui por dois soldado  
E te boto na prisão...  
Você preso não é nada,  
O diabo é levá facão...

3

Passarim, se eu dé-lhe um baque,  
Tenho pena de você;  
Cai o corpo p'r'uma banda  
E a cabeça, pode crê  
Passa das nuvens pra cima,  
Só volta quando chovê.

2

Você ficando mais veio,  
E ainda se arrenovando,  
Tornando a nascê dez vez,  
Tôdas dez se batizando,  
Tôdas dez vindo cantá,  
Tôdas dez sai apanhando...

4

Cantadô nas minhas unha,  
Passa mal que se agoneia,  
Dou-lhe almoço de chicote,  
Janta pau, merenda peia,  
De noite ceia tapona  
E murro no pé da oreia!

De Manuel Serrador com Josué Romano:

1

Serrador, dou-te um conselho  
Só porque sou teu amigo;  
Uma cobra te mordendo,  
Não é tão grande o perigo,  
Antes brigar c'o govêrno,  
Do que ter questão comigo.

2

E eu andava atrás de ti,  
Que só guaxinin por cana,  
Ou raposa por galinha,  
Ou macaco por banana,  
Inglês por linha de ferro  
Ou preá por gitirana...

3

Serrador, fique ciente  
Que inda nascendo outra vez,  
Cantando em diversas língua,  
Italiano ou francês,  
Traga mais dois Serradores,  
Que eu açoito todos três.

4

Eu inda estando doente,  
Sem poder me levantar,  
Sem arma alguma na mão,  
Você não pode chegar...  
Basta saber da notícia,  
Dá vontade é de voltar.

5

Cantador que nem você  
Pode chegar de magote;  
Eu faço dêle um carí,  
Rebento logo o cangote,  
Na toada da rebeca  
Minha língua dança xote...

6

Cantador que nem você  
Eu puxo pra estrivaria,  
E, embora eu tenha trabalho,  
Corto capim todo o dia.  
Eu também quando me zango,  
A língua dança quadria...

Trechos de Azulão, recolhidos por Leonardo Mota:

1

Quando me faltar repente,  
Falta tubarão no má...  
Falta padre nas igreja,  
Falta Santo nos artá...  
Falta frade nos convento,  
E seca no Ceará...

2

Quando me faltar repente,  
Falta choque em puraquê,  
Falta preso nas cadeia,  
Romeiro no Canindé,  
Falta ferrão em lacraia,  
E veneno em cascavé...

De Inácio da Catingueira com Romano:

1

Romano quando se assanha,  
Treme o Norte e abala o Sul,  
Solta bomba envenenada  
Vomitando fogo azul,  
Desmancha negro nos ares  
Que cai virado em paul...

2

Inaço quando se assanha,  
Cai estrêla, a terra treme,  
O Sol esbarra seu curso,  
O Mar abala-se e geme,  
Cerca-se o mundo de fogo,  
Mas o negro nada teme...

3

Inaço, tu me conhece,  
E sabe bem eu quem sou;  
Eu posso te garanti  
Que a Catingueira indo vou,  
Vou derribá teu castelo  
Que nunca se derrubou.

4

E' mais fácil um boi voar,  
Um cururú ficar belo,  
Aruá jogar cacête  
E cobra calçar chinelo,  
De que haver um barbado  
Que derribe meu castelo!

5

Antes de eu ir, oito dia,  
Te mandarei um aviso;  
Você, tando em casa, corre  
Porque você tem juízo,  
E eu vou só fazê estrago:  
Quebro, rasgo, queimo e piso!

6

Quando fôr procure um padre  
Que o ouça de confissão,  
Deixe a cova bem cavada

E feita a encomendação,  
Leve água benta também  
E deixe feito o caixão

7

Inaço da Catingueira,  
Escravo de Manuel Luiz,  
Tanto corta como risca,  
Como sustenta o que diz,  
Sou Vigário Capelão  
E Sanscristão da Matriz!

8

Aquí é êste Romano,  
Dentaria de elefante,  
Barbatana de baleia,  
Fôrça de trinta gigante,  
E' ouro que não mareia,  
Pedra fina e diamante...

9

O pau que eu tirar de foice,  
Tu não tiras de machado;  
No mato que eu entrar nu,  
Cabra não entra encourado;  
Barbatão que eu pegar solto  
Botas no mato, peiado...

10

Seu Romano inda não viu  
O tamanho do meu roçado;  
Grita-se aquí dum aceiro,  
Ninguém ouve do outro lado.  
Eu faço cousas dormindo  
Que ninguém faz acordado.  
O que o senhor faz em pé,  
Eu faço mesmo deitado...

11

No lugar onde eu campeio,  
Tu mesmo não tiras gado;  
Faço figura no limpo,  
Faço melhor no fechado...  
No poço que eu tomar pé  
Você morre afogado...

## 12

Coisa que faço no mato  
Ninguém faz no tabuleiro;  
O que o branco faz no duro  
Eu faço num atoleiro.  
O que faz no mês de março  
Eu tenho feito em janeiro;  
O branco bem amontado,  
O negro em qualquer sendeiro,  
A concessão que lhe faço  
É correr no meu aceiro...  
Embora o Diabo lhe ajude,  
Eu derrubo o boi primeiro!

## 13

Quem se mete p'r'o meu lado  
Pode jurar que se engana...

Trechos soltos de desafios:

## 1

Inda eu caíndo dos quarto,  
Fico seguro das mão...  
Trato bem pra ser tratado,  
Tenho esta opinião.  
Embora não saiba ler,  
Governo todo o sertão!...

## 1

Inácio, eu estando irado,  
Faço estremecer o sul...  
Solto bomba envenenada  
Com raios de fogo azul,  
Tenho a fôrça de Samsão  
E a coragem de Saul!

## 2

E se Inaço se zangar,  
Se abala o Sol, o mar geme;  
Estremece a atmosfera,  
Cai estrêla, a terra treme,  
Pega fogo o mundo em roda  
E nada disso o negro teme!...

Me cortem que eu nasço sempre;  
Sou que nem soca de cana.  
Eu não me embaraço em mofundo,  
Quanto mais em gitirana!  
No lugar onde eu passar,  
Não passa nem mucurana!...

## 14

Nêgo só bebe cachaça,  
Caboclo bebe cauim;  
Não há pequeno inimigo  
Não há amigo ruim.  
Eu sou como Deus me fêz,  
Quem me quiser é assim.  
No mato em que vadiar  
Calangro não faz camim...  
No lugá onde eu passar  
Não passa nem mucuim...

## 2

Colega, peque a viola  
Qu'eu quero ver seu talento...  
Sendo de metal, eu quebro,  
Sendo de bronze, ispromento,  
Sendo de aço, eu envergo,  
Sendo de ferro, eu rebento!

Uma variante de versos de Inácio e Romano:

## 3

Inácio, a tua fama  
É só lá na Catingueira,  
Para o Saco da Mãe d'Água,  
Tu não sobes a ladeira;  
Juro com todos dez dedos  
Que tu não vais ao Teixeira...

## 4

Meu branco não diga isso  
Que o senhor não me conhece,  
Veja quando o Sol sair  
Com a luz que resplandece,  
Olhe para os quatro lados  
Que o negro velho aparece...

## 5

Inácio, tu nunca viste  
Eu mais meu mano em serviço,  
Somos como dois machados  
No tronco dum pau maciço;  
Um é raio abrasador,  
Outro é trovão inteiriço...

## 6

Eu bem sei que seu Veríssimo  
No "martelo" é Rei c'roado,  
Mas, leve êle a Catingueira  
Muito bem apadrinhado,  
E verá como é que apanha  
O padrinho e o afilhado!...

Do desafio de Manuel Cabeceira com Manuel Caetano alguns golpes dirão em que tonalidade puseram êles o combate:

## 1

Negro, podes ir embora,  
Porque de tí não preciso;  
Tu não podes cantar mais  
No terreno em que eu piso;  
Aqui na Chã do Moreno  
Caso, confesso e batizo!

## 2

Você a mim não batiza  
Porque já sou batizado.  
Não confessa e nem me casa,  
Por que eu já sou casado.  
Quê-dê a tua batina  
Vigário descorado?...

## 3

Manuel, vi tua família  
Em Punaré de Bondó;  
Tua mãe vendia tripas,  
E o teu pai mocotó,  
Teu avô vendia azeite,  
Lambuzava tua avó.

## 4

Também vi tua família  
Lá no pôrto de Macau;  
Teu pai era um cabra velho,  
Tocador de berimbau.  
Tua mãe, uma curuja,  
Morava em ôco de pau.

## 5

Ontem eu vi tua mãe  
Deitada dentro de um ninho;  
Mais tarde foçando a lama,  
Com uma argola no focinho,  
Mastigando nó de cana,  
Cercada de bacurinho.

## 6

Eu também ví tua mãe  
Na capoeira amarrada,  
Comendo capim de planta  
Se espojando, encabrestada...  
Parece muito contigo,  
Tem até a côr rudada!

## 7

Seu capitão João de Melo  
Dê licença, sem demora,  
E veja eu rasgar um negro  
No cachorro da espora!

## 8

Senhores que estão em casa  
Do capitão João de Melo,  
Venham ver como é que um negro  
Estraçalha um amarelo!...

De Azulão com Romano Elias da Paz:

1

Peguei hoje sem querer,  
O passo preto Azulão.  
Arranco pena por pena,  
Tiro canhão por canhão.  
Quer voar porém não pode,  
Fica saltando no chão.

2

Eu não temo a armadilha  
Desde do ferro, a embira,  
Você pegar-me é um sonho,  
Deixar-me nu, é mentira,  
Que de Azulão uma pena,  
Você pucha mas não tira...

De Preto Limão com Bernardo Nogueira:

1

Você pra cantar comigo  
Precisa fazer estudo,  
Pisar no chão devagar,  
Fazer o passo miúdo,  
Dormir tarde, acordar cedo,  
Dar definição de tudo.

2

Você pra cantar comigo  
Tem de cumprir um degrêdo.  
Pisar no chão devagar,  
Bem na pontinha do dedo.  
Dar definição de tudo,  
Dormir tarde, acordar cedo.

3

Cantor que canta comigo  
Estira como borracha,  
O suor do corpo, mina,  
Os olhos saltam da caixa,  
Quer tomar pé mas não pode,  
Procura o fôgo não acha.

4

Nogueira, estás enganado,  
Queira Deus você não rode,  
Teimar com Preto Limão,  
Você quer porém não pode  
Se çair nas minhas unhas  
Hoje aqui nem Deus acode.

5

Tive aperreado um dia,  
Fiz a terra dar um tombo,  
No recreio da parcela  
O mar é surdo urubombo,  
Cubri o mundo de fogo  
E nada me fez assombro.

6

Você fazendo isto tudo  
Dá prova de homem forte,  
Eu já o considerava  
Pela sua infeliz sorte  
Se você chegasse a ir  
Ao Rio Grande do Norte.

7

Se eu fôr lá ao Rio Grande,  
Até Você desanima,  
O Sol perderá seus raios.  
A Terra, o Mundo e o Clima,  
Tapo a boca do rio  
Deixo correndo prá cima!...

8

Se me tapares o rio  
Verás como eu sou tirano.  
Rasgo pela terra a dentro  
E vou sair no oceano.  
Deixo a maré do Brasil  
Enchendo uma vez por ano!

Cantando um desafio com o tangerino Jassanã, caboclo de Minas Gerais o cego sergipano João Afonso trocou êsse passe d'armas que o sr. Neri Camelo registou em seu livro "Alma do Nordeste" (p. 69-70. Rio de Janeiro, 1936).

Tenho pena dêste velho  
E muita pena, não nego,  
Só não lhe dou uma surra  
E com êle não me pego,  
Porque julgo covardia  
Bater-se num homem cego...

Sou cego. Deus o que faz  
E' sempre muito acertado,  
Tirou a luz dos meus olhos,  
Fêz muito bem ter tirado  
Prá não ver as más ações  
Dêste cabra malcriado!...

Ainda de Josué Romano e Carneiro há êste choque:

Eu tenho encontrado bicho  
Onça com filho no ninho,  
Porém eu entro na fuma,  
Trago ela c'os gatinho,  
Dou uma surra na onça,  
Mando criar os filhinho...

Pode o sol nascer de noite,  
E pôr-se de madrugada,  
Pêlo de onça dar trança,  
Leite de sapo coalhada;  
Difícil é tirar da fuma  
Filho de onça pintada!

De Anísio Melhor ouviu Leonardo Mota essas duas quadras num desafio na Baía:

Se eu fôsse Nosso Senhor,  
Dono do ouro e de prata,  
Mandava fazer espêlho  
Dos olhos desta mulata.

Cabra deixa de ser besta,  
Tu não sabe apreciar:  
Espêlho queria eu ser  
Prá mulata me mirar...

De Manuel Martins de Oliveira (Neco Martins) com Francisco Sales, cego de Itapipoca, Rodrigues de Carvalho recolheu, entre outras, as seguintes sextilhas:

Cantador como você  
Nem que venha de punhado,  
Lá no meio dos infernos,  
Fedendo a chifre queimado,  
Hão de cair no chicote  
De meu uso acostumado.

Cantador como você  
Na minha terra se chama:  
Gafanhoto de jurema,  
Borboleta de imburana,  
Roubador do tempo alheio,  
Empatador de semana...

No mais aceso da luta os cantadores trocam insultos inesperados e curiosos. As comparações mais chistosas e humorísticas aparecem no galope das rimas. Quase sempre estende-se igualmente um programa de atrocidades incríveis, de sadismos imprevistos, de torturas dignas de carrascos chineses. A violência da linguagem atinge ao nível da apóstrofe e é interessante ver aqueles dois homens inofensivos e tímidos, alardearem façanhas e espalharem ameaças muitíssimo além das possibilidades materiais e morais de toda região. Os últimos descendentes de capitães-mores e capitães-do-mato não teriam rei-d'armas para melhor nem mais alto pregão senhorial.



Quando eu me ditrimino,  
Faço tudo quanto entendo;  
Pego, solto, agarro e deixo,  
Toro, quebro, corto, emendo,  
Broco o mato, aceiro e queimo,  
Planto, limpo, colho e vendo.

Eu não tenho o que fazer  
Porque não vejo ninguém.  
Esse cego tem cabeça  
Porque fósforo também tem,  
Sêca de setenta e sete  
Bôca de carro de trem!

Desgraçado do caboclo  
Qu'eu ganhar-lhe o mucumbú;  
Tiro carne pra cachorro,  
Carniça pra urubú,  
Ao cabo de quinze dias  
Formiga faz mundurú...  
Quem quiser que coma assado;  
Eu como é assim mesmo cru.

Orelha de abaná fogo,  
Cabeça de bater sola,  
Pestana de porco ruivo  
Queixada de graviola,  
Canela da massarico,  
Pé de macaco de Angola.

Venta de pão de cruzado,  
Bucho de cameleão,  
Cara de cachimbo cru,  
Pescoço de garrafão,  
Testa de carneiro mocho,  
Fucim de gato ladrão.

Pisa medonha dou eu,  
Do cabelo se artancar  
De fofar couro do lombo,  
Do pescoço ao calcanhar.  
Minha pisa é venenosa  
Que não se pode curar,  
Cada tacada que eu dou  
Vejo o pedaço voar!...

Barroza, em carnificina,  
Coisa pior eu te faço,  
Corto-te os pés pelas juntas  
Sem encontrar embaraço.  
Corto as juntas nos joelhos,

Separo cada pedaço,  
Corto na junta das coixas  
Desligo do espinhaço,  
Corto as mãos pela munheca,  
Para o pescoço me passo,  
Tiro a cabeça do corpo,  
Retalho todo cachaço,  
Bato com tudo no chão  
Até ficar em bagaço!

Nogueira, se eu ti pegar,  
Até o Diabo tem dó...  
Desço de guela abaixo,  
Em cada tripa dou nó,  
Subo de baixo para riba  
E vou morrer no gogó...

Você vai ficar pior  
Sendo eu já tava chorando,  
Porque de ora em diante  
Has de falar bodejando...  
Corto-te a ponta da língua,  
Fica o tronco balançando...

Eu agarro um cantador,  
Tiro-lhe dente por dente,  
Tiro a língua, arranco os olhos,  
Deixo a caveira somente...  
Tiro-lhe o couro dos beijos,  
Deixo êle assombrando a gente!

Da forma qu'eu ti deixar  
Não vale a pena viver,  
Porque teus próprios amigos  
Não hão de te conhecer...  
Corto-te os beijos de cima,  
Faço te rir sem querer...

Sempre foi triste o destino  
De quem intima Azulão;  
Eu tando no meu destino,  
Faço tuia de cristão,  
Quebro braço, toro perna,  
Rejeto munheca e mão,

Moleque, s'eu te pegar,  
Me escancho em tuas garupa,  
Das pernas eu faço gaita,  
Da cabeça uma combuca,  
Dos queixo um par de tamanco,  
Da barriga chupa-chupa...

Deu um embate de Antônio Gonçalves, vulgo Antônio Patativa, e José Francisco, José Carvalho destacou estas décimas ("O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará", p. 125 e seg. Belém, Pará, 1930):

1

Menino, tu vai morrê  
Tu cair em uma guerra  
Tu sair de tua terra  
Somente pra se perdê,  
Que diabo vieste fazê  
Aqui no meu Iguatú,  
Qu'eu quando estou com lundú,  
Sou poeta de bom jôgo,  
Engulo brasa de fogo,  
Faço inveja a cururú...

2

Zé Francisco, não se apresse,  
Tenha medo do perigo  
Você pra cantá comigo,  
Vá primeiro e se confesse,  
Seu ronco não me estremece,  
Não me faz esmorecê,  
E' necessário eu dizê,  
Prepare seus documento,  
Não vá chamar por São Bento  
Depois da cobra mordê!...

3

Antonio, tu ha de errá,  
Vamos na réta carreira,  
Na regra da bebedeira,  
Tú tens de atrapaiaá...  
Eu proso neste lugá  
Já cantei em Maranguape,  
Quem dá o traço é o lapí,  
Negro no relho é quem pula,  
Tome, prove, beba, engula,  
Desaroe, destampe e tape...

4

Zé Francisco, eu também digo,  
Nasci para ser poeta,  
Minha palavra é bem reta,  
Todo home é meu amigo,  
Eu entro em todo perigo  
Embora que não escape,  
Mas eu bebendo "acarape",  
Comigo você não bula,  
Tome, prove, beba, engula,  
Desaroe, destampe e tape...

Da luta entre Serrador e Carneiro os golpes foram imprevistos e altos.  
Aqui estão os melhores:

Onde Serrador roncar  
treme o mato, o campo estala,  
se fôr no pé de uma serra  
toda a montanha se abala,  
se houver cantor por ali  
quatro semanas não fala...

Grite, ronque em tôda altura,  
grosso, cheio, delgado ou fino...  
Faça absurdos de louco  
ou asneiras de menino,  
perante Carneiro velho  
todo vulto é pequenino...

Uma parada em "martelos de dez pés" entre os dois:

Diga logo, Serrador, com qual tenção,  
vem você por aqui sem documento,  
e quem foi que lhe deu consentimento,  
para entrar sem minha ordem no sertão.  
Nesta terra me conhecem por sultão,

da cidade do Crato ao Seridó,  
Cajazeiras do Rolim e Piancó,  
a cidade do Souza e Catingueira,  
em Pombal, Catolé, Patos, Teixeira,  
são lugares que Carneiro brinca só...

Josué, este está de língua branca,  
e mesmo assim velho ainda tem medo,  
não sou eu que meto o braço no rochedo,  
rola pedra, estala a terra, ele se arranca;  
broco pedra sem precisar de alavanca,  
sou capaz de esgotar o Oceano!  
Venham as almas de Nogueira e de Romano,  
dê-me arame e viola, abram-me os portos,  
deixem vir cantadores vivos e mortos  
inda canto com eles mais de um ano...

Da peleja de Serra Azul com Azulão há muito que escolher. Diz o primeiro, respondendo o segundo:

1

O meu peito é uma fonte  
tem tudo que se deseja,  
nunca encontrei cantador  
que me vencesse em peleja,  
e canto melhor quando vejo  
dinheiro numa bandeja...

3

Serra Azul quando cair,  
o mundo está desgraçado.  
Morre gente, urubú come,  
não fica em pé um sobrado,  
e quem se encostar em mim  
ou morre ou fica aleijado...

2

Eu canto vendo dinheiro,  
e também canto sem ver...  
Canto bebendo cachaça  
canto mesmo sem beber...  
Canto como professor  
e canto para aprender!...

4

Agora o Azulão velho,  
se o corpo desaprumar,  
o mundo todo se abala,  
a lua sae do lugar...  
A terra fica tremendo  
e os peixes fogem do mar...

Num embate seguido os adversários escolheram a "parcela", o "martelo agalopado" ou "carretilha":

Eu dou-te uma surra,  
quebro o espinhaço,  
e não me embaraço  
com coisa tão pouca,  
te escangalho a bôca,  
não te deixo um dente,  
moleque indecente  
te ajeita comigo  
que estou no perigo,  
sou renitente...

Estou no perigo,  
sou renitente,  
te ajeita comigo  
cantor indecente,  
não te deixo um dente,  
escangalho a bôca,  
com coisa tão pouca  
eu não me embaraço,  
eu dou-te uma surra  
quebro o espinhaço.

Aquilo que digo  
tu estás dizendo,  
pelo que estou vendo  
estou cantando só...  
é muito melhor  
que você se ajeite,  
você se endireite,  
que estou zangado,  
moleque safado,  
você me respeite...

Você me respeite,  
moleque safado,  
que estou zangado,  
você se endireite,  
é bom que se ajeite,  
eu acho melhor,  
eu ir cantar só  
pelo que estou vendo  
você sae perdendo,  
você me respeite...

Joaquim Francisco e José Claudino mediram-se no "verso de sete", setissílabos de sete pés, ultimamente popularizados entre os cantores:

1

E's Francisco, eu sou Claudino,  
faço medo a cantador  
que só boi brabo a moleque;  
nesta terra sou condor,  
e mais além sou monarca,  
sou grande como Petrarca,  
tenho dos reis o valor...

2

Tudo isso é ninharia...  
Se és Claudino, eu sou Francisco  
Dou choque nos cantadores  
como o trovão e o curisco.  
Embora seja o Demônio  
não entra em meu patrimônio...  
onde vive um tigre arisco...

3

Já estou bem inteirado,  
arrume seu matulão,  
qu'eu lhe pego pela tromba,  
bato com você no chão...  
Deixo-lhe o corpo num trapo,  
esmagado como sapo  
nas rodas dum caminhão...

4

Isto é conversa fiada  
Veja que eu sou tupetudo!  
Sacudo pau pela cara,  
com galhos, raiz e tudo,  
Mato, esfolo, faço manta  
e dependuro a garganta  
na ponta do meu escudo...

O cego Aderaldo bateu-se também com o cantador Jaca Mole, vencendo-o depois de renitente porfia. Um trecho curioso é o duelo em "décimas", depois das "colcheias" e "carretilhas", forma rara nos desafios do sertão. A curiosidade maior é que os dois antagonistas escolheram provérbios e cada um atacava — sem deixar de referir-se aos ditados-motes:

Agora mudo de assunto  
para ver se tu és bom,  
sustenta a nota do tom  
que pesado é o conjunto,  
se tu caíres eu te junto,  
é peso bruto sem tara,  
sustenta de rijo a vara  
que é verso de boa rima;  
"não há quem cuspa pra cima  
que não lhe caia na cara..."

Eu nunca errei pontaria,  
sustento a nota segura,  
quem é homem não faz jura,  
quem jura não tem valia...  
Eu sustento a senhoria,  
garanto tudo que fiz,  
é certo, o ditado diz,  
nunca que pode isto errar:  
"No copo que a boca entrar  
lá também entra o nariz..."

E voltando aos versos-de-seis trocaram essas perguntas finais:

1

Quinhentas jaçanans mortas,  
depois de mortas, peladas,  
seiscentas línguas de vacas,  
quase que todas salgadas,  
vendidas a três réis a grama  
quais as somas apuradas?

3

Esta pergunta que fêz  
Nada posso adiantar,  
mas como você me disse,  
lhe peço para explicar  
pois hoje quero aprender  
para amanhã ensinar...

2

Eu te darei a resposta  
quando tu me responder:  
quatrocentos rabanetes  
quantas fôlhas pode ter...  
Um português com uma preta  
o que é que podem fazer?

4

A primeira foi deboche,  
a segunda foi dispeque  
A verdade conhecida  
abre e fecha como um leque;  
— Português junto com preta  
só pode fazer moleque...

Uma das pelejas mais citadas na cantoria é a de João Martins de Ataíde (pernambucano) com Raimundo Pelado do Sul (alagoano) na cidade de União (Alagoas). A maioria dos versos foi o "martelo". Os cantadores confidenciaram, modestamente, algumas das habilidades pessoais. Nas citações feitas Ataíde vem em primeiro lugar e Raimundo Pelado do Sul em segundo:

Quando eu pego em longa discussão  
bebo as aguas caídas de um dilúvio,  
e já tapei as chamas do Vesúvio,  
passou um mês sem haver erupção...  
A cratera eu cavei até o chão  
Para o grande Oceano eu enterrar,  
quando êste serviço eu aprontar  
fica até uma estrada muito boa,  
quem quiser ir daqui para Lisbôa  
não precisa ir a bordo pelo mar!

Eu sozinho já amarrei uma baleia  
em um dia de sábado da Aleluia.  
Desgotei o Mar Negro com uma cuia,  
alegre, ouvindo a canção de uma sereia...  
O Mar todo ficou seco na areia.  
Fui ajudante na tenda de Vulcano,  
viajei lá por trás do Oceano,  
tudo isto eu faço sem trabalho,  
como é que agora eu me atrapalho  
com êste pobre cantor de Pernambuco?!...

Entre o sétimo túnel da Russinha  
trem da Serra descia em desfilada,  
e com um tombo que eu dei na retaguarda,

rebolei todo trem fora da linha,  
Atendendo os amigos que ali vinha,  
porque alguns não podiam ter demora,  
de um cardeiro eu peguei fiz uma escora,  
fiz alavanca de dois cambões de milho,  
e novamente eu botei o trem no trilho  
e o maquinista apitou e foi embora...

Eu fui um dia no pôrto de Alagôas  
encontrei tudo em belas condições,  
tinha cento e cinquenta embarcações,  
entre navios, paquetes e canôas...  
Na presença de mais de cem pessoas  
num paquete alemão eu me encostei.  
Quando êle quis partir, eu segurei,  
desta vez o Pelado criou fama,  
o Oceano ficou da côr de lama  
e o navio só saiu quando eu soltei!...

Fui conduzido a um campo de batalha,  
no momento que o tiro detonava.  
Tinha a bôca maior que uma fornalha,  
eu escondido por trás duma muralha,  
tapei a bôca da peça de canhão,  
deu um estrondo maior que um trovão  
que a esquadra inimiga recuou,  
o que é certo é que a peça detonou  
porém a bala ficou na minha mão...

Muitas vezes que estou aperriado,  
descarrego meu ódio em certa gente  
deixando os astros de um modo diferente  
e o horizonte sombrio, arroxado...  
Neste dia se eu fôr a teu Estado  
nem o Exército me pode repelir.  
Muita gente sem culpa há de sentir  
no momento penoso dêste apuro,  
passa o Recife três dias no escuro  
até quando eu mandar o Sol sair!...

---

## Desafio de Bernardo Nogueira com Preto Limão

O encontro de Bernardo Nogueira com Preto Limão é um dos mais célebres combates poéticos na memória dos cantadores. Faz parte integrante das batalhas supremas, recordadas para exemplo de alto valor de inteligência e poder d'improvisação. Nunca ví êsse desafio impresso mas o ouvi recitar entusiasmaticamente. Meu primo, Mirabeau Fernandes Pimenta, di-

zia-o todo, verso a verso. Dêle obtive a cópia que transcrevo. (\*)

1

Em Natal já teve um negro  
chamado Preto Limão,  
representador de talento,  
poeta de profissão,  
Em tôda parte cantava  
chamando o povo atenção.

2

Esse tal Preto Limão  
era um negro inteligente,  
em tôda parte que chega  
já dizia abertamente,  
que nunca achou cantador  
que lhe desse no "repente".

3

Nogueira sabendo disto  
Prestava pouca atenção,  
Dizendo: — eu nunca pensei  
Brigar com Preto Limão.  
Sendo assim da raça dêle  
eu não deixo nem pagão.

4

O encontro dêstes homens  
causou admiração  
que abalou o povo em roda  
daquela povoação.  
P'ra ver Bernardo Nogueira  
Brigar com Preto Limão.

5

Eu sou Bernardo Nogueira,  
santificado batismo,  
fôrça de água corrente  
do tempo do Sacratíssimo.  
Quando eu queimo as alpercatas  
pareço um magnetismo.

6

Me chamam Preto Limão,  
sou turuna no reconco,  
quebro jucá pelo meio,  
baraúna pelo tronco,  
cantador como Nogueira  
tudo obedece meu ronco.

7

Seu ronco não obedeço,  
você pra mim não falou,  
até o Diabo tem pena  
das lapadas qu'eu lhe dou.  
Depois não saia dizendo:  
— Santo Antônio me enganou!

8

Bernardo eu não me enganei  
agora é que eu pinto a manta,  
Cantor pra cantar comigo  
treme, gagueja, se espanta.  
Dou murro em braúna velha  
que o entrecasco alevanta!

9

Você pra cantar comigo  
Precisa fazer estudo,  
Pisar no chão devagar,  
fazer o passo miúdo,  
dormir tarde, acordar cedo,  
dar definição de tudo. . .

10

Você pra cantar comigo  
Tem de cumprir um degrêdo.  
Pisar no chão devagar  
bem na pontinha do dedo.  
Dar definição de tudo,  
Dormir tarde, acordar cedo!

---

(\*) Depois de escritas estas linhas adquiri em Fortaleza um exemplar impresso da famosa "peleja". A impressão é da "Guajarina", casa editora de Belém do Pará.



## 11

Cantor que canta comigo  
estira como borracha,  
o suor do corpo mina,  
os olhos salta da caixa,  
quer tomar pé mas não pode,  
procura o fôlego e não acha. . .

## 12

Nogueira, estás enganado,  
queira Deus você não rode,  
teimar com Preto Limão  
Você quer porém não pode. . .  
Se cair nas minhas unhas  
Hoje aqui nem Deus acode! . . .

## 13

Moleque, se eu te pegar,  
Me escancho em tuas garupas,  
das pernas eu faço gaita,  
da cabeça uma combuca,  
dos queixos um par de tamanco,  
da barriga chupa-chupa. . .

## 14

Nogueira se eu te pegar  
Até o Diabo tem dó!  
Desço de guela abaixo  
Em cada tripa dou nó. . .  
Subo de baixo pra cima  
E vou morrer no gogó. . .

## 15

Da forma qu'eu te deixar  
Não vale a pena viver  
porque teus próprios amigos  
não hão de te conhecer.  
Corto-te os beijos de cima,  
Faço te rir sem querer!

## 16

Você vai ficar pior  
Send'eu já estava chorando,  
porque de ora em diante  
Has de falar bodejando. . .

Corto-te a ponta da língua  
fica o tronco balançando. . .

## 17

O resto de tua vida  
terás muito o que contar  
Dês de perto, abertamente,  
se acaso desta escapar. . .  
Diga que foste ao inferno  
depois tornaste a voltar. . .

## 18

Tive uma pega com Inácio,  
moleque bom na madeira,  
E' negro que não se afronta  
com dez léguas de carreira. . .  
Dum açoite que dei nêlé  
quase larga a cantingueira. . .

## 19

Você cantou com Inácio  
porém só foi uma vez  
e faz vergonha contar  
o que foi qu'êle te fêz. . .  
Te pôs doente um ano,  
aleijado mais dum mês. . .

## 20

Inácio não me fêz nada  
porque vivia cismado  
duma surra qu'eu dei nêlé  
há vinte do mês passado,  
de preto ficou cinzento,  
quase morre asfixiado. . .

## 21

Moleque tu me conheces  
como cantor afamado.  
No lugar qu'eu ponho a bôca  
é triste teu resultado. . .  
Tive uma pega com Inácio —  
Já vi serviço pesado! . . .

## 22

E' porque você não viu  
Preto Limão enfezado. . .  
acendia os horizonte

de um para o outro lado...  
Rasga as *decondências* dêle,  
de um negro *encondensado*...

23

Tive aperriado um dia,  
fiz a Terra dar um tombo.  
No recreio da parcela  
o mar é surdo urubombo...  
Cobrí o Mundo de fogo  
e nada me fez assombro...

24

Você fazendo tudo isto  
dá prova de homem forte  
eu já o considerava  
pela sua infeliz sorte,  
se você chegasse a ir  
ao Rio Grande do Norte.

25

Se eu fôr lá ao Rio Grande,  
até você desanima...  
O Sol perderá seus raios,  
A Terra, o Mundo e o Clima...  
Tapo a bôca do rio,  
Deixo correndo p'ra cima!..

26

Se me tapares o rio,  
verás como eu sou tirano!  
Rasgo pela Terra a dentro  
e vou sair no Oceano,  
Deixo a maré do Brasil  
enchendo uma vez por ano!

27

Moleque, o que você tem?  
parece um pinto nuelo?  
Contaste tanta façanha  
como estás tão amarelo?  
Quanto mais se você visse  
Seu Nogueira no "martelo"...

28

Se eu cantar o "martelo"  
você encontra banzeiro,  
Qu'eu perco a fé em doente

quando muda o travesseiro...  
Afinal siga na frente  
Qu'eu irei por derradeiro.

29

O cantor qu'eu pegá-lo no martelo  
Pégo na guela  
o cabra esmorece,  
a língua desce,  
os olhos racha,  
salta da caixa,  
por despedida  
procura a vida  
porém não acha...

30

Tenho chumbo e bala  
para seu Nogueira,  
cantador goteira,  
pra mim não fala...  
Dentro duma sala,  
Fica entupido,  
e amortecido,  
e sem recurso,  
até o pulso  
lhe tem fugido...

31

E' na bebedeira  
que o preto morre,  
tropeça e corre,  
topa ladeira,  
mede porteira,  
e passadiço,  
e alagadiço,  
se fôr com trama  
se encontrar lama,  
topa serviço!...

32

Duro de fama,  
dura bem pouco,  
Que o pau que é oco  
não bota rama...  
Chora na cama  
qu'ê lugar quente,  
Quebro-te dente,

furo-te a língua,  
faço-te íngua,  
cabra insolente!

33

Vante o perigo  
E' qu'sou valente.  
Sou a serpente  
do tempo antigo.  
Negro comigo  
não tem ação,  
boto no chão,  
quebro a titela,  
arranco a moela,  
Levo na mão. . .

34

Nogueira, tu reparaste  
num sujeito que chegou?  
Trouxe um recado urgente  
que minha mulher mandou.  
Por hoje eu não canto mais  
fique cantando qu'eu vou. . .

35

Não quero articulação,  
vá se embora seu caminho.  
Canário que estala muito  
costuma borrar o ninho.  
Quem gosta de surrar negro  
não pode cantar sozinho. . .

36

Naquele mesmo momento  
saiu o Preto Limão.  
Deixou o povo na sala  
tudo em uma confusão.  
Uns diziam que correu  
outros diziam que não.

37

Quando o Preto voltou,  
Nogueira tinha saído.  
Preto Limão disse ao povo:  
— Vão chamar o atrevido,  
Venham olhar bem de perto  
como se açoita um bandido.

38

Foram chamar o Nogueira,  
estando êle descansado,  
deitado na sua rede  
quando chegou-lhe o recado.  
Nogueira com muito gôsto  
foi acudir ao chamado. . .

39

Quando Nogueira chegou  
encontrou Preto Limão,  
acuado numa sala,  
ringia que só leão.  
Naquele mesmo momento  
começaram a descrição.

40

Cantador qu'eu pegá-lo de revez  
com o talento qu'eu tenho no meu braço,  
dou-lhe tanto que deixo num bagaço  
só de murro, tabefe e ponta-pés.  
Só de surras eu dou-lhe mais de dez  
e o povo não ouve um só grito. . .  
Faz careta e se vale do Maldito. . .  
Miserável, tua culpa te condena,  
mas quem é que no mundo terá pena  
dêste monstro que morre tão aflito?

41

Cantador com Nogueira não pejeja  
sendo assim como o tal Preto Limão,  
só se fôr pra tomar mínhas lição.

êle engole calado e não bodeja.  
Vai comendo da mesa o que sobeja,  
precisa me tratar com muito agrado  
no instante fazer o meu mandado,  
é de-pressa, é ligeiro, é sem demora,  
qu'eu não gosto de moleque que se estora,  
pois assim é qu'eu o quero por criado.

42

Vale a pena não seres cantador  
é melhor trabalhares alugado. . .  
Vai cumprir por aí teu negro fado  
Vai viver sob o ferro dum feitor.  
Da sensala já és um morador. . .  
Teu trabalho é lá na bagaceira  
O que ganhas não dá pra tua feira  
Renego tua sorte tão mesquinha  
Que te assujeitas às amas da cozinha  
e te ofereces pra delas ser chaleira. . .

43

Este homem já vive desvalido  
E' descrente de Deus e da Igreja.  
Lucifer o teu nome já festeja  
Tu só podes viver é sucumbido. . .  
Sois tão ruim que só andas escondido  
Para Deus nunca mais serás fiel  
Tua raça é descendente de Lusbel  
Que do Céu já perdeste a preferência  
Farás tua eterna convivência  
Lá debaixo dos pés de são Miguel!

44

Tu pareces que vinhas na carreira  
Sempre olhando pra frente e para trás,  
Como quem chega assim veloz de mais  
Eu vi bem quatro paus de macacheira,  
Uma jaca partida e outra inteira,  
Também vi dois balaíos de algodão,  
Creio que tu já foste um ladrão,  
Com o pêso fazia andar sereno,  
Às dez horas da noite, mais ou menos,  
Encontrei-te com esta arrumação. . .

45

Meus senhores de dentro do salão,  
Êste enorme convívio de alegria,  
Exaltar êste homem é covardia,

Só lhe falta o nome de ladrão.  
Eu dizer qu'êle furta, isto não,  
Para o povo tem sido muito exato,  
Só o que tem é que Perú, galinha e pato  
No lugar que êle mora não se cria,  
Muita gente aquí já desconfia  
Que êle passa lição a qualquer rato.

46

Kiosque fechado não se vende,  
Cantador sem rímar é desfeitado,  
Como tu neste banco te alevantas,  
Não precisa que o povo me encomende,  
Quem é cego de nada compreende,  
Vive numa masmorra anzolado. . .  
Por que eu já o tenho protegido  
Desta tua incivil sorte mesquinha,  
Eu te deixo no mato sem caminho,  
Sob as garras dum gancho pendurado. . .

47

Cantador capoeira não me aguenta,  
Inda duro e valente qu'êle seja,  
Com Bernardo Nogueira não peleja,  
Adoece, entisica e se arrebenta,  
Dou na testa, dou na bôca, dou na venta,  
Desta pisa êle fica amortecido,  
Endoidece, fica vário do sentido,  
Eu o boto na roda e no manejo,  
Ficará satisfeito meu desejo,  
Pra não seres cantador intrometido. . .

48

Te arrepende da hora que nasceste,  
Seu Nogueira como é tão infeliz!  
Tua vida no mundo contradiz  
Contra mim pelejando não venceste;  
Na prisão de masmorra já sofreste,  
Tua vida já perde as esperança,  
Eu armei uma força e uma balança,  
Num minuto hás de ser bem degolado,  
Ficará todo mundo consolado,  
Preto Limão só assim terá vingança!

49

Eu já tenho um moínho de quebrar osso,  
Uma prensa *inguileza* preparada,  
Qu'inda ontem empresei um camarada

Qu'era duro, valente e muito moço,  
 Eu já tenho guardado o teu almôço,  
 Qu'ê um bôlo de ovos com manteiga,  
 Prá cantor malcriado que lá chega  
 Eu agarro na gola dêsse cuba,  
 Piso a carne diluída e faço puba,  
 Se eu não matar levo êle para a pega. . .

50

Quando eu apareço numa casa,  
 Que me mandam então eu divertir,  
 Quatro, cinco dias vê cair  
 Relâmpago, trovão, curisco e brasa. . .  
 Cantador comigo não se atrasa  
 E quem fôr valente, já morreu,  
 A tocha de fogo já desceu  
 Meu martelo é de ferro e aço puro,  
 Cantador comigo está seguro,  
 Nunca houve um martelo como o meu. . .

51

Você diz que no martelo é atrevido,  
 E' somente porque não considera,  
 Você nas minhas unhas desespera,  
 Fica louco e quase sem sentido. . .  
 Numa hora ficarás doido varrido,  
 Teu repente não passa de besteira,  
 As peiadas que eu te dou levanta poeira,  
 Todo o povo já lhe tem é compaixão,  
 Eu te deixo embolando pelo chão  
 Como porco que bebe manipueira. . .

52

Dou-te sufregada,  
 Dou-te tapa-queixo,  
 Com pouco te deixo,  
 Com a bôca lascada,  
 A língua puxada  
 Três palmo de-fora,  
 Casco-te as esporas,  
 P'r'os teus suvaco,  
 Faço raco-raco,  
 Danado, tu chora! . . .

53

Dou-te bofetão,  
 No pé do cangote,  
 Eu vou no pacote  
 do Preto Limão,  
 Eu boto no chão,  
 E piso a barriga,  
 Espirra lombriga,  
 Os pinto comendo,  
 O povo dizendo: —  
 Aguenta a espiga. . .

# **Documentário**



1  
4

.

.

\*  
\* \*

;

## PEDRO MALAZARTE no Folclore poético brasileiro

Há em Portugal um duplo Pedro Malas Artes. O primeiro, mais antigo, é ardiloso, astuto, enredador e sempre vitorioso. Dêste teria nascido a aplicação do nome como sinônimo demoníaco. Assim o incluiu em sua lista o sr. Antero de Figueiredo ("Senhora do Amparo"). O segundo é um João Tolo, João Bobo, trapalhão, idiota, infeliz em palavras e atos. É nesta encarnação que Malas Artes se popularizou mais vastamente em Portugal. Reúne muitas "estórias" famosas pela imbecilidade congênita do personagem e incurável asnidade funcional. É dêsse Pedro de Malas Artes que Teófilo Braga recolhe uma série de desastres cômicos e publica nos "Contos tradicionais do Povo Português", v. 1, p. 163. Para o Brasil não emigrou Malas Artes nessa acepção desavisada e pulha. O nosso é um Malazarte vivo, inquieto, ávido de aventuras, inesgotável de recursos e de tramas, vencedor infalível de todos e de tudo. Resume êle dezenas e dezenas de "estórias" espalhadas em Portugal com outras figuras. No folclore brasileiro, na parte em prosa, Pedro Malazarte é o criador de um ciclo completo. Gravitam-lhe derredor muitos contos portugueses, alguns de França e mesmo episódios do "Hitopadexa" (\*), assim como do ciclo africano de Uhlakaniana, o herói dos cafres e zulús.

Teófilo Braga, nas notas rápidas ao conto que recolheu do Pôrto, lembra a citações de "Payo de Maas Artes" no Cancioneiro da Vaticana (canção 1.º 1132) e a passagem de dom Francisco Manuel de Melo: "que me pudéram levantar estátuas como a Pedro de Malas Artes". Na literatura espanhola do século XVI há o "Pedro de Urde-Malas", citado na "Lozana andalusa". São, evidentemente, os tipos atilados e matreiros. É da mesma impressão de Tirso de Molina, também do séc. XVI (1571-1648). Na comédia "dom Gil de las Calzas Verdes", ato 2.º, cena 1.ª, vemos: QUINTANA: — *Nó sé á quién te comparar;*

PEDRO DE URDEMALAS eres...

Esse Urdemalas, Maas-Artes, Malas-Arte, Malazarte, é o que nos veio da península, urdindo intrigas e sabendo-se delas livrar sem consequências. Com o nome de Pedro Urdemales figura no folclore do Chile.

O Malas-Artes português, atoleimado e sorna, viria duma confusão verbal de "maas-artes", malasarte, mal-avisado, pacóvio. Cândido de Figueiredo ("Dicionário de Língua Portuguesa", quarta edição, vol. II.º, Lisboa, s. d.) regista:

---

(\*) "Um conto indiano no sertão brasileiro" — Luiz da Camara Cascudo in REVISTA NACIONAL, fevereiro de 1934, Rio de Janeiro.

**MALASARTE**, adj. O mesmo que *Malasado*. *M.* Indivíduo desajeitado. (Naturalmente do nome lendário Pedro de Malas Artes).

Esses versos de Tadeu de Serpa Martins contam uma das inúmeras aventuras do nosso Malazarte. O "fazendeiro" das velhas "estórias" tradicionais está substituído por um "turco" enriquecido e pomposo, exigindo tiras de couro humano como o saudoso Shylok de Veneza.

Era um turco muito rico,  
Tinha fazendas de gado,  
Traficante em seus negócios  
Como nunca tinha achado,  
Quem se metia com ele  
Sempre saía logrado.

Morava em sua fazenda  
Se orgulhava da riqueza  
Era um sujeito orgulhoso  
Só pensava na grandeza,  
Nunca ligou importância  
As misérias da pobreza.

Em outro lugar distante  
Morava um velho ancião  
Tinha dois filhos rapazes  
Que era Pedro e João,  
Era pobre de dinheiro  
Mas tinha bom coração.

Um dia João saiu  
À procura de serviço  
E foi na casa do turco  
Que era um precipício,  
O turco quando viu ele  
Parece que fez feitiço.

João lhe pediu dormida  
Depois em conversação  
Perguntou se ali não tinha  
Alguma colocação?  
O turco disse: você,  
Veio em boa ocasião.

Eu tenho muito serviço  
Porém sou muito exigente  
Quem quer trabalhar aqui  
Não se queixa de doente  
Por mais que seja a doença  
O freguês faz que não sente.

João disse — eu gosto muito  
De quem me diz a verdade

Pois eu indo trabalhar,  
Me arrependo mais tarde  
Me queixo de está sofrendo  
Por minha livre vontade.

Disse o turco — meu amigo  
Se não aguentar o tombo  
Se arrependendo eu lhe tiro  
O couro todo do lombo,  
Você voltará daqui  
Todo cheio de calombo.

O turco tinha um costume  
Que todo seu empregado  
Se não fizesse o serviço  
Por ele determinado,  
Voltava da casa dele  
P'ra tãda vida aleijado.

João assinou o contrato  
Conforme o turco queria  
E ainda lhe garantiu  
Que nunca se arrependia,  
O turco disse sorrindo:  
— Você só trabalha um dia.

O turco no outro dia  
Mandou João trabalhar  
E disse: esta cachorra  
Vai contigo te ensinar,  
Você só vem p'ro almoço  
A hora que ela voltar.

João lhe disse: sim, senhor  
Está tudo combinado,  
Se a cachorrinha morrer  
Eu fico lá no roçado,  
O turco disse à mulher:  
Este sujeito é danado.

João saiu para o roçado  
Junto com a cachorrinha  
Saiu pensando na vida,  
Sem saber que hora vinha

E dizendo — este negócio  
Foi uma desgraça minha.

A cachorrinha chegando  
No roçado foi deitar-se  
Era meio-dia em ponto  
João largou e foi sentar-se.  
Pois vó voltava p'ra casa  
Quando a cachorra voltasse.

Deu quatro horas da tarde  
E a cachorrinha deitada  
João danado de fome  
Já não valia' mais nada,  
Disse êle: esta cachorra  
E' muito bem ensinada.

As oito horas da noite  
Foi que a cachorra voltou  
— João saiu atrás dela  
E quando em casa chegou  
O turco disse: sorrindo,  
E's muito trabalhador.

Então João respondeu:  
Eu gosto de trabalhar  
Mas esta sua cachorra,  
Só falta mesmo é falar...  
O turco disse: ela faz  
Tudo quanto se mandar.

No outro dia saiu  
Novamente p'ro roçado  
E a cachorra também  
Como no dia passado,  
Ela praticou o mesmo  
Que já tinha praticado.

Neste dia João chegou  
Com a enxada no ombro  
E foi dizendo ao turco:  
Tire-me o couro do lombo  
Antes que morra de fome,  
Pois da desgraça não zombo.

O turco disse: eu sabia  
Que tu não aguentava  
E o couro do teu lombo  
Com minha faca eu tirava,  
Porque aquele contrato  
Só você mesmo aceitava.

Tirou a tira de couro  
Do espinhaço de João.  
Este voltando p'ra casa  
contou tudo ao seu irmão,  
Êle disse: aquele turco  
Me paga esta judiação.

E arrumou a bagagem  
Se despediu do irmão  
E disse ao pai: se eu morrer  
Reze na minha intenção,  
Só quero que não me falte  
A sua santa bênção.

Pedro foi até à casa  
Que o irmão tinha ensinado,  
Chegou lá pediu dormida  
Porque estava enfadado,  
Em conversa o turco disse:  
Preciso dum empregado.

Pedro disse — estou aqui  
A procura de serviço  
E não encaro trabalho  
Nem tão pouco precipício...  
O turco disse: comigo  
A coisa não é só isso.

O turco disse — pois bem  
Faço um contrato consigo  
De nós quem se arrepender  
Fica sujeito ao castigo...  
Pedro disse: sendo eu  
Faça o que quiser comigo.

Aí o turco o chamou  
Lhe dizendo — veja lá,  
Aquelas tiras de couro  
Que estão naquele lugar  
Sou eu que tiro do lombo  
De quem não quer trabalhar.

Pedro disse — eu lhe garanto  
Que o senhor fica contente  
Pois eu tenho trabalhado  
Com tôda raça de gente,  
E com quinze dias de febre  
Não digo que estou doente.

Então respondeu o turco  
Amanhã vas trabalhar.

E aquela cachorrinha  
Vai pra roça te ensinar,  
Você só vem p'ro almoço  
A hora que ela voltar.

Quando foi no outro dia  
Pedro foi para o roçado  
A cachorra foi com ele  
Como estava combinado.  
Ele dizia consigo:  
O turco está enganado.

Chegando ele ao roçado  
Começou a trabalhar  
A cachorrinha deitou-se  
E ele pôs-se a pensar.  
Depois disse — às onze horas  
Eu preciso ir almoçar.

Quando foi às onze horas  
Ele pegou a enxada  
Descarregou na cachorra  
Uma tão grande pancada  
Que ela saiu p'ra casa  
Numa carreira danada.

Quando Pedro foi chegando  
O turco lhe perguntou:  
Tu deste nesta cachorra  
Que ela tão cedo voltou?  
Disse Pedro — não fiz nada  
Foi a fome que obrigou.

A mulher do turco disse:  
— Dispense este rapaz  
O que fizeste com outros  
Com este você não faz  
Este moço tem astúcias  
Para vencer Satanaz.

O turco disse: ele perde  
Pois um contrato que faço  
Não tem homem que aguento  
Nem sendo feito de aço...  
A velha disse — ele tira  
Couro do teu espínhaço.

Ainda disse — amanhã  
Tu vais ver como te enganas  
Porque eu vou mandar ele  
Roçar o mato das canas

Só deixar ficar em pé  
As touceiras de bananas.

Pedro disse — eu faço tudo  
Quanto meu patrão quizer  
Amanhã lá no roçado  
Não fica uma cana em pé.  
No outro dia saiu  
Nem esperou o café.

Chegando lá no roçado  
Fêz tudo quanto dissera  
Deixou o roçado limpo  
Como se fôsse tapera.  
O turco ficou danado  
Que parecia uma fera.

O turco disse — amanhã  
Tens um serviço melhor  
Eu quero um carro de lenha  
Que não se encontre um nó  
Pedro disse — eu trago é dez  
Se não fôr preciso um só.

No outro dia saiu  
E ganhou as capoeiras  
Cortou o carro bem cheio  
De rolos de bananeiras,  
O turco disse: você  
Só vive de brincadeiras.

Pedro disse: neste mundo  
Nada me merece dó,  
O que fizeste com vinte  
Agora pagas a um só,  
Eis o pau que neste mundo  
Nasceu e cresceu sem nó.

Aí o turco lhe disse:  
Eu ando um pouco doente  
E vou passar alguns meses  
Desta fazenda ausente,  
Quando voltar quero os bichos  
Tudo sorrindo contente.

Disse Pedro isto é o menos  
Muito mais tenho passado  
Quando eu souber que ele vem  
Eu mando juntar o gado,  
Quando ele chegar encontra  
Tudo de beijo cortado.

Já faziam cinco meses  
Que o turco tinha saído  
Um dia êle escreveu  
Perguntando o ocorrido,  
E como estava seu gado  
Se estava muito lútrido?

Pedro recebeu a carta  
E leu com tôda atenção  
O turco mandou dizer  
Que voltava no verão,  
E Pedro fôsse esperá-lo  
Na porta da estação.

Quando foi no outro dia  
Pedro lhe escreveu dizendo  
O seu gado está tão gordo  
Que de gordo está morrendo  
Ainda não está sorrindo  
Porém está aprendendo.

O turco ao ler a carta  
Que Pedro tinha mandado  
Disse consigo: é capaz  
Dêle matar o meu gado,  
Se assim fôr eu chego lá  
E dou parte ao Delegado.

Um dia êle escreveu  
Dizendo que vinha embora  
Pedro mandou juntar o gado  
E disse: chegou a hora  
De pôr meu plano em ação  
E vou cuidar sem demora.

Mandou chamar dois vaqueiros  
E disse: juntem êste gado  
Eu quero estes animais  
Tudo de beiços cortado,  
P'ra quando o dono chegar  
Ficar bastante espantado.

E quando o turco chegou  
Que foi olhar no curral  
Os bichos tudo sorrindo  
Com alegria geral.  
Disse: agora desta vez  
Meu espinhaço está mal.

E disse: você seu Pedro  
Deu-me um grande prejuízo,  
O serviço que fizeste  
E' de quem não tem juízo.  
Pedro disse: não senhor  
Só fiz o que foi preciso

Aí o turco lhe disse  
Dou-te cem contos em ouro  
Para você não tirar  
De meu espinhaço o couro,  
Pedro disse: eu não dispenso  
Nem que me dê um tesouro.

O turco disse — pois bem  
Como me aleijaste o gado  
Também não faço questão  
De me deixar aleijado,  
Tira o couro do meu lombo  
E fica como empregado.

Pedro lhe disse — não fico  
Porque tu me faz traição  
Tu já tiraste o couro  
Do lombo do meu irmão,  
Eu vim somente vingar  
Esta tua judiação.

Titou o couro do turco  
E saiu no outro dia  
Quando chegou em casa  
O pai chorou de alegria  
Pedro disse: eis o couro  
Que prometi que trazia.

---

### **Pai que queria casar com a filha**

Rodrigues de Carvalho. "Cancioneiro do Norte", segunda edição, p. 53 e seguintes. Paraíba do Norte. 1928.

Estava ela chorando,  
Viu São José chegar. . .  
— Maria, minha afilhada,

o que foi isto por cá?  
— E' meu Pai, meu bom padrinho,  
que comigo quer casar.

— Maria, tu diz a êle:  
que estrada aberta é caminho,  
pede que compre um vestido  
das árvores com as folhinhas.

No primeiro êle saiu  
e nos dois pôde chegar;  
Maria, minha noiva e filha,  
o vestido fui comprar.  
Maria entrou para dentro,  
começou logo a chorar;  
Quando ela estava chorando  
Viu São José chegar.  
— Maria, minha afilhada,  
o que foi isto por cá?

— E' meu Pai, meu bom padrinho,  
que o vestido foi comprar.

— Maria, tu diz a êle  
que casa perto é vizinha;  
Manda comprar um vestido  
do mar com os seus peixinhos.  
Nos dois dias saiu êle,  
e nos três pôde chegar;  
— Maria, minha noiva e filha,  
o vestido fui comprar.

Maria entrou para dentro,  
começou logo a chorar;  
quando ela estava chorando  
viu São José chegar.

— Maria, minha afilhada,  
o que foi isto por cá?  
— E' meu Pai, meu bom padrinho,  
que o vestido foi comprar.  
Pelo modo que eu estou vendo  
não ha jeito, hei de casar!

Maria, tu diz a êle,  
que a maré anda com o vento;

Manda comprar um vestido  
com o Sol e a Lua dentro.

Nos três dias saiu êle,  
nos quatro pôde chegar;  
— Maria, minha filha e noiva,  
o vestido fui comprar.

Maria entrou para dentro  
começou logo a chorar;  
quando ela estava chorando  
viu São José chegar.  
— Maria, minha afilhada,  
o que foi isto por cá?  
— E' meu Pai, meu bom padrinho,  
que o vestido foi comprar;  
Pelo jeito que eu estou vendo  
não há remédio, é casar!

— Maria, chama o carpina,  
antes do galo cantar,  
para fazer um engonço  
para tu nêle te socar. . .

Quando foi de madrugada  
ela foi e se ocultou;  
Quando foi de manhãzinha  
o Velho não a encontrou.

Quando foi ao meio-dia,  
o Velho já malucou;  
Quando foi a noitezinha  
veio o Diabo e o carregou.

São José levou Maria  
pelas águas da maré;  
tanto poder êle tem  
que nem n'água molha o pé.  
Não há santo milagroso  
como o senhor São José.

O dr. José Rodrigues de Carvalho, falecido em Recife a 20 de dezembro de 1935, não indica a procedência dessa xácará. Ouviu-a e registou-a. Evidentemente está fragmentada e com o final meio confuso. O veterano do folclore nordestino prestou um dos grandes serviços, salvando êsses versos de cuja importância êle não cuidou nem relêvo maior lhes deu.

E' um tema universal e está em tôdas as literaturas tradicionais do Mundo. Nas variantes e versões recolhidas pelos folcloristas nenhuma está em versos, como essa que Rodrigues de Carvalho guardou no seu "Cancioneiro do Norte".



Alfredo Apell ("Contos populares russos", Lisboa, sem data) publica três contos russos sob o mesmo motivo: Pele-de-Porco, o Príncipe Daniel Govorila e a Filha que não queria casar com o Pai, com indicações bibliográficas. Em Portugal está na região do Algarve; no Brasil, Sílvio Romero encontrou-a em Sergipe, Afanasiev na Sérvia, Schleicher recolheu-a na Lituânia, Schott na Valáquia, Hahn na Grécia, Cosquin em França, Grimm na Alemanha, Prym na Síria, Straparola nos contos italianos do século XVI, Gonzenbach na Sicília, Campbell na Escócia, Busk em Roma.

Em parte alguma apareceu esse episódio sob forma poética. É sempre um conto, fazendo convergir para o tema detalhes de muitos outros, com a finalidade moral de livrar a menina dos desejos paternos, visivelmente debaixo do freudiano "complexo de Édipo".

Na versão, paraibana ou cearense que Rodrigues de Carvalho colheu, em versos, já encontramos a história articulada aos ciclos apologéticos católicos, com intuits catequísticos de propaganda do culto de São José, Padroeiro dos Lares Cristãos.

Trata-se evidentemente da mesma história portuguesa do Algarve, a mesma que Sílvio Romero ouviu em Sergipe, posta em verso e possivelmente cantada. Mas em nenhuma há a presença de um orago católico com função protetora. Na variante atual a história, tornada xácara, embora seja dos fins do século XVIII e princípios do XIX, ao deduzir-se da fabulação, linguagem, rimas e técnicas denunciadoras de uma produção nortestina, prende-se às legítimas narrações "de proveito e exemplo", disseminadas pelas Santas Missões, como material mais ou menos acessível à imaginação dos fiéis.

No restante, como dizia o velho Max Muller, a viagem das histórias, de povo em povo, de folclore em folclore, através de países e de séculos, é mais maravilhosa que seu próprio enredo miraculoso. (\*)

---

### Um conto do "Decameron" no Sertão

Pedro Batista, livreiro e escritor paraibano, sempre curioso de assuntos folclorísticos, enviou-me um folheto impresso com o título de "História de D. Genevra", em sextilhas, na tradicional fórmula ABCBDB. Não tinha nome do autor. Pedro Batista, em carta, informava-me que possuía o original, de Zé Duda (José Galdino da Silva Duda), almocreve e comboeiro que depois se tornou cantador afamado. Leandro Gomes de Barros tivera o original por oferta do próprio José Duda. Avisava-me para que desconfiasse das edições publicadas sob a responsabilidade de João Martins de Ataide *de que jamais teve pejo de pôr o seu pomposo nome nas obras alheias...*

O folheto tem várias tiragens e é muito conhecido pelos cantadores. Li o poema dos martírios de dona Genevra, heroína da virtude doméstica e vítima da perfídia humana. Era, nada mais e nada menos, que a novela nona da segunda jornada do "DECAMERON", com insignificantes modificações. Essa novela IX, da "deuxième journée" intitula-se "*L'Imposteur confondu ou la femme justifiée*" na edição francesa de Ernest Flammarion, em Paris (sem data) e em dois tomos. Não conheço edição italiana. Na ou-

---

(\*) Ver "Notas", no fim do volume.

tra edição francesa, ilustrada, traduzida e anotada por Francisco Reynard ("Librairie Artistique H. Launette., I vol., p. 179. Paris, 1890) chama-se "*Madame Genevra*". Não há, que me conste, versão portuguesa do "*Decameron*". Fielmente transcrevo a versão poética e popular da "*Madame Genevra*" que bem pode ser cotejada com qualquer edição do "*Decameron*" para que seja possível anotar as transformações de ordem psicológica e moral que o mesmo tema sugeriu, na distância do tempo e do espaço, a Giovanni Boccaccio e a Zé Duda.

Boccaccio escreveu o "*Decameron*" entre 1348 e 1358, segundo Geiger, ("*Historia del Renacimiento*", p. 528, tomo XVIII de Oncken). Não me foi possível obedecer ao professor da Universidade de Berlim e consultar a obra de M. Landau (Viena d'Áustria, 1870) sobre as fontes do "*DECAMERON*". Por ela verificar-se-ia a extensão do assunto que Boccaccio aproveitou em sua novela deliciosa, contada nos dez dias de sonho, exilados da peste que dissolvia Florença.

Um comentador erudito do "*Decameron*", Manni, é de opinião que Boccaccio ouvira o episódio de "*madame Genevra*" do seu mestre Andalo de Nigro, de Gênova. A anedota seria genovesa e Pietro Fanfani cita uma passagem do livro de Bracelli — *DE CLARIS GENUENSIBUS* — onde se fixa a mania do elogio genovês à honestidade doméstica. Bernardo, o marido de Genevra, genovês, apostara, pondo em jôgo a pureza e recato da mulher. Bracelli escreve: — "*NEC MATRONALIS PUDICITIOE CURAM ULLI UNQUAM POPULO MAJOREM FUISSE CREDIDERIM: CUJOS REI CERTISSIMUM ARGUMENTUM HABEO QUOD NULLAE UNQUAM URBES, QUANTUMVIS INJUSTAE AC ODIOSAE, EXPUGNATAE A GENUENSIBUS INVENIUNTUR, IN QUIBUS PUDICITIA MULIEBRIS CONSERVATA NON SIT.*"

A versão poética que registei mantém os mesmos nomes e localidades citados no "*Decameron*". Não me foi facilitada a oportunidade de saber como José Duda conheceu o episódio de "*madame Genevra*", com os detalhes que menciona e as indicações que cita. Em idioma acessível o cantador nada podia ter lido. Nascido em 1866, ignoro que ainda vive e em que condições pôde escrever as sextilhas revivendo no sertão uma história que tem seiscentos anos...

---

### História de Genevra

Na cidade de Gênova  
Havia um negociante  
De dinheiro e muitos prédios  
Ele contava bastante  
E na forma de viver  
Era mais interessante.

Casado com uma mulher  
De grande *abelidez* <sup>(1)</sup>  
Lia, escrevia, e contava,

Falava bem português  
Italiano, latim,  
Grego, alemão e francês.

Chamada D. Genevra  
Ama muito ao marido  
Ele chamado Bernardo <sup>(2)</sup>  
De todos bem, conhecido  
Neste lugar não havia  
Outro casal tão unido.

---

(1) habilidade.

(2) Bernardo Somelin, de Gênova, no "*Decameron*".

Dona Genevra sabia  
Cortar, bordar e coser,  
Finalmente era modista  
Tudo sabia fazer  
No lugar de cozinheiro  
Não tinha mais que aprender.

Para servir uma mesa  
Inda não tinha encontrado  
Outro copeiro mais mestre  
Que tivesse mais cuidado  
Nisto ela não se ocupava  
Devido o seu bom estado.

Era querida de todos  
Cheia de honestidade  
Bernardo bem satisfeito  
De ter por felicidade  
Encontrado uma mulher  
Digna de sua bondade.

Além disto era contrita  
Amante a religião  
Amava o rico e ao pobre  
A todos dava atenção  
E remia aos peregrinos  
Na sua tribulação.

D. Genevra era rica  
De firmeza e formosura  
Bernardo depositava  
Nela confiança pura  
Mas é bem certo o ditado  
Quem é bom bem pouco dura.

Tôdas essas regalias  
Essas felicitações  
No correr de pouco tempo  
Tornaram-se em aflições  
Privação, pena e desgosto  
Ira, soberba, paixões.

Quando Bernardo saía  
D. Genevra ficava  
Um dia êle foi a Roma<sup>(1)</sup>  
Lugar aonde comprava  
Consigo ia um criado  
Que sempre o acompanhava.

Chegaram na capital  
Trataram de se hospedarem  
Quando foi às nove horas  
Antes das dez completarem  
Chegaram mais quatro moços  
Também p'ra se *arrancharem*.<sup>(2)</sup>

Cujos moços também eram  
Negociantes de fora  
Depois de terem ceado  
Falaram quase uma hora  
Isto em diversas matérias  
Daí nasceu a piora.

Nessa conversa que estavam  
Mais ou menos interessante  
Falaram sôbre as mulheres  
Qual a falsa e a constante.  
Todos quatro eram casados  
Falaram nisto bastante.

Diz um dos quatro rapazes:  
— Eu sou um homem casado  
A minha mulher é firme  
Sempre me tem respeitado  
Mas eu por ela não juro  
Antes eu tenho cuidado.

Disse o segundo: é verdade,  
Sou da mesma opinião  
Por muito firme que seja  
Pode haver uma traição  
Mesmo ninguém está isento  
De uma contradição.

Disse o terceiro: é exato,  
Pensamos no sucedido  
Irias foi general  
E da mulher foi traído  
Rei David por causa dela  
Mandou matá-lo escondido.  
Disse o quarto: é verdade  
Que há mulher de respeito  
O homem morre de velho

Sem conhecê-la direito  
Tudo depende da sorte  
Quem é bom já nasce feito.

(1) A París, no "Decameron".

(2) Hospedaram-se...

Bernardo estava escutando  
Tudo de princípio a fim  
Aquela conversação  
Ele achava ruim  
Pediu depois a palavra  
E seguiu dizendo assim:

— Eu tenho uma mulher  
E lhe dou todo poder  
E consagrei-lhe amizade  
Hei de amá-la até morrer  
Nela eu confio tudo  
Durante enquanto viver.

Começou ele a contar  
A felicidade que tinha  
Não há mulher neste mundo  
Nem princesa nem rainha  
Que seja justa e honesta  
Mas sábia do que a minha.

Fala mais de uma língua  
Sabe ler e escrever  
Conta bem perfeitamente  
Sabe bordar e coser  
Por sua capacidade  
Tudo eu arrisco a perder.

Além disso ela é contrita  
Abusa a perversidade  
Caritativa dos pobres  
Ama a Deus e a verdade  
Em uma pessoa desta  
Não pode haver falsidade.

Um tal de Ambrosiolo<sup>(1)</sup>  
Estava dando atenção  
Julgou que era pabolagem  
Não deu conceituação  
Respondeu logo a Bernardo  
Sem conhecer a razão:

Bernardo daí-me atenção  
Faz ponto um pouquinho aí  
Tu aqui e ela lá  
Ela sendo falsa a ti  
Tu não sabes o que ela faz  
Ela lá e tu aqui...

Bernardo aí zangou-se  
E disse: vá na cidade  
Se fizeres com que ela  
Use de uma maldade  
Vem me cortar a cabeça  
Que eu dou de boa vontade.

Bernardo do que me serve  
Eu cortar tua cabeça  
Manchar as mãos no teu sangue  
Tal coisa que nunca aconteça  
Façamos outro negócio  
Que menos valor mereça.

Dez mil *florins em ouro* <sup>(2)</sup>  
Eu quero apostar contigo  
Outros dez mil florins  
Tu has de apostar comigo  
Se você perder eu ganho  
Neste meio há um perigo.

Mas é da forma seguinte  
Para não haver reprova  
Você não vai e nem manda  
Na cidade de Genova  
Em quinze dias eu vou  
E chegando, dou-lhe a prova.

Chamaram um tabelião  
Para firmar bem o ato  
Estando quatro pessoas  
Testemunharam o fato  
E ambos se assinaram  
Realisou-se o contrato.

Ficou Bernardo esperando  
Ambrosiolo partiu  
Em menos de quinze dias  
A questão se decidiu  
Vamos ver Ambrosiolo  
Os meios que descobriu.

Quando chegou na cidade  
Fêz com que ninguém soubesse  
Fingiu um outro negócio  
Que melhor lhe conviesse  
Para tomar a seu jeito  
O destino que quisesse.

(1) Ambrosio de Piacenza, no "Decameron".

(2) Ducados, no "Decameron".

Arrendou logo uma casa  
Para nela hospedar-se  
Para ter um lugar próprio  
Para melhor colocar-se  
E silenciosamente  
Começou a informar-se.

Tal negócio êle não tinha  
Era só tomando altura  
Para ver se conseguia  
A sua triste loucura  
Isto botando uma verde  
P'ra colher outra madura.

Um dia ouviu dizer  
D. Genevra quem era  
Perguntou quem era essa  
Que tanto se considera  
Fazendo que não sabia  
Porém sabendo de vera.

Lhe disseram: é uma senhora  
Que mora nesta cidade  
E' justa sábia nas letras  
Mulher de capacidade,  
Caritativa dos pobres  
Ama a Deus e a verdade.

Além disto há o seguinte  
Se por casualidade  
Algun perverso a ofender  
A sua moralidade  
E' preso morre ou diserta  
Se acaba sem piedade.

Bernardo o marido dela  
E' a imagem que adora  
Quem ouve ela conversar  
Indo *vexado* demora<sup>(1)</sup>  
E' na casa da verdade  
Onde a formosura mora.

Ambrosiolo ouviu tudo  
Reconheceu que perdia  
Conheceu verdadeiramente  
Que ela não se iludia  
Justificou que era mais  
Do que Bernardo dizia.

Mandou fazer um baú  
Com a maior perfeição  
Que dentro dêle o coubesse  
À sua satisfação  
Valeu-se da falsidade  
Para ganhar a questão.

E depois da obra feita  
Fingiu ir dar um passeio  
Dizendo que demorava  
Três dias ou dois e meio  
Porém o baú ficando  
Tinha cuidado e receio.

Falou com uma mulher  
Dizendo assim dêste jeito:  
Se tu fizeres com que  
Eu guarde o baú direito  
Te pago muito bem pago  
E ficarei satisfeito.

Vai a casa de Bernardo  
Que inda não é chegado  
E diz a D. Genevra  
Que eu lhe fico obrigado  
Se ela aceitar um baú  
Em casa dela guardado.

Se ela perguntar quem é  
Diz que é um mercador  
E êste mandou pedir  
Por especial favor  
Visto a casa ser capaz  
Temendo algum roubador.

Ela sem dúvida pergunta  
Quando eu vou procurar  
Tu diz que nestes três dias  
Julga ser o mais tardar  
Ela é muito prestativa  
Não é custoso aceitar.

D. Genevra aceitou  
Mandou dizer que trouxesse  
Que lhe guardava o baú  
Até quando êle viesse  
E podia procurar  
Qualquer dia que quisesse.

---

(1) vexado, apressado...

Chegou a mulher e disse  
Ela disse que levasse  
O baú quando quisesse,  
Diz êle, então arrumasse! . . .  
Diz ela, eu arrumei  
E fiz como tu mandasse.

Pagou a dois ganhadores  
Que vivia de ganharem  
— Eu pago logo a vocês  
Para o baú levarem  
E com três dias depois  
Tornar a irem buscarem.

Quando os rapazes chegaram  
O baú estava trancado  
Pegaram o dito baú  
Acharam muito pesado  
Porém com tudo botaram  
No lugar determinado.

D. Genevra mandou  
Botá-lo em lugar decente  
Visto o baú ser bem feito  
Achou-o suficiente,  
O perverso estava dentro  
E ela tão inocente. . .

Porém é que a falsidade  
Não sabe-se donde vem  
A pessoa desgraçada  
Não felicita ninguém  
Traz a desgraça consigo  
Desarruma quem está bem.

A noite D. Genevra  
Findou as arrumações  
Procurou o seu silêncio  
Fêz as suas orações  
Desejando ao seu marido  
Boas felicitações.

Neste estado adormeceu  
Ambrosiolo saiu  
Tendo um lampião aceso  
Para o quarto êle seguiu  
D. Genevra dormindo  
Adormecida não viu.

Êle não quis acordá-la  
A tanto não se atreveu  
Sim tomou nota de tudo  
Tudo que viu escreveu  
Para dizer a Bernardo  
Tudo quanto aconteceu.

Roubou uma bolsa e um cinto  
E mais um lenço que achou<sup>(1)</sup>  
Com o nome dela escrito  
Foi o que mais estimou  
Com êste eu provo amizade  
Que ela me consagrou.

Não havia quem soubesse  
Dum sinal que possuía  
Debaixo do peito esquerdo  
Só seu marido sabia  
Ambrosiolo deu fé  
Dêle no seguinte dia.

Quando viu êste sinal  
Julgou que viu um tesouro  
Um sinal com seis cabelos  
Da côr de fio de ouro  
Ela dormindo não viu  
Êsse perverso namôro

Chegou o terceiro dia  
Os dois rapazes chegaram  
Pediram o baú à dona  
Ela deu, êles levaram  
A mulher abriu a porta  
No quarto dêle botaram.

Logo sem perca de tempo  
Determinou a partida  
Para a capital de Roma  
Deixando a pobre iludida  
Sem sua capacidade  
E sua firma vendida.

Chegou e disse a Bernardo:  
Tua mulher não é justa  
Agora vou eu viver  
Passar bem à tua custa  
Para que fiques ciente  
Vou dar-te a prova robusta.

(1) No "Decameron" os objetos furtados foram uma bolsa, um cinto e um anel.

O teu quarto de dormida  
E' asseado e bonito  
Bernardo lhe respondeu:  
Isto eu não acredito  
Que lá vão muitas pessoas  
Pode alguma lhe ter dito.

Mostrou-lhe a bolsa e o cinto,  
E um lenço muito bem feito  
Com o nome dela escrito  
Diz Bernardo: eu não aceito  
Estes trastes são roubados  
Inda não estou satisfeito.

Bernardo, eu nunca pensei  
Que fôsses tão inocente  
Se ainda estais neste engano  
Te enganas completamente  
Quero dar-te outra prova  
Vê se ainda me desmente.

Tua mulher tem consigo  
Um sinal muito bem feito  
Debaixo do peito esquerdo  
Eu achei muito perfeito  
Se ela não me mostrasse  
Eu não sabia direito.

No sinal tem seis cabelos  
Ela mostrou, eu contei  
E todos seis bem compridos<sup>(1)</sup>  
Tudo isto observei  
Com tôda facilidade  
O que queria arrumei.

Quando Bernardo ouviu isto  
Não pôde mais se conter  
Foi dizendo desta forma  
Perdí, venha receber  
Só perdeu porque deu crença  
Na cousa antes de ver.

E uma vez que ganhou  
Venha receber a massa  
Já que veio um vento mau  
E quebrou minha vidraça  
Irei viver sempre triste  
Chorando a minha desgraça.

Ambrosiolo ficou  
E Bernardo fez partida  
Junto com o seu criado  
Indignado da vida  
Determinado a matar  
A sua jovem querida.

Cada vez mais aumentava  
A sua barbaridade  
Com quatro léguas distante  
Para chegar na cidade  
Tinha êle um grande sítio  
Em sua propriedade.

Aí demorou-se um pouco  
Disse ao criado e amigo  
Vai diz a D. Genevra  
Que eu estou em perigo  
Ela sem perca de tempo  
Venha conversar comigo.

Bem vês, que ela sabendo  
Dessa infeliz notícia  
Para vir ver meu estado  
Lhe chega tôda cubiça  
Quando vier em caminho  
Quero que faça justiça.

Dê-lhe quatro punhaladas  
Fure até ela morrer  
Por muito que ela peça  
Eu não quero mais a ver  
Que uma infeliz como aquela  
Não vale apenas viver.

Foi o criado sem dúvida  
Satisfazer o patrão  
Chegou lá deu-lhe a notícia  
De ponto a execução  
Pensando como pagava  
Fineza com ingratidão.

D. Genevra vexou-se  
Se arrumou de repente.  
Meu Deus! que terá Bernardo?  
Sem dúvida caiu doente  
Êle com tanta maldade  
E ela tão inocente.

---

(1) O mesmo no "Decameron".



Seguiram quando chegaram  
Nos campos determinados  
Salta o criado e lhe diz:  
Rogue a Deus por seus pecados,  
Faça o ato de contrição  
Que seus dias estão findados!

E levantou-lhe o punhal  
Faltaram os alentos seus  
Neste entre, ela lhe disse:  
Perdão! em nome de Deus  
Me dizes por que me matas?!  
Que crimes são êsses meus?

Diz o criado: ignoro  
Não sei de tal sucedido  
Antes, me diz em que,  
Ofendeste ao teu marido  
Foi quem vos mandou matar  
Sem dúvida está ofendido.

Diz ela: deixemos disso  
Vamos a outra razão  
Tu podes satisfazer  
A mim e a teu patrão  
Sem no meu sangue inocente  
Manchares a tua mão.

Ele disse: é impossível  
E ela lhe respondeu:  
Me dais um dos teus vestidos.  
Eu também te dou um meu.  
O meu tu melas de sangue  
Em prova de quem morreu.

Dá cinco ou seis punhaladas  
No vestido que te dou  
Ensopa todo de sangue  
Entrega a quem te mandou  
Ele por certo acredita  
Que a infeliz se acabou.

Eu me ausento daqui  
Como quem teve mau fim  
Irei vagar neste mundo  
Já que a sorte quiz assim  
Garanto que nesta terra  
Ninguém sabe mais de mim.

O criado consentiu  
Como ela determinou  
Entrega o vestido dêle  
Pegou o dela e tirou  
Nisto sangrou um cavalo  
E com sangue o ensopou. <sup>(1)</sup>

Se despediu o criado  
D. Genevra ficou  
Provou que a tinha morto  
Bernardo lhe acreditou  
Vamos ver D. Genevra  
O destino que tomou.

Ela cortou os cabelos  
Se aperfeiçoou direito  
Adquiriu um chapéu  
Ficou um homem perfeito  
Só lhe faltava o bigode,  
Mas há muitos dêste jeito.

Com quatro dias depois  
Saiu em uma estrada  
Esta ia para um pôrto  
Ou um ponto de parada  
Onde estava um navio  
Que ia fazer a guarda.

Dirigiu-se ao Capitão  
Que tudo determinava  
E lhe pediu um emprêgo  
Ele lhe disse que dava  
Que no lugar de copeiro  
Um criado lhe faltava.

Juntamente perguntou-lhe  
Onde era morador  
Diz ele moro em Gênova  
"E' solteiro?" "Sim senhor  
O meu nome é Sicuram,  
Seja o senhor sabedor. <sup>(2)</sup>

Leio, escrevo, conto bem  
Falo mais de uma linguagem,  
Para dizer-lhe a verdade  
Em mim não há ladruagem  
E no lugar de copeiro  
A ninguém peço homenagem".

(1) Não há no "Decameron" o emprêgo do sangue.

(2) Sicuram de Final, diz o "Decameron". O nome do Capitão era Encarach.

Tomou conta do emprêgo,  
Sabendo para o que ia.  
Desempenhou seu caráter  
De um para outro dia  
O capitão achou mais  
Do que êle lhe dizia.

Continuou a mostrar  
Sua grande habilidade  
O seu bom comportamento  
E sua moralidade  
Fêz com que o Capitão  
Lhe consagrasse amizade.

Até que um dia o navio  
Seguiu para Alexandria<sup>(1)</sup>  
Lugar que êsse Capitão  
Sucessivamente ia  
Sicuram, como copeiro,  
Foi na mesma companhia.

O Monarca dêsse reino  
Tinha o título de Sultão<sup>(2)</sup>  
E tinha grande amizade  
Com êste tal capitão  
Sabendo qu'êle chegou  
Lhe remeteu um cartão.

Dizendo: sejam bem vindo  
Grandeosíssimo amigo! . . .  
Soube de vossa chegada  
A razão porque me obrigo,  
A lhe convidar sem falta,  
Para jantares comigo.

Respondeu o capitão  
Que ia não lhe faltava  
E consigo ia um amigo  
Que também lhe acompanhava  
Era Sicuram sem dúvida  
A quem êle mais estimava.

Seguiu com seu copeiro  
E ambos bem asseados  
Quem esperavam por êles  
Foram bem cumprimentados  
E êles da mesma forma  
Foram bem conceituados.

Realizou-se o jantar  
Estava preparada mesa  
Sicuram se levantou  
Foi servir a sua alteza  
Com tôda real família  
Rainha, Duque, Princesa.

Sua rara habilidade  
Causava admiração  
A tôda real família  
Pela sua aptidão  
Com frases tão amorosas  
Que rendia um coração.

Ficou o sultão pensando  
Naquela capacidade  
Donde era aquele moço  
De tanta civilidade  
Respondeu o Capitão:  
Achei por felicidade.

Disse o Sultão: neste caso  
Faço um negócio contigo  
Eu vos dou outro copeiro  
E êste fica comigo  
Sei que te faz muita falta  
Vos peço como amigo.

Devido a nossa amizade  
O capitão aceitou  
O pedido que o sultão  
Fêz a êle aproveitou  
Ficaram bem satisfeitos  
E Sicuram melhorou.

Quando Sicuram se viu  
Também restabelecido  
O capitão satisfeito  
E o sultão bem servido  
Considerou que talvez  
Fôsse quem já tinha sido.

Depois dêsse sucedido  
Poucos tempos se passaram  
Em uma bela cidade  
Os povos se revoltaram  
Contra o mesmo Sultão  
Uma guerra declararam. <sup>(3)</sup>

(1) idem, no Decameron.

(2) idem, idem.

(3) Não há êsse episódio no "Decameron".

Vendo-se o Sultão em luta  
Mandou logo um capitão  
Com fôrças suficiente  
Para a tal revolução  
Em vez de ganhar perdeu  
A vida e a munição.

Continuou o Sultão  
Depois dêste mandou três  
Morreram todos também  
Inda com mais rapidez  
Sem fazer ação alguma  
Como da primeira vez.

Diz o Sultão: dêste jeito  
Esta guerra está ruim  
Não tenho mais o que fazer  
Todos que vão levam fim...  
Sicuram ouvindo isto  
Foi lhe respondendo assim:

Se sua real Majestade  
Me mandar como defesa  
Garanto que em poucos dias  
Descanso a Vossa Alteza  
Sem maltratar quem fôr rico  
E sem ofender a pobreza!

Sicuram eu não te mando  
Para êste precipício!...  
Sicuram disse: não temo,  
Isto não é sacrifício  
Eu vou e trago a vitória  
A bem do seu benefício.

Tanto que fêz Sicuram  
Que o Sultão consentiu  
Com honra de Capitão  
Mandou tocar reuniu,  
Se despediu do sultão  
Formou a fôrça, seguiu.

Quando avistou a cidade  
Mostrou o sinal de paz  
Os inimigos avistaram  
Disseram nada se faz  
Devemos saber primeiro  
Qual é a nova que traz.

Senhores o que me traz  
Aqui nos vossos terrenos

E' a paz nesta cidade  
Para grandes e pequenos  
E' esta a minha embaixada  
Não é mais e nem é menos.

Os chefes dos revoltosos:  
— Findou-se a revolução  
Pagou tôdas as despesas  
Que tinha tido o Sultão  
Sicuram no outro dia  
Andava de mão em mão.

Logo imediatamente  
Ao Sultão comunicou  
Participando a vitória  
Como a guerra se acabou  
Sicuram por alguns dias  
Ainda se demorou.

O tempo que demorou  
Foi muito bem recebido  
Passeando na cidade  
Estava bem conhecido  
Lembrou-se de ir à casa  
Onde nunca tinha ido.

Esta casa era rica  
De fazenda e miudeza,  
De molhados e fertagens,  
Com perfeição e lindeza  
Metais de tôdas as classes  
Compunha a sua riqueza.

Sicuram chegou na porta  
Foi logo o contemplando  
Era o tal Ambrosiolo  
E disse: vá se sentando...  
Nem um nem outro sabia  
Com quem estava falando.

Aí o recém-chegado  
Não fêz dúvida se sentou  
Quando em cima de uma mesa  
Seus objetos encontrou  
A bolsa o cinto e o lenço  
Com facilidade achou.

Perguntou por esta forma:  
Amigo onde compraste  
Esta bolsa tão bonita?...  
Disse êle: muito fácil

E por outra forma é raro  
É difícil se encontrasse...

E continuou dizendo  
Tudo quanto se passou  
Com Bernardo de Gênova  
Um só ponto não ficou  
Sem Sicuram perguntar  
Por si mesmo se acusou.<sup>(1)</sup>

Porém não que dissesse  
Como tinha se passado  
Disse tudo a seu favor  
Como perverso e malvado  
Sicuram ouvindo tudo  
Ficou bem justificado.

Deu fé que Ambrosiolo  
Foi a sua perdição  
Porém não quis se vingar  
Nessa mesma ocasião  
Antes começou tratá-lo  
Com grande estimação.

Convidou Ambrosiolo  
Para ir a capital: —  
Sabes que indo mais eu  
Não pode suceder mal  
P'ra conheceres o Sultão  
E a família Real.

Quando chegaram na cõrte  
Ao Sultão apresentou-se  
E foi recebendo ambos  
Com Sicuram abraçou-se  
Ambrosiolo depois  
Beijou-lhe a mão e sentou-se.

Ambrosiolo na cõrte  
Vivia bem satisfeito  
Até que um dia no paço  
Ele contou a preceito  
Com Bernardo de Gênova  
Aposta que tinha feito

O Sultão admirou-se  
Da sua conversação  
Disse que elle ganhava

Por justa lei da razão  
Sicuram ouvindo tudo  
Não dava demonstração.

Passaram assim a semana  
Tão cheios de regalia  
Ambrosiolo contente  
Com prazer e alegria  
Sem conhecer a derrota,  
Que se aproximava o dia.

Sicuram inda não quis  
Satisfazer seu intento  
Voltou mais Ambrosiolo  
Contendo o seu sofrimento  
E chegaram na cidade  
Em paz e a salvamento.

Ambrosiolo chegou  
Em casa regozijado  
Porém quando entrou em casa  
Achou um homem hospedado.  
Foi Bernardo de Gênova.  
Chegou sem ser esperado.

Mandou chamar Sicuram  
Que ainda não tinha sabido  
Que Bernardo estava aí  
O que elle tinha vencido  
Sem saber que Sicuram  
Vinha ver o seu marido.

Quando Sicuram chegou  
Comprimentou, deu-lhe a mão  
Conheceu o seu marido  
Causou-lhe admiração  
Mais não deu-se a conhecer  
E nem mudou de feição.

Ambrosiolo lhe disse:  
Amigo eu te chamei  
P'ra conheceres Bernardo  
Aquele que te falei  
Marido de D. Genevra  
Se disse, melhor provei.

Sicuram disse a Bernardo:  
Senhor não o conheço  
Mais aquí nesta cidade

(1) O mesmo, no "Decameron".

Para tudo me ofereço . . .  
Bernardo lhe respondeu:  
Tanto não lhe mereço.

Mereces ainda mais  
Sua presença me agrada  
Juro ao pé de meu amigo  
Que aqui não lhe falta nada.  
Comprou dois costumes bons  
E lhe deu de mão-beijada.

E juntamente lhe disse:  
Antes de findar o mês  
Eu e seu Ambrosiolo<sup>(1)</sup>  
Vamos a côrte outra vez  
Seu Bernardo também vai,  
Agora vamos nós três.

Quero que o senhor Bernardo  
Também fique conhecido  
Ambrosiolo já foi,  
Foi muito bem recebido  
Julgo que o senhor Bernardo  
Não me falte êste pedido.

Bernardo lhe respondeu:  
Podemos ir mesmo agora.  
Sicuram lhe respondeu:  
Ainda temos demora,  
Tomou as suas medidas  
Marcou o dia e a hora.

Em fim chegaram na côrte  
Sua real Majestade  
O Sultão os recebeu  
Com tôda civilidade.  
Nesse dia Sicuram  
Rompeu o véu da maldade.

Depois de terem jantado  
Se levantaram da mesa  
Sicuram se pôs em forma  
Pedi a sua Alteza  
O Sultão lhe respondeu:  
Conte com minha defesa.

Suponho que sua Alteza  
Deve ainda estar lembrado

Quando seu Ambrosiolo  
Contou aquele passado  
Com Bernardo de Gênova  
Que nós achamos engraçado.

Visto êles estarem aqui  
Vamos ver se foi ou não  
Como Ambrosiolo disse  
Naquela ocasião  
Porém primeiro êle jura  
Como não fez traição.

Quero que mande jurar  
Por Deus, um pai criador  
Como que, D. Genevra  
Se perdeu por seu amor  
Se foi falsa a seu marido  
Sem êle ser traidor.

O sinal no peito esquerdo  
De qual maneira êle viu  
Se ela foi quem mostrou  
De qual forma descobriu  
A bolsa, o lenço e o cinto  
Como êle adquiriu.

E' o pedido que quero  
De sua Real Majestade  
Mandar seu Ambrosiolo  
Jurar por Deus a verdade  
Como Genevra foi falsa,

Perdendo a dignidade.  
O Sultão se levantou  
Logo imediatamente  
Fêz com que Ambrosiolo  
Jurasse publicamente  
Êle jurou como ela  
Tinha morrido inocente.

Jurou que foi para o quarto  
Quando do baú saiu  
Ela estava dormindo  
E ninguém o pressentiu.  
Êle deu fé<sup>(2)</sup> de um sinal  
Tomou nota, ela não viu.

(1) seu, con. de senhor.

(2) *Deu fé*, reparou, notou.

Jurou mais que roubou  
O lenço, o cinto e a bolsa  
Pois ela estava dormindo  
Não vi e nem tinha ouça<sup>(1)</sup>:  
Eu fiz a desgraça dela  
Acabou-se muito moça!

Me dirigi para Roma  
Tôdas as jóias mostrei  
Como Bernardo deu crença  
Na falsa fé, enganei  
Mas êle foi quem ganhou  
Eu como falso roubei.

Tendo assim se acusado  
Bernardo lhe respondeu:  
Por tua causa matei  
A mulher que Deus me deu!  
Nunca mais terá sossêgo  
Um infeliz como eu.

Sicuram lhe respondeu:  
A tua culpa condena,  
Pois quem mata também morre  
Vais passar na mesma pena,  
Ela aparecendo aqui  
Seria melhor a cena.

Diz o Sultão — Sicuram  
Isto assim é impossível  
A mulher já é com Deus  
Para nós é invisível.  
Sicuram disse ao Sultão:  
Ela vem já, infalível".

Disse o Sultão: Sicuram  
Tu estais fora de ti.  
Sicuram torna a dizer:  
Espera um pouquinho aí  
Só quero 15 minutos  
P'ra ela chegar aqui.

Se retirou Sicuram  
Foi tirar seu fardamento  
Num quarto em que assistia  
Tinha todo arrumamento,  
Jóias de alta valia  
Para o seu ornamento.

Vestiu-se perfeitamente  
Perdeu de homem o cinismo  
Nem princesa nem rainha  
Tinha o seu brilhantismo  
Apresentou-se na sala  
Que parecia um abismo.

Ficaram todos silêncio  
Se levantou o Sultão  
Ela fez-lhe a cortesia  
Se ajoelhou, beijou-lhe a mão  
Depois pergunta a Bernardo  
Se a conhecia ou não.

Disse Bernardo: eu não posso  
Crer que sejas vivente,  
Uma vez que te mandei  
Matar-te barbaramente!  
Diz ela: ainda existe um Deus  
Que defende uma inocente.

Foi certo que mandaste  
Assassinar-me horivelmente  
Mas o mesmo assassino  
Para mim foi diligente  
Tu mandaste assassinar  
Quem te amava fielmente.

Mostrou-lhe o sinal no peito  
Diz êle agora acredito  
Se ajoelhou, pediu perdão  
Ficou em seus pés contrito  
Disse-lhe ela — levanta-te  
Deus te perdôe o conflito.

Ao depois D. Genevra  
Pedi ao Imperador  
Que perdoasse o enganado  
Também ao enganador:  
Eu não acuso a ninguém  
Perdão seja quem fôr.

Disse o Imperador:  
Bernardo tem o perdão!  
Ambrosiolo eu acuso  
Como assassino e ladrão  
Vai morrer em uma cruz,  
Cravado de pés e mão. <sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup> ouça, ouvidos, não teve ouça, não ouviu.

<sup>(2)</sup> No "Decameron", Ambrosio morre amarrado a um pau, untado de mel, devorado pelos insetos.

Logo sem perca de tempo  
Ordenou que o prendesse  
Mandou cravá-lo numa cruz  
P'ra que os maus conhecessem  
Que tinha a mesma sentença  
Todos que assim procedessem.

Os bens de Ambrosiolo  
Bernardo ficou com tudo<sup>(1)</sup>  
O Sultão tomou e deu  
Do maior ao mais miúdo  
Antes Ambrosiolo fôsse  
Paralítico, cego ou mudo.

Além de morrer deixou  
A família desvalida  
Devido sua fazenda  
Ser tão mal adquirida  
Bernardo ficou gozando  
Todos prazeres da vida.

Bernardo e D. Genevra  
Ficaram mais sua alteza  
Com regozijo e prazer  
Gozando sua riqueza  
Os mansos têm aposento  
Os maus não acham defesa.

---

### Xácara da "Bela Infanta", versão do Rio Grande do Norte

Teófilo Braga registou no "Cancioneiro" duas versões dêste romance, uma do Pôrto, com o título de "Conde Alberto" e outra da Beira Baixa, como sendo o "Conde Alves". Almeida Garrett recolheu também na Beira Baixa uma variante, a do "Conde Yano". Silvio Romero publica uma variante brasileira de Sergipe, o "Conde Alberto", informando que existe outra, a do "Conde Olário", nome que encontrei na versão que transcrevo. Pereira da Costa publica duas variantes. Uma de Goiana, "A Bela Infanta" e outra de Pajeú de Flores, "Dona Izabel". Das versões pernambucanas a mais completa é a de Goiana. Nenhum publicou a música. Obtive-a de dona Maria Leopoldina Freire que a decorou por ouvi-la cantar repetidamente pelas velhas amas de sua casa. O maestro Waldemar de Almeida, a quem comuniquéi a solfa, transcreve-a num delicioso e melancólico "Acalanto da Bela Infanta", fazendo parte de sua suíte "Paisagens de Leque".

Pereira da Costa comentando a versão de Goiana, num verso que diz:

*Que quereis, real senhor?  
Que quer, vossa senhoria?*

lembra que o tratamento de "senhoria" dado aos Reis de Portugal veio até dom Manuel (1495-1521), o que positiva a antiguidade desta xácara. Nas versões outras já existe o "vossa majestade" mas são interpolações visíveis e posteriores à divulgação da letra.

Teófilo Braga, citando Duran, supõe que o tema fôsse um registo popular da morte de dona Maria, assassinada por

---

(1) O mesmo no "Decameron".



seu marido o infante dom João, que dera ouvidos às intrigas da rainha Leonor Teles que o queria casar com sua filha, dona Beatriz. E' um episódio histórico da primeira metade do século XIV.

Almeida Garret crê que a xácara do "Conde Yano" fôsse contração de um romance castelhano antiquíssimo, conhecido como "A Infanta Solista" ou o "Conde Alarcos". Dêsse Alarcos há uma variante denominando-o "conde Anardos", fonte do nosso "conde Olário". A xácara era sabida e cantada em todo Portugal, Alemtejo, Extremadura, as duas Beiras, Trás os Montes, Minho. Garrett registou a variante castelhana e a versão inglesa de Lockhart, ("Obras Completas de Almeida Garrett", vol. I.<sup>o</sup>, p. 418. Lisbôa, 1904).

O embaixador Mauricio Nabuco teve a cativante gentileza de obter para mim, do dr. Julio Vicunha-Luco, filho do grande folclorista chileno d. Julio Vicunha-Cifuentes, um exemplar do trabalho sôbre os "ROMANCES POPULARES Y VULGARES, recogidos de la tradicion oral chilena" (Santiago de Chile, 1912). Vicunha-Cifuentes recolhera em Atelcura, província de Ccquímbo, uma versão da "Bela Infanta" sob a denominação de "El Conde Alarcos" (p. 15). A-pesar-de ter 140 quadras a versão termina pela morte da condessa e parece ter tido colaboração literária interpolativa. Vicunha-Cifuentes comenta eruditamente, examinando material português e espanhol e conclue por julgar a xácara de origem lusitana. Lembra a opinião de Menéndez Pelayo que a dizia obra de inspiração pessoal de poeta, um verdadeiro romance jogralesco. Recorda que Lope de Vega, Guillén de Castro e Pérez de Montalván em Espanha e Frederico Schlegel na Alemanha levaram o enredo para o teatro.

Minha versão é a seguinte:

Fantí chorava<sup>(1)</sup>  
lá dentro da camarinha.<sup>(2)</sup>  
Perguntou-lhe o Rei seu Pai —  
— de que choras, filha minha?

Procurei em meu reinado,  
filha, quem te merecia,  
só achei o conde Olário  
êste mulher e filho tinha...

Eu não choro, senhor Pai,  
se chorasse razão tinha,  
a tôdas vejo casadas,  
só a mim vejo sozinha!

Êste mesmo é que eu queria,  
mande chamar senhor conde,  
mande chamar senhor conde,  
pela minha escravaria.

(<sup>1</sup>) *Chorava a Infanta chorava*, é outra versão que possuo.

(<sup>2</sup>) Camarinha, quarto-da-cama. No sertão é sempre empregado na acepção de alcova, quarto, palavras desconhecidas pelo povo.

Palavras não eram ditas, <sup>(1)</sup>  
quando na porta estaria;  
— que quer Vossa Majestade <sup>(2)</sup>  
com a minha senhoria?

Mando que mate condessa  
p'ra casar com minha filha  
e traga-me sua cabeça  
nesta dourada bacia.

Sai o conde por ali  
com tristeza em demasia;  
Como matarei condessa  
que morte não merecia?...

Bota-me a mesa, condessa,  
bota-me a mesa, minha vida...  
— A mesa sempre está pronta  
para vossa senhoria.

Sentaram-se os dois na mesa,  
nem um nem outro comia,  
que as lágrimas eram tantas  
que pela mesa corria...

Porque choras, senhor conde  
porque choras, meu marido?  
ou vos mandam p'ra batalha  
ou vos mandam p'ra Turquia?

Nem me mandam p'ra batalha, i  
nem me mandam p'ra Turquia...  
Mandam que mate a vós  
p'ra casar com sua filha!

Não me mates, senhor conde,  
não me mates, meu marido,  
mande-me p'ra minha terra  
onde pai e mãe eu tinha.

Tudo isto tenho feito  
e nada me é concedido,  
senão que mate a vós  
p'ra casar com sua filha.

Palavras não eram ditas  
quando na porta estaria;  
se não matou a condessa,  
a dê cá que mataria...

Dai-me papel e tinta,  
da melhor escrivania,  
quero escrever a meu pai  
a morte de sua filha.

Dê-me êste menino  
p'ra mamar por despedida,  
que êle hoje inda tem mãe  
que tanto bem lhe queria.  
Amanhã terá madраста  
da mais alta senhoria...

---

<sup>(1)</sup> *Palavras não eram ditas*, período usadíssimo nos velhos romances e xácaras. Nas *estórias* de Trancoso aparece para dar a impressão do ato seguido imediatamente às palavras. No cancionero de Cid já se lia: — *Las palabras no son dichas — la carta camino vae*.

<sup>(2)</sup> O tratamento de Vossa Majestade foi em Portugal empregado para dom João IV. Até o Infante Cardial D. Henrique usava-se apenas "alteza" e anteriormente o simples e respeitoso "vossa mercê". Os espanhóis davam a Carlos V o "majestade". O domínio dos Felipes em Portugal criou ambiente para a mudança do tratamento real que, mesmo assim, só se iniciou na restauração de 1640.

Na versão, quase igual, que possuo da "Bela Infanta", êsse diálogo está escrito diferentemente:

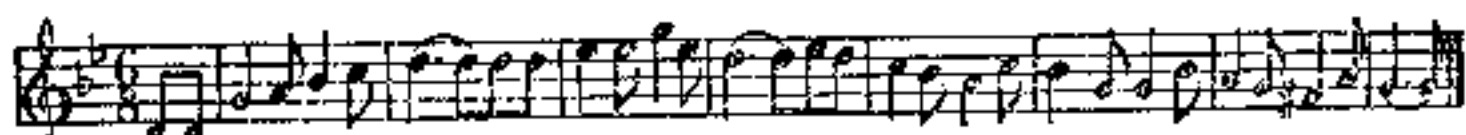
*Que deseja o meu Senhor?  
Vossa Real Senhoria?*

NOTA: Depois de escritas estas linhas li a "História Artística" de Guilherme Melo, no primeiro tomo do "Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil", publicado pelo Instituto Histórico Brasileiro em 1922. Com o nome de *D. Silvana*, Guilherme Melo regista uma versão da "Bela Infanta", já diversa da variante sergipana. Encontrei também o registo musical, p. 1638, nada lembrando o desenho melódico da minha versão.

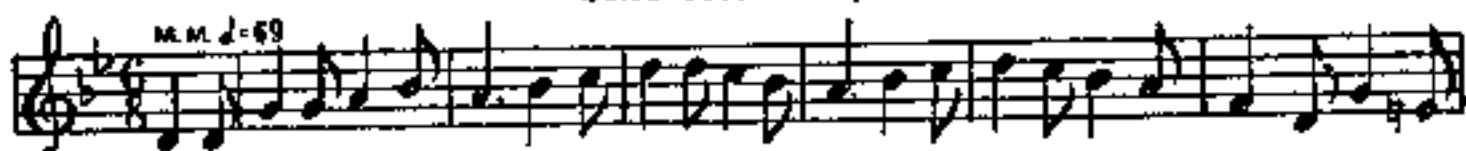
á ouço tocar o sino...  
Ai meu Deus! quem morreria?  
— Morreu a Bela Infanta

pelo mal que cometia,  
descasar os bem-casados,  
coisa que Deus não queria!...

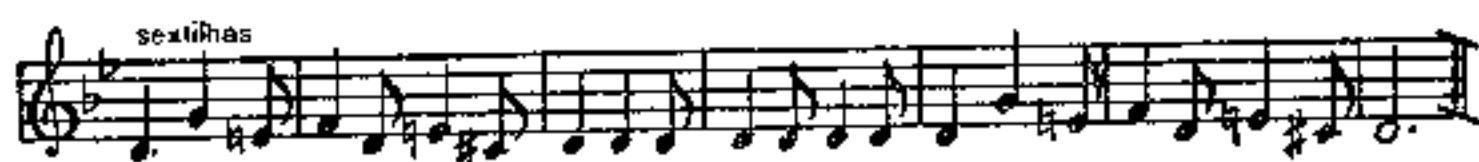
Versão colhida por Guilherme Melo.



Solfa recolhida por mim.



Para cantar as duas



## A lenda de Pedro Cem no folclore brasileiro

A lenda de Pedro Cem é muito espalhada e conhecida no Brasil. A história, contada como apólogo moral, ouvi muitas vezes, nas noites sertanejas. Há o romance em versos. Meu Pai sabia algumas quadras. O poeta popular João Martins de Ataíde reconstituiu o romance, escrevendo-o em sextilhas, ao gosto das cantorias nordestinas. Há várias edições. A que transcreve é de junho de 1932, impressa em Recife, Pernambuco. Pedro Cem continua tendo leitores e sua existência servindo de exemplo apavorador.

Que há de histórico na lenda portuguesa? Sabe-se pouco e confusamente.

Pedro Pedrossem da Silva foi, por corruptela do nome Pedrossem, o Pedro Cem. Nasceu no Pôrto, Portugal, e aí faleceu em 9 de fevereiro de 1775. Residia na Reboleira, perto do Douro. Mercador riquíssimo, diretor da Companhia dos Vinhos, Juiz de Confraria, figura imponente, era usurário e orgulhoso. Casara com d. Ana Micaela Fraga e tivera três filhos: — Luiz Pedrossem, falecido no Pôrto em 1730, o cônego João Pedrossem que foi Deão da Sé do Pôrto, e Vicente Pedrossem, rico comerciante, falecido em 1806, cavaleiro da Casa Real, casado com uma moça de excelente família, dona Maria do Ó de Caminha Ossman. Vicente Pedrossem possuiu uma das grandes fortunas na região do Douro.

A lenda conta que o velho Pedro Pedrossem olhando da torre da Marca avistou, entrando pela barra, suas frotilhas de naus, vindas do Brasil e das Índias, carregadas de especiarias, jóias e produtos caros. Cheio de vaidade exclamara: —

*Agora, mesmo Deus querendo, eu não posso ficar pobre! . . . Uma brusca tempestade destruiu-lhe a frota. Pedrossem perdeu quanto possuía. Sem amigos, que sua ostentação afastara, mendigava nas ruas do Pôrto: — Esmola para Pedro Cem que tudo teve e nada tem! . . .*

*Jamais le fait réel ne manque*, escreveu Van Gennep estudando a formação das lendas. Pedrossem, de milionário faustoso, ficou pobre mas não mendigo. A diminuição de sua riqueza foi tomada como castigo ao seu desdém. O nome prestava-se e ainda havia a repetição de "Pedro Pedrossem" que deu o fácil e humilhado "Pedro Cem", rima para "*que tudo teve e hoje não tem*". A venda de suas propriedades, sua retirada do grosso comércio, o retraimento social, fizeram o ambiente para a lenda. Pedrossem estava pobre mas nunca mendigou.

A lenda nasceu e é conhecidíssima em Portugal de onde nos veio. O teatro e o romance exploraram o tema, deformando-o, multiplicando as riquezas do Cresco da rua da Reboleira.

Inácio José Feijo escreveu um drama em cinco atos: "Pedro Cem" e Rafael Augusto de Souza uma biografia: "Vida de Pedro Cem".

---

### A vida de Pedro Cem

Vou narrar agora um fato  
Que há cinco séculos se deu,  
De um grande capitalista  
Do continente europeu,  
Fortuna que como aquela,  
Ainda não apareceu.

Pedro Cem, era o mais rico,  
Que nasceu em Portugal,  
Sua fama enchia o mundo  
Seu nome anda em geral,  
Não casou-se com rainha  
Por não ter sangue real,

Em prédios, dinheiro e bens  
Era o mais rico que havia,  
Nunca deveu a ninguém  
Todo mundo lhe devia,  
Balanço em sua fortuna  
Querendo dar não podia.

Em cada rua ele tinha  
Cem casas para alugar,  
Tinha cem botes no pôrto

E cem navios no mar,  
Cem lanchas e cem barcas,  
Tudo isto a navegar.

Tinha cem fábricas de vinho  
E cem alfaiatarias,  
Cem depósitos de fazendas  
Cem moínhos e cem padarias  
E tinha dentro do mar,  
Cem currais de pescarias.

Em cada país do mundo  
Possuía cem sobrados,  
Em cada banco ele tinha  
Cem contos depositados,  
Ocupava mensalmente,  
Dezesseis mil empregados.

Diz a história aonde eu li  
O todo dêsse passado,  
Que Pedro Cem nunca deu  
Uma esmola a um desgraçado.  
Não olhava para um pobre,  
Nem falava com criado

Uma noite teve um sonho  
Um rapaz o avisava  
Que aquele orgulho dêle  
Era quem o castigava  
Aquele grande fortuna  
Assim como veio voltava,

Ele acordou agitado  
Pelo sonho que tinha tido,  
Que rapaz seria aquele?  
Que lhe tinha aparecido  
Depois pensou, ora! sonho,  
E' devaneio do sentido.

Um dia, no meio da praça  
Ele a uma moça encontrou,  
Essa vinha quasi nua,  
Aos seus pés se ajoelhou  
Dizendo: senhor? olhai!  
O estado em que eu estou.

Ele torceu para um lado  
E disse: minha senhora?  
Olhe sua posição! . . .  
E veja o que fez agora  
Reconheça seu lugar,  
Levante-se e vá embora

Oh! senhor! por êsse sol  
Que de tão alto flutua,  
Lembra-vos que tenho fome  
Estou aquí quase nua,  
Sou obrigada a passar,  
Nesse estado em plena rua.

Ele repleto de orgulho  
Nem deu ouvido, saiu,  
A pobre ergueu-se chorando  
Chegou adiante caiu,  
Vinha passando uma dama  
Que com o manto a cobriu.

Era a marquesa de Evora  
Uma alma lapidada,  
Tirando o seu rico manto  
Cobriu essa desgraçada,  
Alí conheceu que a pobre,  
Foi pela fome prostrada.

Levante-se minha filha  
E pegou-lhe pela mão,  
Dizendo a criada a ela:

Vá alí comprar um pão  
Qué a essa pobre infeliz,  
Falta alimentação.

Entregando-lhe uma bolsa  
Com quarenta e dois mil réis,  
Apenas tirou dalí  
Um diploma e uns papéis  
Não consentindo que a moça  
Se ajoelhasse aos seus pés.

E com aquela quantia  
Ela comprou um tear.  
Tinha mais duas irmãs  
Foram as três trabalhar  
Dali em diante mais nunca,  
Faltou-lhe com que passar.

Vamos agora tratar  
Pedro Cem como ficou,  
E o nervoso que sentiu  
Uma noite que sonhou  
Que um homem lhe apareceu  
E disse olhe bem quem eu sou,

Que tens feito do dinheiro  
Que tomaste emprestado?  
Meu senhor mandou saber  
Em que o tens empregado?  
E por qual razão cumpriu  
As ordens que êle tem dado?

Ele perguntou no sonho  
Mas que dinheiro eu tomei,  
Até aos próprios monarcas  
Dinheiro muito emprestei,  
O vulto zombando dêle,  
Disse: quem tu és eu sei.

Que capital tinhas tu  
Quando chegaste ao mundo?  
Chegaste nu e descalço  
Como o bicho mais imundo  
Hoje queres ser tão nobre,  
Sendo um simples vagabundo.

E metendo a mão no bolso  
Tirou dêle uma mochila,  
Dizendo é esta a fortuna  
Que tu hás de possuí-la,  
Farás dela profissão,  
Pedindo de vila em vila.

Pedro Cem sonhando disse:  
Ave agoureira te some  
Tua presença me perturba  
Tua frase me consome  
De qual mundo tu vieste?  
Diz-me por favor teu nome.

Meu nome, disse-lhe o vulto  
E's indigno de saber,  
Meu grande superior  
Proibiu-me de dizer.  
Apenas faço o serviço,  
Que êle me manda fazer.

Despertando Pedro Cem  
Daquilo contrariado,  
Ter dois sonhos quase iguais  
Ficou impressionado,  
Resolveu contrafazer,  
E ficar reconcentrado.

Pensou em tirar por ano  
Daquela grande riqueza  
Sessenta contos de réis  
E dar de esmola à pobreza  
Depois refletindo, disse:  
Não me dá maior fraqueza.

Porque ainda mesmo Deus  
Querendo me castigar,  
Não afundará num dia  
Meus cem navios no mar,  
As cem fazendas de gado,  
Custarão a se acabar.

As cem fábricas de tecidos  
Que tenho funcionando,  
Os parreirais de uvas  
Que estão todos safrejando,  
Cem botes que tenho no pôrto  
Todo dia trabalhando.

Cem armazéns de fazendas  
As cem alfaiatarias,  
As cem fundições de ferro  
Cem currais de pescarias  
As cem casas alugadas,  
Cem moínhos, cem padarias.

E as centenas de contos  
Nos bancos depositados,  
E tudo isso em poder

De homens acreditados  
Ainda Deus querendo isso  
Seus planos eram errados

Pedro Cem naquela hora  
Estava impressionado,  
Quando aproximou-se d'êle  
O seu primeiro criado,  
E disse: aí tem um homem,  
Diz vos trazer um recado.

Mande que entre a pessoa  
Êle ao criado ordenou:  
Era um marinheiro velho  
Chegando ali o saudou,  
Que novas traz, meu amigo?  
Pedro Cem lhe perguntou.

Disse o velho marinheiro:  
Venho-vos participar,  
Que dez navios dos vossos  
Ontem afundaram no mar  
Morreram as tripulações,  
Só eu me pude salvar.

Que navios foram êsses?  
Perguntou-lhe Pedro Cem,  
Respondeu o marinheiro:  
Foi "Tejo" e "Jerusalém"  
E "Douro" e "Penafiel"  
Os outros eu não sei bem.

Aquele inda estava ali  
Outro portador bateu,  
O empregado das vacas  
Contou o que succedeu:  
Incendiaram os cercados  
E todo gado morreu.

Pedro Cem nada dizia  
Ficando silencioso,  
Apenas disse: na terra  
Não há homem venturoso,  
Quem se julgar mais feliz  
E' pior que cão leproso.

Chegou outro portador  
O empregado da vinha,  
Disse o depósito estourou  
Vazou o vinho que tinha  
Pedro Cem disse: meu Deus! . . .  
Que sorte triste esta minha.

Saiu aquele entrou outro  
Era um cônsul norueguês,  
Disse nos mares do norte  
Andava um pirata inglês,  
Noventa navios vossos  
Tomou êle de uma vez.

Meu Deus!... Meu Deus!... que fiz eu  
Exclamava Pedro Cem  
Não há homem nesse mundo  
que possa dizer vou bem,  
quando menos êle espera  
A negra desgraça vem.

Dos cem navios que tinha  
Alguns foram afundados,  
E outros pelos piratas  
Nos mares foram tomados  
Acrescentou a pessoa;  
Vinham todos carregados.

Alí mesmo veio o mestre  
Da barca "*flor do mundo*"  
Êsse fitou Pedro Cem  
Com um silêncio profundo  
Depois disse: senhor marquês?!  
Dez barcas foram ao fundo

Quatro vinham carregadas  
Com bacalhau e azeite,  
Duas vinham da Suécia  
Com queijo, manteiga e leite,  
De tôdas as mercadorias  
Não tem uma que se aproveite.

Quatro das dez que afundaram  
Traziam pérola e metal,  
Só da ilha da Madeira  
Vinham um milhão em coral  
Topázio, Rubí, Brilhante,  
Ouro, esmeralda e cristal.

Pedro Cem baixou a vista  
Nada pôde refletir,  
Exclamou que faço eu?  
Devo deixar de existir,  
Mas matando-me não vejo,  
Isso até onde pode ir.

Chegou o moço de campo  
Tremendo e muito assustado  
E disse: senhor marquês

Venho aqui horrorizado,  
Deu murrinha nas ovelhas  
E mal triste em todo gado.

Naquele momento entrou  
Um rapaz auxiliar,  
Êsse puxando um papel  
Disse: venho procurar,  
Tudo quanto se perdeu  
Na barca "*Ares do mar*."

Pedro Cem perguntou quanto  
Tirou o moço uns papéis.  
Que se lia entre brilhantes  
Pulseiras, colares, anéis,  
Um milhão e quatrocentos  
E vinte contos de réis.

Entrou outro auxiliar  
Disse eu quero pagamento,  
Por tudo que se perdeu  
No navio "*Chave do Vento*"  
Que vinha da América do Norte  
Com grande carregamento

Chegou um tabelião  
Dá licença sr. Marquês?  
Venho lhe participar  
Que o grande Banco Francês,  
Dois Alemães, três Suíços,  
Quebraram todos de vez

Lá se foi minha fortuna  
Exclamava Pedro Cem,  
Ontem fui milionário  
Hoje não tenho um vintém  
Só mesmo na campa fria,  
Eu hoje estaria bem.

Dando balanço nos bens  
Quis até desesperar.  
Tudo quanto possuía  
Não dava para pagar  
Nem pela décima parte  
Os prejuízos do mar.

Exclamava: oh! Pedro Cem  
Que será de ti agora!  
No pouco que me restava  
A justiça fez penhora,  
Pedro Cem de agora em diante  
Vae errar de mundo afora



Carpir esta sorte dura  
Que a desventura me deu,  
Talvez muitas vezes vendo  
Aquilo que já foi meu,  
Em lugar que não se saiba  
Quem neste mundo fui eu.

Alí no terraço mesmo  
Forrando o chão se deitou,  
Às onze e meia da noite  
O sono conciliou  
No sono sonhando viu,  
O rapaz que lhe falou.

Aquele perguntou, Pedro  
Como te foste de emprêsa,  
Já estás conhecendo agora  
Quanto é grande a natureza?  
Conheceste que teu orgulho  
Foi quem te fêz a surpresa?

Metendo a mão na algibeira  
Dali um quadro tirou.  
Onde havia dois retratos  
Que a Pedro Cem os mostrou  
Conheces êsses retratos  
O rapaz lhe perguntou.

Via-se naquele quadro  
Uma dama bem vestida,  
Pedro Cem disse por sonho:  
Essa é minha conhecida  
A outra uma moça pobre.  
Com fome no chão caída.  
Perguntava-lhe o rapaz:  
Quem é esta conhecida,  
E' a marquesa de Evora  
E esta que está caída?  
Essa? é uma miserável.  
Dessa classe desvalida.

O rapaz puxa outro quadro  
Verde côr de esperança.  
Onde via-se uma monarca  
Suspendendo uma balança  
Estava pesando nela  
Caridade e esperança.

Mostrou-lhe mais quatro quadros  
Que Pedro Cem conheceu.  
Tinha a Marquesa de Evora

Quando a bolsa a pobre deu  
Que estirou a mão dizendo:  
Toma êste dinheiro que é teu.

No quadro via-se um anjo  
Assim nos diz a história,  
Com uma flor onde se lia:  
Jardim da eterna glória,  
Presenteado por Deus,  
Esta palma de vitória.

Quem planta flores tem flores  
Quem planta espinho tem espinho  
Deus mostra ao espírito fraco  
O que nega ao mesquinho,  
A virtude é um negócio  
A boa ação um pergaminho.

Depois que êle acordou  
Triste impressionado,  
Interrogava si próprio  
Porque sou tão desgraçado  
Achou na cama a mochila,  
Com que tinha sonhado.

Será esta a tal mochila  
Que o fantasma me mostrou;  
E' esta que o homem em sonho  
Em desespero exclamou:  
Na noite em que a cruel sina,  
Por sonho me visitou.

De tudo restava apenas  
A casa de moradia,  
Essa mesma embargaram  
Antes de findar-se o dia  
Então disse Pedro Cem,  
Cumpriu-se a profecia

Lançando a mão na mochila  
Saiu no mundo a vagar  
Implorando a caridade  
Sem alguém nada lhe dar,  
Por umas cinco ou seis vezes  
Tentou se suicidar.

Êle dizia nas portas:  
Uma esmola a Pedro Cem,  
Que já foi capitalista  
Ontem teve, hoje não tem  
A quem já neguei esmola  
Hoje a mim nega também.

Foi ele cair com fome  
Em casa daquela moça,  
Quando foi a porta d'ele  
Com fome, frio e sem fôrça,  
Que ele não quis olhá-la  
A marquesa deu-lhe a bolsa.

A criada o viu cair  
Exclamou: minha senhora!...  
Ande ver um miserável,  
Que caiu de fome agora,  
Onde? perguntou a moça  
Ana disse: ali fora.

A moça disse à criada:  
Que trouxesse leite e pão  
Aproximando-se d'ele  
Disse: o que tens meu irmão  
Bateste em tôdas as portas  
Não encontraste cristão.

Senhora! se vós soubesseis  
Quem é êsse desgraçado,  
Não me abririas a porta  
Nem me davas êsse bocado  
Respondeu ela: conheço,  
Mas eu esqueço o passado.

Me recordo que a marquesa  
Fêz minha felicidade,  
Viu-me caída com fome  
Teve de mim piedade,  
Deu-me com que comprar pão  
E esta propriedade.

Pedro Cem se levantou  
Disse obrigado e saiu,  
Andando duzentos passos  
Tombou por terra, caiu  
E umas frases tocantes,  
Em alta voz proferiu:

\*Vai unir-se à terra fria  
O que não soube viver  
Soube ganhar a fortuna  
Mas não na soube perder  
Se tenho estudado a vida  
Tinha aprendido a morrer.

Foi como a corrente d'água  
Que pela serra desceu,  
Chegou o verão a secou  
Ela desapareceu,  
Ficando só os escombros  
Por onde a água correu.

Eu tive tanta fortuna  
Não socorria ninguém,  
A todos que me pediram  
Eu nunca dei um vintém,  
Hoje preciso pedir,  
Não há quem me dê também.

Não desespero, pois sei  
Que grandes crimes hoje espio,  
Nasci em berços dourados  
Dormi em colchão macio  
Hoje morro como os brutos  
Neste chão sujo e frio.

Foram as últimas palavras  
Que ele ali pronunciou,  
Margarida, aquela moça,  
Que a marquesa embrulhou  
Botou-lhe a vela na mão,  
Ele ali mesmo expirou.

A justiça examinando  
Os bolsos de Pedro Cem,  
Encontrou uma mochila  
E dentro dela um vintém  
E um letreiro que dizia:  
Ontem teve e hoje não tem.

---

### Sátira Sertaneja em sextilhas (1876). Solfa do "Redondo-Sinhá"

Fabião das Queimadas, ainda escravo, emprestou 50\$000 ao inspetor de quarteirão Manuel Bandeira e êste se negou depois a saldar o débito. O escravo tinha 28 anos e vingou-se compondo os versos abaixo, verdadeira "sirvente" medieval, e cantava-a acompanhando-se com sua inseparável rebeca, na solfa do "Redondo Sinhá".

Os versos mostram que em 1876 já as sextilhas eram populares e haviam tomado a parte anteriormente pertencente às quadras.

Moradô do Potengí, Redondo-Si-  
[nhá (¹)]

Homes, minino e muié,  
Cheguem pra perto de mim,  
Escutá o qu'eu dissê  
Que agora vou publicá  
Manuel Bandeira quem é. . .

Eu vou lhe contá um caso  
Que se passou na ribeira,  
Que foi um furto que houve  
Feito por Manuel Bandeira,  
Ele roubou a Fabião,  
Escravo de Zé Ferreira.

Inspetor do Potengí,  
Manuel Bandeira chamado,  
Como êle aquí não vejo  
Um home tão relaxado,  
Que do ventre de muié,  
Não sai outro tão cubardo. . .

E é infeliz da terra  
Qu'o Bandeira é inspetô,  
Tem uma farta consigo:  
Ôio viu, a mão andou. . .  
Home ladrão cuma aquele  
Deus no Brasi não butou.

Chegou êle em Potengí,  
Pegou a negociá,  
Porém nos negoço dêle  
Não pode se acreditá.  
E' pequeno nas ação.  
Porém grande no furtá. . .

O ladrão chega a furtá  
Até dos próprio cativo,  
Só com isto é qu'eu me avexo  
E me matina o juízo,  
Enquanto vivo fô me alembro  
Do que o ladrão fêz comigo. . .

Êle tem a barba ruiva,  
E a cara muito feia,  
Tem também o mau costume  
De bulí nas coisas aleia. . .  
O Bandeira pra furtá  
No mundo tá sem pareia. . .

Êle roubô meu dinheiro  
Eu fiquei bem atrasado,  
Mas porém tive um consôlo;  
Êle ficou relaxado,  
Mas como teu costume é esse —  
Furta, Bandeira danado! . . .

Eu já tomei um acôrdo  
De deixá de trabaia,  
Porque trabaio a morré  
Nunca posso aumentá,  
Pru que o que tenho é pouco  
Para o Bandeira furtá. . .

Quem vin-é ao Potengí  
Com dinheiro na carteira,  
Enquanto anda na rua  
Bote o ôlho n'argibeira,  
Não se discuide de si;  
Veja lá Manué Bandeira. . .

Vergonha não é pra êle,  
Não teve e nunca terá. . .  
Que não houve quem perdesse  
Vergonha prá êle achá,  
Porisso morre e não perde  
Esse modo de furtá. . .

Êle é muito comprido,  
No tamanho é muito arto,  
Mas em taio de negoço  
E nas ação é muito baxo. . .  
Mal empregado no mundo  
Manuel Bandeira sê macho. . .

---

(¹) Repete "Redondo-Sinhá" no fim de cada primeiro verso.



### Fragmentos da xácara do “Chapim Del-Rei”

A velha Luíza Freire, nossa doméstica, sabe muitas histórias bonitas. Algumas, curiosamente, são intercaladas de cantos. Deu-me ela uma variante da xácara da “Bela Infanta” e a solfa condizia com a que colherei eu noutras fontes. Tive assim a alegria de ser o primeiro a revelar uma música de quatro ou cinco séculos.

A velha Luíza Freire, Bibi, como a chamamos, também contou a história do Chapim del-Rei. Naturalmente não a batizou. Era uma história vulgar e a solfa dos versos não me parece autêntica. Possivelmente é uma reminiscência agora sem maiores identificações. Pude articulá-la ao fio erudito das xácaras e consignar mais esta variante à secular história que se prende às tradições da virtude reconhecida. Almeida Garrett, em março de 1843, reconstituiu a xácara do Chapim del-Rei, empregando sua fórmula pouco aceitável. Recebendo de Évora alguns versos, sentiu-lhes o antigo sabor da poética tradicional e continuou-os, por sua conta e risco, escrevendo uma história completa. Assim aparece a xácara à pág. 368 de suas “Obras Completas” (vol. 1, Lisboa, 1904). Deu-lhe Garrett o nome de “Chapim del-Rei ou Parras Verdes”. O nome primeiro deve ser o mais próprio. Infelizmente já não é possível saber-se até onde foi a colaboração de Almeida Garrett.

A xácara terá essa denominação por comodidade. É uma história com alguns versos musicados. Não é exceção. Teófilo Braga regista “O Figueirinho da Figueira” (Algarve) que tem também versos cantados e conheço a solfa por ouvi-la quando criança. A restauração de Garret não constituiu serviço.

Muito ao contrário...

Aquí está a variante:

Era uma vez um Rei-viúvo que morava diante da casa de outro Rei que era casado com moça bonita e séria. O Rei-viúvo tomou-se de amores mas a moça não correspondeu. O Rei-viúvo procurou falar com uma negra escrava do Rei-moço e deu algumas moedas de ouro para que lhe fôsse permitido ver a moça dormindo. A escrava prometeu e, aproveitando uma viagem do Rei-moço, levou o Rei-viúvo até o quarto da moça que dormia. O Rei-viúvo ficou encantado com tanta beleza. Chegou bem próximo da cama, abriu as cortinas e olhou demoradamente a moça adormecida. Estava assim quando o Rei-moço regressou e a escrava deu o alarma. O Rei-viúvo

partiu a correr mas, no ímpeto da carreira, perdeu um chapim que o Rei-moço achou e maldou da moça, julgando-a infiel. Não lhe disse uma nem duas mas não a procurou mais.

A moça, depois de muito cismar e rezar, desconfiou de alguma coisa e resolveu certificar-se de tudo, pelo miúdo. Mandou preparar um jantar com todos os preparos e pediu ao Rei-moço que convidasse o Rei-viúvo para tomar parte na festa. O Rei-moço convidou o Rei-viúvo e a festa começou muito bem. No fim do jantar, quando chegou a hora de saudar-se uns aos outros, a moça pediu licença e retirou-se. Foi mudar o trajo. Voltou rindo com o tempo. Linda. Vestido côr do céu com tôdas as estrêlas. Chegando à mesa, pegou o copo cheio de vinho e disse, erguendo, como se fôsse cantar uma saudação:

Fui casada, hoje sou solteira,  
porque e porque não, não sei. . .

O Rei-moço entendeu o dito de sua mulher e por sua vez levantou o copo:

Em meus palácios entrei  
rasto de ladrão achei. . .

se comeu ou não comeu,  
não sei. . .

O Rei-viúvo compreendeu o que se passara e decidiu-se a confessar sua curiosidade, restituindo a calma:

Nos vossos palácios entrei  
rasto de ladrão deixei. . .  
Lindo cortinado abrí,

que linda uva eu vi!  
Mas juro c'róa minha  
que em tal uva não buli. . .

O Rei-moço ajoelhou-se aos pés da moça e pediu-lhe perdão da suspeita. O Rei-viúvo foi também perdoado assim como a escrava-negra. E foram todos muitos felizes. . .

Na xácara de Garrett não há dois Rei mas um Rei e um Conde. Os versos referentes aos dois e à mulher, assim dizem:

<i>— Já fui vinha bem guardada, Bem querida, bem tratada; como eu medrei! Ora não sou nem serei; O porque não sei nem no saberei! .....</i>	<i>Se me êle roubou não sei; Como o saberei? ..... Eu fui que na vinha entrei, rastos de ladrão deixei, parras verdes levantei, Uvas belas Nelas vi: E assim Deus me salve a mim como delas não comi! . . .</i>
<i>Minha vinha tam guardada! quando nela entrei rastos de ladrão achei;</i>	

Teófilo Braga ("Contos tradicionais do Povo Português", vol. I.º, Porto, s. d. p. 140) regista com o nome de "Camareiro do Rei" uma versão do Algarve, em prosa, findando com versos alusivos à vinha e ao falso ladrão que, na espécie, era o Rei. Desta provém a versão que conheço. O

verso final diz, quase como o que registei: — que eu nas uvas não buli. J. da Silva Campos recolheu uma variante baiana, "O Príncipe e o amigo" ("O Folclore no Brasil", Basílio de Magalhães, Rio de Janeiro, 1928, p. 252) onde também há reminiscência do conto bocaciano madame Genevra, que termina como o "Chapim del-Rei":

Quando de casa saíste,  
Pós brancos espalhaste.  
Rastro de ladrão achaste.

Que lindas uvas eu vi!  
Te juro, por Deus do céu,  
Como nelas não buli. . .

Brantome ("Vies des Dames galantes", s. d. p-172) estudando o cognome Vignes, regista, entre outros, esta quadra:

A la vigne che voi dicete  
Io fui, e qui restete;

Alzai il pampano, guardai la vite,  
Mà non tocai. Si Dio m'alte!

Pedro de Vignes e o imperador Frederico II teriam sido os personagens dêsse entrêdo e de Vignes viera a confusão e os trocadilhos em vinhas, par-ras, etc. Teófilo Braga cita a existência do mesmo episódio no "Livro de Sendabar", no "Mischlé sendabar", no grego "Syntipas" e no "Sete Visi-res", sob a denominação de "Rasto de Leão". As variantes italianas são mais aproximadas das versões portuguesas, ao que cita Teófilo Braga dos "Contos de Pomigliano", de Vitorio Imbriani, assim como nas histórias da Sicília e de Veneza. Ver a "Revue des Deux Mondes", novembro de 1877, p. 144. Na Argentina encontrei num juego de palabras o mesmo episódio, como passado na serra de Ancaste. O final é idêntico assim como o fio temático:

Yo soy el mal ladrón  
Que a esa viña entré;  
Qué lindas uvas ví.

Reviente mi alma  
Si de ellas probé!

A história está registada no grande livro de Rafael Cano, "Del Tiempo de Naupa", p. 249 (Buenos Aires, 1930).

---

### Uma tradição paraibana do Rio São Francisco

Uma tradição popular do sertão paraibano é a história do rapaz que raptou a noiva e, perseguido, atravessou o rio São Francisco. Esse episódio reaparece nos contos locais e mesmo na poesia tradicional. Como os fazendeiros sanfranciscanos foram os povoadores do sertão da Paraíba, a lenda lembra figuras velhas de arrôjo e as confunde num leve romance de amor e de coragem desesperada.

Um folheto editado pela "Guajarina", de Belém do Pará, com o título de "História do Rio São Francisco" registou o acontecimento. Os versos, visivelmente popularescos, foram inspirados por uma tradição paraibana que emigrou para o Pará, terra de atração clássica para o nordestino. O compilador confessa:

Leitores, esta história  
não nos diz qual o autor,  
nem também seu nascimento

para contar ao leitor:  
somente pude pegá-la  
da boca de um cantador!...

A tradição é secular e conhecidíssima na Paraíba. Irineu Jofilí, no seu "Notas sobre a Paraíba" (p. 39) registra o fato:

O capitão Pascoal de Oliveira Ledo, morador da cidade ou capitania da Baía, raptou uma moça de família importante. Perseguido tenazmente até a margem direita do S. Francisco, para escapar, foi obrigado, com a sua amada a lançar os cavalos ao rio e passá-lo a nado. Alcançada a margem esquerda, seguiram pela ribeira do Moxotó até às suas nascentes e passaram para a capitania da Paraíba, vindo pousar entre os rios Taperoá e o Paraíba, onde depois os seus descendentes fundaram a povoação de Cabeceiras, hoje vila.

Esse episódio ter-se-ia dado em fins do século XVII.

Vou manifestar ao público  
para ficar conhecido  
minha vida transitória  
até hoje como tem sido,  
principalmente esse caso  
que me foi acontecido.

Eu com seis anos de idade  
uma escola frequentei,  
com treze anos completos  
todos os estudos deixei,  
foi uma vida tranquila  
sete anos que estudei.

Quando os estudos deixei  
comecei a viajar,  
meu pai era um homem rico  
botou-me a negociar  
em costa dos bons cavalos  
acabou de me criar.

Enquanto eu negociiei  
vivia sempre assustado,  
pois quem anda com dinheiro  
é por perigos guiado,  
mas nunca sofri por isso,  
sofri por ser namorado.

Havia um lugar distante  
que eu estava acostumado,  
era longe em demasia

e era muito arriscado  
por passar um grande rio  
de São Francisco chamado,

Mas eu lá me dava bem  
por meu negócio dispor  
mesmo porque tinha um cravo  
que era o meu grande amor,  
nunca julguei que no mundo  
houvesse tão linda flor.

Era uma linda açucena  
a quem comecei a amar,  
era uma moça donzela  
essa que passo a explicar,  
mas eu achava impossível  
com tal moça me casar.

Porque o pai desta moça  
era homem de fortes braços,  
por ser rico em demasia  
haviam tais embaraços,  
e todos lhe obedeciam  
era senhor dos cangaços.

Eu vivia em aflição  
como havia de falar  
com esta amante tão bela  
sem jeito nenhum achar,  
pois quando ia à sua casa  
seu pai havia de estar.



Um tempo fui com negócio  
e eu ia determinado  
a me casar com a moça  
ou ficar desenganado,  
amante como eu vivia  
bastante penalizado.

Se pensei, melhor o fiz,  
e me foi bem acertado,  
porque lhe fiz um escrito  
êste muito descansado,  
e vou explicar agora  
como foi êste notado.

"Excelentíssima dona,  
esclarecida senhora,  
perdõe o atrevimento  
de quem constante te adora,  
sois a sala da firmeza  
aonde a delícia mora.

Sou, senhora, um pobre amante  
que se dispôs a te amar;  
dizei-me, sincera dona,  
se comigo quer casar;  
porque se tal conseguir  
o jeito vou procurar.

Afirmo, juro e protesto  
à minha amada querida  
que por ti dou o que tenho  
atá mesmo a própria vida,  
dizei-me, sincera dona,  
se consente na partida".

Eu lhe entreguei o escrito  
e ela apressada entrou,  
na manhã do outro dia  
no salão se apresentou  
sorrindo me deu Bom-dia  
outro papel me entregou.

Recolheu-se para dentro  
eu fiquei lendo o que vinha,  
consagrava-me um amor  
igualmente ao que eu lhe tinha,  
leio o que ela escreveu  
naquela amorosa linha:

"Excelentíssimo amante,  
esclarecido senhor,  
se por mim estás sofrendo

encontraste a mesma dôr,  
há muito que te consagro  
um firme e leal amor.

Mas, senhor, eu acho duro  
nós daqui poder sair  
pois quando meu pai souber  
terá de nos perseguir,  
mas, se queres te arriscar  
pronta estou, podemos ir.

Nada mais tenho a dizer  
só sim que fico esperando  
as determinantes ordens  
que o senhor vier dando,  
vá logo e venha depressa  
que já fico me aprontando!".

Aí conversei boçal,  
acertamos dia e hora,  
saí com o meu combóio  
fazendo que ia me embora,  
e despachei-os que fôsem,  
procurei esta senhora.

Ao cabo de cinco dias  
que foi o tempo marcado,  
eu fui ao dito lugar  
que estava determinado,  
ela pronta se chegou  
sem me dar maior cuidado.

Sacudí-a na garupa  
do meu cavalo ruginho,  
cavalo ligeiro e forte  
se chamava passarinho,  
continuamos a jornada  
naquele longo caminho.

Num dia de quinta-feira  
às onze horas seria  
começamos a jornada  
caminhamos em demasia,  
fomos descansar na sexta  
pelas dez horas do dia.

Afinal no dia de sábado  
na beira dum rio cheguei  
aos passadores do rio  
de um por um eu roguei,  
e por mais que eu rogasse  
nem um somente eu achei.

E procurei entre todos  
quem me quisesse passar  
dizendo: eu trago dinheiro  
muito bem posso pagar. . .  
todos êles respondiam:  
— Senhor, não vou me arriscar.

Porque o pai desta moça  
desta terra é senhor  
e dono d'estas canôas  
e é nosso protetor,  
chega aqui e não nos acha  
se indigna com o furor.

Êle nos rompe, é pior,  
persegue tôda esta ilha  
triste de quem encontrar  
inda mais passando a filha,  
mata a beleza da casa  
acaba com tôda a família,

Por isso, meu caro amigo,  
nós estamos lhe avisando  
quando êle aqui chegar  
a um por um vai matando,  
e se há de chorar nós  
chore quem já está chorando

Perguntei à minha amada:  
— senhora o que é que se faz?  
visto o que se apresenta  
o que esperamos mais?  
eu boto o cavalo n'água  
seguimos em santa paz.

Foi ela e respondeu-me:  
— Não tem mais o que esperar  
sigamos nossa viagem  
que Deus nos há de ajudar,  
mais antes morrermos n'água  
de que meu pai nos matar.

Botei o cavalo n'água  
e a Deus fiz um pedido:  
que fizesse de nós três  
o que lhe fôsse servido,  
só sim que das duas almas  
fôsse dêle compadecido.

Depois do cavalo n'água  
meio quarto devia ser,  
chegamos no meio do rio

sem nenhum perigo ter,  
comecei pedindo a Deus  
que nos viesse valer.

Ai sentiu meu Russinho  
suas ricas fôrças morrendo  
seus fios de resistências  
quasi desaparecendo,  
nas lindas faces das águas  
de pouco a pouco descendo.

Já não nadava constante  
e grande fôrça fazia,  
sôbre o abismo das águas  
rojava-lhe a marezia,  
na correnteza da mesma  
a passo lento descia.

Muito contrito com Deus  
fiz a seguinte oração:  
"Alto e poderoso Deus,  
criador da Redenção,  
salve estas duas almas,  
tenha de nós compaixão".

Senti o cavalo fraco  
de águas abaixo desceu!  
para mim tudo acabou-se  
só meu valor não morreu,  
continuei animado  
conto o que aconteceu:

Eu puxei pela garrucha  
para com ela atirar  
para com seu monstro tiro  
tôda água embalançar,  
o cavalo venceu forte  
era constante a nadar.

Senti o cavalo forte  
em terra firme pisar  
era um banquinho de areia  
tratamos de descansar,  
eu carreguei a pistola  
para tornar a atirar.

Mas ainda tinha um nado  
que era muito arriscado,  
porém o de maior perigo  
já nós havia deixado,  
botei o cavalo n'água  
para ir ao outro lado.

Com menos de dez minutos  
vencemos a travessia,  
fomos alcançando a beira  
pelas seis horas devia  
já brilhar sobre os campos  
a luz do clarão do dia.

Quando chegamos em terra  
muita alegria tivemos  
do grande prodígio e obra  
que de Jesús recebemos,  
procurei lugar oculto  
ali mesmo descansemos.

As oito horas do dia  
o meu cavalo selei  
nosso lugar de arrancho  
em santa paz eu deixei  
quando chegamos na estrada  
com meu sogro encontrei.

Que vinha atrás de nós  
com setenta companheiros,  
com vista de fazer pazes  
ameaçou-me primeiro,  
chamando-me de confiado,  
atrevido e desordeiro.

Eu mé fui enfurecendo,  
respondi que não temia,  
depois ele respondeu-me  
que a mim não ofendia,  
com palavras amorosas  
para mim se dirigia.

E respondeu-me dizendo:  
— Senhores, fiquei pasmado  
de vê-los passar tal rio  
sem morrerem afogado,  
tendes fortes orações  
ou foste por Deus guiado

Eu então lhe respondi  
certamente admirado:  
— Mas o que eu admiro  
é de vê-lo aquebrantado  
com tanta fúria que vinha  
com estes setenta armado.

Pois bem: sei que isso tudo  
é para tirar-me a vida  
com esta porção de povo,  
escolta prevenida  
eu julguei que hoje houvesse  
uma guerra embravecida.

Ele então me respondeu:  
— Sim, senhor, vinha-os matar,  
e todos traziam espadas  
com tenção de os acabar,  
mas, visto que os encontrei  
em seu favor me achar.

Agora, meu caro amigo,  
à nossa casa voltemos,  
casarás com minha filha  
e amigos leal seremos,  
és meu genro, sou teu sogro  
em santa paz viveremos.

---

### Frel Antônio das Chagas no sertão cearense

Antônio da Fonseca Soares nasceu na vila de Vidigueira, Alemtejo, Portugal, a 25 de junho de 1631. Foi militar e chegou a capitão de cavalos. Renunciando o posto entrou para a ordem de S. Francisco, professando no convento de Évora em 10 de maio de 1663. Tomou o nome de Frei Antônio das Chagas. Missionário apostólico, instituiu o Seminário de Varatojo no convento que el-rei D. Afonso V fundara. Escreveu muito sobre assuntos espirituais, temas piedosos e apoloéticos. Faleceu em Varatojo a 20 de outubro de 1682.

Uma sua "Carta do venerável Padre Frei Antônio das Chagas, escrita a um amigo", reunida a outros trabalhos, foi publicada em 1687, Lisboa, oficina de Miguel Deslandes, traz uma

redondilha como mote para quatro décimas de glosa. Fórmula do mote: — ABAB, e das décimas: — ABBAACCDDC. O mote diz:

Grande desgraça é nascer  
Porque se segue o pecar,

Depois de pecar morrer,  
Depois de morrer penar!...

Na coleção de trovas portuguesas de d. Carolina Michaëlis de Vasconcelos regista-se a variante ao sabor popular:

Triste sorte é a nossa:  
Depois de nascer, pecar,

Depois de pecar, morrer;  
Depois de morrer, penar.

Do cantador cearense Anselmo Vieira de Souza, Leonardo Mota recolheu uma "oitava", glosa sertaneja ao mote seiscentista de frei Antônio das Chagas:

Triste sina de quem nasce  
porque, depois de nascer,  
não escapa de mamar,  
depois de mamar, viver...

depois de viver, pecar,  
depois de pecar, morrer...  
Depois do corpo pecar  
a alma é quem vai sofrer!...

E o frade, que recusara por humildade o bispado de Lamego, não esperaria a perpetuidade de sua redondilha no folclore do nordeste brasileiro...

### Três Décimas de Nôga

Manuel Alves de Araújo Nôga era, em julho de 1921, maquinista da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte. Improvisava com facilidade. Chegou a publicar (tip. d' "O Progresso", Currais Novos, R. G. N. 1921) um folheto de 20 ps. intitulado "À Saudosa Memória de minha espôsa", contando seu casamento e a morte da mulher.

Deram a Nôga, para experimentar o poder do seu raciocínio e os recursos de sua lógica, de tão parcas e limitadas letras, três temas completamente acima do estalão comum dos cantadores. Os temas foram: — "O NADA E' EXISTENTE", "A MORTE TEM DE MORRER" e "A VIDA SERA' ETERNA". O maquinista glosou os motes em três décimas que registro:

De antes não existia  
Um outro material,  
De que fôsse fabricado,  
Os seres universal.  
Do nada a Natureza  
Fêz tôda esta grandeza  
Como ninguém competente,  
Por todos admirada...  
Se tudo é feito do Nada  
O NADA E' EXISTENTE!...

Do Nada tudo foi feito  
Pelo Supremo Autor.  
O Nada é também infindo  
Como infinito senhor.  
Disse Deus qu'em certo tempo  
Mostraria seu exemplo,  
Esta razão nos faz crer,  
Tudo será consumado,  
Aí se acaba o pecado  
E A MORTE TEM DE MORRER!

Ao depois do julgamento  
Que tudo fôr consumado.  
Desaparece a matéria,  
Já se acabou o pecado.  
Vertence ao Espírito Santo,

Não há mais dôres nem pranto.  
Nesta escabrosa caverna,  
Tudo é desaparecido,  
Já a Morte tem morrido.  
*A VIDA SERA' ETERNA!...*

---

### Exemplo de "Desafio"

A luta do cego Aderaldo com José Franco, chamado também Frankalino, travou-se na fazenda "Tombador" e já faz parte do repertório dos cantadores. Aderaldo mandou-a imprimir. Os dois improvisadores bateram-se longamente em sextilhas, as colcheias ou seis-pés usuais, mas preferiram a "parcela de dez-linhas", ou "carrilha", para os melhores golpes.

De fôlhas de oiticica  
Estava um barracão bem feito  
José Frankalino disse  
Cantar aqui não aceito  
Homem que canta em barraca  
Não pode cantar direito.

J — Cego cante com cuidado  
Que eu sou homem benquisto  
Você hoje fazendo um erro  
Fica pelo povo visto  
E eu faço com você  
Como Judá fêz com Cristo.

Com muito rôgo o cantor  
Aceitou sempre o assento  
Mandou que eu me sentasse  
Do outro lado do vento  
Colocou o povo em roda  
E nós ficamos no centro.

C — Então o amigo quer ser  
Rebelde conspirador?  
Não faça escravo de quem  
Ainda pode ser senhor  
Porque você me vendendo  
Vai minorar minha dôr.

Ele afinou a viola  
E começou o baião  
Eu afinei a rabeca  
Dei a mesma entoação  
Agitou-se o pessoal  
Para ouvir a discussão.

J — Eu não quero te vender  
Dei-te apenas explicação  
Tu como cego de tudo  
Já vens com malcriação  
Quem faz de cachorro gente  
Fica com o rabo na mão.

J — Senhores dêem-me licença  
Funcionar a garganta  
Mostrar ao cego Aderaldo  
A minha palavra santa  
Meu eco treme a colina  
Parece que o bosque canta.

C — Snr. José Frankalino  
Vós mudastes de sintoma  
Já me queimou com a língua  
Como o fogo de Sodoma  
Dai-me ao menos teu retrato  
Que eu guardo em minha redoma

C — Dê-me licença senhores  
O' riquíssima personagem  
Cantar com êsse cantor  
Quem vem com tanta vontade  
Dizendo que sua voz  
Para o vento é a miragem.

J — Eu não quero é chaleirismo  
Vim aqui formar divisa  
Saber hoje da certeza  
Dos dois qual o simpatiza  
Do amigo Zé Pretinho  
Eu vim hoje vingar a pisa.

C — Desculpe que eu não sabia  
Que tu eras cangaceiro  
Do grande José Pretinho  
O cantor piauizeiro  
Você hoje leva lembrança  
P'ra si mais seu companheiro.

J — Então cego venha a mim  
Que eu sou conspirador  
Saiba qu'eu tenho profissão  
Na arte de cantador  
Nunca cursei academia  
Porém sou quase um doutor.

C — Por tua frase eu conheço  
Versos puxado a cambito  
Pronomes que só se encontra  
Na gramática do maldito  
Palavra ainda do tempo  
Que bisouro era mosquito.

J — Cego você não suponha  
Que eu sou cantor da mata  
Dizem que sua rabeca  
Tem todas cordas de prata  
Ela quebra e o dono apanha  
Tome nota, dia e data.

C — Frankalino você está  
Com um olho preto e outro roxo  
Fala em dar-me uma surra  
Queira Deus não volte xoxo  
Então comece o martelo  
Parte cedo quem é coxo.

J — Cego sustenta a rabeca  
E tome muito sentido  
Não perca roteiro e rima  
Trabalhe bem resumido  
Que eu venho hoje preparado  
Só quebrar-lhe o pé do ouvido.

C — Frankalino desenfeta  
Alma de lobo marinho  
Serpente que traiu Eva  
Coruja ertante sem ninho  
Sêca de setenta e sete  
Tôco velho de caminho.

J — Cego tu só tem cabeça  
Porque fósforos também tem  
Barriga de vuco-vuco  
Teu nariz de vai e vem  
Te casa com uma raposa  
P'ra seres raposa também.

C — E's Sapo canuatis  
Barriga de chipanzé  
Cara de todos os bichos  
Catimbó de Zé-Pagé  
Sobra de esmola de cego  
Currimboque sem rapé

J — Tu és um cego sem jeito  
Um cinturão sem fivela  
Uma casa sem ter gente  
Uma porta sem tramela  
Um sapato sem ter dono  
Um anzol sem ter barbela.

C — Pucha fogo cabeleiro  
Instinto do mal, Lusbel  
Febre negra de acobaça  
Dentes de Leão cruel  
Judas que cuspiu em Cristo  
Entranhas de Cascavel.

J — Pucha, pucha cego velho  
Tu sustenta a retintiva  
Apanha hoje não tem jeito  
De chorar ninguém lhe priva  
Tu ronca no nó da peia  
Apanha até dizer viva.

C — Fóra, José Frankalino  
Porque tu não canta bem  
Olho de boto vermelho  
Bôca de carro de trem  
Cabelo de urso africano  
Venta da chama quem vem.

J — Fóra, cego Aderaldo  
Que berra tanto e não pára  
No peso de meia libra  
Ele não dá uma tara  
Cego eu só vim de encomenda  
Para rebentar-lhe a cara.

C — Vai-te sarro de cachimbo  
Guarda-chuva de parteira  
Bôca de comprar fiado  
Chinela de cozinheira  
Bode mocho, pé de pata  
Guardanapo de parteira.

J — Cego vai-te para o inferno  
Lá será teu destêrro  
Língua de contar mentira  
Bôca que só solta êrro  
Tu berra hoje como vaca  
Correndo atrás do bezerro.

C — Palhaço de Pastorinha  
Trapo de fôrro do lixo  
Cama suja de hospital  
Lêndia de pulga de bicho  
Cangalha sem cabeçote  
Sela velha sem rabicho.

J — Cego a que tempo nós estamos  
Jogando de carta e sota  
Quando um bota o outro tira  
Quando um tira o outro bota  
Só ouço o riso do povo  
Lê ninguém falar da quota.

C — Não quero que fale em quota  
Bornal de preto aleijado  
Calunga de marmulengo  
Saco de guardar pecado  
Terra de cobrir defunto  
Cemitério de enforcado.

J — Cego por hora deixemos  
Não nos convém pelejar  
Ninguém se sustenta em riso  
Riso não dá p'ra engordar  
Deixemos para outra vez  
Quando nós se encontrar.

C — Desocupa nuvem negra  
Cururú rouco de cheia  
Bagageiro de cigano  
Fedentina de cadeia  
Pescoço de Jabotí  
Alpercata sem correia.

J — Você cante com mais jeito  
Deixe de ser malcreado

Faça um serviço bem feito  
Para ser apreciado  
Eu não pensei que você  
Fôsse tão mal educado.

C — Frankalino você sabe  
Que quem canta com razão  
De soltar para o amigo  
Gracejo e malcriação  
Mesmo quem canta martelo  
Não pode ter conceção.

J — Então você continue  
Com suas obras singelas  
Já estou lhe achando a feição  
Com a côr muito amarela.  
Quero saber se tu canta  
Dez linhas feita em parcela.

C — Frankalino pode vir  
Mais não perca uma só linha  
Homem que canta parcela  
Tem horas de adivinha  
Não vá meter-se na sala  
Depois ficar na cozinha.

J — Sou homem de alto relêvo  
Não solto palavra atôa  
Em parcela e gabinete  
A minha rima revôa  
Vamos nós experimentar  
Neste salão quem entôa.

C — Siga logo Frankalino  
Com seu trabalho desejoso  
Repare o que vai fazendo  
Seja muito cuidadoso  
Veja se canta a parcela  
Não seja tão preguiçoso.

J — Balanço e navio  
Navio e balanço  
Água em remanço  
Na margem do rio  
Procura o desvio  
O desvio procura  
Carreira segura  
Segura carreira  
Molhando a barreira  
Das águas escuras.



C — A barca farol  
O farol da barca  
Lumina na arca  
Os raios do sol  
O mesmo arrebol  
Faz a luz tão quente  
A maré crescente  
Na fôrça da lua  
A barca flutua  
Nas águas pendentes.

J — Passa o automóvel  
O automóvel passa  
Só pela fumaça  
Tudo se comove  
Fica o povo imóvel  
Fica imóvel o povo  
O motor é novo  
E' novo o motor  
Como não parou  
Teve seu aprovo.

C — Flauta e flautim  
Flautim e flauta  
Muita gente alta  
Toca bandolim  
Brada e cavaquim  
Saxe o bombardão  
Trompa e violão  
Violão e trompa  
Grita os cabras rompa  
Entra o rabecão.

J — Vida bôa esta  
Na dança animada  
Não nos falta nada  
Todo mundo presta  
No vigor da festa  
Não se vê tormento  
Naquele momento  
O mestre faz curveta  
Engole a palheta  
Do seu instrumento.

C — Briga e barulho  
E barulho e briga  
Por causa de intriga  
Rola o grande embrulho  
Fica no vasculho

O grito da guerra  
Mesmo em qualquer terra  
Havendo revolta  
Desce grande escolta  
Do cimo da serra

J — Mudemos o sentido  
Para nós cantar  
Vamos martelar  
Que é mais conhecido  
Esteja prevenido  
Com a voz ativa  
Faça retintiva  
Hoje aqui na sala  
Não tropeçe a fala  
Minha língua é viva.

C — O homem guerreiro  
Se quiser teimar  
Comigo brigar  
Seja cangaceiro  
Fique bem veleiro  
Na sua emboscada  
Venha a madrugada  
Mesmo em minha terra  
Que homem de guerra  
Nunca teme a nada

J — Vai minha *parcela*  
Muita apreciada  
Não sendo cansado  
Gosto muito dela  
Se torna mais bela  
Assim dêsse jeito  
Sou cantor perfeito  
Para qualquer sala  
Só com escala  
Tu estás satisfeito.

C — Vamos Frankalino  
Endireite a goela  
Você na *parcela*,  
P'ra mim é menino  
Perdes o destino  
Da tua morada  
Não sabe a estrada  
Por onde chegou  
Meu chiquerador  
E' teu camarada.

J — Cego sem leitura  
Cante prevenido  
Que no teu sentido  
Se mora loucura  
Quer fazer figura  
Hoje, no salão  
Se és valentão  
Pego no topete  
Lasco-te o bofete  
Que tu beija o chão.

C — Sai-te mulambudo  
Caixeiro sem venda  
Ladrão de fazenda  
Com mulambo e tudo  
Corto-te miúdo  
Te deixo em farelo  
Sujeito amarelo  
Caboclo sem sorte  
Hoje a tua morte  
Foi cantar martelo.

J — Hoje a noite brigo  
Porque me disponho  
Mostro o ar risonho  
Para algum amigo  
Mais faço contigo  
Um trabalho direito  
Dou-te um mal no peito  
Que tu saís tossindo  
E eu fico me rindo  
Muito satisfeito.

C — Rogaste uma praga  
Porém não me pega  
Porque Deus te entrega  
Centenas de chaga  
Só assim tu paga  
O que tu me deve  
Para que te serve  
Ser tão impossível  
De apanhar tu vive  
E a lembrança leve.

J — Você conheceu  
A minha chegada  
Nesta pátria amada  
Que você nasceu  
O que sucedeu  
Fui eu vir sozinho

Como sou machinho  
Vim formar a divisa  
Você paga a pisa  
Que deu no Pretinho.

C — Atrás da vingança  
Se você chegou  
Meu chiquerador  
Dá-lhe uma esperança  
Não quero é ganança  
Que esta terra é minha  
Tu não adivinha  
O meu ameaço  
Eu dou-te um abraço  
Na ponta da linha.

J — Deixemos agora êste cântico  
Como uma nuvem que embaça  
Reconheço que a festa  
Está como os festins da praça  
Eu ganhando ainda canto  
Não convém cantar de graça

C — E' verdade Frankalino  
O cantor bom vem de raça  
A tua cantiga é.  
Saborosa do céu massa  
Eu também paro a rabeca  
Não convém cantar de graça.

J — Cego se aparecer  
Um homem que a bolsa faça  
Pois aqui tem gente bôa  
Da riqueza a grande massa  
Mais para não ganhar nada  
Não convém cantar de graça.

C — Frankalino chegou vinho  
Vamos esgotar a taça  
Agora somos amigos  
Os dois cantores se abraça  
Desculpa-me se ti ofendi  
Não convém cantar de graça.

J — Já vi que o povo queriam  
Ver nós dois numa desgraça  
Porque estávamos comprando  
Barulho intriga, por braça  
Dai-me a mão somos amigos  
Não convém cantar de graça.

C — Uma língua faladeira  
Queima, papoca, que assa  
Diga a José Pretinho  
Que outra intriga não faça  
Porque nós dois conciliamos  
Não convém cantar de graça.

J — Cego Aderaldo eu ainda  
Voltarei a êste lugar  
Tenho livros importante  
E neles vou estudar  
A surra de Zé Pretinho  
Pretendo ainda vingar.

### Exemplo de "Desafio"

O "desafio de Sebastião de Enedina com Zé Euzébio" foi publicado pelo poeta popular Firmino Teixeira do Amaral, em Recife. Não creio na existência dos dois adversários mas o debate é característico pela agilidade e agudeza dos remos. Os cantadores começando pelas "colcheias", passaram às "décimas" e terminaram nas "parcelas de dez pés".

Sebastião quando canta  
O padre deixa a igreja,  
O valentão deixa as armas  
Por mais valente que seja,  
Os namorados se alegram  
Corre a noiva abraça e beija.

Zé Euzébio quando canta  
As ondas do mar bafejam,  
As andorinhas se juntam  
Peneram em cima e festejam  
O Sol vira, a Lua pende,  
Os namorados se beijam.

Sebastião quando canta  
O mundo suspira e geme  
O oceano se agita  
Corre o vapor perde o leme  
De-pressa se forma o tempo  
Cai curisco, a terra treme.

Zé Euzébio quando canta  
O mundo geme e suspira  
Quebra muro e rompe serra  
Faz coisa que se admira.  
Faz proezas no repente  
Que até parece mentira.

Sebastião quando canta  
Alegra quem está doente  
O poeta perde a rima  
O cantor perde o repente  
Faz cousa que se admira  
Baixa a tranca e trinca o dente

Zé Euzébio quando canta  
Treme o Sul e abala o Norte  
Solta bomba envenenada  
Vomitando fogo forte  
Conversa com Deus no céu  
Joga cangapé na morte.

Sebastião quando canta  
Quem tem de casar não casa  
Se é doutor perde o diploma  
Em vez de aumentar se atrasa  
Cantador nas minhas unhas  
Come fogo e engole brasa.

Zé Euzébio quando canta  
As freiras deixam o convento,  
Mulheres deixam os maridos  
E moças o casamento  
O rio corre p'ra cima  
A chuva desfaz-se em vento

S — No dia que determino  
Faço tudo que desejo,  
Pego a vaca tiro o leite,  
Boto, qualha, faço queijo,  
Boto cinturão em cobra  
Suspensório em caranguejo.

Z — No dia que determino  
Faço tudo quanto entendo  
Piso milho, penero massa  
Faço pão, reparto e vendo  
Fecho a casa, abro e tranco  
Faço fogo, apago e acendo.

S — No dia que determino  
Faço o rio correr p'ra cima  
Galinha ciscar p'ra frente  
Poeta perder a rima,  
Faço do peito viola  
Da língua bordão e prima

Z — Na noite que durmo pouco  
Amanheço de lundú  
Boto a viola no peito  
Pego um cantor, como cru  
As tripas dou ao cachorro  
O bofe dou ao urubú.

S — Zé Euzébio é hoje o dia  
De burro tirar diploma  
Professor deixar cadeira  
O Papa fugir de Roma  
Mate urubú, tire as penas  
Faça o jantar, bote e coma.

Z — Sebastião tu quer ver  
Como ferro vira ouro.  
E homem vira mulher  
Cutia vira bezouro?  
Do poeta quero a língua  
E do cantor quero o couro

S — Zé Euzébio, acho mais fácil  
Padre deixar a batina  
A moça deixar o namôro  
E' o operário a oficina  
E' mais fácil um boi voar  
Que tu vencer Enedina.

Z — Cantor nas minhas unhas  
Quanto mais fala, mais erra  
Eu achava mais custoso  
O Kaiser perder a guerra  
E não fugir para a Holanda  
Abandonando a sua terra

S — Sebastião de Enedina  
Fala mais que papagaio  
Tem mais força que Sanção  
E' mais veloz que um raio  
Pega um cantor em janeiro  
Só solta no mês de maio

Z — Cantor que canta comigo  
Come fogo e morre louco  
Eu ando atrás de cantor  
Como abelha atrás de ouco  
Como gavião por pinto  
Galinha por milho pouco.

S — Zé Euzébio hoje é o dia  
De cobra jogar cacete  
Urubú jogar navalha  
Dá carrapato em azeite  
Papa-vento dizer missa  
Galinha choca dá leite.

Z — Tudo isso pode ser  
Mas nada disso acredito  
E' mais fácil o mar secar  
Anta apanhar de mosquito  
Urubú jogar navalha  
E' um brinquedo esquisito.

S — De arroz com farinha seca  
Tenho visto fazer bife,  
Tenho visto caranguejo  
Fazer manobra com rifle  
Vi uma galinha com dente  
Na cidade de Recife

Z — Aonde foi o Recife  
Capital que tu andou  
Tu nasceu ali nos Picos  
E da lama o pé não tirou  
Saiu por ladrão de bode  
Que a policia te deportou.

S — Canário que canta muito  
Costuma borrar o ninho  
Quem tem janela de vidro  
Não joga pedra em vizinho  
Tua raça todo é ladrona  
Filho de rato é ratinho

Z — Agora ferveu-me o sangue  
Botou-me sai na moleira  
Nos Picos era teu costume  
Roubar galinha na feira  
Roubar panela de tripa  
Como eu vi na Pimenteira.

S — Zé Euzébio é tão fiel  
Como rato guabirú  
Faz de galinha carniça  
E êle um grande urubú  
Padre, soldado e cigano  
São três classes igual a tu

Z — Ontem vi Sebastião  
Na beira do rio Potí  
Comendo farinha seca  
Com caroço de piquí  
Roubou de um cego na feira  
Um bolo de burití.

S — Cara de preto infezado  
Venta de negro vilão  
Vi um aleijado chorando  
Que lhe roubaste o bastão  
Lhe deste dez réis de esmola  
E pediste trouco de um tostão

Z — Sebastião aonde mora  
Galinha não bota ovo  
Pinto não come xerém  
Nem se cria frango novo  
Vira lubis-home à noite  
Vive amedrontando o povo.

S — Se eu virasse lubis-home  
Dava fim logo em tu  
Era um descanso do povo  
Podiam criar perú,  
Rato enforcado de igreja  
Cabeça de guabirú

Z — Eu agarro um cantador  
Arranco o nó da guela  
Amarro num pé de pau  
E mando encostar a fivela  
Dou um cristel de pimenta  
Morre de febre amarela.

S — Eu agarro um cantador  
Arranco os dentes e o queixo  
Entro no nó da guela  
Toda barriga remexo  
Viro de papo p'ra cima  
Enquanto bulir não o deixo

Z — Cantador que eu pegar  
Chora soluça em meus pés  
Vai trabalhar alugado  
Ganha por dia um dez réis  
Todo fim de mês recebe  
De saldo trezentos réis

S — Cachorro morto de fome  
Tudo que se joga aceita  
Fiscal, formiga de roça  
Febre forte da maleita  
Mau vizinho te persiga  
Murrinha da nova seita

Z — Sebastião queres ver  
Como cobra dança tango?  
Urubú dança chorando  
Gavião dança com frango  
Pato dança com galinha  
Caboré dança com vango?

S — Eu agarro um cantador  
Viro de perna p'ro ar  
Chamo cabra mais ruim  
Sento em cima mando dar  
Corto a língua tiro o couro  
E deixo o bruto berrar.

Z — Eu quebro um dobrão nos dedo  
Acho mais mole que papa  
Vomito bomba de fogo  
Solto canhão rapa-rapa  
Pego uma barra de ferro  
Pranto o dente, vôa a lapa.

S — Sebastião quando canta  
Sente no peito um pigarro  
Zé Euzébio pega o boi  
Bota no chão que eu amarro  
Quando Enedina morrer  
Só se fazendo um de barro

Z — O que mais apreciamos  
É um cantor de com força  
Dinheiro e mulher bonita  
E uma casa que tem moça  
Quando faltar Zé Euzébio  
Só se fazendo um de louça.

S — Fazer um preto de louça  
É' querer que gelo aqueça  
Assar manteiga em espeto  
Quem não existe apareça  
Comprar chapéu para os pés  
É' botina para a cabeça.

Z — Sou preto mas sou querido  
Nunca roubei de ninguém  
Tenho a consciencia limpa  
É' tu não seí se a tem  
Caboclo assim como tu,  
Não vale um dez réis xem-xem

S — Sou como governador  
Nó que eu dou só eu desato,  
Agarrando um cantador  
Enquanto bulir eu bato  
Pego vivo bebo o sangue  
Depois de sangrar eu mato

Z — Zé Euzébio é um perigo  
No dia em que se assanha  
Agarra um cantor gouteira  
Enquanto mexer apanha,  
Dá um cristel de pimenta  
Deixa mais mole que banha

S — A corda pobre arrebenta  
Do lado que a falha tem,  
Cantador do teu calibre  
Tenho encomenda de cem  
Para mandar de presente  
Para o museu de Belém.

Z — Agora digo também  
Já que tu meteste a taca:  
Fui ficando no Museu  
Tu casas com a macaca  
Toma conta do portão  
Não deixa entrar urucubaca

S — Tu pensas que canta bem  
Cara de chinês doente  
Chales de velha parteira  
Bôca de velho demente,  
Dôr de barriga de cego  
Jumento sem nenhum dente,

Z — Cara de preguiça morta  
Venta de paracurú  
PESCOÇO de orangotango  
Cabeça de chipanjú  
Corpo de vango molhado  
Barba de espeta cajú

S — Agora vamos mudar  
Cantar fora do comum  
Canto brando, moderado  
Sem zuada, sem zum-zum  
É' oito, é sete, é seis é cinco,  
É' quatro, é três é dois, é um

Z — Graúna não é anum  
Farinha não é arroz,  
Francisco não é Cazuza  
Agora não é depois  
É' nove, é oito, é sete, é seis,  
É' cinco, é quatro, é três, é dois

S — Só por serdes vós quem sois  
Falo no bom português  
Vão desculpando algum erro  
Ao menos por esta vez  
É' dez, é nove, é oito, é sete  
É' seis, é cinco, é quatro, é três

Z — Faço o que nunca se fêz  
No repente me dilatro  
Num dia vou ao cinema  
No outro vou ao teatro  
É' onze, é dez, é nove, é oito,  
É' sete, é seis, é cinco, é quatro

S — Todo nó cego eu desato  
Todo nó no dente eu trinco  
Cantador fica abismado  
De reparar como eu brinco  
É' doze é onze é dez é nove  
É' oito é sete é seis é cinco

Z — Homem que raspa a corôa  
Ou é padre, ou frade, ou reis  
Eu p'ra cantar nunca tive  
Dia, semana, nem mês  
É' treze é doze é onze e dez  
É' nove é oito é sete é seis (1)

(1) Comparar com os versos de Jacob Passarinho.

S — Uma casa gotejenta  
Duas meninas chorando  
Tres criadas acalentando  
Quatro mulher ciumenta  
Cinco molho de pimenta  
Seis relhos de couro cru  
Sete praga de urubú  
Oito chale de parteira  
Nove velha cozinheira  
Dez cantador como tú

Z — Dez cantador como tu  
Nove velha cozinheira  
Oito chale de parteira  
Sete praga de urubú  
Seis relhos de couro cru  
Cinco molho de pimenta  
Quatro mulher ciumenta  
Três criada acalentando  
Duas menina chorando  
Uma casa gotejenta

S — Dez viajantes comendo  
Nove panelas de tripa  
Oito cabras bons na ripa  
Sete aleijados correndo  
Seis cegos se maldizendo  
Cinco pragas de cigano  
Quatro corre em cada ano  
Três barcos cheios de farinha  
Dois trens correndo na linha  
Um navio no oceano

Z — Um navio no oceano  
Dois trens correndo na linha  
Três barcos cheio de farinha  
Quatro corre em cada ano  
Cinco praga de cigano  
Seis cego se maldizendo  
Sete aleijado correndo  
Oito cabra bons na ripa  
Nove panela de tripa  
Dez viajantes comendo.

S — Uma amante apaixonada  
Duas mulheres magra e feia  
Três negro no nó da peia  
Quatro onça aperriada  
Cinco touro na malhada

Seis vaca bôa de leite  
Sete tinas com azeite  
Oito Alemanha assanhada  
Nove soldado da Armada  
Dez cabra bom no cacete

Z — Dez cabra bom no cacete  
Nove soldado da Armada  
Oito Alemanha assanhada  
Sete tinas com azeite  
Seis vacas bôas de leite  
Cinco touros na malhada  
Quatro onças aperriada  
Três negros no nó da peia  
Duas mulheres magra e feia  
Uma amante apaixonada.

S — Dez armazém de ferragem  
Nove loja de fazenda  
Oito caxeiro na venda  
Sete navio de viagem  
Seis carregando a bagagem  
Cinco embarcando no pôrto  
Quatro viajante morto  
Três mulher batendo sola  
Dois cegos jogando bola  
Um infeliz sem confôrto.

Z — Um infeliz sem confôrto.  
Dois cegos jogando bola  
Três mulher batendo sola  
Quatro viajante morto  
Cinco embarcando no pôrto  
Seis carregando a bagagem  
Sete navio de viagem  
Oito caxeiro na venda  
Nove loja da fazenda  
Dez armazém de ferragem.

S — Cantor que eu pego  
Deixo demente  
Um mês doente  
Aleijado e cego  
Eu arrenego  
Fazendo pouco  
Deixo êle louco.  
Perde o assunto  
Fica defunto  
Com o peito ôco



Z — Cantor que assanha  
Que incha a garganta  
Nem colhe nem planta  
É no fim apanha  
Fica na banha  
Virando a bola  
Perde a viola  
No meio da rua  
É moda tua  
Negro d'Angola.

S — Cantor valente  
Eu corto a língua  
Morre a minguia  
É perde o repente  
Se negro é gente  
Recife é pasto  
O mar é gasto  
Relho é cadaço  
O negro é falso  
Até o rasto

Z — Eu na parcela  
Compreendo tudo  
Burro orelhudo  
Língua de tramela  
Olho de ramela  
Cara de choro  
Bôca de agôro  
Réu de maldade  
Roupa de frade  
Cupim de touro

S — Cara de angú  
Charuto seco  
Casa de beco  
Ninho de urubú  
Tijolo cru  
Costa de peia  
Bucho de areia  
Barriga mole  
Venta de fole  
De légua e meia

Z — Calangro mole  
Rato de Igreja

Urubú festeja  
Teu corpo, bole,  
Mastiga e engole  
Carne diluida,  
Cobra espremida  
Cara de intrujo  
Eu tenho nojo  
Da tua vida

S — Barba de quandú  
Cachorro de sela  
Sôco de quinzela  
Rato guabirú  
Perna de urubú  
Barriga de esturro  
Venta de chamurro  
Beijo de purão  
Cavalo do cão  
Orelha de burro.

Z — Lenço de pagé  
Carroça de lixo  
Arrôto de bicho  
Cabeça de ambé  
Eu te dei o pé  
E tu queres a mão  
Moleque vilão  
Barriga de besta  
Ladrão de sexta  
Bucho de feijão.

S — Bicho de fôrça é Leão  
Bicho que corre é cavalo  
Quem marca hora é relógio  
Quem dá no sino é badalo  
Quem se engana é porque quer  
Quem canta de graça é galo

Z — *Quem tem filho barbado é ca-*  
[marão]  
Quem canta de graça é galo  
Quem trabalha p'ra homem é relógio  
Bicho que corre é cavalo  
Não vejo dinheiro no prato  
Vamos parar o badalo

## O Romance de José Garcia

Este romance é relativamente novo mas de imediata popularidade. Ouvi-o cantar em vários lugares, em vários Estados e seu enredo citado nos trechos de outros romances. Ignoro o autor. Tem varíssimas reimpressões. Retrata deliciosamente o sertão de outrora, com as pegadas de barbatão, escolhas de cavalos para montar, rapto de moças, assaltos de cangaceiros, chefes onipotentes e vaqueiros afoitos, cantadores famosos e passagens românticas. Pertence bem ao ciclo social que terminou no século XX e que durara o século XIX. O Piauí era o grande fornecedor de gado. Os fazendeiros mandavam cada ano dezenas de vaqueiros e as lentas boiadas enchiam de rumor os caminhos. A estrada dos combóios tornou-se batida e certa e hoje está pontuada de cidades e vilas. Eram antigamente os pousos, os "descansos", os pontos para dormir. Aí os cantadores narravam as histórias passadas. Romances de amor, guerras políticas, lutas de cangaceiros, tudo era evocado. O ROMANCE DE JOSÉ GARCIA é dessa época.

Entre as figuras citadas está Hugolino do Teixeira ou Hugolino do Sabugí, grande cantador sertanejo, que aí aparece na louvação aos noivos. Não há melhor documento na poética tradicional que melhor reúna os característicos da vida sertaneja em meados do século XIX.

Quando o tenente Garcia  
Era um rico fazendeiro  
Que o viu no Seridó <sup>(1)</sup>  
Um dos seus filhos solteiros  
Foi um dia caluniado  
Pela filha de um cangaceiro.

Militão o pai da moça  
Era um estrompo malvado  
Veio à porta do tenente  
Comandando um grupo armado  
Ameaçando vingança  
Sem se achar agravado.

Militão disse ao tenente  
Só venho aqui lhe dar parte  
Que seu filho Zé Garcia  
Há pouco fez uma arte,  
Ou casa com minha filha  
Ou com este bacamarte.

Seu Militão não precisa  
Me gritar com armamentos  
Eu vou saber de meu filho  
Se a queixa tem fundamento  
Se o rapaz deve à moça  
Eu farei o casamento.

De tarde José Garcia  
Chegou de uma vaquejada  
Com mais de vinte vaqueiros  
Na mão tendo uma guiada  
Galopando em seu cavalo  
Na frente de uma boiada.

Depois da ceia o tenente  
Chamou o filho à razão  
Quando lhe disse: José,  
Agora estamos em questão,  
O que é que estás devendo  
A filha do Militão?

Respondeu José Garcia:  
A ela não devo nada,  
Eu nunca dei atenção  
Aquele moço acanalhada,  
Minha consciência é limpa  
Muito desembaraçada.

Você então se previna  
Que a cousa está perigosa  
Siga hoje à meia-noite  
Em viagem muito penosa  
Vá ficar no Piauí,  
Em casa de Miguel Feitosa.

(1) Zona no Rio G. do Norte, compreendendo vários municípios.

Meu pai, eu só lhe obedeco  
Como filho de benção,  
Só sigo para o Piauí  
Para evitar a questão,  
Mas também não tenho medo  
Do caboclo Militão.

Leva contigo um negro  
Servindo de artieiro,  
Basta levar 2 cargas  
Mais 20 contos em dinheiro  
Contanto que te ausentes  
Da vista do cangaceiro.

José Garcia abraçou o pai,  
Sua mãe muito chorosa,  
Disse o velho: yá com Deus  
É a Santa Virgem poderosa,  
Lá entregue esta carta  
Ao capitão Miguel Feitosa.

A serra do Araripe  
Zé Garcia descambou  
Penetrando no Piauí,  
Com poucos dias chegou  
Ao capitão Feitosa  
Uma carta lhe entregou.

O capitão leu a carta  
Dizia a narração:  
Excelente e caro amigo,  
Entrego em vossa mão  
O meu filho por uns tempos,  
Por causa de uma questão.

A filha de um capanga  
Veio a mim se queixar  
Que meu filho deve a ela  
Para obrigá-lo a casar,  
Mas é falso testemunho  
Que a cabrita quer levantar.

Tua casa tem respeito  
Eu te fico agradecido  
Que meu filho esteja lá  
Até ficar decidido,  
Porque se houver processo  
Eu o deixo destruído.

Disse o capitão Feitosa:  
Moço estou bem informado  
Tome conta dêste quarto  
Pode ficar descansado  
Aqui na minha casa  
O senhor está guardado.

Era no mês de novembro,  
No Piauí, já chovia,  
O capitão Feitosa  
Ordenou no outro dia  
Começar a vaquejada  
Encurralar a vacaria.

Reunira-se a vaquerama  
Em casa do capitão  
O Feitosa seguiu na frente  
Arrastando seu esquadrão  
Foram rebanhar o gado,  
Alegria no sertão.

Zé Garcia ficou triste,  
Junto ao curral pensando,  
Passando um lenço nos olhos  
Porque estava chorando,  
As saudades de Seridó  
Estavam lhe apertando.

No salão tinha uma moça  
Olhando de uma janela,  
Viu Zé Garcia chorando  
Por trás de uma cancela,  
Era filha de Feitosa  
Mas o rapaz não viu ela.

A moça desceu do sótão  
Com o coração nervoso,  
Disse: mamãe, Zé Garcia,  
O moço, está desgostoso  
Porque o vi chorando  
Muito triste e pesaroso.

Depois o Garcia estava  
Cá no alpendre sentado  
Saiu a da casa,  
Examinou-lhe com muito cuidado  
Viu que os olhos do moço  
Pareciam ter chorado.

Dona Jovita Feitosa  
Perguntou impaciente:  
Senhor Garcia me diga  
Se aqui caiu doente,  
Desculpe lhe perguntar,  
Mas quero ficar ciente.

Zulmira era a mocinha  
Que também se interessava  
Perguntou a Zé Garcia  
Por qual motivo chorava  
Sem dúvida era seu amor  
Que no Seridó ficara.

Zé Garcia respondeu:  
Eu fico aqui demorado  
Em caso do senhor Feitosa,  
Estou muito consolado  
E tenho gozado saúde  
Neste clima temperado.

Feitosa com os vaqueiros  
Depois de andar poltreando  
Rebanharam muito gado,  
À tarde vinham chegando  
Na porteira do curral  
Garcia estava aboiando.

À noite quando o Feitosa  
Se achava descansando  
Chegou-se dona Jovita  
Que estava lhe contando  
Que Zulmira tinha visto  
O Zé Garcia chorando.

Feitosa muito vexado  
Perguntou ao Garcia  
Se estava ali doente,  
Qual era o mal que sofria,  
Fôsse um rapaz positivo,  
Não usasse de mania.

Respondeu José Garcia:  
Porque sou acostumado  
Na fazenda de meu pai  
Campear atrás de gado;  
Aqui neste Piauí,  
Me considero privado.

Senhor Garcia eu também  
Posso lhe oferecer  
Os meus cavalos de campo  
O senhor pode escolher  
Aquele que lhe agradar  
Amanhã vá desaparecer.

Garcia abriu suas malas  
Aonde tinha guardado,  
A vestimenta de couro,  
Bom guarda-peito arriado  
Porque o vaqueiro lorde  
Faz de couro de veado.

Feitosa ficou em casa  
Deu ordem a Zé Garcia  
Que chefiasse os vaqueiros  
Para o campo dêsse dia  
Até no fundo dos pastos  
Do gado bravo que havia.

Garcia chegou ao campo,  
Correndo atrás de gado  
Precipitava o cavalo.  
Dentro do mato fechado  
Deu muita queda em garrote  
Como um rapaz traquejado.

Na frente do gado bravo  
Espirrou um tubarão  
Garcia chegou-lhe o cavalo  
Queria chegar-lhe a mão  
Perdeu o touro de vista  
A carreira foi em vão.

Disse um vaqueiro a Garcia:  
Vês aquele barbatão?  
E' o touro Saia Branca,  
Pertence ao capitão,  
E' o fantasma dos vaqueiros  
E o orgulho do meu patrão.

Aqui chegaram 3 vaqueiros  
do Estado do Ceará  
Sabiam de oração forte  
E tinham mais um patuá,  
O Saia Branca deixou-os  
Engalhados no cupiá.

Se o Garcia tem coragem  
De pegar o barbatão  
Hoje mesmo vou dizer  
Ao senhor capitão  
O seu nome vai ser falado  
Em todo o nosso sertão.

Se o capitão na fazenda  
Tiver cavalo aprovado  
Ainda que o barbatão  
Correndo como veado  
Eu me atrevo a pegá-lo  
No espinhal mais fechado.

A noite um dos vaqueiros  
Estava pronto a contar  
Dizendo ao Feitosa:  
Eu só vim lhe avisar  
Que o barbatão Saia Branca  
Zé Garcia quer pagar.

Feitosa admirado  
Perguntou a Zé Garcia  
Dizendo a Feitosa:  
Eu só vim lhe avisar  
Que o barbatão Saia Branca  
Zé Garcia quer pegar.

Garcia disse a Feitosa:  
Se a fazenda do capitão  
Tem cavalo corredor  
Nas caatingas do sertão  
Eu vou ver se me atrevo  
A pegar o barbatão.

Chamou Feitosa os vaqueiros  
Na manhã do outro dia  
Disse: vou encerrar  
A minha cavalaria  
Para escolher o cavalo  
Que agrada Zé Garcia.

Os cavalos de Feitosa  
Estavam todos encurralados.  
Começou José Garcia  
A examinar com cuidado.  
Caçando pelos sinais  
O cavalo bom de gado.

Então disse Zé Garcia:  
Este cavalo cinzento  
Não tem carreira puxada  
Porque não tem o alento.  
Este ruzio pequeno  
É um lerdo sem talento.

Este castanho vermelho  
É um cavalo afrontado.  
É este cavalo pampo  
Não pode ser bom de gado.  
Aquele castanho escuro  
Tem um mocotó inchado.

Este russo apatacado  
Aguenta meia carreira.  
Este cavalo melado  
Fica doído na madeira.  
Este pedrez já foi bom  
Mas já está com gafeira.

Este cavalo rudado  
No limpo corre sem trégua.  
Este cardão barrigudo  
Se parece com a égua.  
Este russo de couro branco  
É um cansado de légua.

Aquí falou o Feitosa:  
Bradando muito zangado:  
Garcia por caridade  
Se faça mais delicado!  
Não difame meus cavalos  
Que todos são bons de gado.

Senhor Feitosa, seus cavalos  
Os bons eu digo quais são,  
Para derrubar no limpo,  
Correr em apartação  
Mas não tem um que agunte  
A carreira do barbatão.

Se o senhor ainda tiver cavalo  
Pode mandar ajuntar  
Que o barbatão Saia Branca  
Minha vontade é pegar  
E o homem do Seridó  
Não promete p'ra faltar.

Meus cavalos bons de fábrica  
O senhor levou-os a trote,  
Cavalos e burros de carga  
Ainda tenho um magote,  
Gritou Feitosa: vão ver  
Agora o resto do lote.

Depois entrou no curral,  
Junto com a bestaria,  
Um cavalo de peito e anca  
Pelos sinais prometia,  
Logo a primeira vista  
Agradou a Zé Garcia.

Zé Garcia rebolou  
O chapéu para tanger,  
O cavalo espantou-se  
Mas veio reconhecer  
Porque cheirou o chapéu  
Dando coragem a atender.

Disse Garcia: já posso  
Garantir ao capitão  
Que este castanho amarelo  
Pega qualquer barbatão  
Mesmo é o melhor cavalo  
Criado neste sertão.

Disse o Feitosa: eu também  
Não digo se é exato  
Porque este cavalo é bravo  
Salta mais do que um gato  
Não é de minha Fazenda,  
É do coronel Cincinato.

Para o dono está perdido;  
Eu digo qual a razão  
Todo vaqueiro tem medo  
De montar este poltrão,  
Quem montar neste cavalo  
Ele sacode no chão.

Nas matas mais temerosas  
O bicho bravo se tranca,  
Se o capitão conceder-me  
Uma licença mais franca  
Eu amanso este cavalo  
E pego Saia Branca.

Se o senhor tem coragem  
De amansar este tourão  
Amanhã pode montar  
Entregue-o na sua mão,  
Porém fique na certeza  
Que seu quengo vai ao chão.

No terreiro de Feitosa  
O povo tinha chegado,  
Às seis horas da manhã  
Tinha um cavalo selado,  
Garcia ia montar  
Já se achava encourado.

No cabresto do cavalo  
Cinco homens sustentavam,  
Quando Garcia montou-se  
Que na cela estribava  
Gritando: larga o cabresto.  
Já o cavalo saltava.

Levantou-se o cavalão  
Saltando com Zé Garcia  
Que o furava de espora  
E com o chicote batia,  
E o rapaz seguro,  
Da sela não se movia.

Zé Garcia pelejou  
Para amansar o cavalo  
Quinze dias de repuxo  
Aguentando grande abalo  
Mas só no fim de um mês  
Acabou de amansá-lo.

O Feitosa perguntou  
Por esta ocasião:  
Senhor Zé Garcia, quando  
Será o dia então  
Que o senhor se dispõe  
A pegar o barbatão?

Precisa mais quinze dias  
Para haver ajuntamento  
Somente enquanto o cavalo  
Descansa e recobra talento  
Deixe estar que Saia Branca  
Eu lhe quebro o encantamento.

Apareceram três homens  
Com inveja e ambição  
Balando contra Zé Garcia  
Dizendo ao capitão  
Que Garcia ia fugir  
Não pegava o barbatão.

Era um Chico Banda Fôrra  
Um tal Manuel Gavião  
E um tal Juvêncio Parnaíba  
Fazendo conspiração  
Que Garcia ia furtar  
O cavalo do capitão.

Feitosa, mal satisfeito,  
Aborrecido dizia:  
Ainda não encontrei  
Uma falta em Zé Garcia,  
Filho de uma família rica,  
Dêle ninguém desconfia.

Vocês têm a certeza  
Que o rapaz é ladrão,  
Banda Fôrra e Parnaíba  
E Manuel Gavião  
Sigam atrás de Garcia  
Na pega do barbatão.

Subiram por uma serra.  
Já iam em toda carreira,  
Desceram por uma fuma  
Passando pela pedreira,  
O boi saltou num riacho  
De cima da cachoeira.

Saltou também o cavalo,  
Causando admiração,  
O sapato de Garcia  
Deixou dois rastos no chão,  
Seguiu mordendo o cavalo  
A anca do barbatão.

Garcia pegou o touro  
Na mão a cauda enrolou,  
Atirou-o de alto a baixo  
Deu um soco e derribou,  
A fama do barbatão  
Neste dia terminou.

Feitosa com o seu povo  
Passaram por Gavião,  
Banda Fôrra e Parnaíba  
Caidos todos no chão  
Seguiram na buaqueira  
Do cavalo e o barbatão.

Quando deram na pedreira  
Disseram: temos demora,  
Por aqui ninguém passa  
Vamos rodear por fora,  
Garcia, passou aqui  
Como uma bala nesta hora.

Depois mediram a distância  
Que o cavalo saltou  
Contaram 40 palmos  
Feitosa se admirou,  
Disse: não tenho cavalo  
Que passe onde esse saltou.

Continuaram no rasto,  
Adiante foi avistado  
Zé Garcia sentado  
Com um cigarro fumando  
O touro já varejado (\*)  
E o cavalo descansando.

Mandaram levar em carga  
A carga do barbatão  
Em casa de Miguel Feitosa  
Cresceu a reunião,  
Foram chamar os cantores  
Beira D'água e Madapolão.

A noite os dois cantores  
Discutiam em cantoria,  
Elogiavam os rapazes,  
A graça da moçaria  
Dando viva ao capitão  
Davam fama a Zé Garcia.

Estavam em cima do sótão  
A Zulmirinha Feitosa  
Se embalando numa rede  
Deitada mais sinforosa  
Que criticavam os rapazes  
Porque eram vaidosas.

(\*) Era a forma antiga de conduzir os bois bravos. Amarrava-se uma vara dum pé para a mão do animal e este só podia mover-se de-vagar.



Sinforosa, tu não viste  
Aquele rapaz barbado  
Que fumava num cachimbo  
Olhando para teu lado?  
Queria te dar um cravo,  
Contigo estava animado.

Zulmirinha, não me fale  
Naquele tipo imoral,  
Aquilo é meu parente  
Mas é sujeito brutal,  
Quer namorar com as moças,  
Dê por visto um animal.

Ele está vestido agora  
De casaca, encoleitado,  
De chapéu de copa alta,  
Calça curta, engravatado,  
De alpercata nos pés,  
E' um papangú descarado.

Aquilo já vem de raça:  
O pai dêle numa eleição,  
Foi vestido de camisa  
E ceroula de algodão,  
Lá só não fêz discurso  
Porque não deram atenção.

Rapaz dêste Piauí  
Não sabe se ajeitar,  
O cabelo cobre as orelhas,  
Passa um ano sem cortar,  
Assim mesmo acanalhado  
Só conversa em se casar.

O povo do Seridó  
Traja bem na fantasia,  
Admirou-se a descência  
Na roupa de Zé Garcia,  
Aquele, sim, é um rapaz  
Que as moças têm simpatia.

Sinforosa, Zé Garcia  
Vive prestando atenção  
Ao livro de Carlos Magno,  
Ele até por distração  
Fala na princesa Angélica  
Como casou com Roldão.

Sinforosa suspirou  
Com a face mais corada,  
Zulmira apertou-lhe a mão  
Dando uma gargalhada,  
E disse: já conheci  
Que estás enamorada.

Chamava ao pé da escada  
Dona Jovita Feitosa:  
Meninas desçam daí  
Acabem com essa prosa,  
Os cantores estão chamando  
Por Zulmira e Sinforosa.

Com pouco as duas moças  
Já brilhavam no salão,  
A cada um dos cantores  
Deram o seu patacão,  
Nos tamboretes da sala  
Foram tomar posição.

A Sinforosa sentou-se  
De frente com Zé Garcia  
E o olhar da donzela  
Somente se dirigia  
P'ra o moço do Seridó,  
Que também correspondia.

Finalmente, no outro dia,  
A Zulmirinha Feitosa  
Foi ao quarto de Garcia  
Junto com Sinforosa  
Tomar um livro emprestado  
Que ensina cena amorosa.

O pessoal do banquete  
Já havia se retirado  
Os velhos donos da casa  
Foram descansar do enfado  
Nessa hora foi Garcia  
Pelas moças revistado.

Garcia dizia às moças:  
Todo meu contentamento  
E' em dona Sinforosa,  
Imagem do meu pensamento  
Aproveitemos a hora  
Ajustemos casamento.

Sinforosa respondeu:  
O senhor é um rapaz famoso,  
Mas para casar comigo  
Eu acho muito custoso,  
Somente porque papai  
É um homem perigoso.

O meu pai governa aqui  
Um batalhão de cangaceiros  
E possui 20 fazendas,  
É orgulhoso em dinheiro,  
Tem um negro que adivinha  
E é macumba feitiçeiro.

O senhor casa comigo  
Visto ser rapaz solteiro  
Se tiver muita coragem,  
Cavalo bom e dinheiro  
Para fugirmos daqui  
E correr um mês inteiro.

Respondeu-lhe Zé Garcia:  
Eu sou homem a toda hora,  
Não tenho medo de nada,  
Quero é saber da senhora  
Se quiser casar comigo  
Vamos do Piauí embora.

Eu tenho muita vontade,  
Lhe digo de coração,  
Quando arrumar os cavalos  
E dinheiro no mantulão,  
Fugiremos do Piauí,  
A bem da nossa união.

Desde aí se combinou  
Que Sinforosa fugia,  
E noivo para Zulmira  
Muito breve aparecia  
Que Zulmirinha se casava  
Com o irmão de Zé Garcia.

Quem tinha cavalo bom,  
Garcia ia comprá-los,  
De 20 em 20 léguas  
Deixava 5 cavalos  
Para o dia em que fugissem  
Ninguém poder mais pegá-los.

Garcia veio ao Seridó,  
Deixou a preparação,  
Fêz uma sociedade  
Com Lourival, seu irmão,  
Subiram ao Piauí  
Comprar gado no sertão.

Os Garcias no Piauí,  
Fizeram logo contrato  
De comprar toda boiada  
Do coronel Cincinato,  
Começou a descer gado  
Vendido muito barato.

A vaqueirama nos campos  
Rebanhavam em movimento  
Se pegando boi de solta  
E fazendo ajuntamento.  
Os Garcias tomando conta  
E fazendo pagamento.

Na fazenda do Feitosa  
Havia apartação,  
Zé Garcia no cavalo  
Que pegou o barbatão  
Deu muita queda no pátio  
Naquela vadiação.

Neste dia combinaram  
Garcia mais Sinforosa,  
O seu irmão Lourival  
Raptar Zulmira Feitosa  
De sábado para domingo  
Fugida bem temerosa.

Sinforosa disse aos Garcias:  
Não tem mais que avisá-los.  
Esperem atrás do curral  
Tudo pronto com os cavalos,  
Eu saio com Zulmirinha  
À primeira voz dos galos.

No ponto estavam os Garcias  
Cantaram os galos na hora  
Sinforosa e Zulmirinha  
À meia noite saíram fora  
Disseram logo aos Garcias:  
Fujamos, vamos embora.

Zé Garcia tomou conta  
Da donzela Sinforosa,  
Lourival pegou na mão  
De Zulmirinha Feitosa  
Disseram adeus ao Piauí  
Terra de moça formosa.

Amanheceu o domingo  
Em casa de Miguel Feitosa  
Não visto os Garcias  
Nem Zulmirinha e Sinforosa,  
Disseram: estão dormindo  
Mocidade preguiçosa.

As nove horas do dia  
Estava o almoço botado  
Foram chamar os Garcias  
O quarto estava fechado,  
Jovita subiu o sótão  
Achou-o desocupado.

Dona Jovita desceu  
Do sótão muito vexada,  
Perguntou: homem "cadê"  
Nossa filhinha estimada  
Zulmirinha foi embora  
Junto com nossa afilhada.

Feitosa tocou o buzo  
Mandou levar um recado  
Ao compadre Cincinato  
Dizendo: fique informado  
Que nossas filhas fugiram.  
Vão em busca de outro Estado.

O coronel Cincinato,  
Distribuiu armamento,  
Armou 40 capangas,  
Marchou logo em seguimento  
Para a casa do Feitosa  
Que era um sanguinolento.

Formou 60 jagunços  
Na casa do capitão  
Para montar a-cavalo  
Com arma e munição,  
Disseram: é uma guerra  
Que vai se dar no sertão.

Disse Chico Banda Fôrra:  
Não creio nesta vantagem.  
Porque o Zé Garcia  
Tem muito plano e coragem  
Eu já sei que este povo  
Vai é perder a viagem.

Eu fui atrás de Garcia  
Na pega do barbatão  
Mais Juvêncio Paraíba  
E Manuel Gavião,  
Garcia quase nos mata  
E não tivemos razão.

O negro do Cincinato  
Fêz mesa de bruxaria;  
Disse: eu acho muito custoso  
Se pegar o Zé Garcia  
Já vão com 23 léguas  
Passando uma travessia.

As duas moças montadas  
Em cavalos de cilão,  
Um negro com uma carga  
De baú e mantulão,  
Sinforosa vai no cavalo  
Que pegou o barbatão.

O sol estava se pondo,  
O crepúsculo ainda fora,  
Os dois chefes se vexaram  
Gritaram — vamos embora  
Os Garcias já vão longe  
Mas eles me pagam agora.

Seguiram em tôda carreira  
Os chefes se adiantaram,  
Alguns montados em jumentos  
Os burros se acuando,  
Aqui, ali, demoravam.  
Uns por outros esperando.

Cincinato e o Feitosa  
Em sua perseguição  
Nas portas onde passavam  
Pediam informação,  
De dois rapazes e duas moças  
Que fugiram do sertão.

Lhe disse a dona da casa:  
Senhor capitão Feitosa,  
Aqui dormiram duas moças,  
Zulmirinha e Sinforosa,  
Deram presentes aos meus filhos  
Já vi que moças formosas.

Passaram no Araripe  
Na casa dum fazendeiro,  
A noite estavam hospedados  
Tiveram melhor roteiro  
Dos rapazes e das moças  
É o negro bagageiro.

Os dois moços se parecem  
Disseram que são irmãos,  
A cada uma criança  
Eles deram um patacão.  
Foram casar no Seridó,  
Depois voltaram para o sertão.

Saíram ontem daqui,  
Quando amanheceu o dia  
As moças mudaram a roupa  
Vestiram a montaria  
Deixaram cinco cavalos  
Por ordem de Zé Garcia.

Disse o coronel Cincinato:  
Levantemos acampamento,  
Devemos a tóda pressa  
Botar logo impedimento  
Senão os Garcias casam  
Nos dão um conhecimento.

Os Garcias em Cajazeiras  
Fizeram logo uma ação  
— Chegaram aos pés do padre  
Despejaram um mantolão  
Que estava cheio de dinheiro  
Voando as notas no chão.

O padre disse: meninos,  
Para que tanto dinheiro?  
Se têm negócio comigo  
Digam o motivo primeiro,  
De onde vêm estas moças  
Fugindo assim tão ligeiro?

Respondeu José Garcia:  
Eu fui com o meu irmão  
Ao Piauí comprar gado  
Que é nossa transação,  
Lá raptamos estas moças  
Da casa dum capitão.

Atrás vem um coronel  
Junto com o capitão  
Afim de nos tomar as filhas  
Nos fazer perseguição,  
Rapaz, por causa de moça  
Em velho passa lição.

Disse o padre: conte comigo,  
Eu ajudo a dar o nó,  
E sigo com os senhores  
No rumo de Caicó.  
Vou fazer os casamentos  
Lá mesmo no Seridó.

Então mudaram os cavalos  
Conforme quis Zé Garcia,  
Selaram outro cavalo  
Do padre da freguesia,  
Seguiram com o vigário  
Cresceu mais a companhia.

Os jagunços do Feitosa  
E o coronel Cincinato  
Ficaram em Morro Dourado  
Escondidos pelo mato  
Com receio de trezentos  
Capangas do Viriato.

Cincinato e o Feitosa  
Passaram por Mangabeiras  
Já vinham sem os jagunços  
Chegaram em nossas ribeiras  
Perguntando pelo padre  
Da cidade de Cajazeiras.

Disseram que o vigário  
Tinha saído há 8 dias  
Em viagem ao Seridó  
Curar outras freguesias  
Para fazer casamento  
Na família dos Garcias.

Os dois chefes do Piauí  
Perderam a valentia!  
Quando chegaram à fazenda  
Do tenente João Garcia  
Pois encontraram as filhas  
Já casadas nesse dia.

Sinforosa mais Zulmira  
Trajaram véu e capelas,  
Todo povo contemplava  
A beleza das donzelas,  
Seus noivos permaneciam  
Assentados junto delas.

Cincinato e Feitosa  
Quando entraram no salão  
As noivas ajoelharam-se  
Para tomar a benção,  
Os velhos abençoaram  
As filhas de coração.

O Cincinato e o Feitosa  
Falaram amigavelmente,  
Abraçaram seus dois genros  
De acôrdo com o tenente,  
Disseram: nossas filhinhas  
Casaram-se decentemente.

Estava um rapaz louro  
Poeta novo e letrado,  
Com uma viola de duas bôcas  
A cantar discurso rimado,  
Era Hugulino do Sabogi  
Felicitando o noivado.

Figuraram nesta festa  
Três oficiais de patente:  
O coronel Cincinato,  
O capitão e o tenente,  
Continuava o banquete  
Naquele salão decente.

Zulmirinha e Sinforosa  
Depois da festa acabada  
Cada uma tomou posse  
De sua casa arrumada  
Vizinha uma da outra  
Na aliança acostumada.

Feitosa e Cincinato  
Depois de descansados  
Em casa de suas filhas  
Estavam determinados  
Regressar ao Piauí  
Alegres e consolados.

O coronel Cincinato  
E o capitão Feitosa  
Mandaram a grande herança  
De Zulmirinha e Sinforosa  
Continuou dos Garcias  
A família numerosa.

Num bebedouro de animais  
Se achava José Garcia  
Trepado numa Oiticica  
Duma ramagem sombria  
Metido por entre as fôlhas  
Que debaixo ninguém via.

A filha do Militão  
Chegou com um debochado,  
Debaixo da Oiticica  
Se sentaram sem cuidado  
Sem saber que Zé Garcia  
Em cima estava trepado.

Disse Francisca Rangel:  
Joaquim, tenha sentimento,  
Estou engordando à força,  
Meu bucho em crescimento  
Se papai souber se zanga,  
Me peça em casamento.

Tu tens que casar comigo  
Sabes que sou tua prima  
Levantei falso a Zé Garcia  
Mas tu não me estima  
Quem sabe que estou grávida  
E' aquele que está lá em cima

Vagabundo sem vergonha  
— Aqui gritou Zé Garcia —  
Eu não sei de tuas misérias  
Que há tempos escondias,  
Vou descarar teu pai  
Com tua patifaria.

Fugiu Francisca Rangel  
Em busca duma camarada,  
Chegando no Caicó  
Ficou de casa alugada  
E o Militão foi preso  
Porque fez muita zoadá.

Então correu a notícia  
Que Garcia raptou  
Uma moça no Piauí,  
Grande perigo passou  
Chegando no Seridó  
A tôda pressa casou.

O seu irmão Lourival  
Conduziu na mesma emprêsa  
Uma filha dos Feitosas  
Admirava a riqueza  
Dessas moças que encheram  
O Seridó de beleza.

O Militão cangaceiro  
Que já era intrigado  
Sabendo que Zé Garcia  
Agora estava casado  
Garantiu que ia matá-lo  
Conforme tinha jurado.

Dizia o Militão  
Pois o tenente Garcia  
Quer ser melhor do que eu  
Em riqueza e fidalguia  
Mas eu sou um cangaceiro  
Respeitado em valentia.

Eu posso bater nos peitos  
Que sou cangaceiro honrado  
Não me lembro mais da conta  
Das surras que tenho dado  
Em branco dos olhos azues  
Em meus pés ajoelhado.

Eu vou fazer tal barulho  
Corre o povo, a noiva chora  
Só mato o Zé Garcia  
De chicote e palmatória,  
Me monto no tenente  
Rasgo-lhe o bucho de espora.

Depois eu lhe queimo a casa  
Toco fogo em algodão  
O Garcia que escapar  
Fique com esta lição  
Nunca mais enjeitará  
Outra filha do Militão.

As cinco horas da manhã  
Quando amanhecia o dia  
Chegava um cavaleiro  
Para o tenente Garcia  
Prevenir a sua casa  
Porque de nada sabia.

Senhor tenente Garcia  
Só venho lhe avisar,  
— Assim disse o cavaleiro —  
Militão vem lhe matar,  
Está juntando capangas  
Para vir lhe atacar.

Vem queimar a sua casa  
Com paiol de algodão  
Acabar com os Garcias  
E tôda sua tenção  
O senhor não facilite  
Com o cabra Militão.

Então disse Zé Garcia:  
Meu pai me entregue a questão  
Que à noite eu vou cercar  
A casa do Militão  
Ele tem que vir nas cordas  
Porque é um valentão.

Às 8 horas da noite  
Galopava Zé Garcia  
Com nove homens a-cavalo  
Armados a fuzilaria  
Encontraram o Militão  
Descuidado sem espia.

Quando ocultaram os cavalos  
Foram se aproximando  
Viram o grupo de bandidos  
No terreiro vadiando,  
Os bacamartes encostados  
E uma viola tocando.

Uma descarga cerrada  
Os bandidos receberam  
Gritaram, chegou a tropa  
Deixaram as armas, correram  
Seguíram em busca da serra  
Nas grutas se esconderam.

Militão não quis correr  
Já ferido na mão,  
José Garcia pegou-o  
Bateu com ele no chão  
Gritando: as cordas,  
Amarrem este ladrão.

O Militão quando viu-se  
Preso pelo intrigado  
Ainda quis estribuchar  
Mas já estava amarrado  
Garcia deu-lhe uma surra  
Ficou ele acomodado.

Garcia disse: crimínosa  
Tu querias me dar fim  
Tua filha é pareceira  
Do cangaceiro Joaquim  
Eu não ia misturar-me  
Numa canalha tão ruim.

Vou dar-te por despedida  
Mais uma surra de peia  
Te despede da cachaça  
E roubo das casas alheias  
Diz adeus ao sertão  
Has de morrer na cadeia.

Com dois anos Zé Garcia  
Tomou resolução  
De subir ao Piauí  
Com Lourival seu irmão  
Para visitar os sogros  
Nessa mesma ocasião.

Sinforosa e Zulmirinha  
Se abraçaram de contente  
Porque iam ver seus pais  
Visitar a sua gente  
Na terra em que nasceram  
Para o lado do poente.

Partiu então Zé Garcia  
Com seu acompanhamento  
Chegando em Cajazeiras  
Já tinham conhecimento  
Dormiram em casa do padre  
Que fez o seu casamento.

Eram dez do mês de junho,  
Havia leite e coalhada,  
De manhã tomaram café  
Então veio a cavalgada  
Preparou-se a montaria  
Para seguir a jornada.

Se despediram do padre  
Com abraço e apêto de mão  
Seguíram em largo trote  
Garcia disse a seu irmão  
Vamos gozar no Piauí  
Uma noite de São João.

Avançaram até chegar  
No ponto mais desejado  
Nas margens do Parnaíba  
Onde se cria mais gado  
Pegaram Manuel Feitosa  
Em casa bem descuidado.

A chegada dos Garcias  
Foi uma recepção  
Continuou o banquete  
Até noite de São João,  
Cincinato e Feitosa  
Gozando a satisfação.

Quando entrou o mês de julho  
Foram rebanhar gado  
Escolhendo boi de era  
E ficando encurralado  
E os Garcias comprando  
Pois estavam acostumados.

Lourival e Zulmirinha  
Ficaram com Miguel Fietosa  
Em casa de Cincinato  
Ficou dona Sinforosa  
José Garcia desceu  
Com uma boiada volumosa.



José Garcia baixou  
Com seu gado pela estrada,  
Chegando em *Campina Grande*  
Vendeu a sua boiada,  
Voltou para o Piauí  
Ver sua espôsa estimada.

Zé Garcia ia passando  
Num esquisito arriscado  
Saíram três cangaceiros  
O moço estava emboscado  
O Garcia estava só  
Agora ia ser roubado.

Ou dinheiro ou a vida  
Abra logo o matulão  
Acrescentou um bandido  
A minha opinião  
É que se matarmos êle  
Não teremos perseguição.

Zé Garcia respondeu:  
Não faça história comprida,  
Vou entregar o dinheiro  
Mas não roubem minha vida,  
Disseram êles: você morre,  
Matá-lo é nossa medida.

José Garcia inda disse:  
Pois visto eu ser um cristão,  
Eu quero me confessar  
Me ouçam de confissão  
E perdôe-me pecados  
Conforme a religião.

Um cangaceiro inxerido  
Disse: então podes rezar,  
Eu posso servir de padre  
Só para lhe confessar  
Vamos, diga seus pecados  
Que eu os sei perdoar.

Garcia disse: aquí não,  
Me confesse ali no mato,  
Pecado alheio tem segrêdo  
Visto a fineza do ato  
— Vamos que serei o padre  
Confesso muito barato.

Garcia disse ao ladrão:  
Aqui vamos concordar,  
Eu lhe dou 60 contos  
Você vai negociar,  
Matamos aqueles sujeitos  
Que eu só quero é escapar.

Você com 60 contos  
Para viver tem dinheiro  
Vai ser um negociante  
Até no Rio de Janeiro  
Melhor ser um homem rico  
Do que ser um cangaceiro.

Disse o bandido: está certo:  
E voltou emparelhado  
O ladrão sempre dizendo:  
O homem está confessado,  
Ouviu-se logo dois tiros,  
Cada um foi fuzilado.

Então disse Zé Garcia,  
Ouça outra confissão:  
Eu tinha três inimigos,  
Dois estão mortos no chão,  
Agora só falta um.  
Segure o punhal na mão.

O cangaceiro gritou:  
Você quis me enganar,  
Zé Garcia respondeu-lhe:  
Eu não vivo de matar,  
Quando a sorte me obriga  
Eu luto para escapar.

Se travaram nos punhais  
Combate muito ligeiro,  
Zé Garcia apunhalou  
Os braços do cangaceiro  
Ainda lhe disse: ladrão,  
Tu não me tomas mais *dinheiro*.

Botou-lhe o pé no pescoço,  
O bandido não fez ação  
Disse eu estou acostumado  
Assinalar barbatão,  
Vou deixar o meu sinal  
Nas orelhas dêste ladrão.

Garcia montou o cavalo  
Continuou galopando,  
Deixou no meio da estrada  
Um roubador praguejando  
Com dois cadáveres de lado  
Os urubús festejando.

E depois do mês de S. João  
Garcia fez despedida  
Voltando ao Piauí  
Com sua esposa querida,  
Lourival e Zulmirinha.  
Houve choro na partida.

E depois um aleijado  
De porta em porta pedia  
Quem lhe desse uma esmola

Admirado dizia:  
As suas orelhas têm  
O sinal de Zé Garcia.

Responde o ex-cangaceiro:  
Eu mesmo fui o culpado,  
Nas matas do Ceará  
Zé Garcia foi cercado  
Morreram meus companheiros  
Eu escapei aleijado.

Continuou Zé Garcia  
Em S. João do Sabugi,  
De ano em ano visitava  
Os campos do Piauí  
Como topador de touro  
Outra igual não tinha ali.

---

## A Criação do Mundo

Não me foi possível identificar o autor desta sátira curiosa.  
O autor ironiza a Bíblia por não se contentar com a explicação  
doutrinária.

A lógica sertaneja aqui se expande, com humor e agudeza  
habituais.

Fui ver se escutava a forma  
Como foi a criação  
Quase pude conseguir  
Como ela foi então  
Faltou-me achar a parteira  
Que pegou o velho Adão.

Antes de nada existir  
Cousa alguma não havia  
Nem céu, nem terra, nem mar,  
Nem luz, nem ar existia  
Mas nos diz a escritura  
Deus sôbre as águas vivia.

Aqui faço reticência  
Nada valeu o estudo  
Quem fôr pensar neste dogma  
É capaz de ficar surdo  
Porque se existia água,  
Assim não faltava tudo.

Porque nos diz a história  
Céu e terra não havia  
A mesma história confirma

Que Deus nas águas existia  
Porém não diz onde era  
As águas onde vivia.

Creio que Deus um dia disse  
Vou fazer a criação  
Mas o céu já era feito  
Pois era a sua habitação  
Deus não morava nas águas  
Que não era tubarão.

Deus fez a terra e o mar  
Mandou que a terra criasse  
O gênero da animaria  
Que sôbre ela pisasse  
E o mar criasse peixe  
Que em suas ondas nadasse.

Depois que a terra enxugou  
Ele fez uma olaria  
Fez o diabo e o homem  
Sendo Adão da parte fria  
Fez o diabo da quente  
Que o fogo lhe competia.

Disse o diabo ao senhor  
Com isso não vos ataco  
Vossa obra está aqui  
Deixa-me dando o cavaco.  
Fizeste a mim e ao homem  
Mas ainda falta ao macaco

O Senhor disse ao Diabo:  
Não entre nos meus assuntos  
Está vexado <sup>(1)</sup> por macacos  
Espere que faça muitos  
Visto você está vexado  
Então o faremos juntos.

O diabo aí ficou  
Que só quem está em ressaca  
Disse entrando ali:

Aquela obra sai fraca. . .  
Pegou atropelar Deus.  
Lá fizeram uma macaca!

Deus disse: eu bem não queria  
Que tu não metesse a mão  
Disse o diabo: é verdade,  
Erramos porém então  
Chama-se a bichinha Eva  
Pode casar com Adão.

Eis a principal história  
Porque foi tudo dirigido,  
A mulher veio do macaco  
Do barro veio o marido  
O que não pensar assim  
Saiba que está iludido.

---

### Sertão d'Inverno

Antônio Batista Guedes em seu poema matuto "A Vida Sertaneja" evoca o sertão florido e acolhedor das chuvas e das colheitas. É um aspecto raro e o conhecido improvisador popular tinha autoridade para narrar a vida e os trabalhos dessa fase efêmera de alegria. A naturalidade do desenho supre a deficiência de rigores que seriam inoportunos num depoimento verídico.

Quando o inverno é constante  
o sertão é terra santa;  
quem vive da agricultura  
tem muito tudo que planta.  
Há fartura e boa safra,  
todo pobre pinta a manta. . .

Dá milho, feijão,  
tem fruta, tem cana,  
melão e banana,  
arroz, algodão,  
as melancias dão  
tantas como areia,  
o gerimum campeia,  
nas roças faz lodo. . .  
Vive o povo todo  
de barriga cheia!

Quando finda o mês das festas,  
e entra o mês de janeiro,

quem tem roçado, destoca  
e encoivara, ligeiro,  
cada um quer ter a glória  
de ouvir o trovão primeiro.

Com o inverno se alegra  
na mata o bravo veado;  
Nas locas o caitetú  
fica todo arrepiado;  
salta o mocó no serrote  
quando vê o chão molhado. . .

Com vinte dias de chuva,  
logo após a Vaquejada,  
chega a fartura do leite,  
manteiga, queijo e coalhada!  
No tempo da Apartação  
isto é que é festa falada! . . .

---

(1) Vexado, apressado.

E' sim um festão  
de muito desejo  
para o sertanejo  
uma Apartação.  
Os vaqueiros vão  
Gado derribar  
Cada um tirar  
P'rias suas ribeiras...  
Famílias inteiras  
Vão a festa olhar.

Se pega a chuva em janeiro,  
Faz o povo a plantação;  
Em fevereiro e em março  
Quatro ou cinco *limpas* dão;  
De vinte de abril em diante  
Já comem milho e feijão...

Chega a abundância,  
Reína a alegria,  
Passa a carestia,  
Passa a circunstância,  
Com exuberância  
A lavoura duplica  
E uma vida rica  
Passa o sertanejo:  
Carne gorda e queijo  
Pamonha e cangica...

E então no mês de julho  
O sol já fica mais quente,

Caem as fôlhas dos paus,  
Seca o verde de repente,  
E' mês de pouco trabalho:  
Folga quase tôda a gente...

A rapaziada,  
quase todo día,  
usa pescaria  
e muita caçada;  
Vida bem folgada  
Todo mundo passa,  
de mel e de caça  
Fazem seu vintém,  
Trajam, passam bem,  
Não choram desgraça...

Nisso, entra o mês de agosto  
E aí começa o verão:  
Entra-se em *quebra* de milho,  
Bate-se e guarda o feijão,  
Desmancha-se, então, a cana,  
Descaroça-se o algodão.

Quando a safra é boa  
e o cobre se pega,  
ninguém mais sossega  
no sertão inteiro,  
samba é balseiro,  
bebedeira e jôgo,  
por causa do fogo  
que dá o dinheiro!...

---

## Resumo Biográfico dos Cantadores

Na França, Bélgica e Alemanha há uma literatura sonora, festejando os "troubadours", os "trouvères", os "jongleurs", os "minnesinger", os "meistersänger", músicos humildes e cantores tradicionais quando a nação amanhcia. Musicalmente, quanta pobreza, quanta simplicidade, naquelas notas respeitosas ao canto-chão religioso... E os versos? A indecisão, a rusticidade, a bruteza, não foram as melhores esperanças do idioma vivo e do espírito que nascia?

Em que seriam melhores e maiores que os nossos cantadores? Até poucos anos não vivia o sertão na Idade-Média convulsa e lírica? Esses cantadores analfabetos não competiriam com seus companheiros de séculos? Inácio da Catingueira não sabia ler. Um dos maiores cantores da Alemanha aristocrática e feudal, Ulric de Lichtenstein, recebeu uma carta da namorada e, durante dez dias, não soube o que lhe mandavam dizer porque o secretário estava ausente e o poeta fidalgo, armado cavaleiro em 1223, não sabia ler... Mas deixou mais de vinte mil versos.

Tantos livros saíram revivendo suas lutas, narrando vidas, transcrevendo poemas, traduzindo a língua bárbara e áspera e vertendo para a notação musical, compreensível, seus pontos quadrados e losângulos intuitivamente melódicos?... Por que não salvar do esquecimento o que resta das vidas selvagens e heróicas dos cantadores do tempo em que vintém era dinheiro?

Esses resumos biográficos, tirados dos livros de Francisco das Chagas Batista ("Cantadores e Poetas Populares", Paraíba, 1929), Leonardo Mota ("Cantadores", Rio de Janeiro, 1921, "Violeiros do Norte", S. Paulo, 1925) Rodrigues de Carvalho ("Cancioneiro do Norte", segunda edição, Paraíba, 1928) e notas pessoais, trarão um pequenino material para estudos que forçosamente aparecerão.

Sirva de epitáfio a confiança de Serrador (João Faustino):

Nasceu: padeceu, morreu...  
Sepultou-se: a terra come...  
Isto é certo acontecer,  
Seja muié, seja home,  
Mas Serrador deixa a fama,  
Sempre se fala no nome!...

*HUGOLINO NUNES DA COSTA*, Gulino do Teixeira, 1832-1895. Com 18 anos de idade fugiu de casa, vivendo de cantar e escrever versos. Acompanhou uma família para o Rio Grande do Norte onde ficou conhecido. Inteligente e curioso, com espantosa memória, sabia de-cor a "ciência popular", história sagrada, Lunário Perpétuo, dicionário da Fábula, rudimentos de geografia física e política, Carlos Magno e os Doze Pares de França. Ninguém o enfrentou para não ser vencido. Era homem branco, alto, de maneiras polidas e muito bem recebido onde estava. As melhores famílias sertanejas hospedavam Hugolino como se fôsse um príncipe. Nos últimos anos de vida ninguém se queria bater com ele, certo da derrota. Quando chegava nas festas de Cantoria o cantador "emborcava" a viola numa humilde homenagem ao mestre indiscutível. O cantador Ferino de Góis Jurema, numa viagem em que venceu dezenas de cantadores, encontrou-se, casualmente, no sertão do Sabugí, com Hugolino, e assim, numa carta em versos para Francisco Romano, registou o encontro:

No sertão do Sabugí  
Encontrei mestre Hugolino;  
Embiquei o meu chapéu,  
E fui logo me escapulino  
Antes qu'ele me dissesse:  
Espera, vem cá, Ferino!...

Os versos de Hugolino estavam conservados num volumoso caderno, emprestado a Germano da Lagôa. Num incêndio em casa dêste, perdeu-se o original. O que existe é uma percentagem mínima e, em sua maioria, suspeita. Residia na vila de Santa Luzia do Sabugí, Paraíba.

**BERNARDO NOGUEIRA**, 1832-1895. Violeiro afamado, repentista, invencido, mestre d'armas sertanejo, jogando bem espada e cacete, era mais inteligente que letrado. Esteve preso na cadeia de Campina Grande, Paraíba, por ter, com dois primos, retomado um parente que fugira. Houve resistência e luta e Bernardo feriu gravemente, ou matou, um dos adversários. Processado, fugiu para o sul de Pernambuco e dali para os brejos paraibanos onde foi preso. Da cadeia de Campina Grande saiu em 1875 quando no ataque que a ela fizeram Neco de Barros e Galdino Grande, para libertar o pai de Neco e um irmão de Galdino que estavam recolhidos. Vencido o "destacamento de polícia", os prisioneiros evadiram-se e Bernardo andou escondido, cantando em casas de confiança, até que o crime ficou prescrito.

Sua fama pertence ao ciclo dos grandes cantadores. Ficou célebre seu combate poético com Preto Limão que não resistiu. O desafio de Nogueira com Preto Limão é um dos episódios mais citados no fabulário do nordeste. Nicandro Nunes da Costa, seu amigo íntimo, assistiu-lhe os últimos momentos e, minutos antes de morrer, trocaram sextilhas, comentando a supremacia da Religião Católica sobre as demais e o moribundo ainda recordou seu crime. No desafio de Carneiro com Romano este, vitorioso, lembrava ao vencido que o elogiava:

Senhor Carnero se admira  
De ouvir o meu cantar,  
Que diria si ouvisse  
Sabino pra martelar,  
Virgínio na Escritura  
E Nogueira pra glosar?...

Nicandro Nunes da Costa espalhou pelo sertão uma glosa sobre o mote:

Acabou-se a poesia  
Porque morreu o Nogueira.  
Meu extro em melancolia  
Para o túmulo navega  
Porque morreu meu colega,  
Acabou-se a poesia.

Minh'alma sem alegria  
Vê em São José e Teixeira,  
Afogados de Ingazeira,  
O sertanejo e o matuto  
Todos cobertos de luto  
Porque morreu o Nogueira!

Faleceu êle na povoação de Cangalhas, nas raías de Cariri com Pajeú. De não menor fama foi o desafio entre Nogueira e o cantor pernambucano Manuel Leopoldino Serrador, debatendo a superioridade entre o sertanejo e o matuto (homens do brejo), saindo Nogueira vencedor.

**FRANCISCO ROMANO**, Caluête, 1840-1891, é o mesmo Romano da Mãe d'Água, porque nascera e residia no Saco da Mãe d'Água, no município de Teixeira, Paraíba. Era irmão do cangaceiro-cantador Veríssimo do Teixeira e pai de Josué Romano, cantador famosíssimo. Chamavam-no também Romano do Teixeira, o Grande Romano. Foi o mais célebre cantador do seu tempo, informa Francisco das Chagas Batista, autoridade le-

gítima no assunto. Ficaram memoráveis nos fastos da cantoria o desafio de Romano com Manuel Carneiro, em Pindoba, Pernambuco, e o combate com Inácio da Catingueira, no mercado-público de Patos, Paraíba, e que durou oito dias, segundo Rodrigues de Carvalho. Faleceu a 1.º de março de 1891, repentinamente, trabalhando no seu roçado num domingo.

Num embate de Josué Romano com Manuel Serrador, o filho do cantador afamado assim apregoeou as glórias paternas:

Eu me chamo Josué,  
Filho do grande Romano,  
O cantador mais temido  
Que houve no gênero humano:  
Tinha a ciência da abelha,  
Tinha a força do oceano!...

Romano conhecia as ciências-populares e delas tirava efeito seguro. Seus versos estão deturpados e dissolvidos nas "gestas" de outros cantadores. Raros serão os verdadeiros, entre os muitos apontados como autênticos pela tradição.

Um episódio curioso de sua vida foi a visita que fez ao irmão Veríssimo na cadeia de Teixeira. Veríssimo era cangaceiro da quadrilha de Viriato. Condenado a sete anos de prisão, passou-os tocando viola e cantando desafio com êle mesmo. Romano foi visitá-lo e o comandante do destacamento, sertanejo autêntico, permitiu um encontro dos dois, de viola em punho, dentro da cadeia. E cantaram juntos, como se estivessem num pátio de fazenda, em noite de lua, sob aplausos. O sr. Gustavo Barroso escreveu uma página, deliciosa de evocação e justiça, sobre este tema. ("Heróis e Bandidos", p. 198-199. Rio, 1917).

*INÁCIO DA CATINGUEIRA*, negro escravo do fazendeiro Manuel Luiz. Cantador lendário e citado orgulhosamente por todos os improvisadores do sertão. Seus dotes de espírito, a rapidez fulminante das respostas, a graça dos remosques, a fertilidade dos recursos poéticos, a espantosa resistência vocal, ficaram celebrados perpetuamente. Sendo negro e analfabeto, não trepidou enfrentar os maiores cantores de seu tempo, debatendo-se heroicamente e vencendo quase todos. Foi o único homem que conseguiu derrotar Romano da Mãe d'Água, depois de cantarem juntos oito dias em Patos, luta que é a página mais falada nos anais da cantoria sertaneja.

Leonardo Mota dá uma nota sobre Inácio:

Formidável negro êsse Inácio da Catingueira! A que alturas não teria êle ascendido na sociedade brasileira, como Patrocínio e Cruz e Souza, se não fôra a fatalidade da sua condição de escravo e outro tivesse sido o palco da atuação de seu gigantesco espírito! Dêle se pode repetir o que Emílio de Menezes disse de Patrocínio:

Negro feito da essência da brancura,  
Sóis porejava pela pele escura...

No inventário dos bens deixados por seu primitivo senhor, Catingueira era arrolado com um preço equivalente ao triplo do



de qualquer dos demais escravos, o que deixa avaliar a alta e merecida conta em que era tido. Falecido em 1879, não foi sepultado na fazenda, como o eram todos os cativos: o cadáver do grande cantador negro foi transportado, em rede, para o cemitério da povoação de Teixeira e aí o inumaram, num pleito póstumo de piedade e carinho.

LEONARDO MOTA — "Violeiros do Norte", p. 92. S. Paulo, 1925.

Francisco das Chagas Batista diz que Manuel Luiz deu carta de alforria ao seu escravo, constituindo êle seu maior e justo desvanecimento. Note-se, para documento dos costumes de outrora, que o escravo nunca encontrou proibição da parte de seu senhor para deixar Catingueira por longos meses, ir para onde quisesse e guardar para si os frutos das cantorias rendosas.

Os versos de Inácio de Catingueira são curiosos, entre outros aspectos, como material de crítica social ao estado do Negro no alto sertão do século XIX. Sua pele era o maior argumento de ataque e de defesa. Todos os adversários, fatalmente, aludiam a escuridão do cantador e nem porisso levaram a melhor parte nos desafios.

O grande negro nasceu no dia de santo Inácio de Loiola, 31 de julho, na fazenda e povoação de Catingueira, perto de Teixeira, ribeira do Piancó, Paraíba, e faleceu aí, sexagenário, em fins de 1879. Deixou filhos, entre êles João Catingueira, que ouvi cantar na residência do dr. Samuel Hardmann, em Recife. Por êle soube que o pai era alto, sêco, espigado e tinha voz extremamente aguda.

O desafio com Romano foi em 1870. Francisco das Chagas Batista (p. 66) informa: "Inácio da Catingueira, era analfabeto, nasceu cativo; o seu senhor, o fazendeiro Manuel Luiz, vendo o seu talento poético, deu-lhe a carta de alforria". Rodrigues de Carvalho (p. 332), citando uma carta do historiador Irineu Jofili, afirma que Inácio "era escravo e morreu nesta condição". Em 1903 o Bispo de Paraíba, D. Adauto, mandou batizar a mãe de Inácio da Catingueira, velha de 113 anos, africana, morando no lugar Jucá, antiga Catingueira, na paróquia de Piancó.

Em qualquer estado, sabe-se que Inácio da Catingueira foi o maior cantador negro de todo sertão nordestino.

**MANUEL CABECEIRA, 1845-1914.** Era do Rio Grande do Norte. Era baixo, vermelho, *rosalgar*, diz o sertanejo, atlético, jogando bem espada, faca e cacete. Vivia nas feiras, vendendo fumo ou aceitando desafios à viola. Meteu-se em várias brigas e desarmou dezenas de valentes. Sua agilidade salvou-o da morte e da prisão. Irineu Jofili assistiu Cabeceira dar um assalto de espada no mercado público de Mamanguape e gaba-lhe a destreza. Chama-o talentoso e improvisador de mérito.

Saindo do Rio Grande do Norte em 1870 veio residir no município de Bananeiras, Paraíba, daí viajando para mercadejar ou cantar. Sabia ler. Sua força física era aproveitada pelos capitães-de-mato para a prisão de negros-fugidos. Em queda-de-corpo era invencível. Cantava facilmente e não primava pela polidez na linguagem. Em 1908, Francisco das Chagas Batista ouviu-o cantar em Serrania, improvisando sextilhas com espontânea graça e ferina oportunidade. Rodrigues de Carvalho regista uns versos duma luta de Cabeceira com o Diabo.

**SILVINO PIRAUÁ LIMA**, 1848-1913. Nasceu em Patos e morreu em Bezerros, Pernambuco. Tocador de viola, popularizou o romance em versos. Os cantadores já não recordavam os velhos romances e o gênero morrera inteiramente. Escreveu e publicou "O capitão de Navio", "As três moças que queriam casar com um moço só", (<sup>1</sup>) que ouvi cantado por João Catingueira, "Zezinho e Mariquinha", "A vingança do sultão", etc, muito cantados pelo sertão inteiro.

Foi o "discípulo amado" de Francisco Romano, o Romano da Mãe d'Água. O filho deste, Josué Romano, durante anos seguiu Pirauá Lima nas peregrinações, cantando pelas feiras, festas e convites. Em 1898, durante a seca, emigrou para Recife onde ficou. Aí encontrou José Duda, Antônio Batista Guedes e outros cantadores e com eles reanimou a cantoria em tôdas as regiões de fácil acesso.

Muito pobre, quando a mulher morreu, Silvino Pirauá foi cantar para arranjar dinheiro para o entêrrão. Depois de Romano do Teixeira, é para muitos, o maior cantador do nordeste. Nunca foi vencido. Sua morte mereceu glosas saudosas de inúmeros cantadores.

**JOAQUIM FRANCISCO DE SANTANA**, 1877-1917. Nasceu em Camutanga, Pernambuco e aí faleceu. Era negro, forte e cantador valioso, inspirado e de respostas felizes. Uma das tradições sertanejas é que Joaquim Francisco se bateu com o Diabo num desafio e o venceu cantando o "Ofício de Nossa Senhora". De sua luta com Antônio da Cruz, o sr. Gustavo Barroso recolheu alguns "martelos" no "Ao Som da Viola" (p. 570. Rio, 1921).

**FIRINO DE GÓIS JUREMA**. Pelas informações do octogenário Manuel Romualdo da Costa Mandurí a Leonardo Mota era um *pardo* velho, quase cego, natural da freguesia de Santa Maria Madalena. É a padroeira do Teixeira. Paraíba. Foi um dos cantadores popularizados, especialmente na Paraíba e Rio Grande do Norte, onde fez várias viagens, batendo-se com poetas falados. Amigo de Francisco Romano, para este escreveu longa carta em sextilhas, narrando suas vitórias nos diversos desafios em que se empenhara: —

Quero te contar, Romano,  
O que me tem sucedido,  
Lugares que tenho andado  
Famas que tenho vencido,  
A trôco dum "Deus lhe pague"  
Já vi meu tempo perdido...

Cheguei em Campina Grande,  
Encontrei um Zé Limeira:  
Toquei-lhe fogo na lima,  
Só ficou a butaqueira.  
O resultado foi este:  
Quase que se acaba a feita.

Também em Campina Grande  
Encontrei o tal Rozeno,  
Lavrei-o todo de enxó,  
Não lhe deixei um empeno  
E lhe disse: — camarada,  
Não tiro regra por meno...

Cheguei em Alagôa Nova,  
Encontrei José Medonho,  
Vinha fazendo milagre  
(Parecia santo Antônio)  
Rezei-lhe um "credo" às avessas  
Ficou chamado "demônho".

(<sup>1</sup>) Informação de Francisco das Chagas Batista.

Fui a Lagôa da Roça,  
Peguei-lhe com João Carneiro,  
Êste eu serrei-lhe as pontas,  
Não voltou mais ao chiquinho,  
Ficou dizendo: — Êsse nêgo  
E' um lôbo carniceiro.

Cheguei em Lagôa Nova,  
Peguei Pedro Passarinho,  
Cortei-lhe o bico e as asas  
Deixei-o sem canhão no ninho,  
Tomei os beco das rua,  
Fiquei cantando sozinho.

Cheguei na Bôa Esperança,  
Encontrei o Campo Alegre,  
Êsse me disse: — Seu mal  
Estou com mêdo que me pegue,  
Se você já vem mordido,  
Por caridade não negue. . .

Na lagôa do Remígio,  
Me encontrei com Labareda,  
Êsse, quando me viu, disse,  
Que era da família Almêda,  
Vinha aspro que nem ralo,  
Ficou macio que só sêda.

Chegando no Sabugí,  
Encontrei mestre Hugolino;  
Embiquei o meu chapéu,  
Fui logo me escapulino,  
Antes qu'êle me dissesse:  
Espera, vem cá, Firino.

E fui nesta mesma noite  
Ao Bezerra do Caldeirão,  
Êste, logo que me viu,  
Arrancou sem direção.  
Chapéu, roupa e alpragata,  
Ficaram no matulão.

No Brejo me encontrei  
Com o tal de Batateira,  
Soltei-lhe os pés de banda,  
Deixei-lhe o lerão na poeira,  
Botei a rama pró gado  
E tomei conta da feira.

Cheguei em Alagôa Grande,  
Encontrei o Corre-Mundo  
Botando serras abaixo,  
Tapando riacho fundo;  
Meti-lhe a derrota em cima,  
Só o deixei moribundo.

No mesmo ponto encontrei,  
O tal Pedro Belarmino,  
Meti-o num cipoal,  
Qu'êle quase perde a tino,  
Quando foi pra amanhecer,  
Chorava que só menino.

Cheguei em Brejo d'Areia,  
Encontrei Vicente Guia,  
Era um soldado de linha,  
Tropa de Cavalaria;  
Passei-o pra retaguarda,  
Qu'era o qu'êle não queria!

Fui chegando em A'gua Doce,  
Encontrei Manué Fulô,  
Coitadinho! Só sabia  
De cantiguinhas de amô. . .  
Eu não agravei a êle  
E nem êle me agravou.

Faltou-me um palmo de gato  
Pra cantar com Bilinguim,  
Quando passei no Salgado,  
A casa dêle era assim. . .  
Porém eu não fui a êle  
E nem êle veio a mim.

Êsse roteiro de vitórias indica igualmente a abundância dos cantadores, cada qual tendo sua morada que lhe cumpre defender do cantor estranho. Firino de Góis Jurema faleceu nos primeiros anos do século XX.

*RIO PRETO*, negro macromélico, agigantado, lascivo e ágil como uma onça. Durante muitos anos foi o terror na ribeira do Rio do Peixe, na Paraíba, matando, violentando, incendiando e depredando. Tocava viola e gostava de cantar desafio. Seus antagonistas, logo que identificavam o cangaceiro, fugiam espavoridos, dizendo se terem batido com o pró-

prio Satanaz. Rio Preto chefiava um grupo cujo sinal de reconhecimento e de animação era o zurro do jumento. Em meio do tiroteio ouvia-se Rio Preto rinchando alegremente. Preso, fugiu da cadeia de Teixeira e começou a vida de crimes. Matou um fazendeiro, Francisco Leite, e violentou a viúva. Os órfãos, Antônio e José Leite, com 15 e 16 anos respectivamente, puseram-se no encalço do bandido e o mataram a tiros de clavinote, numa madrugada clara.

Rio Preto cantava bem e teve abecedários e romances registrando sua vida.

No dia sete de setembro  
Foi Rio Preto cercado  
Por dez praças de polícia  
E o sub-delegado;  
Mas, o negro não fez conta,  
E rinchou como um danado.

Meu tio Antônio Justino de Oliveira, amigo dos Leites e perseguidor obstinado de Rio Preto, dizia que o cangaceiro costumava cantar um versinho, nas horas em que as descargas se espaçavam:

Rio Preto foi quem disse  
E como disse não nega;  
Leva faca e leva chumbo,  
Morre solto e não se entrega.

E cantava com uma vozinha bem delicada. Uma vez chegou até a casa de um fazendeiro amigo e pediu-lhe que mandasse buscar um cantador para "vadiá no desafio". Ninguém aceitou o repto. Manuel do Ó Bernardo, cantador seguro, veio e entestou com o cangaceiro, valentemente, derrotando-o. O romance em versos, já deturpado e com interpolações, foi recolhido por Sílvio Romero que dá o Ceará como procedência, ("Cantos Populares do Brasil", p. 47-50. Rio, 1897, segunda edição).

— Quando vim de minha terra  
Truce ferro cavador,  
Para tapar Rio Preto  
Deixá-lo sem sangrador. . .

— Se tapares o meu rio,  
Não tapas o meu riacho,  
Qu'eu represo nove léguas,  
Botando a parede abaixo!

Ha mais estes dois versos, um registado em "Cantos Populares" de Sílvio Romero e outro no "Cangaceiro do Norte", de Rodrigues de Carvalho que estariam seguidos no romance primitivo:

Apois mande fazer uma  
Com seis braças de fundura;  
Como é bicho de reprêsa,  
Tanto lava como fura.

Se tapar o Rio Preto,  
Faça a parede segura,  
Que no lugar mais estreito  
Tem cem léguas de largura.

A peleja de Manuel do Ó Bernardo, ou Manuel da Bernarda, realizou-se na fazenda "Florista", do major Antônio Lucas, em Inhamuns, Ceará. Não há, entretanto, notícia de haver o cangaceiro Rio Preto ter ido às terras cearenses.

**GERMANO ALVES DE ARAÚJO LEITÃO**, 1842-1904, Germano da Lagôa, por ter sua residência em Lagôa de Dentro, Teixeira, Paraíba, nos limites do Pajeú, (Pernambuco). Vinha dos antigos sesmeiros da região limítrofe, sabendo ler e cantar bem. Amigo pessoal dos grandes cantadores que o sertão indica como Mestres supremos, é citado com simpatia embora sem despertar o entusiasmo que existe pelos outros velhos aedos desaparecidos. Era íntimo de Hugolino do Teixeira, Silvino Pirauá, Nicandro, Bernardo Nogueira, etc. Sua especialidade, em que era invencível consistia nos "versos de dez pés", as décimas heptassílabas, forma preferida por êle às sextilhas e às quadras. Em décimas de sete sílabas deixou avultado número de "obras".

Sua fama como repentista, glosador de motes, cantor de romances e xácaras, é superior ao renome de cantador-de-desafio, mesmo contando, como contava, com várias e comentadas vitórias.

**MANUEL VIEIRA DO PARAÍSO**, 1882-1927, paraibano de Guarabira, agricultor e, sempre que era possível, cantador feliz. Escreveu e publicou dezenas de histórias em versos, comentando os fatos sensacionais do momento. Manuel Vieira era tido como um dos cantadores "de respeito".

**JERÔNIMO DO JUNQUEIRO**, cantador de fama espalhada que, sem maiores detalhes sobre sua vida, o povo halôa de lendas estupefacientes. Era o melhor tocador de viola de seu tempo e para conseguir a maestria fizera um pacto com Satanaz. Disputado para tôdas as *funções* (bailes) e aclamado em tôda a parte, possuiu numerosos inimigos que explicavam sua agilidade como mercê diabólica. Numa ante-véspera de Santo Antônio o próprio Demônio apareceu a Jerônimo do Junqueiro cobrou-lhe a dívida. Segundo o contrato o Diabo devia aceitar uma segunda proposta. O cantador convidou-o para um desafio a viola e venceu-o brilhantemente. Depois procurou o "santo padre Ibiapina" que lhe deu penitência e absolveu-o. O "santo padre Ibiapina", bacharel José Francisco Pereira Ibiapina, fêz parte da primeira turma dos diplomados pela Academia Jurídica de Olinda, em 1832. É uma impressionante figura de missionário dos sertões nordestinos. Nasceu perto de Sobral, no Ceará, a 5 de agosto de 1806 e faleceu na casa de caridade de Santa Fé, Bananeiras, Paraíba, em 19 de fevereiro de 1883. Professor de Direito Natural em Olinda, Juiz de Direito de Quixeramobim, deputado-geral pelo Ceará a terceira legislatura do Império (1834-37), advogado de renome, a tudo renunciou, ordenando-se sacerdote em 1853. Demitindo-se dos cargos de Vigário Geral e professor do Seminário de Olinda, fez-se missionário, erguendo inúmeras capelas e fundando várias casas de caridade no Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Possuía um prestígio absoluto nos sertões e jamais dêle se aproveitou senão para os fins religiosos. Foi o confessor de Jerônimo do Junqueiro.

O cantador continuou sua vida errante e faleceu, repentinamente, durante um desafio. É muito citado seu desafio com Zefinha do Chabocão.

**PRETO LIMÃO**, famosíssimo cantador e violeiro. Conheci-o em Natal, cantando no Areial. Era um negro alto, esguio, de olhos amarelados e com um cavanhaque de soba africano. É sempre enumerado entre os primeiros cantadores e como residindo em Natal embora não fôsse verídico. Der-

rotou dezenas de menestrelis mas sua maior glória é ter se batido com Bernardo Nogueira que o venceu. Dizem os cantadores que Preto Limão só foi vencido por estar doente e ter a família adoecido também.

**FRANCISCA BARROSO** — Xica Barrosa, grande cantadeira sertaneja, gabada como a primeira lutadora de seu sexo que enfrentou os nomes mais ilustres da cantoria. Era "alta, robusta, mulata simpática, bebia e jogava como qualquer boêmio, e tinha voz regular" (Rodrigues de Carvalho, p. 334). Paraibana, seus desafios correm mundo, despertando aplausos. O seu combate mais célebre foi com o cearense Manuel Martins de Oliveira. Neco Martins, de S. Gonçalo, Paracurú. Embora vencida, a mulata improvisara magnificamente, deixando forte impressão entre os cantadores. Com Manuel Francisco, em Pombal, bateu-se longamente, vencendo-o assim como ao cantador José Bandeira. Xica Barrosa ("*A negra Xica Barrosa, é faceira e é dengosa*", costumava ela cantar), foi assassinada num samba em Pombal, Paraíba.

**MARIA TEBANA**, também chamada Maria Turbana ou Trubana, norte-río-grandense, possuiu uma das mais fortes e lindas vozes de que o sertão se orgulhava. Versejava com rapidez e o seu "repente" era assustador. Tocava bem viola e compunha, de ouvido, "rojões" e "baianos" repinicados e tradicionais. Passou a têrmo de comparação. Tocar assim só Maria Turbana!... Bateu-se com Manuel do Riachão, negro afamado nos desafios, depois cego e ainda mais respeitável, ficando a luta indecisa. Esse desafio é o mais falado dos encontros de Maria Tebana.

**JOSEFA** moradora no Chabocão, Ceará, e daí conhecida como "Zefinha do Chabocão". Dela só se cita um desafio longo e tremendo sustentado com Jerônimo do Junqueiro, onde os dois improvisadores empregaram todos os recursos da técnica sertaneja. Zefinha, a-pesar-da fama e da valentia, não pôde resistir ao formidável cantador.

**MANUEL CAETANO**, negro escravo. Morava em Barra de Santa Rosa, na Paraíba. Seu senhor alforriou-o quando assistiu uma sua vitória em desafio. Manuel Caetano tornou-se cantador ambulante e depois fixou-se na terra do nascimento, dali saindo apenas a convite. Era impetuoso e feroz na improvisação e contou incontáveis sucessos. Sua pugna com Manuel Cabeceira é a mais notável embora não houvesse vencedor nem vencido. Cantou com Rio Preto vencendo-o. Creio não se tratar do cangaceiro homônimo. Esse episódio em versos, conhecidíssimo no sertão, aparece sempre confundido com fato idêntico atribuído ao cearense Manuel do Ó Bernardo.

**BEMTIVI**. É um dos nomes-de-guerras de vários cantadores. Misturam-se desta forma as produções, superiores e inferiores, de alguns poetas. Os mais citados "Bemtivis" foram: — Antônio Rodrigues, mameluco, sabendo ler e tocar viola, cheio de verve e de presença-de-espírito. Vivia em Jaguaribe-mirim, no Alto da Viúva, Ceará. Seu desafio com o negro Madapolão causou sucesso. O outro Bemtivi, José Pereira de Souza, deixou versos e nome de lutador. Um terceiro Bemtivi, João Pedro de Andrade, foi



"descoberto" por Leonardo Mota. Nascido em Crato, Ceará, tem vivacidade e muitas das suas sextilhas são esplêndidas. Aqui estão algumas "letras" de Bemtívi III. ("Violeiros do Norte", p. 12 e seg.)

Home que não tem cavalo,  
Pra que diabo compra peia  
Mulher que não possui brinco,  
Pra que cão fura as oreia?  
Não posso me acostumar  
Com o vento açoitando o mar  
E as ondas beijando a areia...

Quem é cego dos dois olhos  
Não carece sobranceia...  
Negro de botina branca  
Não se dá coisa mais feia!  
Não posso me acostumar  
Com o vento açoitando o mar  
E as ondas beijando a areia...

Leonardo Mota informa que Bemtívi III é negro, alto e analfabeto. Elogia-lhe, com justiça, o extro.

Minha gente, venha ver  
O Bemteví quando canta:  
Tem um piado no peito,  
Tem um ronco na garganta.  
Da meia-noite pro dia  
Baixa a voz, depois levanta.

Ninguém se queixe da sorte  
Que Sant'Antônio disse assim:  
— As vez, quando Deus se atrasa,  
Vem um anjo no camim...

Meu São Francisco das Chagas,  
Meu santo de Canindé,  
Eu sei que santo não voga  
Naquilo que Deus não quer...

Duvido haver como êste  
Um ditado mais profundo:  
Dinheiro e mulher bonita  
E' quem governa êste mundo!

Eu não largo a minha terra,  
Nem que eu tenha precisão.  
Que o boi, tando em terra aleia,  
Até as vacas lhe dão...

Cantando numa feira sem que lhe retribuíssem o esforço, Bemtívi improvisou o "verso":

Rancho de cavalo é milho.  
De cantador é dinheiro!  
Quem canta de graça é galo  
Pra divertir o terreiro...  
De homem que faz gosto a macho  
Eu só conheço barbeiro,  
Que alisa o freguês na cara,  
Passa o pente e bota cheiro...

**LEANDRO GOMES DE BARROS**, 1868-1918. Nasceu e morreu na Paraíba, viajando pelo nordeste. Viveu exclusivamente de escrever versos populares inventando desafios entre cantadores, arquitetando romances, narrando as aventuras de Antônio Silvino, comentando fatos, fazendo sátiras. Fecundo e sempre novo, original e espirituoso, é o responsável por 80% da glória dos cantadores atuais. Publicou cerca de mil folhetos, tirando deles dez mil edições. Esse inesgotável manancial correu ininterrupto enquanto Leandro viveu. E' ainda o mais lido de todos os escritores populares. Escreveu para sertanejos e matutos, cantadores, cangaceiros, al-



mocreves, comboeiros, feirantes e vaqueiros. E' lido nas feiras, nas fazendas, sob as oiticicas nas horas do "rancho", no oitão das casas pobres, soletrado com amor e admirado com fanatismo. Seus romances, histórias românticas em versos, são decoradas pelos cantadores. Assim "Alonso e Marina", "O Boi misterioso", "João da Cruz", "Rosa e Lino de Alencar", "O Príncipe e a Fada", o satírico "Canção de Fogo", espécie de "Palavras Cínicas", de Forjaz de Sampaio, a "Órfã abandonada", etc, constituem literatura indispensável para os olhos sertanejos do nordeste. Não sei verdadeiramente se êle chegou a medir-se com algum cantador. Conheci-o na capital paraibana. Baixo, grosso, de olhos claros, o bigodão espêss, cabeça redonda, meio corcovado, risonho contador de anedotas, tendo a fala cantada e lenta do nordesta, parecia mais um fazendeiro que um poeta, pleno de alegria, de graça e de oportunidade.

Quando a desgraça quer vir  
Não manda avisar ninguém,  
Não quer saber se um vai mal  
E nem se o outro vai bem,  
E não procura saber  
Que idade Fulano tem. . .

Não especula se é branco,  
Se é preto, rico, ou se é pobre,  
Se é de origem de escravo  
Ou se é de linhagem nobre!  
E' como o sol quando nasce;  
O que achar na terra, cobre!

Um dia, quando se fizer a colheita do folclore poético, reaparecerá o humilde Leandro Gomes de Barros, vivendo de fazer versos, espalhando uma onda sonora de entusiasmo e de alacridade na face triste do sertão.

*JOSE' GALDINO DA SILVA DUDA*, nascido na povoação de Salgado, Itabaiana, Paraíba, em 1866, passou sua mocidade como almocreve, tangendo combóios de cargas pelas estradas sertanejas, "arranchando" sob as árvores, tocando viola, ouvindo e cantando desafios. Em meia-idade, resolveu ser cantador profissional. Mora no Zumbi, em Recife. E' o Mestre Zé Duda considerado como um legítimo herdeiro das glórias de Romano do Teixeira e de Germano da Lagôa. Seus combates são incontáveis. Os mais citados foram: — um com o cego José Sabino e outro com João Melquíades Ferreira da Silva, o cantor da Borborema, sargento asilado do Exército, veterano de Canudos. Zé Duda ganhou a primeira e empatou a segunda. Mas as vitórias são inumeráveis. E' falecido.

Quando Leonardo Mota pediu a Jacó Passarinho que indicasse os maiores cantadores, o improvisador respondeu numa sextilha:

Preto Limão em Natal,  
Nogueira no Cariri,  
Inácio na Catingueira,  
Gulino no Sabugi.

Romano lá no Teixeira,  
Zé Duda velho em Zumbi. . .

Estava feito o elogio. . .

*FABIAO HEMENEGILDO FERREIRA DA ROCHA*, é o Fabião das Queimadas, por ter nascido no lugar "Queimadas", município de Santa Cruz, no Rio Grande do Norte, em 1848, e faleceu em junho de 1928. Era um negro baixo, entroncado, robusto, de larga cara apratada e risonha, nariz de congolês e uns olhos tristes de escravo. Conservava a dentadura intacta e um bom-humor perene. Escravo do major José Ferreira da Rocha, juntou,

vintém a vintém, o preço de sua alforria, 800\$. Depois economizou 100\$ e pagou a liberdade de sua mãe. Novos anos de paciência para reunir 400\$, e comprou sua sobrinha, Joaquina Ferreira da Silva, com quem casou. Deixou quinze filhos e uma ninhada de netos e bisnetos. Vivia no meio da "famiação", respeitado e querido como um patriarca. Analfabeto de imensa memória, faz o poema e o repetia mecanicamente, sem tropêço. Raramente improvisava. Exceto quando enfrentava cantador. Era pequeno agricultor, agarrado à sua lavoura, tendo cabeças de gado e trabalhando com os filhos. Convidado para a cantoria nunca se recusava. Para as festas de apartação, vaqueijadas, casamentos, batizados, era convidado perpétuo e indispensável sua "louvação". Passou cerca de quinze dias comigo, cantando em várias casas de Natal, começando pela do governador Ferreira Chaves. Respondeu minhas perguntas, sobre sua família e começos da cantoria, em sextilhas:

Minha mãe chama-se Antônia,  
Meu avô chama-se João,  
Meu pai se chama Vicente,  
Eu me chamo Fabião,  
Negro de folgar bonito  
Quando se encontra um função...

Comecei a vadiar  
Derna de pequenininho,  
Fabião quando diverte  
Diz — alegre os passarinho...  
Morrendo o Fabião velho,  
Fica o Fabiãozinho!...

Fabião tocava exclusivamente rabeca. Cantou vários romances seus, os que gostava mais e dizia ser "obra asseada". Eram xácaras do Boi Mão de Pau, do Boi Piranha, uma apartação no Potengi-pequeno, a história duma besta velocíssima que vivia na serra de Joana Gomes... Nunca teve encontros sensacionais mas cantorias meio-amistosas com improvisadores camaradas. Numa dessas, com Manuel Tavares, trocaram quadrinhas famosas:

Fabião, nós somos velhos  
E velhos não valem nada,  
Pois só quem vale é quem ama  
E traz a alma enganada...

A minha alma de velho  
Anda agora remoçada;  
Qu'a paixão é como o sono,  
Chega sem ser esperada...

A quadrinha de Fabião, divulgada pelo senador Elói de Souza numa conferência ("Costumes locais", p. 14. Natal, 1909), fez fortuna. O velho poeta recitou-me dizendo "remoçada" e o dr. Elói de Souza escreveu "renovada". Há no folclore cearense uma quadrinha parecida e mais linda:

O Amor é como o Sono,  
Que não dispensa ninguém...  
Eu só comparo com a Morte:  
Ninguém sabe quando vem!...

Não creio Fabião autor da quadrinha, deduzindo do quanto lhe ouvi cantar. Era poeta medíocre e suas quadrinhas ("versos", como ele chamava) nunca chegaram ao lirismo feliz da que o dr. Elói de Souza encontrou. Acredito que Fabião a perfilhasse por sua mas, curiosamente, nunca dava detalhes dessa obrinha e tinha um riso meio amarelo. O dr. Elói de Souza,

poeta êle próprio, não será o legítimo autor da quadra, posta generosamente nos lábios rudes do velho Fabião das Queimadas?

Comentador orgulhoso da vida pastoril, Fabião se tinha em alta conta como "*poeta glosador*", afirmando-se figura essencial nas festas. Bom, trabalhador, humilde, o ex-escravo morreu no meio dum ambiente de simpatia. Todos o afagavam. Seu retrato apareceu em revistas cariocas, seu nome foi citado em conferências no Rio e S. Paulo. Cantou diante dos auditórios mais ilustres e recebeu palmas e prêmios que nunca surgiram ante os olhos melancólicos do grande Inácio da Catingueira. Apenas não lhe foi certa a profecia para o Fabiãozinho suceder-lhe no reinado da rabeca e da cantoria. Encontrei-o louco, no Asilo de Natal, dando gargalhadas intermináveis e dizendo versos que ninguém entendia...

**ANTÔNIO BATISTA GUEDES**, nasceu em Bezerros, Pernambuco, e faleceu em Guarabira, Paraíba, 1880-1918. Criou-se na fazenda "Riacho Verde", na serra do Teixeira, Paraíba, onde trabalhava na agricultura, convivendo nas feiras com os cantadores. Em 1903, mudando-se para Recife, resolveu ser cantador profissional. Começou a versejar, mandando imprimir os versos e os vendia, viajando pelo interior dos sertões e capitais nordestinas. Fixando-se em Guarabira, deixou a "cantoria", publicando suas lutas e "obras", sendo político. Chegou a delegado-de-polícia. Conta-se um seu encontro com Germano da Lagôa a quem venceu. Antônio Batista Guedes deixou muitas descrições do sertão, narrando cenas da vida sertaneja. Na parte poética do "Documentário" transcrevo um seu poema sobre o sertão d'inverno.

**SERRADOR**, João Faustino, de Novo Exú, Pernambuco, falecido em Maracanaú, Ceará, em 1924. O nome de guerra é tradicional. Vários "Serrador" gozaram renome. Um dêles, Manuel Leopoldino Serrador, bateu-se com Bernardo Nogueira, disputando sobre a rivalidade entre Matutos (brejeiros, moradores dos brejos) e sertanejos. João Faustino, como os quatro biografados subsequentemente, foram "descobertos" por Leonardo Mota que os revelou aos estudiosos do folclore poético brasileiro.

Esse velho Serrador,  
por alcunha João Faustino,  
Quando se vê agastado  
e fica no seu destino,  
faz mais mêdo a cantador  
do que boi faz a menino...

Cangussú é meu cavalo,  
Corre-campo é meu facão,  
Jararaca é meu chicote,  
Cascavel, meu cinturão,  
Caranguejo é minha espora,  
Imbuá, meus anelão...

Dêle escreveu Leonardo Mota: — "Dono daquelas carregadas feições a que se convencionou chamar de patibulares, é, entretanto, de trato afabilíssimo e, mesmo no mais renhido dos desafios, imutável sorriso lhe ameniza as feições sinistras". Cantador de memória infinita, tanto era senhor do "repente" como se podia socorrer do manancial das lutas passadas de cantadores célebres.

**SINFRÔNIO PEDRO MARTINS**, cearense de arredores de Mecejana, cegou com um ano de idade. À cegueira arredando distrações maiores, de-

senvou-lhe a memória. Casado e cantador profissional, tem na companhia uma auxiliar preciosa. Repete ela os versos alheios até que o marido os decore facilmente. Sinfrônio é um dos grandes cantadores nordestinos. Ainda vive e terá hoje, 1937, uns cinquenta e seis ou sete anos.

Eu atrás de cantadô,  
sou como abeia por pau,  
como linha por aguiá,  
como dedo por dedau,  
como chapéu por cabeça  
e nêgo por berimbau. . .

Eu, atrás de cantadô,  
sou como vento por praia,  
como junco por lagôa,  
como fogo por fornaia,  
como piôio por cabeça  
ou pulga por cóis de saia! . . .

*JACÓ ALVES PASSARINHO*, cearense de Mutamba, perto de Aracati, é branco, sabe ler e escrever, é maior de 50 anos e ainda vive, cantando pelo interior dos Estados do nordeste. Improvisador magnífico, possui memória fabulosa. É o mais original dos cantadores vivos. Seus versos têm acento peculiar a uma inteligência invulgar e viva.

Quando nasceu, Passarinho,  
Trouxe quatro dote junto:  
ser branco, dar-se a respeito,  
tocar pouco e cantar muito.

Canto baixo, mas cantiga  
Dêste Jacó Passarinho,  
Não incomoda os doente  
nem aborrece os vizinho. . .

Uma sua paráfrase deliciosa de graça e de espontaneidade sobre o ditado "quem a boca do filho beija, a boca do Pai adoça" . . .

Cantador que dá-se a preço  
não se areia, nem faz troça;  
sujeito de bom calibre  
depois de velho, remocha;  
quem beija a boca de um filho  
a boca do Pai adoça. . .

Nossa Senhora é mãe nossa,  
Jesus Cristo é nosso Pai.  
Na minha boca repente  
é tanto que sobra e cai. . .  
Quem beija a boca de um filho  
adoça a boca de um pai.

Mostro a quem vem e a quem vai,  
mostro a todos da jornada;  
mais vale quem Deus ajuda

do que quem faz madrugada.  
Quem beija a boca de um filho  
deixa a de um pai adoçada. . .

Este mundo é uma charada. . .  
Ai de mim, si Deus não fôsse!  
Repente em minha cabeça  
ainda não acabou-se:  
Quem beija a boca de um filho  
deixa a boca de um pai doce.

Foi o inverno quem trouxe  
ao Ceará a fartura.  
Eu, em casa de homem rico,  
gosto de fazer figura. . .  
Quem beija a boca de um filho  
deixa a de um pai na doçura. . .

Curiosa é esta variação poética sobre os treze numerais:

Agora vou divertir,  
cantar fora do comum,  
canto brando e moderado,  
sem zoada e sem zum-zum:  
É 8, é 7, é 6, é 5,  
é 4, é 3, é 2, é um. . .

Graúna não é anum,  
farinha não é arroz,  
Francisco não é Casuza,  
Agora não é depois:  
É 9, é 8, é 7, é 6,  
é 5, é 4, é 3, é 2. . .

Só por serdes vós quem sois,  
falo no bom português. . .  
Vão desculpando algum êrro,  
ao menos por esta vez:  
E' 10, é 9, é 8, é 7,  
é 6, é 5, é 4, é 3. . .

Faço o que nunca se fêz!  
Corre a fama e corre o boato  
dêste meu falar moderno,  
brandinho, manso e pacato:  
E' 11, é 10, é 9, é 8,  
é 7, é 6, é 5, é 4. . .

Todo nó cego eu desato,  
todo nó no dente eu trinco!  
Cantador fica abestado  
de reparar como eu brinco:  
E' 12, é 11, é 10, é 9,  
é 8, é 7, é 6, é 5. . .

O home que rapa a crôa  
ou é padre ou frade ou Rêis. . .  
Eu p'ra cantar nunca tive  
dia, semana nem mês:  
E' 13, é 12, é 11, é 10,  
é 9, é 8, é 7, é 6! . . .

*ADERALDO FERREIRA DE ARAÚJO*, cearense do Crato. Maquinista da Estrada de Ferro de Baturité cegou em consequência de um desastre. Despediram-no e o maquinista-cego se fêz cantador pelas feiras. Leonardo Mota elogia-lhe a lindeza da voz e a força do improvisado sempre ágil e seguro. E' maior de cinquenta anos. Ultimamente adquiriu um cinema "Pathé Baby" e com êle anda pelos sertões, cantando versos e mostrando vistas.

Um episódio curioso na vida de Aderaldo foi seu encontro com o cantador José Pretinho do tucum, um famoso improvisador do Piauí. Aderaldo venceu-o recorrendo aos versos mnemônicos, pacientemente elaborados e repetidos, que, cantados com ímpeto e decisão de quem os fazia na hora, desnortearam o contendor que não os pôde nem soube responder.

Cego, agora eu vou mudar  
para uma que mete medo!  
Nunca achei um cantador  
que desmanchasse êste enrêdo:  
é um dedo, é um dado, é um dia,  
é um dado, é um dia, é um dedo. . .

Daquí a pouco, Zé Pretinho,  
te faço ganhar o bredó. . .  
Sou forte com um leão,  
Sou forte como um penedo!  
E' um dedo, é um dado, é um dia,  
é um dado, é um dia, é um dedo. . .

Zé Pretinho, o teu enrêdo  
parece mais zombaria. . .  
Tu hoje cega de raiva  
e o Diabo é tua guia;  
é um dia, é um dado, é um dedo,  
é um dedo, é um dado, é um dia.

Cego, agora inventa uma  
das tuas belas toadas,  
para ver se estas moças  
dão alguma gargalhada. . .  
Todo mundo tem se rido,  
só elas estão calada. . .

Cego, respondeste bem  
que só quem tinha estudado. . .  
eu também por minha vez,  
canto meu verso aprumado;  
é um dia, é um dado, é um dedo,  
é um dedo, é um dia, é um dado. . .

Zé Pretinho, eu não sei mesmo  
de você o que será. . .  
Arrependido do jôgo  
você é quem vai ficar:  
Quem a Paca cara compra  
cara a paca pagará. . .

Cego, fiquei apertado  
que só um pinto num ovo. . .  
Tenho medo de sofrer  
vergonha diante do povo. . .  
Cego, a história desta Paca  
faz favor dizer de novo. . .

Digo uma e digo dez,  
no falar eu tenho pompa,  
presentemente não acho  
a quem meu martelo rompa;  
Cara a Paca pagará  
quem a Paca cara compra. . .

Cego, teu peito é de aço,  
foi bom ferreiro quem fêz!  
Pensei que o cego não tinha  
no peito tal rapidez. . .  
Cego, se não fôr massada,  
Repete a Paca outra vez!

Arre, com tanto pedido  
dêsse preto capivara!  
Não tem quem cuspa p'ra cima  
que não lhe caia na cara. . .  
Quem a Paca cara compra  
pagará a Paca cara. . .

Cego, agora eu aprendi,  
cantarei a Paca já!  
Tu p'ra mim és um borrego  
no bico dum carcará. . .  
Quem a paca. . . capa. . . paca. . .  
Papa. . . pa. . . ca. . . pacará. . .

"Uma gargalhada reboou entre os presentes, narra Leonardo Mota, e Zé Pretinho, furioso, avançou para o cego Aderaldo afim de o agredir. Intervieram os circunstantes e Aderaldo, animado das simpatias do auditório, calmamente prosseguiu, irônico:"

Senhores, vocês que enxergam,  
me façam um pedidozinho;  
mê dê notícia da fama  
do cantador Zé Pretinho! . . .

Eu hoje tirei-te o roço,  
Arreda p'ra lá, negrinho,  
Vai descansar teu juízo,  
Que o cego canta sozinho. . .

*ANSELMO VIEIRA DE SOUSA*, nasceu em 1867, na fazendola Ilha Grande, perto de Nova Russas, município de Ipueiras, residiu em Ipú onde Leonardo Mota o conheceu e o revelou para o grande público. Anselmo faleceu em Nova Russa em 1926. Analfabeto, compunha versos sempre em colcheias (sextilhas), aumentando, automaticamente o número dos versos sempre que o assunto não se esgotava nos seis-pés.

E' maluco do juízo  
quem segue êste meu rojão:  
se me mordê, quebro os dentes,  
se intimá, furo no vão. . .  
Marmeleiro dá um facho,  
catingueira, bom tição,

angico dá cinza e brasa,  
jurema só dá carvão. . .  
Onde foi casa é tapera,  
Por sinal deixa os torrão;  
Inda que a chuva desmanche,  
Fica o sinal do fogão. . .

*NICANDRO NUNES DA COSTA*, irmão de Hugolino do Teixeira, nasceu em 1829 e faleceu em 1918. Foi, escreveu Francisco das Chagas Batista, o príncipe dos poetas populares do seu tempo. Ninguém o enfrentou para não ser vencido. Era extremamente respeitado em toda região de sua morada. Nunca quis ser cantador profissional. Era agricultor e ferreiro. Escreven



muitos versos sobre assuntos do velho Testamento. Acusado e denunciado na comarca de S. João do Cariri, Paraíba, como cúmplice na tomada do preso Manuel Queiroz, que se havia evadido da cadeia local, Nicandro escreveu alguns versos que, autuados como alegações de defesa, levaram o Juiz a impronunciá-lo do crime.

**FRANCISCO DAS CHAGAS BATISTA**, não foi cantador mas um dos mais conhecidos poetas populares. Sua produção abundantíssima forneceu vasto material para a cantoria. A gesta de Antônio Silvino possuiu em Chagas Batista um dos melhores e decisivos elementos. Divulgou em versos a "Escrava Isaura" (*Escrava Heróica*), e um resumo do "Quo Vadis?" (*O Amor e a Virtude*), além de dezenas e dezenas de folhetos comentando os principais acontecimentos de sua época.

Pedro Batista, um estudioso do folclore poético nordestino, enviou-me os seguintes informes sobre Francisco das Chagas Batista:

"Chagas nasceu em 1885 na serra do Teixeira. Era filho de Luiz de França Batista Ferreira e Cosma Felismina Batista. Aprendeu lá as primeiras letras e em Campina, para onde se transferiu acompanhado de sua mãe e irmão em 1900, conseguiu aulas noturnas para arranhar o vernáculo. Carregou água e lenha em Campina Grande e trabalhou como cassaco na estrada de ferro de Alagôa Grande. Depois que publicou em velha tipografia de Campina Grande o seu primeiro folheto — "Saudades do Sertão" — em 1902, saiu a vendê-lo pelas feiras do Brejo, tendo em Areia impresso outros folhetos e dali descido à Capital onde publicou nova tiragem de "Saudades do Sertão" — que foi apreciado com grandes elogios pelo "Comércio" de Artur Aquiles e pela "A União". Depois em Natal, foi apreciado em longo trabalho publicado n'"A República" pelo H. Castriano. Casado em 1909, fixou residência em Guarabira e dali veio para esta Capital (João Pessoa) onde faleceu em janeiro de 1929.

Deixou mais de 100 folhetos publicados sendo destes os mais apreciados o da "História da Escrava Isaura", "Amor e Firmeza" e a "História de Esmeraldina".

Publicou duas coletâneas que foram muito popularizadas: "Lira do Poeta" — onde enfeixou poesias célebres e as respectivas paródias de sua autoria, e "Poesias Escolhidas" que obteve diversas edições.

Foi o seu canto de cisne o livro "Cantadores e Poetas Populares".

Era irmão de Sabino Batista que foi fundador da "Padaria Espiritual" de Fortaleza.

Deixou ao morrer a livraria "Popular Editora" que nesta Capital iniciou o comércio de livros usados e prestou valiosos serviços a uma geração de estudantes pobres que reconhecidamente guardam-lhe o nome.



*VENTANIA*. Pedro Paulo Ventania nasceu em Caicó, Rio Grande do Norte, e faleceu em Catolé do Rocha, Paraíba. Era vaqueiro e Rodrigues de Carvalho conheceu-o pessoalmente, dizendo-o "famoso repentista". Descreve-o como sendo "baixo, moreno, tipo de indígena, cabelos estirados e duros, pouca barba". Morava em "Gangorras". É popular sua apresentação:

Eu sou Pedro Ventania,  
morador lá nas Gangorras,  
Se ma vires, não te assustes;

se te assustares, não corras;  
se correres, não te assombres;  
se te assombrares, não morras. . .

O sr. Leonardo Mota ("Sertão Alegre", p. 17) recolheu uma resposta de Ventania em pleno desafio:

Tu quer que eu faça contigo  
o que fiz com Malaquia?  
Torei-lhe as duas oreia

pendurei numa furquia?  
Fiz êle se mijar todo  
sem acertar com a barguia?

*JOÃO BILRO do "Japi"*, nasceu no município de Santa Cruz e faleceu na colônia "Sinimbú", Estremoz, município de Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte, em 1877, em completa miséria. Era violeiro, cantador ambulante, vagabundo convicto, perambulando pelos sertões, potfiando cantigas e fazendo louvações. Tinha extrema facilidade para versejar. Preferia a quadra, na fórmula ABCB. Rodrigues de Carvalho cita-lhe o nome. O sr. Elói de Souza ("A República", de 5-1-1938) dedica a João Bilro do Japi uma crônica de saudades. Recolhendo-se, doente e faminto, à colônia Sinimbú, ainda teve força para cantar seu horror à vala comum.

Inferno dos Retirantes!  
que vida triste, meu Deus,  
viver e morrer aqui,  
desamparado dos meus. . .

Não quero ser enterrado  
na cova de tôda gente;  
Nasci na terra sozinho  
Peço uma cova, somente. . .

E lhe foi concedida a suprema vontade. . .

*JOÃO MARTINS DE ATAÍDE* é poeta que escreve para o povo. É autor de milhares e milhares de versos que os cantadores decoram. É o criador de pelejas imaginárias que deleitam os auditórios sertanejos. Centenas de opúsculos levam seu nome aos confins dos Estados do Norte Brasileiro. Homem de cidade, habituado aos jornais, mantém a verve do cantador nas diárias séries de comentários com que analisa os fatos mais sensacionais. No correr dêste livro cito muitos versos de João Martins de Ataíde que tem as honras do rádio e da vitrola divulgadores do seu estro. Em 1937, com notas e comentários do dr. Valdemar Valente, foi publicado um seu livro, "O Trovador do Nordeste", a primeira série, volume de 320 páginas, sem indicação da casa impressora. Esse volume contém versos obedecendo à classificação de Gustavo Barroso, o ciclo dos Sertanejos, o ciclo heróico e sátiras. O autor promete um segundo tomo, com a parte referente à Moral e Religião, aos Desafios, Motes e Glosas, Histórias de Animais e Histórias de Gente. Naturalmente orgulhoso de sua imaginação e

recursos intellectuais, o poeta não é amigo de conceder informações aos jornalistas que o confundem com os cantadores de pé de viola, Judeus errantes da cantoria. A mim, excepcional e gentilmente o sr. João Martins de Ataíde respondeu cartas e deu um rápido mas suficiente depoimento:

"Nasci no dia 24 de junho de 1880, no lugar chamado Cachoeira de Cebola, município do Ingá, Estado da Paraíba. Todos os encontros ou *pelejas* que tenho publicado em folhetos foram imaginários. Em alguns de meus *desafios* há contendores imaginários; em outros os adversários existem. Nesse último caso eu os publicava para atender a pedidos de alguns trovadores que queriam ver seus nomes envolvidos nessas *pelejas*, gênero sempre muito apreciado pelo povo. Quanto aos trabalhos que mais agradaram ao povo é difícil dar uma relação dentro de tão pouco tempo. Acresce mais o seguinte: muitas de minhas trovas que se tornaram populares tiveram sua época, pois faziam chiste com as modas, a política, certos tipos populares, o cangaceirismo, as secas, certos fatos de mais sensação, etc.

O sr. Martins de Ataíde reside em Recife. Atualmente é o maior poeta tradicionalista do nordeste brasileiro.

\*  
\* \*

---

## NOTAS

---

### DONZELA TEODORA — (p. 23 )

A edição castelhana de onde saiu a de Carlos Ferreira Lisbonense (*"História da Donzela Teodora, em que trata da sua grande formosura e sabedoria"*, Lisboa. 1758) é de Burgos, em 1537. O Index Expurgatório de 1624 incluiu-a entre os livros condenados. Sua popularidade em Espanha foi notória. Lope de Vega aproveitou o enredo para uma comédia. Tirso de Molina em *"El Vergonzoso en Palacio"* escreve: — *que Doncella Téodor!*

O Afonso Aragonês que dizem ter sido o autor foi identificado por Gayangos como sendo Pedro Afonso, o Rabí Moseh, judeu de Huesca, afilhado do rei Afonso de Aragão, o Batalhador. Esse Pedro Afonso é familiar aos eruditos por ter traduzido do árabe para o latim vários contos orientais, publicados sob o título de *"Disciplina Clericalis"*. O texto da Donzela Teodora está nessa obra do judeu Moseh. Gayangos possuía um exemplar da *"Donzela Teodora"* em que se indicava Abu Bequer Al-Warrac, escritor do segundo século da Hégira, como o verdadeiro autor. Harun Al-Raschid passou a ser Miramolin Almanzor, popular nas crônicas espanholas. As especulações religiosas muçulmanas transformaram-se em católicas. O mercador de Bagdad ficou cristão e natural da Hungria e o local do episódio é Tunis, tomada em 1535 pelo Imperador Carlos V.<sup>o</sup> e de ampla notoriedade nas estórias da época. A origem árabe da *"Donzela Teodora"* é indiscutível e seu título é: — *Quissat chariat tudur gua ma cana min haditsiha madmunachen, gua-l-âalem, gua-u-nadham fi hadhrati Harun Er Raxid*, — *"História da Donzela Teodora e do que aconteceu com um astrólogo, um ulema*

e um poeta na cõrte de Harun Al-Rachid". Tudur é que se traduziu para Teodora e não se trata de deturpação de Teweddul, como julgava João Ribeiro.

#### PRINCESA MAGALONA — (p. 35 )

O original é francês, ou melhor, provençal. Vítor Leclerc informa que Bernardo de Tréves escrevera em provençal no século XIV. Petrarca, com 14 anos, retocara o trabalho. Loiseleur de Longchamps cita um manuscrito do século XV com o texto de "*Pierre de Provence et de la belle Maguelonne*". A edição mais antiga em castelhano é de Sevilha, em 1519: — "*La Historia de la linda Magalona, fija del rey de Napoles, y del mui esforçado cavallero Pierres de Provença*". Teófilo Braga é de opinião que Jacó Cromberger, o impressor judeu, divulgara a versão. Desde 1521 Cromberger residia em Portugal.

#### HISTÓRIA DO IMPERADOR CARLOS MAGNO E DOS DOZE PARES DE FRANÇA — (p. 98 )

O original francês tem o título de "*Conquêtes du grand Charlemagne*". É de 1485. Quarenta anos depois espalhava-se a primeira edição castelhana, fonte das impressões em Portugal. Essa edição castelhana é de Sevilha, 1525, "*Historia del emperador Carlo Magno, y de los Doze Pares de Francia: e da cruda batalla que uvo Oliveros con Fierabras Rey de Alexandria, hijo del grande Almirante Balan*". A impressão é de Jacó Cromberger e saiu em Sevilha a 24 de abril de 1525. Rapidamente esgotada a primeira, saíram várias, em 1528, 34, 47, 48, etc. Na de 1570 aparece o nome do tradutor do francês para o castelhano. "*Por onde, yo, Nicolas de Piamonte, propongo de trasladar la dicha escriptura de leguage francez en romance castellano, sin discrepar, nin añadir, ni quitar cosa alguna de la escriptura francesa*". Teófilo Braga ("*O Povo Portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*", vol. 2.º, p. 474) informa que a crônica do Imperador Carlos Magno popularizou-se intensamente em Portugal e foi reimpressa em Lisboa por Domingos Fonseca em 1615, fôlho de trinta fôlhas, a duas colunas, e em Coimbra, 1732, in 8.º. A tradução de Jerônimo Moreira de Carvalho compreendia duas partes, a primeira impressa em Lisboa (1728) e a segunda em 1737, abonada por Inocêncio, como verifiquei. No prólogo da edição de Nicolau de Piamonte (em 1570) diz que o livro é dividido em três partes. Jerônimo Moreira de Carvalho, para tornar o volume mais atraente misturou a segunda parte com as narrativas de Boiardo e de Ariosto, no sincretismo das gestas. Anos depois, em 1745, surgiu uma "*Verdadeira terceira parte da História de Carlos Magno, em que se escrevem as gloriosas acções e victorias de Bernardo del Caspio, e de como venceu em batalha aos Doze Pares de França*". Seu autor, o padre Alexandre Caetano Gomes Flaviense, graduado em Canones, protonotário apostólico e natural de Chaves, divulgara a réplica castelhana à epopéia dos Doze Pares, na criação de Bernardo del Caspio. Simão Tadeu Ferreira reuniu as três partes num só volume. São estas as fontes bibliográficas do livro indispensável aos nossos cantadores.

## ROBERTO DO DIABO. (p. 100)

A *princeps* castelhana é de Burgos, 1509, com o título de "*Vida de Roberto admirable y espantosa*". A segunda edição é de Alcalá de Henares. O Index Expurgatório de 1581 menciona *Roberto do Diabo*.

## PAI QUE QUERIA CASAR COM A FILHA. (p. 193)

O tema desse romance é o mesmo da Delgadina ou Silvaninha dos cancioneiros de Portugal. Almeida Garrett registou a Silvaninha e depois transformou-a num poema de quatro cantos, "*Adozinda*". Com o nome de "*Silvana*" já era mencionada por dom Francisco Manuel de Melo no "*Idalgo Aprendiz*" (p. 247, segunda jornada) na edição de Leão de França, 1665. Menendez Pelayo julga esta a mais antiga alusão. É, pois, um romance do século XVII, conhecido em toda a península. Chamado "*Delgadina*" divulgou-se enormemente em Espanha, com versões incontáveis. Menendez Pidal confessava recolhê-lo sem alvoroço por *lo mucho que abunda*. No continente americano Lehmann-Nitsche encontrou uma versão em La Plata, Argentina. Vicuña Cifuentes umas sete no Chile e Pereira da Costa registou outra no "*Folk-Lore Pernambucano*" (p. 321).

Silvana e Delgadina vivem confundidas no mesmo enredo. O "*Cancioneiro do Arquipelago de Madeira*", de R. Azevedo, (p. 112) e uma versão de Montidiveo que está no "*Romancero*" (p. 228) de Menendez Pidal denunciam a velhice do processo de juxtaposição pela semelhança do fio temático.

Os eruditos procuram explicar a gênese do romance com a lenda de Santa Bárbara, vítima dos desejos paternos. Giannini na Toscana e Mezzatinti na Umbria fixaram poemas populares nesse sentido. Em nenhuma parte vemos o que está narrado na versão de Rodrigues de Carvalho. Nesta, vários detalhes, os vestidos de encanto, a intervenção de S. José, a direção apologética, desviam completamente o final que só pode ser o do salvamento da menina desejada. É um documento interessante de deturpação e de convergência, mantendo o assunto primitivo e secular.

# Vaqueiros e Cantadores



**Câmara Cascudo**

A poesia agreste, de puro sabor popular, aquela que figura no ciclo do gado e no ciclo social, a "gesta" de animais, o Padre Cícero, o negro, o cangaceiro, os desafios dos mais célebres cantadores, um amplo documentário sobre o folclore brasileiro, tudo o que transborda na alma cantante de nossa gente simples está contido neste maravilhoso livro de **LUÍS DA CÂMARA CASCUDO**.

Capa: Detalhe de um quadro de Portinari.



9 788530 609467

ISBN 85-3-060946-8